

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

MARCIA VEIGA DA SILVA

**MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO:
UM ESTUDO SOBRE OS MODOS DE PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS**

Porto Alegre
2010

MARCIA VEIGA DA SILVA

**MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO:
UM ESTUDO SOBRE OS MODOS DE PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof^ª Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Porto Alegre
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO:
UM ESTUDO SOBRE OS MODOS DE PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS.**

elaborada por
Marcia Veiga da Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre

COMISSÃO EXAMINADORA:

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca, Prof^ª Dr^ª. (PPGCOM/UFRGS)
(Orientadora)

Christa Berger, Prof^ª. Dr^ª. (PPGCOM/UNISINOS)

Guacira Lopes Louro, Prof^ª. Dr^ª. (PPGEDU/UFRGS)

Nilda Aparecida Jacks, Prof^ª. Dr^ª. (PPGCOM/UFRGS)

Porto Alegre, 03 de maio de 2010.

Para a sempre amada Carolina, fonte de minha inspiração, com o desejo de que jamais perca a esperança num mundo menos desigual e continue encontrando nas palavras um caminho para sua sensibilidade e seu senso de justiça que a fazem desde sempre tão especial e admirada por onde passa.

Para Angelo, meu amor, mais que um companheiro, um mestre que cotidianamente me ensina, me encanta e é parte fundamental do que sou e do que faço. Homem feminista, masculino raro, que não teme portar-se com sensibilidade e fazer da inteligência, dos sentimentos e das palavras as armas para lutar por um mundo mais justo.

Para aquelas e aqueles que, tendo ou não vivenciado violência e discriminação, se postam no mundo a fim de erradicá-las.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui significa mais do que a concretização de um sonho, é uma feliz realidade que só foi possível porque construída em conjunto, aprendendo com o Outro em diversos e intensos encontros e caminhos percorridos. E nesta trajetória foram muitas as pessoas com quem aprendi e que fazem parte do que sou e do que faço.

À Universidade Federal do Rio Grande Sul, meu agradecimento pela oportunidade de desfrutar do conhecimento público, gratuito e de excelente qualidade que nela se produz. À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal (CAPES) e Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) pela relevância da iniciativa na criação do primeiro edital “Enfrentamento à Violência contra a Mulher” que, ao selecionar meu projeto de mestrado junto a outros dezenove no Brasil, acreditou, investiu e foi imprescindível para a dedicação total ao desenvolvimento de minha formação e para a realização desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, na figura de seus funcionários, professores e alunos, agradeço a acolhida e a possibilidade de pertencimento. Foi no espaço profícuo deste Programa e na troca com as pessoas que dele fazem parte que esta etapa de minha vida se tornou possível, e a todos sou muitíssimo grata. Em especial, agradeço às professoras e professores doutores Milena Weber, Marcia Benetti, Miriam Rossini, Nilda Jacks, Flávio Porcello e Valdir Morigi.

Muito especialmente agradeço à minha orientadora, Prof^a Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca. Sempre generosa e aberta a conhecer o novo, acolheu-me como orientanda e durante todo o percurso demonstrou que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Paulo Freire). Permitiu-me liberdade criativa e ensinou-me na prática que nem sempre numa relação hierárquica, a imposição é único caminho possível para uma boa produção e para o estabelecimento de relações de admiração e respeito. Ao contrário, me mostrou que do lugar de autoridade, uma postura colaborativa, de escuta e de diálogo é capaz de contribuir para a produção de bons insights e crescimento constante em todas as dimensões da aprendizagem humana. Ao tornar-se minha amiga, evidenciou que as relações de amizade podem se estabelecer neste contexto sem prejuízo do reconhecimento da autoridade e das alteridades. À Virginia agradeço imenso a aposta, escuta, trocas, ensinagens e abertura imprescindíveis que me fazem mais honrada em tê-la como orientadora.

Outras mestras admiráveis, felizmente cruzaram meu caminho, antes e durante este trajeto. Se cheguei ao PPGCOM desejando pesquisar gênero numa perspectiva antropológica, foi inspirada pela sapiência, militância e seriedade de uma feminista, antropóloga, doutora em gênero, com quem há dez anos tenho o prazer de aprender, dialogar e que tornou-se mais que uma mestre, tornou-se minha especialíssima amiga. A ela, Profª Dra. Alinne Bonetti, que contribuiu diretamente em minha formação, e também no exame de qualificação com argumentos fundamentais para a continuidade do processo, minha profunda gratidão por tudo que generosamente me ensina e que vem me ajudando a crescer e a também chegar até aqui. Não menos admiráveis e inspiradoras são as contribuições que recebi das professoras Drªs. Christa Berger, Guacira Lopes Louro e Nilda Jacks em diversas fases de minha formação, tanto com a excelência na produção do saber, quanto pelas argüições como banca de avaliação deste trabalho. A elas agradeço a honra de mais uma vez enriquecer meus conhecimentos a partir dos seus. Do mesmo modo, sou muito grata a outras mestres que me deram o prazer de aprender e dialogar, influenciando minha trajetória: Profªs Drªs: Claudia Fonseca, Daniela Knauth, Esther Pillar Grossi, e o Prof. Ms. Astomiro Romais.

Meus colegas também me ensinaram. E muito! Foram elas e eles responsáveis pela emoção que faz o saber gerar sentido, e com alguns tive o prazer de estreitar laços, afetos e construir uma amizade que se pretende duradoura. Meu agradecimento carinhoso à Adriana Moranginski, Anna Knewitz, Cristine Kaufmann, Cristiane Lindemann, Débora Lapa, Ivan Bomfim, Josemari Quevedo, Karine Moura Vieira, Lourdes Silva, Natália Ledur Alles, Reges Schwaab, Sean Hagen e Vicente Darde.

O conhecimento não se restringiu aos bancos da Universidade. À RBS TV Porto Alegre, na figura de seus diretores e funcionários, agradeço imenso pela abertura e dedicação com que acolheram esta pesquisa, facultando minha estada em todos os espaços e momentos necessários para a geração dos conhecimentos, iniciativa ainda pouco comum nas empresas de comunicação, o que torna ainda mais louvável tal contribuição. Muito especialmente agradeço àqueles e àquelas que diretamente participaram da pesquisa como interlocutores, os quais não nomino a fim de não expor suas identidades, exímios profissionais que, no partilhamento generoso de seus saberes e vidas, foram fundamentais para que o aprendizado se desse intensa e indelevelmente.

Em casa contei com o jornalista Angelo Adami, um mestre genuíno, sempre disposto a acolher, partilhar e me ensinar. Há 17 anos, sua participação na minha vida contribui diretamente para meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Com ele, todos os dias, dividi minhas angústias, meus medos, minhas ignorâncias, minhas hipóteses e minhas

conquistas. Paciente e cordialmente, sempre me escutou e ajudou na produção dos nexos; me acompanhou por todas as andanças, foi uma audiência presente, um interlocutor formidável, exímio editor e, sobretudo, um porto seguro. Nessa encantadora companhia me tornei parte do que sou e construí o que faço; a ele, agradeço e dedico esta dissertação. Também agradeço e dedico esta dissertação à Carolina, que durante todos os dias das nossas vidas juntas, me permite aprender a ser gente; porque sua pouca idade só engrandece o tanto que ela me ensina com seu apoio, caráter, amor, curiosidade, senso crítico e generosidade.

Agradeço à minha mãe, Carmem, cuja história de vida inspira esta trajetória, por todo apoio que possibilitou seguir minha caminhada e chegar até aqui. Ao Irineu, meu “paidrasto”, que de todos os modos acreditou e investiu em mim, viabilizando especialmente minha chegada ao espaço acadêmico. Aos meus irmãos, Marco e Maurício, pelo amor e apoio incondicional, sempre. Às minhas cunhadas, Luciane e Joana, e sogra, Jeanete, pelo apoio e o cuidado que tiveram comigo nesta e em outras tantas fases da vida. De todos os modos, se fizeram presentes contribuindo com o que sabiam e podiam e, juntamente com Felipe, Lorenzo e Amadeo, rechearam de alegria nossos encontros e de carinho minha vida.

Igualmente importantes, foram o ensinamentos de meus amigos e amigas, aos quais agradeço o apoio, escuta, carinho, incentivo que, de forma indelével, marcam minha vida e tornaram esta parte do percurso muito especial: Alinne Bonetti, Ângela Zamin, Bel Ponte, Beth Azevedo, Gelson Daldegan, Gracco Bonetti, Heloisa Paim, Henrique Prestes, Homero Gomes, Ielena Azevedo, Jack Kaminski, Karla Galvão, Kátia Santos, Luciane Dalmas, Liana Marques de Moura, Maria Julia Benites, Miriam Vieira, Nicole Reis, Paschoal Bonetti, Patrícia Fasano, Pedro Nascimento, Soraya Fleischer, Sandra Moura e Vânia Timm.

À Themis, parte importante e inesquecível desta trajetória.

Ao Carlos Kessler, presença transformadora em minha vida.

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o papel desempenhado pela comunicação social, e pelo jornalismo em particular, nas relações de poder e nas desigualdades que se fundam na cultura, principalmente no que se refere às relações de gênero e sexualidade. Para tanto, foi desenvolvida com o objetivo de analisar as concepções de gênero dos jornalistas percebendo se e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem na reprodução, manutenção, re-significação ou transformação de padrões de desigualdade, e se expressam a existência da heteronormatividade no jornalismo. Desenvolveu-se amparada nas teorias construcionistas do jornalismo, nos estudos culturais, estudos feministas pós-estruturalistas e nos estudos *queer*. Inspirada no método etnográfico, com uso da técnica da observação participante, a investigação se deu no acompanhamento da produção de notícias, durante onze semanas, junto a um grupo de jornalistas partícipes de um dos programas jornalísticos da RBS TV, na cidade de Porto Alegre/RS. Acompanhando o cotidiano dos jornalistas com foco nas rotinas produtivas das notícias e nas relações entre os profissionais, o jornalismo se desvelou constituído de gênero. Não apenas porque seus operadores são sujeitos que possuem gênero e concepções de gênero. Fundamentalmente porque demonstrou que as convenções de gênero são pervasivas dos valores culturais e visões de mundo, presentes na subjetividade dos jornalistas, e como tal incidem nas estruturas organizacionais e hierárquicas da empresa e nas próprias notícias, bem como nos modos como o jornalismo está relacionado à reprodução de saberes selecionados por serem reconhecidos como podendo ou devendo dar lugar àquilo que uma sociedade considera digno de ser conhecido (LOURO, 1997).

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Gênero. Heteronormatividade. Rotinas Produtivas. Jornalistas.

ABSTRACT

This dissertation reflects upon the role performed by social communication, particularly journalism, in power relations and inequality based in culture, mainly with regard to relations of gender and sexuality. For that, this paper was developed aiming the analysis of journalists' conceptions of gender, realizing if and in what way they cross the production of news and contribute to the reproduction, maintenance, re-significance or alteration of inequity patterns, and if they express the existence of heteronormativity in journalism. The research was based on journalism's constructivism theories, on cultural studies, post-structuralism feminist studies and queer studies. Inspired in the ethnographic method, using participant observation techniques, the investigation took place while accompanying the production of news during eleven weeks alongside a group of journalists that are part of one of RBS TV's news programs in Porto Alegre/RS. Observing the journalists' quotidian with focus on the productive routines of news and the relationship between professionals, journalism showed itself to be constituted of gender. Not only because its operators are subjects possessed of gender and conceptions of gender, but essentially because it was demonstrated that gender conventions are pervasive of cultural values present in the subjectivity of journalists and, as such, incur in organizational and hierarchic structures of the company and in news itself as well as in modes in which journalism is related to the reproduction of knowledge selected for being recognized as being able or having to give place to what society considers worth knowing (LOURO, 1997).

Keywords: Communication. Journalism. Gender. Heteronormativity. Productive routines. Journalists.

SUMÁRIO

Introdução	11
As origens da pesquisa.....	12
Construção do problema de pesquisa.....	15
Os objetivos almejados.....	19
Estado da Arte.....	20
A estrutura da dissertação.....	23
1 Fundamentos Teóricos: de onde se parte, a quem se acompanha	24
1.1 A mídia como instância pedagógica cultural: poder simbólico que atua na produção de valores sociais e sujeitos.....	27
1.2 O jornalismo como conhecimento social e cultural.....	33
1.2.1 A fonte dos saberes e os modos de fazer saber jornalísticos.....	38
1.2.2 Jornalistas: corações e mentes do (e no) jornalismo.....	41
1.3 Generificando o estudo: os conceitos orientadores da discussão.....	48
1.3.1 Do masculino ao feminino, a heteronormatividade como guia.....	52
1.3.2 Gênero e sexualidade: produtos discursivos produzidos nas e pelas instâncias de poder.....	57
1.3.3 E o que tem o jornalismo a ver com isso?.....	62
2 Fundamentos Metodológicos	65
2.1 A escolha do método.....	65
2.2 As técnicas de pesquisa.....	66
2.3 Universo de Pesquisa.....	70
2.3.1 O lugar da pesquisa.....	70
2.3.2 De alguns dilemas éticos à opção pelo anonimato dos interlocutores.....	75
2.3.3 No “coração da empresa”: a fase exploratória.....	81
2.3.4 Apresentando o objeto empírico e os principais interlocutores	89
2.3.5 Os procedimentos metodológicos.....	93
3 As relações de gênero, os lugares de prestígio e poder entre os jornalistas	99
3.1 Uma chefia: dois pesos, duas medidas.....	100
3.2 Vertical <i>versus</i> horizontal: os ingredientes da disputa nas relações de poder e prestígio.....	119
4 Concepções de gênero nos valores-notícia e nos processos de seleção	133
4.1 Do gosto à pauta: a presença da subjetividade nos critérios de noticiabilidade.....	134
4.2 Luz, câmera, emoção: valores-notícia permeados por atributos de gênero.....	146
4.3 Pauta para homem é uma coisa; para mulher, outra.....	156
5 Fazendo gênero na produção da notícia: padrões sociais e visões de mundo incidindo no discurso jornalístico	165
5.1 Tipo de gente? São “tudo puto igual”!.....	166
5.2 Coragem para enfrentar o risco: o pano de fundo de um texto escrito a muitas mãos.....	176
5.3 Não tem alguém aí de credibilidade? Só os que não prestam. Cadê os que prestam?.....	184
5.4 Risco e Denúncia. Só faltou a solução.....	190
Deadline: encerrando um ciclo, iniciando um novo	196

Referências.....	206
Anexos.....	211
Anexo I.....	212
Anexo II.....	222
Anexo III.....	227
Anexo VI.....	232
Anexo V.....	242
Anexo VI.....	247

Introdução

Dos muitos caminhos para pensar o papel do jornalismo na sociedade, a perspectiva que traz o poder simbólico deste campo se sobrepôs. Levando em conta a cultura como *locus* fundante das desigualdades sociais, e central na constituição da subjetividade, os atributos e significados imiscuídos nos discursos noticiosos revelam-se profícuos para a compreensão das relações de poder, produção de saberes e constituição dos sujeitos, sobretudo em uma sociedade desigual como a brasileira. E no centro da produção das notícias, os jornalistas – membros de uma “tribo” (TRAQUINA, 2005) com valores culturais, profissionais e subjetivos - se destacam, pois são um dos caminhos por onde o simbólico se manifesta, por onde os fatos se transformam em notícias. Por esse prisma, a escolha de colocar gênero no cerne desta reflexão, por ser este “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas ente os sexos e o primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14). O tema desta dissertação situa-se na interface entre essas duas áreas – jornalismo e gênero – e é a partir delas se que desenvolve visando a conhecer as relações entre ambos e sua importância na formação de valores e na instituição de convenções normativas de nossa sociedade.

Do desejo de conhecer essas complexas tramas simbólicas, a mídia televisiva - lugar onde o jornalismo se constitui como referência (VIZEU, 2008) para uma ampla maioria de brasileiros – é o *locus* para o desenvolvimento empírico da pesquisa. Ao privilegiar esse meio de comunicação massiva, um dos programas jornalísticos de uma das maiores e mais representativas empresas de comunicação do Brasil – a RBS TV – foi eleito para análise.

Para entender as relações do jornalismo com a cultura, com a formação de valores e com as relações de gênero, esta pesquisa foi assentada metodologicamente na etnografia, com uso da técnica da observação participante, que discuto mais adiante, e resulta do acompanhamento dos modos de produção das notícias - com foco nas rotinas de trabalho dos jornalistas e demais profissionais envolvidos no processo - durante onze semanas, na redação de telejornalismo da referida empresa.

A fundamentação teórica, em sintonia com o contexto da observação de campo, foi dando os contornos da investigação. Por um lado, os conceitos sobre o papel da mídia e do jornalismo como instância pedagógica cultural, partícipe nos modos como os sujeitos aprendem a se constituir (FISCHER, 2002); e, por outro, as teorias que descrevem as sociedades ocidentais como heteronormativas, baseadas em sistemas de valores (em especial

de gênero e sexualidade) que resultam em hierarquias sociais (RUBIN, 1993), partindo do pressuposto da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003a), conforme discutirei na apresentação dos meus pressupostos teóricos, no primeiro capítulo desta dissertação.

Apresentar este estudo significa iniciar sua narrativa pelas origens, pelo percurso de permanentes reflexões que, sobretudo, forjaram o posicionamento de onde algumas percepções foram se construindo ao longo do tempo e se transformando em indagações, o que passo agora a compartilhar.

As origens da pesquisa

As inquietações que impulsionaram esta pesquisa originam-se em minha trajetória de vida, pessoal e profissional, que, a partir de uma visão de mundo e de vivências empíricas, transformaram-se no desejo de compreender algumas facetas da sociedade através da ciência. Antes de tudo é preciso dizer que entendo a produção científica como um lugar também marcado pela subjetividade, um campo político não isento. Assim, é do lugar de mulher, jornalista e brasileira que estranho as relações de poder e as desigualdades que se fundam na cultura e que pouco se transformam, quando comparadas às evoluções tecnológicas do mundo, e continuam a causar exclusão e violências dos mais diversos tipos e intensidades. Esse estranhamento iniciado na infância, em especial na família, se intensifica durante experiência profissional em uma ONG feminista no Rio Grande do Sul, concomitante à minha formação acadêmica em jornalismo. Essa dupla formação, a incursão nesses dois lugares (complementares), transformou meu olhar sobre o mundo. Mais do que isso, impulsionou meu desejo de seguir adiante, buscando na pesquisa um lugar instigante para continuar pensando e compartilhando minhas inquietações.

Foi como assessora de imprensa na ONG feminista gaúcha Themis, durante sete anos, que experimentei meus primeiros contatos com o mundo do jornalismo. Minha atribuição inicial era dar visibilidade à entidade, mas em pouco tempo se transformou na oportunidade de oferecer novos prismas e compreensões de mundo para a sociedade através da mídia. Fazer da entidade uma nova fonte de informação se mostrou um caminho plausível, que se consolidou através dos elevados índices de inserção na mídia, comprovados através de *clippings* e relatórios que revelavam a média de uma inserção a cada dois dias nos mais diferentes veículos, regionais e nacionais. Esses resultados foram obtidos a partir do

permanente diálogo com os jornalistas, apresentando-lhes visões de mundo geralmente alternativas às lógicas que lhes pareciam familiares.

Ao contrário do que se poderia supor, nunca encontrei grandes dificuldades em pautar a agenda feminista – violências, aborto, desigualdades, sexualidade, reprodução, direitos. Esses assuntos, em geral, “rendiam” muito bem em todos os veículos. A maior dificuldade se apresentava sempre na compreensão dos fatos, por parte dos jornalistas, pelos modos como eram abordados os temas pela ONG. Era justamente nesses diálogos, travados por ocasião da proposição de matérias, que comecei a perceber nos jornalistas visões de mundo muito próximas às do senso comum. Mais do que isso, comecei a perceber que havia jornalistas mais “sensíveis” a determinados assuntos do que outros, mas que mesmo esses costumavam estranhar alguns conceitos relacionados a comportamentos e atitudes defendidos pela instituição feminista.

Não foram raras as vezes em que as fontes da instituição – advogadas, antropólogas, historiadoras, assistentes sociais, entre outras – encontraram dificuldades em expressar suas concepções para os jornalistas – mesmo que, antes de serem entrevistadas, houvesse a mediação, feita por mim, através de materiais de consulta prévia (tais como releases, dados de pesquisas, etc.) e uma longa conversa antecedendo o encontro. Em alguns momentos pude presenciar cenas de jornalistas indignados – e visivelmente transtornados – ao se depararem com declarações que não condiziam com o que esperavam ouvir. Em especial quando as declarações fugiam ao que circulava no senso comum, ou em contraponto às visões mais universalistas e essencializantes de compreensão das relações sociais e comportamentos humanos, e até mesmo quando contrariavam aquilo que entendiam como sendo uma postura tipicamente feminista. A partir dessas vivências e dos estranhamentos surgidos, passei a perceber em meus colegas jornalistas também suas subjetividades (visões de mundo) e dinâmicas profissionais norteadas por uma cultura (social e profissional) que estava a orientar seus olhares e formas de proceder.

Em meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Luterana do Brasil¹, as inquietações sobre esses estranhamentos foram norteadoras. Partindo da experiência empírica de relações entre a ONG e a mídia, procurei entender como os jornalistas percebiam as relações mútuas, focando o olhar nas visões de mundo de cada interlocutor e as representações sociais de ambos sobre determinados temas. A dicotomia de

¹ “A parceria entre ONGs e Mídia como possibilidade de transformação social”, orientada pelo Prof. Ms. Astomiro Romais e defendida em novembro de 2005.

valores, visões de mundo e a complexidade das relações sociais entre eles foram elucidadas ao longo da pesquisa. Mas os valores em questão sinalizavam que os pontos de vista dos jornalistas, suas crenças e visões de mundo, bem como os saberes legitimados utilizados para compor os discursos noticiosos, eram elementos importantes para uma reflexão sobre o tipo de notícias, bem como as escolhas de fontes utilizadas na mídia para narrar as realidades cotidianas. Nesse contexto é que novos conceitos foram aprendidos e novas questões foram geradas.

Além de aprender um dos ofícios da profissão – a assessoria de imprensa –, na Themis compreendi que gênero, sexualidade, raça e classe eram pilares fundantes das desigualdades sociais. Estreitei laços com outros universos, como movimentos sociais e acadêmicos, e comecei a me familiarizar com a idéia de gênero não mais como um sinônimo de mulher, mas como um conceito que poderia ajudar a compreender as relações de poder. Essa compreensão veio fundamentalmente do campo da antropologia feminista².

Um olhar de gênero sobre a mídia, em especial sobre o jornalismo, foi se desenvolvendo paulatinamente. Para além da experiência profissional na Themis, e também por conta dela, outras oportunidades de estudos e de trabalho foram surgindo e ampliando minhas aprendizagens e minhas percepções com um viés antropológico. Entre estas, destaco o trabalho junto ao Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando pude me aprofundar nas questões referentes à sexualidade. A experiência junto a esse grupo de pesquisa se deu por ocasião de minha contratação para a escrita do *Guia de fontes em direitos sexuais para a mídia*³. Mais do que a relação de nomes de pessoas e instituições que pudessem servir de fonte de informação, o *Guia* exigiu a criação de textos com linguagem coloquial, voltados exclusivamente para profissionais de mídia, que tratassem de diversas temáticas relacionadas à sexualidade, entendida numa perspectiva construtivista. A idéia era apresentar a esse público uma abordagem diversa das hegemonicamente utilizadas nos meios de comunicação (oriundas das ciências psicobiomédicas) e propor um olhar diferenciado para questões normalmente estigmatizadas no senso comum, apresentando outros conhecimentos igualmente científicos, porém pouco utilizados pelos jornalistas. No entendimento do núcleo de pesquisa, que está de

² Minha introdução nos estudos de gênero e da antropologia feminista se deu através das aprendizagens com a antropóloga Alinne Bonetti, doutora em gênero, com quem tive oportunidade de trabalhar por dois anos na mesma ONG e com quem também permaneço dialogando e aprendendo sobre gênero até hoje.

³ Os textos foram escritos em parceria com o jornalista Angelo Kirst Adami, a quem agradeço também as preciosas contribuições e saberes do campo do jornalismo em todas minhas produções textuais, inclusive nesta dissertação.

acordo com minhas constatações, as visões hegemônicas e circulantes na mídia, respaldadas especialmente por fontes psicobiomédicas, reduzem as compreensões acerca da sexualidade ao mundo da “natureza” e da biologia, e acabam por reforçar um padrão excludente de indivíduos e grupos que não se enquadram nos comportamentos constantemente afirmados como normais em nossa sociedade. A realização desta publicação resultou em um imenso aprendizado sobre gênero e sexualidade, e foi crucial para que se desenhassem novas questões.

Especialmente nestas vivências, o diálogo – de jornalista com jornalistas -, assim como as escolhas e usos das fontes, deixavam mais claro que existem distintas formas de se ver e estar no mundo. E isso acabou impulsionando o que Velho (1997) denominou “estranhar o familiar”. Neste espaço de contato e estranhamentos com meus “pares” pude perceber que quando dialogávamos estas visões e posições davam contornos a fatos que estavam se transformando em notícias. Cada vez mais esta experiência foi reveladora de que as notícias são permeadas de pontos de vista, de conhecimentos prévios – culturais e subjetivos – e dão conta de uma diversidade de verdades, umas mais hegemônicas e legitimadas que outras. Em meio a isso é que o objeto e o problema desta pesquisa começam a se delinear.

Construção do problema de pesquisa

A trajetória percorrida trouxe uma permanente interlocução entre dois campos de estudo – o do jornalismo e o de gênero. Como principal bagagem, neste segundo campo obtive maior familiaridade com as teorias que concebem gênero como uma categoria analítica, epistemológica e impregnada pelo conceito de poder (SCOTT, 1990; BONETTI, 2009), que contribuem para pensar o modo como as diferenças são transformadas em desigualdades. E também com as teorias que afirmam o pressuposto da heterossexualidade compulsória como norma (BUTLER, 2003a), redundando num fenômeno complexo que se traduz na hierarquização dos indivíduos na sociedade de acordo com as suas práticas sexuais, atribuindo valores distintos às diferenças (RUBIN, 1993) e implicando em relações sociais desiguais. Essas correntes teóricas, que discuto mais adiante, foram cruciais para perceber a importância de aprofundar os estudos de gênero como um modo de melhor compreender as disparidades sociais, forjadas na e pela cultura onde estamos inseridos, com foco nas práticas

discursivas oriundas de instâncias de saber e de poder. Nesse sentido, o jornalismo, *locus* contemporâneo de relevante produção e circulação de valores culturais, torna-se campo apropriado para pensar as produções simbólicas que se relacionam às práticas sociais, subjetividades e relações de poder em nossa sociedade.

É através dessas vivências e formação teórica que meu olhar se desloca em direção ao campo do jornalismo, enxergando-o cada vez mais intrinsecamente relacionado à formação de valores na sociedade. Reconheço nos meios de comunicação uma contribuição importante nas transformações sociais e redução de desigualdades. Muito mais rapidamente do que em qualquer outro tempo, os costumes vêm mudando, e certamente um dos lugares por onde mais percebemos essas mudanças é nos produtos midiáticos. Entretanto, no que diz respeito às relações de gênero e de poder, ainda se percebe claramente o quanto alguns padrões culturais excludentes estão arraigados e acabam sendo reproduzidos (em grande escala e velocidade), mesmo que inconscientemente, pela mídia de massa em geral, e pelo jornalismo em particular. Aos poucos comecei a observar mais criticamente os modos como as notícias se entrecruzam com os valores sociais.

Acompanhando mais atentamente as matérias jornalísticas sobre comportamento veiculadas na mídia, em especial aquelas sobre relacionamentos e arranjos familiares, afetivos, sexuais e reprodutivos, chamou minha atenção como as notícias são construídas, indicando a presença de uma escala de valores típica de uma determinada concepção de gênero e sexualidade tomada como padrão normativo na chamada heteronormatividade. No entanto, entendo que tal padrão, em verdade, é relativo, posto que próprio de um determinado grupo social, ainda que, não por acaso, seja também o padrão que fundamenta a normatividade⁴ das sociedades ocidentais.

Um exemplo de tais percepções é a maneira como o tema gravidez na adolescência vem sendo majoritariamente apresentado na mídia brasileira. Em primeiro lugar, destaco que o fenômeno é tratado nas notícias como um problema de um grupo social específico, as camadas urbanas de baixa renda, em que pese as estatísticas apontarem para a crescente ocorrência de tal fato em todas as classes sociais. No discurso jornalístico se pode perceber a recorrente associação da gravidez e da reprodução nas classes populares a um crescimento populacional “demasiado”, que teria como consequência o aumento das desigualdades sociais e dos índices de violência, a despeito de os dados sobre natalidade demonstrarem que o país

⁴ Normatividade aqui é entendida como o padrão que, baseado em um conjunto de valores socioculturais historicamente construídos, funda as normas que regem os comportamentos e relações sociais.

encontra-se muito próximo da chamada taxa de reposição⁵. É possível que a conjugação destes aspectos seja o motivo pelo qual a gravidez na adolescência está constantemente em evidência na mídia. O exemplo talvez sirva para revelar as concepções de gênero e escalas de valores de outros marcadores sociais, tais como classe, raça e geração. As narrativas jornalísticas sobre este tema costumam ser permeadas por histórias de vida de adolescentes pobres, na maioria das vezes enfocando as meninas e colocando-as no centro das responsabilizações acerca da reprodução (a não-prevenção, os cuidados com a criança) e de possíveis conseqüências para os estudos e para as condições de consumo e ascensão social. Os vieses de gênero e classe se tornam mais evidentes no tratamento do tema como um problema social, e partem de uma compreensão de normalidade própria às classes médias e altas. Pesquisas⁶ recentes vêm demonstrando, por exemplo, que o fenômeno gravidez representa para as meninas de classes populares, muitas vezes, um rito de passagem para a vida adulta, bem como uma forma de ascensão social, servindo inclusive para impulsionar o retorno e o desejo de permanência nas escolas. Esses aspectos, entretanto, não são abordados nas matérias.

Outro exemplo que sinaliza a existência de um parâmetro hegemônico de gênero e sexualidade, que revela a valoração e hierarquização dos indivíduos e práticas sexuais na sociedade, pode ser percebido nas notícias sobre famílias formadas por homossexuais. As famílias homoparentais costumam aparecer valoradas positivamente na mídia somente quando representam/expressam atributos socialmente bem considerados, como conjugalidade monogâmica e estável (duradoura), amor romântico, formação de arranjos familiares (pais e filhos), exercício dos papéis de gênero (independente dos sexos biológicos envolvidos), ou seja, quando a representação dos papéis atribuídos ao masculino e ao feminino (público/privado, provimento/maternagem, força/sensibilidade, etc.), e referência ao poder aquisitivo e/ou classe social dos mesmos possa ser evidenciado⁷. Qualquer outro tipo de arranjo afetivo/sexual entre pessoas do mesmo sexo (ou mesmo de sexos opostos), como, por exemplo, relações sexuais sem a finalidade de reprodução ou constituição de família (em especial para homossexuais e mulheres), não aparecem positivamente na escala de valores sociais.

5 A pesquisa *Síntese dos Indicadores Sociais 2007 – Uma análise das Condições de Vida da População Brasileira*, realizada pelo IBGE e divulgada no dia 28/09/07, revela que a taxa de fecundidade (número médio de filhos que uma mulher teria ao final do período fértil) no Brasil está em 2,0 filhos por mulher.

6 Cito como exemplo a pesquisa *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil*, (Pesquisa GRAVAD) realizada em três capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador) entre os anos de 1999 a 2002, e divulgada em agosto de 2006.

7 Um exemplo de tais matérias pode ser conferido na reportagem sobre famílias exibido pelo Globo Repórter (Globo) do dia 09 de maio de 2008.

Os elementos que cercam a produção de notícias sobre gravidez na adolescência e casais homossexuais podem ser percebidos, em geral, também nas demais matérias sobre comportamentos, e com isso revelam fortes indícios de que são produzidas a partir de um determinado modo de conceber realidades, verdades e padrões de normalidade expressos nos discursos noticiosos. A partir desses exemplos, pude perceber também outro fator importante, relativo às rotinas de produção jornalística: a seleção de fontes. As fontes às quais os jornalistas normalmente recorrem para produzir suas matérias são oriundas, preferencialmente, das áreas da psicologia e biomedicina. Estas fontes, muitas vezes, explicam os comportamentos humanos em termos de essências biológicas, tomando um padrão específico como universal, em detrimento de outras possibilidades de leitura, como as que procuram compreender fenômenos dessa natureza como construções históricas e sociais. Também os discursos jurídicos e provenientes do Estado, via de regra, servem para explicar à sociedade os padrões de “certo” e “errado”. Não por acaso as fontes consideradas credíveis pela mídia representam campos em que os especialistas historicamente vêm produzindo discursos, realidades e normatizando as sociedades. Esses campos são instâncias de poder legitimadas socialmente e pela mídia como aqueles que possuem os “verdadeiros” conhecimentos, em especial no que diz respeito às relações e comportamentos sociais.

Dentre as modalidades jornalísticas, considero o telejornal a expressão máxima da conjugação das funções do próprio jornalismo com as funções de uma das principais mídias de massa (generalistas) - a TV, veículo presente na maioria dos lares⁸, e cuja função social vai além da produção de informação. O poder da mídia televisiva, entre outras coisas, reside nas características do “[...] tipo específico de linguagem e de comunicação, [...] sobretudo um modo particular de subjetivação, de ensino e de aprendizagem de formas de agir, sentir, atribuir valores, e assim por diante.” (FISCHER, 2002, p. 158). Por sua relevância na contemporaneidade, o jornalismo televisivo é um dos principais lugares de referência (VIZEU, 2008) e de produção de “realidades”, de conhecimentos e circulação simbólica da sociedade brasileira. Lugar onde a produção das notícias (que, em relação às demais mídias, leva em conta um contingente muito mais abrangente de pessoas no processo) pode revelar mais claramente os elementos que constituem o objeto de estudo nesta pesquisa.

Do desejo de compreender essas tramas produzidas em diversas instâncias da coletividade, que têm no jornalismo um lugar de relevância para o entendimento da cultura e do social, e a partir de uma história de vida, aprendizagens empíricas e teóricas, vivências e

⁸ De acordo com a pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios (PNAD) 2006, realizada pelo IBGE, a televisão está presente em 93% dos lares brasileiros.

indagações, é que nasceu esta dissertação. Para compreender o processo de produção simbólica de gênero no jornalismo, resolvi pesquisar o modo como as notícias são construídas e o envolvimento dos valores pessoais e profissionais dos jornalistas nesse processo. Para isso, fui observar as práticas cotidianas dos jornalistas nas rotinas produtivas de um telejornal gaúcho, em especial na produção de matérias sobre comportamentos, instigada por algumas questões.

Quais os caminhos percorridos entre a concepção da pauta e a edição da notícia? Como os valores partilhados pelo grupo social formado pelos jornalistas e as suas rotinas produtivas influenciam na “construção” das notícias que implicam em concepções de gênero? Que hierarquia de valores sobre gênero e sexualidade está presente nas notícias sobre comportamento? Essa hierarquia reflete um padrão hegemônico - (hetero)normativo? Quais embates de valores ocorrem na produção de notícias e quais prevalecem no resultado final (matéria/reportagem)? De que maneira as concepções de gênero e sexualidade se manifestam e são representadas nas notícias veiculadas?

Essas indagações levam à grande questão desta pesquisa: Quais as concepções de gênero dos jornalistas, e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem para reproduzir, manter, re-significar ou transformar padrões sociais normativos de desigualdade através do jornalismo?

Os objetivos almejados

A partir dos questionamentos referidos, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de analisar as concepções de gênero dos jornalistas percebendo se e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem para a reprodução, manutenção, re-significação ou transformação de padrões de desigualdade, e se expressam a existência da heteronormatividade no jornalismo. Através da observação da atuação do jornalista nos momentos de produção de notícias num telejornal, como objetivos específicos este estudo visou a:

- a) observar e descrever os percursos percorridos na construção das notícias;
- b) identificar os valores sociais e profissionais prevalentes entre os jornalistas, assim como a possível hierarquização desses valores;

c) compreender as concepções de gênero dominantes, e como estas permeiam e incidem nas relações entre os profissionais;

d) analisar as relações entre os valores e concepções de gênero dos jornalistas e os valores e concepções de gênero reproduzidos nas matérias, verificando se e como se dá o imbricamento destes elementos na representação de um padrão social heteronormativo;

e) produzir dados que possam contribuir para a compreensão de como as concepções de gênero e sexualidade são construídas e representadas pela mídia, com incidência na cultura;

f) contribuir para o conhecimento sobre o papel dos meios de comunicação social e do jornalismo na sociedade - instâncias sociais de poder simbólico que podem incidir de forma pedagógica tanto na formação de valores quanto de identidades sociais.

Estado da Arte

O interesse em desenvolver uma pesquisa cujos temas centrais são jornalismo e gênero levou à revisão da produção científica mais relevante e atual sobre o assunto. Com isso, pistas sobre possíveis lacunas, assim como avanços das experiências anteriores foram buscadas. Foi com essa finalidade que realizei um mapeamento dos estudos desenvolvidos sobre o tema no Brasil, para um estado da arte, prioritariamente em nível de mestrado, bem como para conhecer os usos de alguns conceitos-chave e metodologias utilizadas nesse tipo de pesquisa.

Num primeiro movimento de busca, pude perceber que, no âmbito dos estudos de gênero, a mídia é tida como um lugar importante para pensar o conjunto das relações sociais. Gênero e mídia, nessa perspectiva, são entendidos como “elementos constitutivos das subjetividades contemporâneas” (CARVALHO, ADELMAN E ROCHA, 2007, p. 124). Com esse entendimento, muitas pesquisas e eventos científicos têm sido produzidos. Um deles, o “I Simpósio Brasileiro de Gênero e Mídia”, realizado em Curitiba em agosto de 2005, reuniu pesquisadores dedicados aos estudos de ambos os temas com o objetivo de incentivar uma produção acadêmica e midiática criativa, crítica e socialmente responsável, a partir do reconhecimento de que os processos generificados⁹ atuam na construção de sentidos que compõem o imaginário social, na (re)significação e na mediação das relações sociais (idem, p.

⁹ Processos generificados são aqueles constituídos por representações/concepções de gênero.

123). O simpósio, entre outras coisas, evidenciou uma grande concentração de trabalhos em determinadas mídias e em determinados produtos midiáticos (RIAL, 2007). Pesquisadoras destes temas destacam um dado fundamental nesta pesquisa: que o jornalismo tem sido vagamente abordado nos estudos de gênero, porque em geral “[...] as análises das representações de relações de gênero na mídia têm privilegiado principalmente o cinema narrativo, as telenovelas e as publicidades – seja através da metodologia que for: estudos de audiência, pesquisas de produção, análises de texto ou etnográficas de tela, entre outras” (RIAL, 2007, p. 131).

Da revisão sobre os estudos de gênero, percebe-se que as aproximações com o jornalismo são ainda incipientes. Isso se confirma no levantamento¹⁰ junto ao Portal de Periódicos da CAPES, no Banco de Teses e Dissertações, onde restringi as buscas a trabalhos em nível de mestrado. Utilizando as palavras-chave “gênero” e “telejornalismo”, as duas áreas de interesse na minha investigação acadêmica, obtive 24 resultados. Destes, nenhum trazia a palavra gênero na concepção por mim utilizada, mas no sentido de gênero jornalístico, ou como outro sinônimo nessa direção. O passo seguinte foi utilizar as palavras “gênero” e “feminismo”, a fim de que a palavra gênero fosse buscada em diversos campos de conhecimento em que tenha sido utilizada. Com a nova estratégia, obtive 296 resultados. Destes, após a leitura de cada um dos principais dados disponíveis (resumos e palavras-chave), apenas três trabalhos relacionavam gênero a jornalismo, e nenhum deles fora produzido na área da Comunicação ou do Jornalismo, nem mesmo tratavam de telejornalismo. Dos três, dois eram da Lingüística e um, da História. Todos tinham como objeto representações sociais de mulheres em notícias de jornal ou revista. Os trabalhos da Lingüística utilizaram a análise do discurso como técnica de pesquisa; o da História não indicava a técnica utilizada. Através dessa busca sobre as produções científicas no campo dos estudos de gênero, pude perceber que as dissertações produzidas disponíveis revelam não haver trabalho semelhante ao desta dissertação. Esse dado confirma a lacuna já percebida por pesquisadores da área de gênero, e indica a pertinência de pesquisas e produção de conhecimentos, em nível de mestrado, sobre as relações entre jornalismo (e o telejornalismo, em especial) e gênero, pela centralidade dos meios de comunicação – e do jornalismo em particular – nas produções culturais.

O terceiro passo foi localizar as pesquisas realizadas no campo da Comunicação. Utilizando o mesmo lugar e as mesmas ferramentas, comecei as buscas utilizando algumas

¹⁰ Esta pesquisa foi realizada em fevereiro de 2009.

palavras-chave que orientam minha pesquisa. A primeira delas foi “telejornalismo”. Como resposta, surgiram nove trabalhos. Da leitura de todas as informações sobre estes, busquei em cada um elementos que se aproximassem de meu objeto de pesquisa utilizando as seguintes palavras-guia e seus respectivos resultados: rotinas produtivas (7 trabalhos); *Newsmaking* (4); Jornalismo (1); Telejornalismo (8); Profissionais na Redação (4); Notícia (matéria/produto telejornalístico/reportagem/narrativas) (8); Observação participante (2); Entrevista (2). Em geral, a metodologia utilizada não é clara; e o procedimento metodológico mais recorrente foi a Análise de Discurso. De um modo geral, percebe-se uma baixa produção acadêmica, em nível de mestrado, no campo do telejornalismo – apenas nove trabalhos aparecem –, em especial quando se cruzam outros dados, como, por exemplo, a utilização da técnica de observação participante. Chama a atenção que as rotinas produtivas como objeto são recorrentes na maioria dos trabalhos, assim como a notícia. Outro dado interessante, e que parece pertinente em trabalhos que envolvam as rotinas produtivas, é o destaque para os profissionais na redação (jornalistas, produtores de notícias, editores, etc.). Entretanto, também na área de telejornalismo nenhum trabalho encontrado possui o conceito de gênero como objeto de pesquisa. Dando continuidade às buscas, e agora mais especificamente relacionada ao tipo de pesquisa (*newsmaking*) e ao objeto de pesquisa, outras palavras-chave foram utilizadas: Rotinas Produtivas (11 trabalhos); *Newsmaking* (10); RBS TV (14); Jornal do Almoço (3); Teledomingo (nenhum); RBS Notícias (10).

Pensando na vasta produção científica, em nível de mestrado, nas mais diversas universidades do país, os resultados encontrados nessas buscas indicam que há pouca produção acadêmica com objetos afins ao meu interesse de pesquisa, e nenhum deles se aproximou de minha conjunção proposta: Comunicação – Jornalismo – Telejornalismo – Gênero – Observação Participante. Ou seja, também no campo da Comunicação, no Jornalismo e no Telejornalismo, a concepção de gênero não está contemplada como objeto de pesquisa. Tampouco a aplicação de um recorte etnográfico como método, e da observação participante como técnica, tem sido recorrentes nas pesquisas em Comunicação.

A pouco freqüente utilização do método etnográfico no campo da Comunicação, em especial com enfoque no telejornalismo, é um dado que considero relevante, pois demonstra uma lacuna a ser preenchida a fim de contemplar outras formas de percepção sobre os modos como as notícias são produzidas (as rotinas produtivas) e as imbricações dos profissionais nesse contexto, uma vez que esses dois elementos se destacam como objetos nas pesquisas verificadas.

A estrutura da dissertação

Feitas as considerações iniciais sobre o tema, as origens, construção do problema e objetivos da pesquisa, bem como a revisão dos estudos realizados em nível de mestrado, passo agora a apresentar a forma como esta dissertação está estruturada.

No primeiro e segundo capítulos, respectivamente, apresento o aporte teórico e metodológico em que esta dissertação se estrutura, e a forma como a pesquisa foi desenvolvida. Neles, desenvolvo os relatos sobre as filiações teóricas, os procedimentos metodológicos e as técnicas escolhidas e o universo da pesquisa.

No terceiro capítulo, discuto as concepções de gênero que se mostraram constituintes do jornalismo praticado no local de minha observação. Estas concepções se revelaram nos atributos profissionais e pessoais, incidindo nas relações hierárquicas de poder e de prestígio e imiscuindo-se nos modos como as notícias eram produzidas. Os meandros das convenções de gênero e das relações de poder, assim como as formas pelas quais se davam os primeiros contornos da produção das notícias, são o primeiro foco de análise.

No quarto capítulo, abordo as relações entre valores subjetivos dos jornalistas e valores-notícia como um primeiro modo de dar significado aos fatos (junto aos jornalistas), a fim de transformá-los em notícias com objetivo de dar sentido ao público. Essa mescla complexa, que dota de sentido as notícias em todo o seu percurso, as relações com as convenções de gênero e a hierarquia destas convenções na construção das notícias também permeia os procedimentos técnicos que se revelaram didáticos e utilizados com a finalidade de dar mais clareza e conferir um *status* de verdade às notícias.

Para demonstrar mais claramente a conjunção destes elementos discutidos nos demais capítulos, trago no quinto capítulo a análise do processo produtivo de uma reportagem acompanhada na pesquisa empírica desde a pauta até a avaliação, a fim de dar mais concretude aos valores imiscuídos nos percursos da notícia. Através da análise da produção dessa matéria, acredito poder demonstrar um pouco da complexa teia de sentidos perpassada pelas subjetividades, pela cultura profissional dos jornalistas e pelos modos de fazer do jornalismo.

Por fim, nas considerações finais, reflito sobre o processo de pesquisa, o alcance dos objetivos, bem como discuto algumas questões que emergem deste processo e que acredito merecedoras de serem pesquisadas.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem vive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.
Leonardo Boff, 1999

1 Fundamentos Teóricos: de onde se parte, a quem se acompanha

A escolha de um objeto de pesquisa está relacionada, inicialmente, a uma forma de compreensão do mundo. É desta subjetividade que surgem as primeiras questões que norteiam o interesse em uma investigação. Também aí inicia a trajetória na busca dos fundamentos teóricos que permitam melhor refletir e seguir adiante na produção dos conhecimentos. Uma tarefa nada fácil, entretanto rica e fundamental, e que tem como consequência o encontro com uma metodologia.

O aporte teórico sobre o qual passo a dissertar representa o universo conceitual que norteou esta pesquisa desde sua concepção, passando pela investigação empírica e análise dos dados. Em consonância com determinadas visões de mundo, a filiação a estes conceitos – no campo da comunicação, do jornalismo e dos estudos de gênero – foi delineando e perpassando as diferentes etapas da pesquisa.

Inserida nos campos da Comunicação e da Cultura, esta pesquisa demandou um primeiro desafio: pensar um referencial teórico capaz de promover o diálogo entre ambos, mais especificamente entre jornalismo, gênero e sexualidade. A filiação às perspectivas culturológicas se deu por se tratarem de “[...] estudos que abordam os meios de comunicação e suas implicações como componentes de uma dimensão sócio-antropológica maior, a dimensão da cultura, na qual os meios encontram uma lógica de desenvolvimento que lhes é própria, mas ao mesmo tempo inseparável das injunções culturais” (SANTAELLA, 2001, p. 63).

Por esse prisma, uma aproximação com os estudos culturais foi privilegiada a fim de propor uma discussão entre os campos da Comunicação e da Cultura. Essa aproximação fundamenta-se no reconhecimento desta vertente como ponto de vista político, que é ao mesmo tempo teórico, como nos mostra Escosteguy:

[os Estudos Culturais] Do ponto vista político, é sinônimo de “correção política”, podendo ser identificado como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Da perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os

limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade. (*sic*) (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88)

Tendo como eixo principal “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88), os Estudos Culturais propõem essa reflexão através do estímulo de pesquisas de cunho qualitativo e, nesse sentido, vêm ao encontro das expectativas teóricas e metodológicas desta investigação.

Na área do Jornalismo, as teorias construcionistas, que entendem a notícia como uma construção social da realidade, como narrativas marcadas pela cultura dos membros da tribo (jornalística) e pela cultura da sociedade onde essa tribo está inserida (TRAQUINA, 2001), alicerçam esta proposição. Essa perspectiva traz como eixo “a importância da dimensão cultural das notícias” (TRAQUINA, 2004, p. 171), e inova metodologicamente os estudos do jornalismo contribuindo para importantes avanços, como nos ensina Traquina:

O avanço notável do estudo do jornalismo na década de 70 está relacionado diretamente com as inovações metodológicas que contribuíram de forma decisiva para a riqueza da investigação. Os acadêmicos, seguindo o exemplo dos antropólogos em terras distantes [...] foram aos locais de produção, permaneceram durante longos períodos de tempo, observaram os membros da comunidade jornalística com o intuito de “entrar na pele” das pessoas observadas e compreender a atitude do “nativo” (TRAQUINA, 2001, p. 171-172).

Com esse entendimento sobre as notícias e com os modos de pesquisa de cunho antropológico, as teorias construcionistas reconhecem os processos complexos envolvidos nas produções jornalísticas e prevêm a relação entre agentes sociais: “os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (TRAQUINA, 2004, p. 173). Fundamentalmente, essa corrente teórica rechaça a visão instrumentalista das notícias, reconhece a centralidade do jornalista com seus valores incidindo na produção das realidades sociais justamente pela compreensão das complexas relações destes com a sociedade. Nesta perspectiva, o telejornalismo, um dos principais produtos da mídia televisiva, é tomado nesta pesquisa como lugar privilegiado de produção e circulação de conteúdos simbólicos na contemporaneidade.

O conceito de gênero articulado no âmbito dos estudos feministas pós-estruturalistas é norteador nesta proposta de estudos. De vertente política de importantes teorizações, os estudos feministas pós-estruturalistas dirigem suas atenções “para discursos e práticas constituidores dos sujeitos e para disputas por representações que são empreendidas pelos

vários grupos sociais” (LOURO, 2002, p. 23). Com isso, “vêm promovendo uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento” (LOURO, 2002, p. 24).

No mesmo sentido, é pertinente a contribuição dos estudos *queer* para compreender as relações de gênero e sexualidades. Os estudos *queer* têm origem política, na década de 1990:

Em fevereiro de 1990, Teresa de Lauretis empregou pela primeira vez a denominação Teoria Queer para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero. A escolha do termo queer para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, destacava o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização focada na sexualidade. Desta forma, os teóricos queer delimitavam um novo objeto de investigação: a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Em termos teóricos e metodológicos, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, o qual problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Central foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. (MISKOLCI, online)

Os conceitos desta corrente podem ser entendidos como

[...] o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais.” (SEIDMAN¹¹ apud MISKOLCI, online)¹²

A escolha dessa vertente também se dá pelo reconhecimento dos conceitos desenvolvidos por seus teóricos que

[...] constituem um agrupamento diverso [...] [e] compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apóiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa [...]; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e política programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes (SEIDMAN¹³ apud LOURO, 2004, p. 39).

¹¹ SEIDMAN, Steven. **Queer Theory/Sociology**. Malden, Blackwell, 1996.

¹² Documento disponível em http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf, acessado em 18/05/2009.

¹³ SEIDMAN, Steven. Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and Ethical. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). **Social Postmodernism. Beyond identity politics**. Cambridge:Cambridge University Press, 1995. p. 116-141.

Os estudos *queer* tem como foco o “regime de poder-saber que, assentado na oposição heterossexualidade/homossexualidade, dá sentido às sociedades contemporâneas” (LOURO, 2004, p. 47). No centro dessas teorizações estão os conceitos de heteronormatividade, gênero e poder. Essa corrente teórica “permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2004, p. 39).

Os estudos feministas, assim como os estudos *queer*, são tidos como uma política de conhecimento, e são oriundos de movimentos e grupos sociais que, há décadas, “vêm provocando importantes transformações em relação a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento” (LOURO, 2002, p. 24). Acredito que essas concepções possam ajudar a compreender os entrelaçamentos do jornalismo com a cultura, com as representações de gênero e, especialmente, com as formas de conhecimento cotidiano promovidas pelos discursos veiculados em forma de notícias, e suas relações com as desigualdades sociais.

Há, aqui, o entendimento de uma base comum entre esses conceitos e correntes teóricas que, entre outras coisas, percebem os significados (das pessoas e coisas) como construídos socialmente, na cultura, através de sistemas de representação, conceitos e signos, dentro dos quais a linguagem exerce papel crucial. E é mais aprofundadamente que passo a discuti-los a partir de agora.

1.1 A mídia como instância pedagógica cultural: poder simbólico que atua na produção de valores sociais e sujeitos

Dentre os diferentes vieses dos estudos na Comunicação, interessa-me sobremaneira pensar nos termos da participação da mídia – e do jornalismo em particular – na produção de sentidos, na formação de valores e nas relações de poder que, em última instância, se interseccionam com as formas como são produzidas as diferenças e as desigualdades. Esta escolha significa ir ao encontro daqueles elementos pouco perceptíveis “a olho nu”. Ou seja, as produções simbólicas complexas que, histórica e culturalmente, vão se constituindo e permeando os modos de vida, as normas sociais, e que, através da (e na) mídia, cada vez mais são (re)produzidas de forma lúdica, atrativa, consumível, veloz, inteligível e, sobretudo, como parâmetro da realidade.

No plano simbólico se pode perceber a imbricação dos meios de comunicação na cultura, na formação de sujeitos e nas relações de poder – em todos os níveis. Afinal, as próprias questões econômicas, ideológicas, o consumo e o poder dependem fundamentalmente da geração de significados para se legitimarem socialmente. E no complexo fenômeno de interação entre os valores sociais e culturais, as instâncias de poder e a sociedade em geral, a mídia está no centro, participando ativamente e se retroalimentando do que é produzido nestas esferas e (re)produzindo uma instância igualmente de poder.

Mas “qual seria a primeira função da informação da mídia? Poderíamos dizer que é o ‘fazer saber’” (ALSINA, 2009, p. 48). Na esteira das palavras do autor em referência, esta pesquisa toma os meios de comunicação como uma instância pedagógica cultural, com um papel que cada vez mais intervém socialmente de maneira “educativa” e “didática” na produção de saberes cotidianos, altamente relacionada à produção simbólica e atuando como

[...] um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas (FISCHER, 2002, p. 153).

Em relação às outras instâncias que historicamente exercem papel educativo na formação dos sujeitos e nas posições-de-sujeito (LOURO, 2002), a mídia destaca-se por seu alcance e suas características de produção, circulação e transmissão de saberes e modos diversos de conhecimentos. O que não está na mídia “[...] cada vez mais vai se tornando estranho aos modos de conhecer, aprender e sentir do homem contemporâneo” (FISCHER, 1997, p. 62). Como outras instituições formadoras culturais, ela fornece “[...] importantes bases para a acumulação dos meios de informação e comunicação, [...] e forja os meios com os quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e distribuídos pelo mundo social” (THOMPSON, 1998, p. 24-25).

Dos mais diversos produtos dos meios de comunicação, sejam de caráter informacional, ficcional ou comercial, que revelam seu poder simbólico e “educativo”, resultam, concretamente, discursos, que circulam amplamente como saberes - de verdades e realidades - e, deste modo, incidem significativamente na cultura. Segundo Stuart Hall,

Discursos são formas de se referir ou construir o conhecimento acerca de um tópico particular da prática: o agrupamento (ou formação) de idéias, imagens e práticas,

que propiciam formas de falar, formas de conhecimento e conduta associadas a um tópicos particular, a atividade social ou a localização social na sociedade. Estas formações discursivas, como são conhecidas, definem o que é e o que não é adequado em nossa formulação e em nossas práticas em relação a determinado assunto ou localização de atividade social; qual conhecimento é considerado útil, pertinente, “verdadeiro” nesse contexto; e que tipo de pessoa ou “sujeito” incorpora tais características (HALL, 1997, p. 5-6).

Os discursos midiáticos, deste modo, estão engendrados nas formas como as normas e valores de nossa cultura são significados e compreendidos pelos sujeitos e grupos sociais. Envolvem diretamente os conhecimentos de quem os produz, assim como se apóiam nos saberes dos campos socialmente legitimados (e de poder), funcionando como “um lugar privilegiado de suposições de ‘verdades’, um lugar por excelência de produção, circulação e veiculação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios.” (FISCHER, 1997, p. 65). Assim, esses discursos circulam com o propósito de informar e comunicar em grande escala para uma pluralidade de receptores e, concomitantemente, com

[...] uma função explícita e implícita de ‘formá-los’, e isso em nossos dias não escapa à produção e veiculação das técnicas e procedimentos voltados para a relação dos indivíduos consigo mesmos, matéria-prima de grande parte dos produtos televisivos e das matérias de jornais e revistas (FISCHER, 1996¹⁴ apud FISCHER, 1997, p. 66)

Constituindo-se forma de conhecimento prático e de alto poder simbólico, os discursos midiáticos são fonte de produção e intercâmbio de significados, relacionando-se diretamente com a cultura (HALL, 1997). Tal importância se dá porque são “os significados culturais [...] [que] organizam e regulam as práticas sociais, influenciam nossas condutas e conseqüentemente têm efeitos reais, práticos” (HALL, 1997, p. 2). E este é ponto crucial que permite estabelecer uma relação do poder simbólico da mídia com os valores e hierarquias sociais, por sua atuação direta na cultura que é, segundo, Morin

o aspecto intrínseco da sociedade humana, está organizada e, ao mesmo tempo, organiza o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo, dos acontecimentos, das habilidades adquiridas, e das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim, manifestam-se as “representações coletivas”, a “consciência coletiva”, a “imaginação coletiva”. E a partir do capital cognitivo, a cultura dita as regras e as normas que organizam a sociedade e que controlam os comportamentos individuais. As regras e as normas culturais geram processos sociais e regeneram de maneira global a complexidade social que foi adquirida por essa mesma cultura. (MORIN, 1994a¹⁵ apud ALSINA, 2009, p. 105-106)

¹⁴ FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção da subjetividade**. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 1996a, 297 p. (Tese de Doutorado).

¹⁵ MORIN, Edgar. Cultura y conocimiento. In: WATZLAWICK, P. e P. Krieg (comps.). **El ojo del observador** –

Essas implicações também podem ser percebidas pela relevância do mundo simbólico para a formação dos sujeitos - e do próprio *self*. Acompanho Thompson ao falar desta relação:

[...] *self* é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhes são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade. Esta é uma narrativa que vai se modificando com o tempo, à medida que novos materiais, novas experiências vão entrando em cena e gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de sua vida. Dizer a nós mesmos e aos outros o que somos é recontar as narrativas – que são continuamente modificadas neste processo – de como chegamos até onde estamos e para onde estamos indo daqui pra frente (THOMPSON, 1998, p. 183-184).

Nossas “narrativas” individuais estão permeadas e permeiam a mídia numa dinâmica interativa. A constituição do sujeito e das suas posições sociais, as formas como constitui sua identidade, reconhece-se num grupo e numa cultura, dão-se nas aprendizagens cotidianas que são essencialmente marcadas pelas interações sociais e pela participação ativa de instituições que contribuem nesse sentido. Nessa perspectiva, os meios de comunicação são tidos como “os fazedores de identidades culturais” (ALSINA, 2009, p. 132).

Todos os dias somos convidados a conhecer, através da mídia, as verdades sobre como devemos nos portar, as “dicas” para viver melhor, os perfis comportamentais mais “adequados”, os modos legítimos de viver nossa sexualidade, adornar nossos corpos, enfim, como comportarmo-nos e sujeitarmo-nos como “normais” e “aceitos”. Somos educados pela mídia num sentido que

[...] decorre, exatamente, da ampliação das noções de educação e de educativo, e com eles se pretende englobar forças e processos que incluem a família e a escolarização, mas que estão muito longe de se limitar a elas ou, ainda, de se harmonizar com elas. Entre essas forças estão [...] os meios de comunicação de massa, os brinquedos e jogos eletrônicos, o cinema, a música, a literatura, os chamados grupos de iguais, os quais produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas [...] de conceber e de se relacionar com autoridades constituídas, de conhecer o eu e o outro [...] (MEYER, 2003, p.22).

Esse perfil educativo se revela mais atraente midiaticamente, porque os conhecimentos nos são prestados por meios diversos, que podem ser lúdicos ou de apelo emocional, de forma didática – através de dramatizações, infográficos, animações – e sempre numa articulação que leva em conta modos eficazes para a geração de sentidos para uma gama massiva de pessoas. Didaticamente fornecido pela mídia, o acervo social do conhecimento “fornece esquemas

tipificadores para as principais rotinas da vida cotidiana, não só sobre as relações com os outros, mas também tipificações de todo o tipo de conhecimentos e experiências tanto sociais quanto naturais.” (PONTE, 2005, p. 99).

Dentre os meios de comunicação, a televisão se mostra extremamente instigante num estudo que prime pelo campo simbólico. Entendo esta mídia como o lugar onde os sentidos humanos são poderosa e engenhosamente provocados, a fim de gerar significados. Na junção entre som, imagem, discurso, alcance e credibilidade, a TV ainda parece prevalecer como um objeto rico a ser investigado, sobretudo no Brasil. Mais do que isso, a televisão sempre envolve uma gama de pessoas e recursos técnicos para a produção de cada um de seus produtos (sempre simbólicos), sejam eles do gênero que forem, e visam sempre uma ampla audiência que, apesar da diversidade que a compõe, parece ser tomada universalmente. É através dela que o mundo passou a ser explicado para um número cada vez maior de pessoas; e é também pelas lentes de seus programas que em geral as grandes audiências se informam, formam-se, sonham, tornam-se sujeitos da cultura, conhecem-se e percebem o mundo. Por tudo que traz, por seu papel cultural, a TV é *mister* no plano dos sentidos de uma sociedade. Ela é parte importante da vida cotidiana. Um dos portos seguros. Um ponto de encontro conosco e com o Outro:

A televisão gera as experiências, os saberes e os sonhos que fazem parte dos referenciais mais comuns que nós temos como nação e sociedade; portanto, constitui o espelho social que reflete a cultura que a produz, as identidades frágeis que nos habitam, as estéticas do popular de massa e dos consensos efêmeros, com os quais construímos o sentido para a vida de todos os dias. Nós, os telespectadores, vivenciamos todos os dias, do conforto de nossa cama – lugar predileto para assistir à televisão – uma viagem segura, porque transitar na tela é ter certeza de não se perder. Cada um vai encontrando os espelhos próximos do que significa habitar estes tempos de caos, de identidades fluindo, de explosão de sensibilidades; cada um vai encontrando a sua maneira de se divertir, mas, ao mesmo tempo, de se compreender. A televisão tem uma comunicabilidade forte, evidente e generalizada, porque o seu discurso é afetivo, prazeroso, terno, divertido, cotidiano e narrativo (RINCÓN, 2002, p. 17).

É nesse mundo “mágico” e sedutor que as sensibilidades estão postas num permanente convite a nos “reconhecermos” na “tela”, e para tanto somos geralmente interpelados emotiva e individualmente (RINCON, 2002) pela TV. E isso se dá de diferentes maneiras, de acordo com o gênero televisivo responsável por dar os contornos das narrativas exibidas. Mesmo sendo esta mídia igualmente impotente sobre a diversidade de sentidos que possa de fato gerar, os gêneros televisivos acabam servindo como importantes delimitadores das interpretações: “proporcionam um contexto para interpretar cada produto, e o que poder ser

exigível a cada gênero. Uma notícia, ou um dado, transmitido num programa de fofocas ou comentários, não serão interpretados da mesma forma que seriam se pronunciados durante um noticiário.” (MAZZIOTTI, 2002, p. 209-210).

Acompanhando a classificação feita por Nora Mazziotti (2002), de um modo geral há dois grandes gêneros televisivos que abarcam outras tantas subcategorias: o informativo e o entretenimento. Entretanto, cada vez mais estes se entrelaçam e se imiscuem um no outro, fator que resultou contemporaneamente em novas nomenclaturas utilizadas para demonstrar a presença de diferentes traços de gênero televisivo num mesmo produto. Um exemplo disso são os noticiários, que cada vez mais “incorporam estórias de vida, casos individuais, que têm mais a ver com programas de verdade do que com informação. Ou as notícias, cada vez mais formuladas de maneira espetacular como *infotainment* (*sic*) (info-entretenimento)” (MAZZIOTTI, 2002, p. 211-212).

Tanto o gênero informativo quanto o de entretenimento são permeados por dramas reais; são discursos cujo pano de fundo tem a ver com as normas que regem o social, que articulam valores e servem de parâmetro.

[...] a conclusão da narrativa de uma ação se daria por meio da apresentação de uma lição de moral, com uma mensagem “educativa” quase sempre acrescida de juízo de valor. Nesse momento se reafirmariam os papéis de mocinho e heróis, enquanto presumível punição dos personagens identificados como “maus” ou vilões seria justificado (BECKER, 2006, p. 121).

Ainda que cada vez mais se entrecruzem os gêneros num mesmo produto, de todo modo, há ainda uma distinção prévia, feita não só por parte dos produtores, mas também por parte das audiências, o que interfere diretamente nos modos como se distingue a “realidade”. Por mais que os programas ficcionais de entretenimento sejam produzidos cada vez mais em torno de realidades muito próximas das encontradas cotidianamente nas sociedades, e deste modo também se insiram na produção de sentidos e valores, eles estão previamente alocados num lugar identificado como não-real. E é nesse sentido que os gêneros televisivos de informação adquirem maior relevância numa investigação: por seu caráter reconhecidamente relacionado à verdade. Os maiores expoentes desta característica de “verdade” são os noticiários televisivos, responsáveis, entre todos os produtos da grade de programação de uma emissora, por “vender” credibilidade e atrair investimentos, mas não apenas isso:

Além disso, ofertam conceitos, idéias e representações da cultura e da realidade nacionais, partilhadas por grande parte dos brasileiros. É no espaço simbólico dos noticiários, que ao contrário da novela, não se apresenta, ao menos aparentemente,

como ficção, que acompanhamos, julgamos e construímos o cotidiano da nação, sob e sobre o olhar dos âncoras, repórteres e editores (BECKER, 2006, p. 69).

Por entender a televisão como uma das principais expressões de poder cultural e simbólico da contemporaneidade, acompanho Stuart Hall e Alsina a respeito das três funções básicas da mídia, as quais refletem o caráter primordial do papel que desempenham junto à sociedade:

O fornecimento e a construção seletiva do *conhecimento social*, do imaginário social através do qual percebemos os ‘mundos’, as ‘realidades vivenciadas’ dos outros e reconstruímos imaginariamente suas vidas e as nossas em um ‘mundo global’, inteligível, em uma ‘totalidade vivenciada’ (HALL, 1981, p. 384). Isto é, a mídia fornece discursos a partir dos quais os grupos ou as classes constroem uma imagem das vidas, significados, práticas e valores de outros grupos ou classes sociais e sobre a sua situação com relação ao quesito globalidade. A segunda função da mídia é a de refletir e se ver refletida nessa pluralidade; fornecer um constante inventário do léxico, dos estilos de vida e das ideologias que ali estão objetivados (HALL, 1981, p. 384). A terceira função da mídia [...] é a de organizar, estruturar e juntar o que tem sido representado e classificado seletivamente (HALL, 1981, p. 385). O que tem sido classificado e representado localiza-se dentro de uma ordem bem reconhecida. Trata-se de ir gerando um consenso e de construir uma legitimidade (ALSINA, 2009, p. 71-72, grifo do autor).

Nesse contexto, a mídia televisão se potencializa como chave para a compreensão dos sistemas simbólicos. É na esteira deste poder que o jornalismo se insere, e dentre as características que julgo relevantes para este recorte, estão as de credibilidade, sentido de realidade e atualidade que cercam e envolvem a produção de conhecimentos através da notícia, principal produto do jornalismo, e sobre o qual passo a tecer considerações.

1.2 O jornalismo como conhecimento social e cultural

Da instância pedagógica cultural representada pela mídia, o jornalismo é um dos principais articuladores da produção dos saberes cotidianos que orientam a (e se orientam na) cultura. A função pedagógica do jornalismo pode ser percebida na reprodução e circulação do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos na contemporaneidade. Sua função “educativa” se traduz, sobretudo, pela necessidade de “explicar” o mundo sempre baseado na “verdade” e fazendo uso de recursos técnicos e humanos capazes de ilustrarem esses saberes gerando significados. O jornalismo é, na perspectiva desta pesquisa, um conhecimento social e cultural que ensina. É sobre esse

campo emblemático, fonte de inspiração e conhecimentos culturais contemporâneos, que passo a discutir.

A idéia de jornalismo como uma forma de conhecimento não é nova. Robert E. Park foi o pioneiro na caracterização das notícias como forma de conhecimento através de seu artigo *News a form of knowledge*, de 1940, no qual define a notícia como norteadora social, efêmera, essencialmente centrada nos acontecimentos do presente “com função de orientar o homem e a sociedade num mundo real, de preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade” (PARK, 2008, p. 69).

No Brasil, Adelmo Genro Filho aprofunda-se nestes conceitos e vai além, criticando a visão de Park sobre a notícia como conhecimento, por considerá-la redutora, restrita a uma função orgânica que “supõe uma espécie de ‘senso comum’ isento de contradições internas, cuja função seria somente reproduzir e reforçar as relações sociais vigentes, integrar os indivíduos na sociedade” (GENRO FILHO, online). Da revisão e discussão aprofundada sobre a obra de Park, Genro Filho adota uma concepção própria para pensar o jornalismo como conhecimento social. Para o autor, o jornalismo é como

uma nova modalidade social de conhecimento cuja categoria central é o singular. Porém, o conceito de conhecimento não deve ser entendido na acepção vulgar do positivismo, e sim como momento da práxis, vale dizer, como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade (GENRO FILHO, online).

Diferentemente de Park¹⁶, em suas reflexões, Genro Filho destaca que a subjetividade dos jornalistas está presente no processo de produção das notícias:

o critério jornalístico de uma informação está indissolivelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se supõe, ou melhor, que são delineados ou insinuados pela subjetividade do jornalista (GENRO FILHO, online).

Das perspectivas filosóficas de Genro Filho, contemporaneamente temos nas discussões de Meditsch aprofundamentos nesta direção, em especial reafirmando o jornalismo como conhecimento social permeado por visões de mundo e ideologias, e criticando a construção de uma suposta objetividade. Em linhas gerais, o autor leva em conta a dimensão política e a participação dos valores e do tipo de conhecimento dos jornalistas como parte

¹⁶ Park não dá relevância ao papel do repórter na produção simbólica das notícias quando afirma que a notícia não apenas informa, mas orienta o público “sem qualquer esforço do repórter para interpretar os eventos que relata, exceto à medida que os torna compreensíveis e interessantes” (PARK, 2008, p. 60).

importante do processo de produção das notícias – e nesse sentido, do tipo de conhecimento produzido pelo jornalismo:

Todo conhecimento social, e **o jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto de vista sobre a História, sobre a sociedade e sobre a humanidade.** E como humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um jornalismo puramente objetivo, ou seja, um jornalismo que seja absolutamente neutro. Isto não acontece por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda porque **o próprio jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade** (MEDITSCH, 1992, p. 31-32, grifo meu).

As discussões sobre o jornalismo como forma de conhecimento na sociedade trazem em seu cerne a relevância deste campo na produção simbólica, indicando que as notícias, além de não-neutras, envolvem determinadas visões de mundo e, como tal, contribuem social e culturalmente como uma orientação acerca dos parâmetros e dos valores circulantes. O jornalismo é, nesse sentido, um dos modos de constituir uma natureza consensual da sociedade e de contribuir naquilo que nos une como sociedade e cultura através dos processos de significações rotineiramente produzidos em forma de notícias:

o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um “consenso”. Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes; temos acesso aos mesmos “mapas de significados”. Não só somos capazes de manipular esses mapas de significados, para compreender os acontecimentos, mas também temos interesses, valores e preocupações fundamentais, em comum, que estes mapas incorporam ou refletem. Todos nós queremos manter basicamente a mesma perspectiva acerca dos acontecimentos. Neste ponto de vista, o que nos une, como uma sociedade e cultura – o seu lado consensual – ultrapassa em muito o que nos divide e distingue como grupos ou classes de grupos (HALL et. all, 1993, p. 226).

O processo de dar e gerar significados através da produção das notícias torna visível a participação do jornalismo na construção das realidades sociais: “Ora, a um nível, a existência de um consenso cultural é uma verdade óbvia; é a base de toda a comunicação social” (WIRTH, 1948 apud HALL et. all, 1993, p. 226). É nesse processo, partindo de um universo de valores “consensual”, que as notícias se consolidam como “verdades” que estão a nortear os sujeitos como um conhecimento social e cultural crivado de “suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona” (HALL et. all, 1993, p. 226).

Cada vez mais a sociedade encontra no jornalismo um lugar seguro e de referência informativa sobre as questões cotidianas fundamentais e os modos de vida. Por esse prisma, se constitui como um “sistema de circulação de informação através de vastas redes de distribuição da notícia, que estão superpostas a todas as formas de cultura local, de crença e de escolha original e interior, criando amplas regiões homogêneas de conhecimento comum” (COLOMBO, 1993¹⁷ apud ALSINA, 2009, p. 53). Na mediação entre diversos saberes existentes, e na tradução destes saberes para uma linguagem comum e geradora de sentidos para uma grande audiência, o jornalismo se estabelece como um *locus* de poder-saber da contemporaneidade, sobretudo no que se refere aos modos legítimos e ilegítimos de ser sujeito em determinada cultura.

[...] o ato de ler, ver ou ouvir as notícias diariamente nos jornais pelos indivíduos é um ato cognitivo cultural por meio do qual as pessoas apreendem as informações que necessitam para suas vidas cotidianas, mas também para a sua existência enquanto sujeitos. Tomar conhecimento do mundo por meio das notícias é uma necessidade e um imperativo para os indivíduos na sociedade contemporânea, pois lhes seria impossível apreender esta complexa realidade sem a intermediação de meios tecnológicos (MOTTA, 2006, p. 48).

Desse modo, não há como pensar a cultura (aqui entendida como conjunto de regras, hábitos e valores historicamente construídos numa sociedade) em que estamos inseridos sem refletir sobre o papel do jornalismo. A participação do jornalismo na normatização da sociedade fica evidente por este prisma, bem como nos processos pelos quais são valoradas as relações sociais. É em meio a isso que se situam as representações de gênero. Esses mesmos valores e formas de construção da realidade através da notícia incidem sobre a construção de determinadas concepções de gênero, definindo masculinidades e feminilidades, bem como sexualidades legítimas e ilegítimas.

Pensando nesta intrínseca relação jornalismo-formação de valores, certamente é a notícia o elo capaz de revelar essa imbricação. Ao conceber a notícia como uma construção social, identifica-se um conjunto de elementos fundamentais para que um “fato” adquira o *status* de notícia. Segundo Wolf, “[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2003, p. 190). A definição de noticiabilidade indica claramente a existência de um processo de escolha, o qual demonstra

¹⁷ COLOMBO, F. **Rabia y television – Reflexiones sobre los efectos imprevistos de la televisión**. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

que “a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade” (CAREY¹⁸ apud TRAQUINA, 2001, p. 87). Esse processo complexo, “que transforma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2004, p. 180) tem a ver com um conjunto de requisitos que devem necessariamente “fazer sentido” tanto aos órgãos de informação quanto aos profissionais (os jornalistas), como veremos a seguir.

Construídas e veiculadas como “a realidade”, as notícias servem como importante fonte de obtenção de conhecimentos práticos sobre a vida social. E é “claro que os leitores aprendem com as notícias” (BIRD e DARDENNE¹⁹ apud TRAQUINA, 2005, p. 19). Tal percepção leva a pensar de que modo tais “conhecimentos” são produzidos, e nesse sentido, é relevante entender como as notícias são construídas, passando por diversas mãos, cabeças e sentimentos. Em especial se considerarmos a notícia

um sistema simbólico e entendermos que os relatos noticiosos por um lado são razão (*logos*), transmitem fatos históricos; mas por outro, são *mythos*, encerram subjetividades que dotam os acontecimentos de sentidos de passado e de futuro, do bem e do mal, do bonito e do feio, do que pode e do que não pode, sugerem difusas ideologias, estimulam desejos e utopias (MOTTA, 2006, p. 23).

Cabe destacar que as notícias que mais amplamente se difundem no meio social junto ao público são aquelas veiculadas pela mídia televisiva. Em especial no Brasil, onde a televisão está presente na maioria dos lares e cuja população iletrada representa um contingente de cerca de 45 milhões de brasileiros²⁰. Nesse sentido, o telejornalismo é central para uma análise do que é construído e partilhado cotidianamente como realidade: “No telejornalismo, imagem e texto interagem para a representação do real, criando efeitos de real e efeitos de sentido. A imagem é editada de forma a legitimar o que o texto afirma ampliando o efeito de real e ambos – texto e imagem – produzem sentidos sobre o acontecimento” (MOTA, 2006, p. 139).

É na perspectiva da importância papel do telejornalismo nas convenções sociais que este estudo se insere. É nas tramas complexas dos sentidos produzidos e amplamente

¹⁸ CAREY, J. The Dark Continent of American journalism. In: Manoff e Schudson (ed.). **Reading the News**. Nova York: Pantheon Books, 1986

¹⁹ BIRD, S. Elizabeth e DARDENNE, Robert W. Myth, Chronicle and Story: Exploring the Narrative Qualities of News. In: James W. Carey (Ed.), **Media, Myth and Narrative**, Newbury Park, Ca.: 1988. Sage Publications.

²⁰ Segundo os dados revelados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD 2008, realizada pelo IBGE, o Brasil possui 14,2 milhões de analfabetos plenos, e 30 milhões de pessoas, com idades igual ou superior a 15 anos, consideradas analfabetas funcionais, ou seja, incapazes de ler e compreender um texto simples.

difundidos pelo telejornalismo e consumidos na sociedade que as imbricações do jornalismo na cultura se mostram mais evidentes e inquietantes. Reconheço este espaço como um dos mais capazes de revelar o processo de retroalimentação cultural e de valores contemporâneos. Ou seja, o processo que envolve o jornalismo e a sociedade tem a cultura – o sistema de valores – como denominador comum, num movimento constante e dialógico de (re)produção, (re)significação e circulação. Tanto o jornalismo se inspira e se baseia em visões de mundo circulantes na sociedade quanto esta em relação ao jornalismo. Em geral, essa troca corresponde às visões de mundo hegemônicas, consensuadas, legitimadas nas instâncias de poder e compartilhadas como parâmetro social e cultural. Assim, o jornalismo é um conhecimento social que se reproduz com uma função pedagógica cultural que pretende explicar os modos de ser e estar no mundo, e isso adquire força quando o jornalismo está posto nas telas televisivas. E essas explicações nos são cotidianamente passadas através de discursos que envolvem recursos técnicos e humanos capazes de fornecer os saberes legitimados e atuar didaticamente junto à sociedade.

1.2.1 A fonte dos saberes e os modos de fazer saber jornalísticos

Uma das pistas sobre a atuação do jornalismo como instância pedagógica que incide nos modos como as convenções sociais são partilhadas como conhecimento pode ser encontrada nas fontes jornalísticas. O uso de fontes é o primeiro modo de agregar valor de “veracidade” e “neutralidade” às notícias. Tem “a ver com o facto de as notícias dos *media* estarem orientadas pelas noções de ‘imparcialidade’, ‘equilíbrio’ e ‘objetividade’ (HALL et. all., 1993, p. 229). O uso de especialistas como fontes é uma das formas de atribuir caráter de isenção e neutralidade às notícias, bem como de diversidade de “visões”, num processo que visa objetivar a notícia tentando suprimir marcas subjetivas ou mesmo ideológicas (dos profissionais do jornalismo e da empresa) no discurso noticioso. Na produção das notícias que vão explicar o mundo, são buscados aqueles saberes reconhecidos como legítimos para os jornalistas. O primeiro passo é, então, consultar fontes reconhecidamente credíveis e aptas a explicar os assuntos em questão. Mas estes saberes “reconhecidamente legítimos” para os jornalistas não partem de quaisquer e tão diversificados ou isentos lugares e, “assim, as fontes são quem são porque estão diretamente ligadas a setores decisivos da atividade política, econômica, social ou cultural” (TRAQUINA, 2001, p. 103). A escolha dessas fontes “por um

lado, reflete a estrutura social e de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos” (TRAQUINA, 2001, p. 103). Deste modo:

Os media tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade. Isto é o que Becker (1972) chamou ‘a hierarquia de credibilidade’ – a probabilidade daqueles que em posições poderosas ou de elevado *status* na sociedade, e que dão opiniões sobre tópicos controversos, de terem as suas definições aceites, porque tais porta-vozes são considerados como tendo acesso a informação mais precisa ou especializada em assuntos particulares do que a maioria da população (HALL et. all, 1993, p. 229).

Nas sociedades ocidentais, as instâncias de poder socialmente legitimadas não estão apenas relacionadas ao Estado, mas também aos saberes procedentes dos discursos especializados produzidos nos âmbitos jurídicos, biomédicos, psicológicos, econômicos, políticos, etc., que, no que diz respeito aos comportamentos sociais, altamente privilegiados nos discursos noticiosos, prevalecem como verdades e igualmente estão a orientar as normatividades. Assim sendo, “as fontes provêm sobretudo da estrutura de poder estabelecido e, por isso as notícias tendem a apoiar o *status quo*” (TRAQUINA, 2001, p. 113).

Há um propósito primordial na escolha das fontes: elas devem fazer sentido aos jornalistas, tanto pela posição social “legítima” quanto pelos significados que os discursos delas provenientes têm junto aos profissionais. Devem ser reconhecidas de forma realmente significativa no universo de valores profissionais. Assim, “fontes que ocupam uma posição de autoridade formal são consideradas mais credíveis do que outras; para além disso, os jornalistas aplicam, profissionalmente, os mesmos critérios que os indivíduos utilizam na sua vida de todos os dias, conferindo uma maior confiança às pessoas que se parecem com eles” (TRAQUINA, 2001, p. 107). Não por acaso, os próprios jornalistas também são fontes legítimas para seus colegas e, via de regra, inspiram pautas, sugerem outras fontes, assim como podem ajudar contribuindo para os contornos simbólicos das matérias nesta posição. Tanto os colegas de empresa quanto os da concorrência são fontes importantes; e não é raro que um veículo cite outro, e, de um modo geral, a concorrência (emissoras de outros grupos, outros tipos de veículo) também serve como “fonte de inspiração” para pautas, como pude empiricamente observar, e discutirei mais adiante. Estes elementos dão conta de alguns meandros do processo de construção da notícia como “resultado de processos de interação social não só entre os jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas, vistos como membros de uma comunidade profissional” (TRAQUINA, 2001, p. 117).

Nas vozes e discursos escolhidos, o jornalismo produz um tipo de conhecimento próprio, disponibilizado em linguagem compreensível para o público em geral. Aqui os procedimentos técnicos do campo se sobrepõem, articulados aos significados que desejam produzir, porque uma das características principais da linguagem jornalística é “sua qualidade de ser compreensível” (TRAQUINA, 2005, p. 46):

Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir esse público heterogêneo, a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar palavras polissilábicas); d) uma sintaxe direta e econômica; e) concisão; e f) a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto (TRAQUINA, 2005, p. 46).

Não apenas o texto jornalístico é produzido com intuito de traduzir os saberes legitimados em forma de notícias facilmente compreensíveis. Outros recursos técnicos cada vez mais são utilizados de forma didática, cumprindo o papel pedagógico que lhe é característico. Um exemplo disso são os usos cada vez mais frequentes de *cases*, os personagens “reais” cujos dramas pessoais são utilizados como forma de ilustrar os acontecimentos noticiosos de modo a conferir existência real aos fatos. Também os recursos gráficos – como infográficos, ilustrações simples e em 3D, imagens espetaculares, fragmentos de filmes ou novelas que, com a mesma finalidade de facilitar a compreensão, também dão um caráter lúdico e provocam sentimentos, características que em muito facultam os processos de aprendizagem humanos. Outro recurso constantemente utilizado, e que marca o caráter didático do jornalismo, é a utilização de “testes de conhecimentos” sobre determinados assuntos cotidianos cujas respostas “corretas” geralmente podem ser conferidas no mesmo espaço disponibilizado pelos veículos. Esses testes são feitos ou na forma de questões, em que os sujeitos escolhem entre múltiplas alternativas, ou mesmo nas chamadas “enquetes” ou “fala povo”, geralmente aplicadas nas ruas junto ao público ou disponibilizadas ao público através de ligações telefônicas ou no suporte da internet.

A produção das notícias, desse modo, é um processo rico na arte de buscar e gerar significados. Envolve uma gama de valores sociais agregados em cada etapa de sua constituição, passando pela formulação da linguagem - textual, imagética e lúdica – até sua circulação, que acontece didaticamente. Esse processo é possível porque envolve um universo simbólico partilhado, e não é produzido de forma maniqueísta, muito menos por uma instância abstrata: envolve pessoas, sensações e significações, ideologias, gostos e visões de mundo. E nesse processo, o jornalista é central.

1.2.2 Jornalistas: corações e mentes do (e no) jornalismo

Para compreender os processos de produção da notícia, as teorias construcionistas evocam o próprio *ethos*²¹ jornalístico como um elemento fundante. No centro desse *ethos*, destaca-se a figura do jornalista. Mas os jornalistas, se perguntados sobre a ingerência de suas visões de mundo na construção da notícia, muito possivelmente discordarão de tal possibilidade e tenderão a recorrer ao mito da neutralidade e da objetividade, característicos de suas autopercepções sobre o exercício da profissão. Sequer os jornalistas compreendem as notícias como estórias “no contexto de expressão humana da atividade expressiva” (ROEH, 1989²² apud TRAQUINA, 2005, p. 18). Perceber essas conexões tem sido possível graças à realização de estudos no campo, e mais especificamente nos modos empíricos de pesquisa onde os profissionais, partícipes de uma cultura própria e de um *ethos* (TRAQUINA, 2005) específico, são tomados como centrais para o entendimento dos modos como as notícias são construídas e constroem a realidade.

O papel do jornalista no processo de criação das notícias e, concomitantemente, na construção de realidades é, portanto, fundamental para a compreensão dos valores circulantes em uma sociedade e, mais do que isso, permeia a formação de uma normatividade. O que “significa” o real para esses profissionais será, então, norteador do que é produzido e veiculado como “verdade” nos meios de comunicação. Segundo Traquina “[...] poderíamos argumentar, de acordo com Patterson²³ (1997), Bourdieu²⁴ (1998) e Zelizer²⁵ (1993), que as notícias são produzidas por profissionais que partilham uma ‘forma de ver’ comum, isto é, uma cultura noticiosa comum” (TRAQUINA, 2005, p. 28). Mas esse processo não é unilateral, ou seja, não depende exclusivamente do jornalista. Tem a ver também com a classe social da qual este profissional é oriundo e com a visão de mundo que partilha, além, é claro, da sociedade onde está inserido e em processo de permanente troca. Igualmente diz respeito

²¹ A definição de *ethos* aqui adotada “designa tanto morada quanto as condições, as normas, os atos práticos que o homem repetidamente executa e por isso com ele se acostuma, ao se abrigar num espaço determinado. É a consciência atuante e objetivada de um grupo social – onde se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência- e, portanto instância de regulação das identidades individuais e coletivas”. SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis de (Org.) **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 24.

²² ROEH, Itzhak e ASHLEY, Sharon. Criticizing Press Coverage of the War in Lebanon: Toward a paradigm of news as storytelling. In: McLAUGHLIN, Margaret L. (Ed.) **Communication Yearbook 9**. Beverly Hills, Ca: Sage, 1986.

²³ PATTERSON, Thomas E. **The News Media**: An effective political actor? Political Communication, Vol. 14.1997.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. **On television**. Oeiras: Celta, 1998.

²⁵ ZELIZER, Barbie. **Journalists as interpretative community**. Critical Studies in Mass Communication, Vol. 10, 1993.

às rotinas de produção do próprio órgão de informação. Molotch e Lester (1993, p. 50) vêm “[...] *os media* a refletirem não um mundo exterior, mas as práticas daqueles que detêm o poder de determinar as vivências dos outros.” Ou seja, o jornalista está no centro: de um lado, seus valores, sua subjetividade, oriundos da cultura da sociedade e do grupo social onde o mesmo está inserido (e de onde se origina), e de outro, o *modus operandi* da profissão que, igualmente, possui uma cultura específica e que está relacionada às estruturas do poder e do saber e que se refletem nos discursos produzidos. Neste sentido, pode-se afirmar que “[...] as notícias não podem ser compreendidas sem uma compreensão da cultura jornalística” (TRAQUINA, 2005, p. 25). E a cultura jornalística não pode ser compreendida sem levar em conta as visões de mundo dos sujeitos que operam simbolicamente na produção das notícias.

A incidência do conjunto de valores do jornalista sobre a notícia é mais bem explicitada pelo sociólogo norte-americano Michael Schudson, para quem as notícias são produzidas por

[...] pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos. As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração (SCHUDSON, 1995²⁶ apud TRAQUINA, 2004, p. 170-171).

O jornalista é parte da sociedade em que está inserido, partilhando com esta visões de mundo que o ajudam a estabelecer padrões de normalidade e anormalidade, certo e errado, e que fornecem, portanto, parâmetros que o ajudam a definir o que é ou não notícia, e que de modo geral se aproximam dos valores dominantes e normatizadores da sociedade. Conforme já discutido, essa orientação se dá pela complexa rede de relações que envolvem a construção dos discursos noticiosos amparados nos saberes hegemônicos e ligados às instâncias de poder: “Tuchman, em *Making News*, considera mesmo as notícias como actividade legitimante do *status quo*, ao apresentarem-se como conhecimento verdadeiro” (PONTE, 2005, p. 152). E é desse modo que “[...] os jornalistas defendem implicitamente as normas e valores da sociedade. Como as fábulas, as ‘estórias’ noticiosas contém uma moral oculta.” (SOLOSKI, 1993, p. 97). É essa moral e esses valores socialmente predominantes que permeiam e dão os contornos das narrativas produzidas.

Segundo Traquina (2001, p.87), referindo-se a Manoff²⁷,

²⁶ SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge, Ma: Harvard University of Illinois Press, 1995.
²⁷ MANOFF, Robert Karl; SCHUDSON, Michael. **Reading the news**. New York: Pantheon Books, 1986.

[...] a escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. Essa escolha é orientada pela aparência que a ‘realidade’ assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas.

Nessa perspectiva, cabe pensar em que medida há um exercício de alteridade²⁸ por parte deste profissional ao selecionar e hierarquizar acontecimentos que serão transformados em notícias, principalmente tendo em vista a multiplicidade de grupos sociais existentes, sobre os quais vai “narrar suas histórias”, a maioria deles distinto do seu grupo de pertencimento.

Caracteristicamente auto-referentes e pouco reflexivos sobre suas práticas, os jornalistas - assim como grande parte dos grupos sociais - também refletem um certo etnocentrismo²⁹, na maioria das vezes relacionado aos valores da cultura hegemônica vigente. Parecem pouco afeitos à relativização: a perceber o significado das coisas nos contextos em que acontecem, a compreender o “outro” nos seus próprios valores e não nos seus, a compreender que existem outras verdades da vida, que “são menos uma questão de essência das coisas mas uma questão de posição” (ROCHA, 1993). Essas características, aliadas aos modos de trabalho, pouco espaço permitem para a diversidade de pensamentos e valores que emergem de uma mesma sociedade na qual os jornalistas se entendem como “bastiões” da democracia.

A estrutura e as rotinas de produção da notícia também são elementos essenciais na potencialização dos valores que interferem no resultado final do que é veiculado. A importância do *modus operandi* a influenciar a construção da notícia é observada por Wolf, quando sustenta haver “uma lógica específica dos *mass media* (ligada às suas exigências produtivas, expressivas, à rede de fontes que utilizam, às imagens que possuem do público etc.), que estrutura, de uma forma bastante decisiva, a imagem dos acontecimentos cobertos” (WOLF, 2003, p. 185). Essa perspectiva nos fala do quanto as rotinas profissionais, as limitações de tempo, a seleção das fontes, enfim, todo o processo operacional da produção das notícias por parte dos jornalistas, estão relacionadas com o produto final, com as “verdades” circulantes.

Não há como negar o peso da cultura profissional sobre a produção jornalística. A vasta bibliografia sobre o campo indica que esta “tribo” possui um sistema de valores comum,

28 Entendo como exercício de alteridade a capacidade de, a partir de reconhecer-se num grupo social entre tantos, deslocar-se para tentar compreender outras realidades pertencentes a grupos diferentes.

29 Etnocentrismo é uma visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através de nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade, etc. (ROCHA, 1993, p. 07)

uma cultura profissional constituída por uma constelação de crenças, mitos, valores, símbolos e representações, modos de ser, estar, agir, falar e de ver o mundo (TRAQUINA, 2005) que estão diretamente relacionados aos modos como as notícias são construídas. Os estudos sobre a cultura profissional jornalística trazem imensa contribuição para o entendimento tanto das práticas quanto da identidade dos jornalistas, e os modos como esta cultura condiciona o processo produtivo.

Nos termos da identidade profissional, os estudos realizados ajudam a compreender alguns meandros do reconhecimento dos jornalistas pela sociedade e por eles mesmos. Cercado de mitos em torno desta identidade, os jornalistas foram se constituindo historicamente como heróis, aqueles que “representam o indivíduo na sociedade de massas, aptos a mobilizar o poder da imprensa para corrigir as injustiças” (ELLIOTT, 1978³⁰ apud TRAQUINA, 2005, p. 56). E para ser um “justiceiro” este profissional tem de possuir alguns atributos reconhecidos na tribo e na sociedade de um modo geral.

O mito do jornalista herói é forjado historicamente em torno de outros mitos – sobretudo relacionados à coragem. Jornalista detetive, testemunha ocular da história, investigador, grande caçador de furos, bastião da democracia, perseguidor da verdade, autônomo, representante do interesse público que subjuga a vida privada em nome da profissão (TRAQUINA, 2005) são alguns dos mitos que cercam este ‘personagem’, e indicam que o risco, e conseqüentemente a coragem, são elementos fundantes de uma identidade. E essas mitificações contribuem e estão intrinsecamente relacionadas aos grandes mitos do jornalismo: neutralidade, objetividade, imparcialidade e, principalmente, verdade.

O jornalismo se forja numa cultura própria, “que consiste nos seus valores (crenças básicas fundamentais, normas – guias de comportamento em situações sociais e um sistema elaborado da definição de papéis) – e símbolos (itens carregados de significado que incluem folclore, a identificação de heróis e vilões, e estereótipos do bom e do mau profissional)” (GREENWOOD, 1975³¹ apud TRAQUINA, 2005, p. 23). Nesse sistema de valores e símbolos que dão sentido aos modos operacionais da profissão se destacam os chamados valores-notícia:

São critérios de selecção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redacção. [...] funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser

³⁰ ELLIOT, Philip. Professional ideology and organizational change: the journalist since 1800. In: BOYCE, George Boyce, CURRAN, James and WINGATE, Pauline (Eds.). **Newspaper History from the seventeenth century to present day**. London: Constable and Beverly Hills, Ca: Sage Publications, 1978.

³¹ GREENWOOD, Ernest. **Attributes of a profession**. Social Work, 2 (July), 1975.

omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público. Os valores-notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais. [...] Na realidade, os valores-notícia estão continuamente presentes nas interações quotidianas dos jornalistas na sua cooperação profissional. Mas, mais ainda, constituem referências, claras e disponíveis, a conhecimentos partilhados sobre a natureza e os objectos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração dos noticiários. Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído (Golding e Elliott apud WOLF, 1995, p. 175-176).

Grosso modo, os valores-notícia são os elementos presentes num fato que “fazem sentido” para os jornalistas, identificados como critérios de noticiabilidade e como tal partilhados pelos membros da tribo. Os valores-notícia foram amplamente investigados nas pesquisas empíricas do campo do jornalismo contribuindo para o entendimento dos componentes que constituem este saber específico, ou seja, fazer notícias³².

Os valores-notícia merecem especial destaque por sua característica simbólica e operadora de sentidos que serve de guia para os jornalistas. Apesar de muitas vezes nominados, estes valores-notícias parecem indicar algo intangível, mas crivado de outros valores sociais que tem a ver com as convenções e normas sociais, como diz Stuart Hall:

Os valores-notícia operam como uma estrutura de primeiro plano, que pressupõe uma “estrutura profunda”, que está escondida – as noções consensuais sobre o funcionamento da sociedade que ajudam a marcar as fronteiras entre o “normal” e “desvio”, ente o “legítimo” e o “ilegítimo” (HALL, 1984³³ apud TRAQUINA, 2005, p. 86).

Hall parece dar pistas das relações entre os valores-notícia e os valores sociais circulantes, o que me parece indicar mais claramente a ligação entre a cultura profissional e o plano de valores mais gerais da sociedade, de onde os jornalistas igualmente são parte e partilham das visões de mundo predominantes. Por outro lado, Hallin sugere imaginar o mundo dos jornalistas dividido em três regiões, cada uma envolvendo a aplicação de diferentes padrões jornalísticos. Ao citá-lo, imagino que esta aproximação se faça mais clara:

Ao primeiro, pode chamar-se a esfera do consenso. A esfera do consenso é a região em que **encontramos os valores consensuais da sociedade**, como a pátria, a

³² Os principais autores que desenvolveram pesquisas de identificação de valores-notícia são: Galtung e Rudge (1965/1993), Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan (1987), PEDEKTY (1995); GANS (1979); GOLDING E ELLIOTT (1978); TUCHMAN (1978); HARTLEY (1982). Para saber mais, TRAQUINA, 2005.

³³ HALL, Stuart. **The narrative construction of reality: na interview with Stuart Hall**. Southern Review, col. 17, nº 1, 1984.

maternidade, a liberdade. Nos seus limites estão esses objetos sociais que não são vistos pelos jornalistas e pela maioria da sociedade como controversos. Dentro desta esfera, os jornalistas [...] sentem freqüentemente como sua responsabilidade agir como advogados ou **protetores cerimoniais de valores de consenso [...] e têm um papel essencialmente conservador e legitimizador.** [...] uma segunda região do mundo jornalístico é a esfera de controvérsia – para além da esfera de consenso fica aquilo a que se pode chamar a esfera de controvérsia legítima. [...] há ainda a terceira esfera – a esfera do desvio. Para além da esfera de legítima controvérsia estão **os atores e pontos de vista políticos que os jornalistas e os valores dominantes rejeitam como marginais.** (HALLIN, 1986³⁴ apud TRAQUINA, 2005, p. 87, grifo meu)

Nesse sentido, tanto a subjetividade dos jornalistas quanto as suas rotinas de trabalho são elementos importantes para refletir sobre os valores que circulam na sociedade. Sobretudo por ser o jornalista central nesse processo simbólico que é a construção da notícia: é o elemento humano, o primeiro a dar significado aos fatos sociais, transformá-los em notícias com fins de gerar sentido, a partir da forma como enxergam e refletem o mundo. As suas escolhas – e são muitas e permanentes – definem as notícias. E o que os jornalistas escolhem, de forma consciente ou inconsciente, é o que confere sentido ao acontecimento (ALSINA, 2009). Investigar as visões de mundo dos jornalistas, portanto, é central para entender as “lentes” pelas quais não apenas estes enxergam, mas, sobretudo, nos fazem enxergar o mundo – “as estruturas invisíveis que organizam a percepção e determinam o que vemos e o que não vemos” (BOURDIEU, 1998³⁵ apud TRAQUINA, 2005).

Entretanto, o papel da subjetividade e das visões de mundo do próprio jornalista sobre as notícias são pouco explorados nas pesquisas do campo do jornalismo. Em geral, os valores profissionais são diretamente associados à ideologia da empresa, às rotinas produtivas. A seleção dos fatos que serão entendidos como acontecimentos noticiáveis (e os valores-notícia), bem como os processos de construção das notícias, também levam em conta, geralmente, apenas os elementos pertinentes à cultura profissional, indicando que estes se sobrepõem aos valores pessoais dos profissionais, como se estes não estivessem postos e atuando conjuntamente no processo.

Nesta dissertação, a subjetividade do jornalista é um dos principais focos, e um dos principais desafios, pois se trata de uma das zonas opacas e pouco tangíveis, e passíveis de percepção e interpretação no contexto de uma observação que objetivou perceber os valores sociais predominantes. A subjetividade, espaço íntimo do indivíduo com o qual ele se relaciona com o mundo social, resultando em marcas próprias, tanto na formação individual quanto na construção de valores compartilhados na cultura, é um elemento fundamental

³⁴ HALLIN, Daniel. **The uncensored war**. Berkeley: University of California Press, 1986.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. **On television**. New York: The New Press, 1998.

também na “tribo” jornalística. É na subjetividade que as emoções, sentimentos, cognição e pensamentos estão postos, e são estes componentes intangíveis os primeiros modos de dar significado aos fatos. E é a própria subjetividade o primeiro elemento negligenciado no jornalismo como um todo, refletindo-se como parte do procedimento de atribuir objetividade e neutralidade às narrativas do “real”.

Foi na observação dos rotineiros modos de produção das notícias com foco nos profissionais que comecei a perceber o cruzamento entre os valores consensuais dominantes, dos quais os jornalistas como membros da cultura são partícipes, e os valores-notícia, ou seja, os elementos significantes para tornar notícia um fato social. Infiro que os valores-notícia subliminarmente congregam valores sociais, culturais e profissionais, e servem como o elemento que tanto faz sentido aos jornalistas, e desse modo despertam o interesse dos profissionais, quanto são capazes de fazer com que os mesmos acreditem ser o fato gerador de interesse do público. Ou seja, os valores-notícia estão permeados dos valores culturais da sociedade, das visões de mundo hegemônicas (consensuais) e são elementos entendidos como significantes para os jornalistas e para o público (na visão dos próprios jornalistas).

Na análise dos dados, trago o universo da pesquisa em que estas percepções foram obtidas. Adianto que no contexto observado, as visões de mundo dos jornalistas estavam muito presentes, e igualmente davam os contornos de alguns valores culturais dominantes e da subjetividade dos profissionais, e isso se refletia em todas as etapas da produção das notícias: da definição da pauta, planejamento, edição e veiculação até a avaliação. Cada indivíduo partícipe desse processo de algum modo contribuía com suas visões de mundo, valores pessoais e profissionais. Mas cabe ainda referir que a sutileza deste imbricamento, dos valores pessoais dos jornalistas com as notícias, é algo que parece acontecer inconscientemente, e que ao mesmo tempo revela o quanto a cultura é algo arraigado e naturalizado justamente na subjetividade, pelo que pude observar na pesquisa empírica, e que discuto mais adiante. E que suscita pensar, como diz Laraia (2009, p. 91), que “muito do que supomos ser uma ordem inerente da natureza não passa, na verdade, de uma ordenação que é fruto de um procedimento cultural, mas que nada tem a ver com uma ordem objetiva.”

Assim, as notícias carregam em si conteúdos simbólicos complexos, que envolvem visões de mundo, subjetividades e valores sociais e profissionais em diversas dimensões. Estão articuladas aos saberes cultural e socialmente legitimados, e por suas características contribuem para a forja de um conhecimento social que se difunde como um dos meios contemporâneos mais poderosos de ensinar a ser sujeito na sociedade. Como tal, são discursos, e como discursos, no âmbito da cultura, nos dizem muito sobre as relações sociais

do contexto em que estão inseridos. Nesta dissertação, os conceitos do campo dos estudos de gênero são utilizados como um dos modos de compreender o imbricamento do jornalismo na cultura, com as normas sociais, bem como com as relações de poder nelas inseridas. Na análise dos dados da pesquisa empírica, que discuto nos capítulos de análise, esta relação é revelada mais explicitamente, uma vez que as observações explicitaram o quanto os jornalistas – e o jornalismo – são constituídos de gênero, com implicações nas relações de poder e hierarquias, bem como acabam se refletindo no processo de construção das notícias.

1.3 Generificando o estudo: os conceitos orientadores da discussão

O conhecimento social produzido pelo jornalismo encontra nos estudos de gênero um aporte teórico capaz de ajudar na compreensão deste complexo fenômeno. Não apenas porque “gênero faz parte do sujeito, constituindo-o [o sujeito possui gênero e é diferenciado, reconhecido e valorado a partir dele]”, mas porque “as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes [e produtoras] dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos” (LOURO, 1997, p. 25) e também as convenções, as relações sociais e de poder, em que os atributos e valores referentes a gênero são levados em conta. Seria um estudo sobre as mulheres, uma vez que gênero é, muitas vezes, tomado como um sinônimo? Certamente este estudo, um olhar de gênero sobre o jornalismo, envolve não apenas as mulheres, mas também os homens, e não restringe seu foco às diferenças entre os sexos biológicos ou aos papéis desempenhados por ambos os gêneros. Então, poderia restar mais uma dúvida: afinal, de que gênero se está falando?

Esta dissertação apóia-se na perspectiva teórica dos Estudos Feministas pós-estruturalistas. Nesta vertente, o conceito de gênero

nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino ao mesmo tempo que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação (SCOTT, 1995; LOURO, 1997; MEYER, 2000b, apud MEYER, 2003, p. 16).

Conceitualmente, significa retirar o foco “das origens da opressão universal feminina”, vastamente privilegiada pelos estudos de gênero, e que, segundo Rosaldo, “acabaram apenas contrastando e insistindo repetidamente em diferenças presumivelmente dadas entre homens e mulheres, [para um prisma que privilegie] perguntar como essas diferenças são elas mesmas criadas por relações de gênero” (ROSALDO, 1995, p. 23). Nesse sentido, o conceito é utilizado “com referência não a limitações biológicas, mas sim [focalizando as] formas locais e específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social (ROSALDO, 1995, p. 22).

Nesta perspectiva teórica, gênero é entendido como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14). Nesse sentido, gênero é aqui igualmente utilizado como categorias

Analíticas: gênero como uma categoria relacional que remete à produção simbólica, no plano de valores, das convenções de feminilidades e de masculinidades, em determinadas configurações sócio-históricas; e teórico-epistemológicas: gênero tomado como um princípio fundante e constitutivo do social, impregnado pelo conceito de poder. (BONETTI, 2009, p. 217)

É por esse prisma que gênero é adotado como categoria capaz de ajudar a refletir sobre os modos como as convenções sociais sobre o masculino e o feminino são produzidas, associadas a distintas formas de relações de poder e os modos como estas convenções produzem hierarquias e desigualdades. Deste modo, essa perspectiva teórica se afasta daquelas que se referem a gênero como um sinônimo de mulheres (e, algumas vezes, de homens e mulheres):

Dessa forma, deixa-se de enfocar, de forma isolada, aquilo que mulheres ou homens fazem ou podem fazer ou os processos educativos pelos quais seres humanos se constituem ou são transformados em mulheres ou homens, mas considera-se a necessidade de examinar os diferentes modos pelos quais o gênero opera estruturando o próprio social que torna esses papéis, funções e processos possíveis e necessários. [...] Desse modo, quando nos dispomos a discutir a produção de diferenças e de desigualdades de gênero, considerando-se todos estes desdobramentos do conceito, também estamos, ou deveríamos estar, de algum modo, fazendo uma análise de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes, em função tanto de seu gênero quanto em função de articulações de gênero com raça, sexualidade, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, etc. (MEYER, 2003, p. 18-19)

É, deste modo, também colocar o foco na forma como os atributos de gênero e as características sexuais

são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino e masculino em uma dada sociedade e um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres em uma sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mais sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 1997, p. 21).

Quando se pensa em desigualdades construídas a partir de diferenças, logo se percebe que é sobre os gêneros que se opera a primeira diferenciação dos sujeitos. Afinal, a assertiva dada a partir do sexo do sujeito, desde seu nascimento,

desencadeia todo o processo de ‘fazer’ desse corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais. [...] O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse ‘dado’ sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo [sexual] (BUTLER, 1993³⁶ apud LOURO, 2004, p. 15).

É, portanto, no campo da cultura e do simbólico, e não do biológico, que as desigualdades se produzem. A denominação do sexo biológico traz implícita a expectativa sobre o gênero dos indivíduos, sobre os modos através dos quais deverá ser e estar na cultura: formas de viver, de vestir, de sentir, de falar (ou de calar), de agir, de se comportar, etc. Esses modos estão relacionados ao que foi convencionado como padrão normativo em uma sociedade, e não aos cromossomos dos indivíduos.

As distinções de gênero não raro se transformam em relações desiguais entre o masculino e o feminino em todos os campos da vida social: nos corpos, nos discursos, nos conhecimentos, nas leis, nas práticas sociais, nas famílias, e até mesmo nas notícias, como veremos mais adiante. É a partir dos símbolos culturais hegemônicos, produzidos nas instâncias de poder, que se operam os sentidos entendidos como legítimos sobre o que significam masculino e feminino, indicando, também, os lugares sociais destes.

Em pleno século XXI, talvez haja dúvidas sobre a necessidade de refletir sobre as relações de gênero, poder e desigualdade, tendo em vista as transformações culturais que, entre outras coisas, cada vez mais aludem às conquistas das mulheres, e a existência de projetos políticos que visam à igualdade de gênero, praticamente incorporado nas agendas políticas de diversas nações ocidentais – a partir das históricas e ainda vigentes reivindicações dos movimentos feministas. O fato é que, mesmo com o conjunto de conquistas alcançadas

³⁶ BUTLER, Judith. **Bodies that matter. On the discursive limits of sex.** Nova York: Routledge, 1993.

pelas mulheres, no plano de valores da cultura Ocidental, e da brasileira em especial, o feminino – e não apenas as mulheres – ainda é posto em condição desigual em relação ao que se convencionou socialmente como masculino. Relação esta que inclusive demonstra o quanto também o masculino pode ser feminilizado e, com isso, posto em situação de desigualdade e também de violência em nossa cultura.

Nesse sentido, os conceitos de gênero aos quais esta dissertação está filiada dizem respeito ao plano simbólico, e por isso talvez seja necessário trazer para a discussão questões concretas, a fim de melhor elucidá-los. Para tanto, um caso recente e amplamente difundido nos meios de comunicação pode ajudar a refletir sobre os conceitos de gênero aqui utilizados, bem como para dar uma certa dimensão dos resultados práticos das relações de gênero e poder em nossa sociedade.

NA SEMANA passada [dia 22 de outubro de 2009], em São Bernardo, uma estudante de primeiro ano do curso noturno de turismo da Uniban (Universidade Bandeirante de São Paulo) foi para a faculdade pronta para encontrar seu namorado depois das aulas: estava de minivestido rosa, saltos altos, maquiagem – uniforme de balada. O resultado foi que 700 alunos da Uniban saíram das salas de aula e se aglomeraram numa turba: xingaram, tocaram, fotografaram e filmaram a moça. Com seus celulares ligados na mão, como tochas levantadas, eles pareciam uma ralé do século 16 querendo tocar fogo numa perigosa bruxa. A história acabou com a jovem estudante trancada na sala de sua turma, com a multidão pressionando, por porta e janelas, pedindo explicitamente que ela fosse entregue para ser estuprada. Alguns colegas, funcionários e professores conseguiram proteger a moça até a chegada da PM, que a tirou da escola sob escolta, mas não pôde evitar que sua saída fosse acompanhada pelo coro dos boçais escandindo: "Pu-ta, pu-ta, pu-ta" [...]. (CALLIGARIS, Folha de São Paulo, 05/11/2009, online)

O fragmento de texto acima, retirado da coluna semanal do psicanalista Contardo Calligaris no jornal Folha de São Paulo, traz um resumo da história que, ao contrário do que mencionado pelo articulista, não terminou no mesmo dia. A história ainda teria outros desdobramentos não menos violentos e discriminatórios, mas desta vez promovidos pela própria instituição de ensino superior: a jovem foi expulsa da universidade. O anúncio da expulsão foi publicado pela Uniban nos jornais paulistas, e amplamente discutido pela mídia nacional. Reproduzo abaixo uma das notícias publicadas sobre o fato:

A Uniban publicou anúncio em jornais de São Paulo deste domingo (8) em que **afirma ter decidido expulsar a aluna Geisy Arruda, 20, hostilizada por colegas no dia 22 de outubro.** A estudante foi xingada nos corredores da universidade, em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo), por usar um microvestido rosa. O tumulto foi filmado e os vídeos acabaram na internet. Geisy parou de frequentar as aulas – ela está no primeiro ano do curso de turismo. No anúncio, intitulado "**A educação se faz com atitude e não com complacência**", a universidade afirma que a sindicância aberta para apurar o acontecimento concluiu que houve

"flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade" por parte da aluna.

Segundo a nota, **foram colhidos depoimentos de alunos, professores e funcionários, além da própria Geisy, para embasar a sindicância.** Em seu depoimento, a Uniban diz que **"a aluna mostrou um comportamento instável, que oscilava entre a euforia e o desinteresse".**

As imagens gravadas no dia e divulgadas na internet também foram analisadas, e **os alunos identificados foram suspensos temporariamente das atividades acadêmicas.**

A universidade afirma que **a aluna frequentava a unidade com trajés inadequados** "indicando uma postura incompatível com o ambiente" e **chegou a ser alertada sobre o assunto, mas não mudou o comportamento.** No dia do acontecimento, segundo a Uniban, **Geisy percorreu percursos maiores para aumentar sua exposição, "ensejando, de forma explícita, os apelos de alunos".**

"A atitude provocativa da aluna buscou chamar a atenção para si por conta de gestos e modos de se expressar, o que resultou numa reação coletiva de defesa do ambiente escolar." Em entrevista ao blog do jornalista Josias de Souza, o advogado da reitoria da Uniban, Décio Lencioni Machado, disse que a aluna **"sempre gostou de provocar os meninos. O problema não era a roupa, mas a forma de se portar, de falar, de cruzar a perna, de caminhar".** (Folha Online, educação, 07/11/2009, grifo meu)

Tanto o episódio lamentável ocorrido no dia do fato quanto os desdobramentos deste trazem à tona não apenas um caso de discriminação e violência contra a mulher, mas, sobretudo, a constatação de que tais atitudes foram tomadas com base no entendimento de que a aluna tivera uma postura desviante em relação ao que é esperado de um comportamento feminino "legítimo", tanto nas atitudes dos alunos quanto na conduta da instituição de ensino – da qual todos fazem parte e onde os fatos aconteceram. Mais do que isso, coloca em evidência as convenções de gênero que nortearam as atitudes e julgamentos de valores, e que se configuraram nas relações de poder e de desigualdade que estiveram a orientar tais comportamentos e sanções. O desvio estava marcado no corpo e sexo desta mulher, mas estava amparado, fundamentalmente, no que "significa" ser mulher em nossa sociedade, aos atributos e valores que este termo carrega; diz respeito ao que está associado ao feminino.

1.3.1 Do masculino ao feminino, a heteronormatividade como guia

No Ocidente, o padrão social predominante parte do pressuposto de que os sujeitos nascem homens ou mulheres – e com isso têm seus gêneros orientados respectivamente para seus atributos equivalentes (homens/fortes, mulheres/sensíveis, por exemplo) – e são, essencialmente, heterossexuais. A partir dessas primeiras "certezas", construídas como inatas, as conformações das relações sociais se forjam e se estabelecem como um padrão que prevê,

entre outras coisas, relações afetivas e sexuais entre sexos diferentes (e com funções sexuais e sociais distintas), sustentadas em relações conjugais formais (civis e religiosas) e monogâmicas, com objetivos procriativos e de constituição de parentescos baseados em laços de sangue. A esse padrão alguns estudiosos têm chamado de heteronormatividade, cuja base fundadora é a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003a). Implícitos a estas conformações estão os parâmetros que dizem respeito a marcadores sociais tais como gênero, classe, sexualidade e religião hegemônicos, que constituem o centro a partir do qual as relações *a priori* se organizam: sujeitos e atributos masculinos, brancos, classe média, heterossexuais, judaico-cristãos. Esses atributos, tomados como o parâmetro do “normal” para a constituição das normas que regem o social, segundo alguns teóricos, acabam por constituir uma hierarquia social excludente que pode ser compreendida por meio da imagem de uma pirâmide de distribuição de poder, cujo topo é constituído pelo masculino hegemônico mencionado e a base, por atributos que remetem ao que se coloca no pólo oposto (como mulheres, gays, lésbicas, negros, pobres, etc.) (RUBIN, 1993). “Afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico” (LOURO, 2003, p. 44).

Ao tomar gênero como uma categoria analítica (SCOTT, 1990) é possível compreender o caráter relacional em que a diferença se constitui, “passando a ser vista como uma atribuição que é feita a partir de um determinado lugar” (LOURO, 2003, p. 48). O que significa ser homem ou mulher, assim como o entendimento de que se nasce naturalmente heterossexual, é algo praticamente inquestionável no senso comum e, também, em grande parte das investigações científicas reconhecidas como “legítimas” em nossa cultura. Mas é igualmente pouco questionável a posição de menos-valia dos lugares sociais ocupados por aquelas e aqueles que não correspondem ao padrão hegemônico, seja de gênero, seja de classe, sexualidade, etc., apesar de alguns avanços em distintas esferas da sociedade.

Os conceitos normativos “põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido de masculino e feminino” (SCOTT, 1990, p. 14). A universalidade e estabilidade dos gêneros, assim como das posições de sujeito que normatizam as convenções sociais, “resultam de uma história que tem sido constantemente reiterada – e por isso parece tão verdadeira – do mesmo modo que a posição do ex-cêntrico (*sic*) não passa de uma elaboração que integra esta mesma história” (LOURO, 2003, p. 43). Nessa história, a produção do feminino esteve sempre associada ao privado, ao lar, ao sexo como sinônimo de

procriação, à fragilidade, à sensibilidade, à passividade, à subordinação sempre em relação ao seu oposto e centro normativo: o masculino, sinônimo de público, do sexo como sinônimo de instinto e prazer, de força, virilidade, atividade, provimento, entre outros.

Refletir acerca de um padrão heteronormativo pode ajudar a compreender “as diferenças de gênero e sexualidade que são atribuídas às mulheres ou aos sujeitos homossexuais [...] que são significadas e marcadas discursivamente.” (LOURO, 2003, p. 47). Para Butler³⁷ (apud LOURO, 2003, p. 47) “a diferença sexual [...] não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de algum modo, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Levando em conta a heteronormatividade, percebe-se que nas relações de gênero e poder “o masculino se constitui como condição primeira, que subordina o feminino em relação hierárquica. Os modos masculinos coincidem com a norma mais geral; recrudescem sua posição reafirmando o feminino como desvio, inadequação, falta” (FRAGA, 2003, p. 102). Pelo padrão heteronormativo vigente, Geysel, a estudante da Uniban, cometeu um “crime contra os costumes”: através de seu comportamento, feriu as normas sociais (e institucionais), demonstrou que se portava inadequadamente, uma vez que as mulheres em nossa cultura não devem exibir seus corpos “sensualmente” adornados e indicar “desejos” sexuais, principalmente em público. Fora do par oposto e binário estabelecido nos papéis de masculino e feminino, o desvio se instala, e as sanções – por menos civilizadas que sejam – se impõem como legítimas. Os colegas de Geysel alegavam que “ela merecia”, e a atitude da Universidade só fez corroborar tal opinião. Segundo a instituição, eles e elas (os colegas de Geysel) agiram em defesa da honra, reivindicavam a moral e a ética que estava sendo ferida por aquela “desviante”. A clara referência de que o “problema” está situado nas convenções de gênero está posto nas justificativas da Uniban quando afirma que a **“a aluna freqüentava a unidade com trajés inadequados ‘indicando uma postura incompatível com o ambiente’ e chegou a ser alertada sobre o assunto, mas não mudou o comportamento.”** Havia, segundo os membros da instituição, um comportamento oposto ao esperado, não apenas pelas vestes, mas pela **“forma de se portar, de falar, de cruzar a perna, de caminhar”**, com o qual a universidade já manifestara desacordo, não sendo “obedecida” pela aluna. A Uniban conclui que tais modos inadequados demonstravam algo ainda mais repreensível, ou seja, **“aumentar sua exposição, ‘ensejando, de forma explícita, os apelos de alunos’”** o que resultou, necessariamente, na sanção “legitimamente” aplicada a ela, seja

³⁷ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

pela violência verbal, pelas ameaças físicas, pela desqualificação moral empreendida pelo corpo de grande parte dos alunos, seja pela ratificação dessas atitudes por parte da instituição de ensino. A confluência do pensamento e o compartilhamento de valores entre os alunos e a universidade também justifica a não punição dos atos abusivos, violentos, discriminatórios e criminosos praticados pelos estudantes. Pela lógica vigente, a universidade entende que o crime não está nas ações praticadas pelos alunos e previstas em lei na sociedade brasileira (ameaça, discriminação, violência física e psicológica, ameaça de estupro, linchamento, etc.), mas sim nos atos “ímorais” de Geysel, esta sim, responsável inclusive pelos comportamentos nada civilizados praticados por seus colegas. Entretanto, pela gravidade dos fatos, e em especial pela postura da instituição de ensino superior, este caso gerou um intenso debate na sociedade. Os movimentos feministas foram um dos grandes articuladores de moções de repúdio, assim como outros grupos sociais, políticos e intelectuais encorporaram o coro e acirraram o debate que ganhou amplo espaço também junto à grande mídia. A partir das intensas manifestações dos grupos sociais, a Uniban, dias depois, voltou atrás e desistiu de expulsar Geysel. Contudo, as marcas causadas tanto na estudante quanto na sociedade permaneceram como um reflexo das práticas discriminatórias baseadas em convenções de gênero e sexualidade.

Historicamente, nos casos de crimes sexuais – contra mulheres e contra homens homossexuais – os tribunais, via de regra, buscam na conduta das vítimas a justificativa para os crimes. São estes os casos mais emblemáticos da justiça, pois marcam o único espaço onde a palavra da vítima é invariavelmente posta em dúvida em relação a do possível agressor. Prova disso encontra-se nos muitos acórdãos judiciais brasileiros que, em geral, têm grande dificuldade de culpabilizar criminosos sexuais – em especial quando estes possuem relação direta com as vítimas, como por exemplo, os “maridos”, “companheiros” estupradores. Afinal, “servir sexualmente” ao marido, assim como ao parceiro numa relação homossexual, é uma obrigação que independe do desejo (da esposa – ou do companheiro cujo papel seja “passivo” na relação sexual), pois o desejo é do plano do masculino, ou do papel masculino na relação em questão, cabendo ao feminino uma condição de subordinação que não pressupõe querer.

Voltando ao caso Uniban, chama atenção o fato de que as posturas – tanto dos alunos quanto da instituição – revelaram muito claramente as convenções de gênero prevalentes. A própria universidade, uma das instâncias de poder e de saber de nossa sociedade, demonstrou estar constituída e atravessada por convenções e representações hegemônicas de gênero, sendo estes os valores que nortearam a produção das desigualdades instituídas também no

desfecho do caso. Mais do que um fato “corriqueiro” de violação dos direitos da mulher, há neste caso uma discriminação de gênero que demonstra que na cultura Ocidental o feminino possui atributos menos valorados. A análise final do artigo de Calligaris, que compartilho agora, permite uma melhor compreensão sobre o fato de que o que está em jogo não é a categoria biológica mulher, mas o gênero feminino:

[...] Entre esses boçais, houve aqueles que explicaram o acontecido como um "justo" protesto contra a "inadequação" da roupa da colega. Difícil levá-los a sério, visto que uma boa metade deles saiu das salas de aula com seu chapéu cravado na cabeça. Então, o que aconteceu? Para responder, demos uma volta pelos estádios de futebol ou pelas salas de estar das famílias na hora da transmissão de um jogo. Pois bem, nos estádios ou nas salas, todos (maiores ou menores) vocalizam sua opinião dos jogadores e da torcida do time adversário (assim como do árbitro, claro, sempre "vendido") de duas maneiras fundamentais: **"veados" e "filhos da puta"**. Esses insultos são invariavelmente escolhidos por serem, na opinião de ambas as torcidas, **os que mais podem ferir os adversários**. E o método da escolha é simples: **a gente sempre acha que o pior insulto é o que mais nos ofenderia**. Ou seja, "veados" e "filhos da puta" são os insultos que todos lançam porque são os que ninguém quer ouvir. Cuidado: **"veado", nesse caso, não significa genericamente homossexual**. Tanto assim que os ditos "veados", **por exemplo, são encorajados vivamente a pegar no sexo de quem os insulta ou a ficar de quatro para que possam ser "usados" por seus ofensores**. **"Veado", nesse insulto, está mais para "bichinha", "mulherzinha" ou, simplesmente, "mulher"**. Quanto a "filho da puta", é óbvio que ninguém acredita que todas as mães da torcida adversa sejam profissionais do sexo. **"Putá", nesse caso (assim como no coro da Uniban), significa mulher licenciosa, mulher que poderia (pasmé!) gostar de sexo**. Os membros das torcidas e os 700 da Uniban descobrem assim um terreno comum: **é o ódio do feminino -não das mulheres como gênero, mas do feminino, ou seja, da ideia de que as mulheres tenham ou possam ter um desejo próprio. O estupro é, para essas turbas, o grande remédio: punitivo e corretivo**. Como assim? Simples: **uma mulher se aventura a desejar? Ela tem a impudência de "querer"? Pois vamos lhe lembrar que sexo, para ela, deve permanecer um sofrimento imposto, uma violência sofrida – nunca uma iniciativa ou um prazer**. A violência e o desprezo aplicados coletivamente pelo grupo só servem para esconder a insuficiência de cada um, se ele tivesse que responder ao desejo e às expectativas de uma parceira, em vez de lhe impor uma transa forçada. [...] Agora, devo umas desculpas a todas as mulheres que militam ou militaram no feminismo. Ainda recentemente, pensei (e disse, numa entrevista) que, ao meu ver, o feminismo tinha chegado ao fim de sua tarefa histórica. Em particular, eu acreditava que, depois de 40 anos de luta feminista, ao menos um objetivo tivesse sido atingido: o reconhecimento pelos homens de que as mulheres (também) desejam. Pois é, os fatos provam que eu estava errado. (CALLIGARIS, FolhaOnline, 05/11/09)

Como bem argumenta Calligaris, não se trata apenas daquele corpo marcadamente de mulher o que está em questão, nem mesmo daquela mulher específica, mas sim da associação a tudo que é feminino, que está posto em menor valor, ainda hoje, em nossa sociedade. Esse caso exemplar revela que as práticas e discursos sociais são constituídos de gênero, produzem relações de poder e estão fundados no padrão normativo hegemônico vigente, que é tão poderoso que em muitos casos, como neste, pretende se sobrepor às leis. Revela também as

sanções sociais a que são submetidos todos aqueles e aquelas que de algum modo sejam percebidos como transgressores das normas, e com isso também demonstra mais claramente as regulamentações vigentes que estão muitas vezes implícitas: “[...] ao ousarem se construir como sujeitos de gênero [...] na resistência e na subversão das ‘normas regulatórias’, eles e elas parecem expor, com mais clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas” (LOURO, 2004, p. 18).

1.3.2 Gênero e sexualidade: produtos discursivos produzidos nas e pelas instâncias de poder

Casos como o da Uniban são polêmicos porque colocam em evidência questões que se supunha não mais vigorarem na sociedade. O que está por trás, que usualmente não costumamos investigar, são os códigos simbólicos e os conhecimentos que orientam tais concepções e em geral continuam provocando desigualdades de gênero. Essas desigualdades, quando associadas a outros marcadores, tais como raça, classe, geração e sexualidade, tendem a produzir discriminações e todo o tipo de violência, muitas vezes só perceptíveis em eventos de grande divulgação ou naqueles considerados “problemas privados”. Problematizar “as normalidades” da cultura é um bom caminho para que se possa compreender como tais relações de poder se estabelecem. Investigar as convenções de gênero significa de fato problematizar a construção da desigualdade naquilo que está posto de modo mais sutil e banalizado numa cultura. É ir ao encontro dos micro-universos e tentar perceber de que maneira as diferenças são transformadas em desigualdades. Deste modo, a perspectiva teórica aqui adotada

[...] supõe, portanto refletir sobre as relações entre os sujeitos e grupos, significa analisar conflitos, disputas e jogos de poder historicamente implicados nesses processos. Supõe, também, reconhecer que vários embates culturais são levados a efeito cotidianamente, em muitas instâncias pedagógicas. Não apenas na escola, mas também na mídia, no cinema, nas artes, nas campanhas de saúde, nos informes médicos, nos parlamentos, nos tribunais, etc. (LOURO, 2003, p. 48).

Por esse prisma, a linguagem é um caminho que permite compreender também como os gêneros são dotados de sentido, e os reflexos disso nas relações de poder e de saber. Pela linguagem também podemos perceber a normatização do masculino como a forma genérica para se referir a homens e mulheres. Ela também é o primeiro modo de instituir significados

aos gêneros e demarcar os lugares destes nas sociedades “não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos” (LOURO, 1999, p. 67). Não por acaso os meninos recebem os adjetivos mais valorados, como forte, corajoso, ativo, e as meninas, ao contrário, aqueles que indicam fragilidade, delicadeza, afetuosidade. Também a noção de “poder é fundamental para a apreensão e compreensão do por que alguns signos são dominantes e outros não o são e algumas práticas são consensuais e outras não” (BONETTI, 2007, p. 27). As instituições, os símbolos e os conhecimentos sociais são as chaves para que se possa perceber como se estabelecem os modos como os sujeitos “fabricam” suas identidades de gênero – “como aprendem a se reconhecer como homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem” (MEYER, 2003, p. 17), bem como perceber como estão dispostas e valoradas as posições de sujeito nas hierarquias sociais.

Investigando as relações e práticas, bem como os discursos produzidos nas instâncias de poder e de saber, pode-se não apenas compreender os modos como estas produções se inscrevem no social, mas fundamentalmente compreender “o trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável [que] é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’” (LOURO, 2004, p. 16). Desnaturalizando as banalidades, esmiuçando as práticas, as instituições e os saberes produzidos encontramos chaves importantes para problematizá-las, desvelá-las e, quiçá, desestruturá-las.

Para desnaturalizar as tão arraigadas certezas sobre sexo, gênero, sexualidade, e, fundamentalmente, os modos pelos quais os marcadores sociais foram se estabelecendo nas convenções sociais, um caminho possível é tentar resgatar os modos como estas construções foram operadas na cultura – em lugares, tempos e contextos históricos.

A primeira certeza a ser desconstruída diz respeito ao fato de que desde “sempre”, ou desde a origem da humanidade, “naturalmente” houve distinção entre dois sexos biológicos (macho e fêmea) nos seres humanos:

Até o início do século XIX, conforme conta Laqueur, persistia o modelo sexual que hierarquizava os sujeitos ao longo de um único eixo, cujo *telos* era o masculino; portanto, entendia-se que os corpos de mulheres e de homens diferiam em “graus” de perfeição. As explicações da vida sexual apoiavam-se na idéia de que as mulheres tinham, “dentro de seu corpo”, os mesmos órgãos genitais que os homens tinham externamente. Em outras palavras, “as mulheres eram essencialmente homens nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – havia resultado na retenção, interna, de estruturas que nos machos eram visíveis (LAQUEUR, 1990, p.4). A substituição desse modelo (de um único sexo) pelo modelo de dois sexos opostos, que é o modelo que até hoje prevalece, tem de ser entendida como articulada a mudanças epistemológicas e políticas (LOURO, 2004, p. 77).

Como se percebe, até mesmo esta “verdade”, considerada no senso comum como incontestável, foi igualmente produzida na cultura através de discursos que até hoje estão a orientar os padrões e normas sociais de comportamento vigentes. Num processo de constante movimento – característico da cultura – essas transformações foram se constituindo em processos políticos e históricos

[...] formulações filosóficas, religiosas e teóricas ligadas ao Iluminismo; novos arranjos entre as classes sociais decorrentes da Revolução Francesa e do conservadorismo pós-revolucionário; mudanças nas relações entre homens e mulheres, vinculadas ao industrialismo, à divisão sexual do trabalho, bem como às idéias de caráter feministas então em circulação, são algumas das condições que possibilitaram essa mudança de paradigmas. Mas, como afirma Laqueur (1990, p. 11), “nenhuma dessas coisas *provocou* a construção de um novo corpo sexuado. Em vez disso, a reconstrução do corpo é, ela própria, intrínseca a cada um desses movimentos”. Portanto, é possível dizer que novos discursos, outra retórica, outra *episteme* se instalam e, nessa nova formação discursiva, a sexualidade passa a ganhar centralidade na organização da sociedade (LOURO, 2004, p. 78, grifo original).

As transformações epistemológicas às quais se refere Louro transformaram os paradigmas ocidentais do conhecimento sobre a humanidade e sobre as relações sociais, e foram (como continuam sendo) produzidas discursivamente, atreladas aos modos de conhecimento e legitimidades das instâncias e sujeitos produtores desses saberes. E naquele contexto temporal, as políticas de Estado igualmente estão incorporadas, em especial nas décadas finais do século XIX, quando os controles sobre as populações, a busca por garantias sobre os processos de vida e de morte, bem como a produtividade dos povos, tornaram-se centrais. A partir de então, passaram a investir na disciplinarização e regulação da família, da reprodução e das práticas sexuais (LOURO, 2004), levando em conta as produções e saberes intensamente produzidos sobre estes campos no período. As produções iniciadas neste tempo são as bases das normas, das hierarquias sociais e dos saberes reconhecidos até hoje como legítimos.

[...] os homens vitorianos, médicos e também filósofos, moralistas e pensadores fazem “descobertas”, definições e classificações sobre os corpos de homens e mulheres. Suas proclamações têm expressivos e persistentes efeitos de verdade. A partir de seu olhar “autorizado”, diferenças entre sujeitos e práticas sexuais são inapelavelmente estabelecidas. Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas [afinal, o saber era um campo legítimo apenas para os homens]; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que o comportamento das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenha se constituído na referência para estabelecer as práticas moralmente apropriadas ou higienicamente sãs. Tipologias e relatos de casos, classificações e minuciosas hierarquias caracterizam os estudos da nascente

sexologia. Busca-se, tenazmente, conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, regradar e disciplinar a sexualidade. Produzem-se discursos carregados da autoridade da ciência. Discursos que se confrontam ou se combinam com os da igreja, da moral e da lei (LOURO, 2004, p. 79).

As bases do pensamento vigente do período estavam relacionadas ao “essencialismo”, que é “o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior [...] e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 43). No cerne desses conhecimentos, “o terreno dos gêneros e da sexualidade são dimensões tidas como ‘essenciais’, ‘seguras’ e ‘universais’ que, supostamente, não podem/não devem ser afetadas ou alteradas” (LOURO, 2004, p. 23).

As diferenças de classe e de raça também marcaram o pensamento moderno e contribuíram com os contornos das normas hegemônicas que foram se produzindo. Como “Foucault argumentou, a própria idéia de ‘sexualidade’ como um domínio unificado é essencialmente uma idéia burguesa, desenvolvida como parte da auto-afirmação de uma classe ansiosa para diferenciar a si mesma da imoralidade da aristocracia e da promiscuidade supostamente irrestrita das classes inferiores” (WEEKS, 1999, p. 55). Gênero, classe, raça e geração eram, portanto, marcadores que estavam articulados aos regimes políticos, de poder e de saber que se formulavam no âmbito do pensamento dominante moderno, e como tal, não sem contestações e permanentes tensionamentos oriundos dos grupos que estavam (ou sempre estiveram) subordinados ou postos em desvio, davam os contornos das normas sociais hegemônicas que até hoje são tomadas como “naturais”.

É sobre estas bases, entre outros tantos elementos políticos e de poder, que se instaura a perspectiva da heterossexualidade compulsória, haja vista que a construção desta sexualidade como legítima, “normal”, foi igualmente produzida na cultura com fins de definir seus limites, e principalmente, o que seria o seu desvio: “será, sem dúvida, uma surpresa para muitas pessoas saber que uma definição de ‘heterossexualidade’ como sendo a norma foi forçada precisamente pela tentativa de definir a homossexualidade, isso é, a forma ‘anormal’ de sexualidade [...]” (WEEKS, 1999, p. 61). Weeks também explica o contexto do surgimento das nomenclaturas heterossexualidade e homossexualidade, cunhadas pela mesma pessoa, Karl Kertbeny, no ano de 1869, e desenvolvida no âmbito político do período em que estava em pauta a questão da reforma sexual, em particular, a revogação das leis anti-sodomistas (WEEKS, 1999). A princípio, esta formulação entendia a homossexualidade como uma forma distintiva de sexualidade, como uma variante benigna, e a distinção foi produzida com o

propósito de nominar mais claramente a até então “potente mas imprecisa e mal definida noção de sexualidade normal (aparentemente, outro conceito usado pela primeira vez por Kertbeny)” (WEEKS, 1999, p. 62). Nesse contexto histórico, segundo o autor, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo (prática existente em todos os tempos e de valor e interpretação variáveis a cada tempo e contexto histórico) era circunscrita à categoria ‘sodomia’, tida como um conceito geral e como um potencial em toda a natureza pecadora. O processo histórico e cultural de produção de significação destas distinções sexuais binárias (inclusive como sendo as únicas possíveis, unas e universais) passa a ser então um processo político e de distinção dos lugares sociais destas categorias e, mais do que isso, das normas que regem o social.

O desenvolvimento desses termos [heterossexualidade e homossexualidade] deve ser visto, por conseguinte, como parte de um grande esforço, no final do século XIX e começo do XX, para definir mais estreitamente os tipos e as formas do comportamento e da identidade sexuais; e é nesse esforço que a homossexualidade e a heterossexualidade se tornam termos cruciais e opostos. Durante esse processo, entretanto, as implicações das palavras mudaram de forma sutil. A homossexualidade, ao invés de descrever uma variante benigna da normalidade, como, originalmente, pretendia Kertbeny, tornou-se, nas mãos dos sexólogos [...] uma descrição médico-moral. A heterossexualidade, por outro lado, como um termo para descrever a norma até então pouco teorizada, passou, lentamente, a ser usada ao longo do século XX – mais lentamente, devemos notar, do que a palavra que era seu par. Uma norma talvez não necessite de uma definição explícita; ela se torna o quadro de referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos. (WEEKS, 1999, p. 62).

Assim, forjou-se também a premissa

bastante consagrada [que] costuma afirmar que determinado sexo (entendido, nesse caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo [sexual] ou induz a ele. Essa seqüência se institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade (LOURO, 2004, p. 80).

É a partir desta premissa que os sujeitos são entendidos nas convenções de gênero e sexualidade, e esta é a base da heteronormatividade que rege as normas comportamentais ocidentais a partir das quais todos aqueles e aquelas incapazes de corresponder a elas passam a ser julgados, estigmatizados, discriminados e postos em lugares de exclusão social. Articulada aos marcadores raça, classe, etnia e geração, entre outros, sinaliza as posições de sujeito mais ou menos valoradas. Deste modo, compreende-se a pirâmide social já referida.

Como se pode perceber, a formulação das convenções de gênero e sexualidade está intimamente relacionada às instâncias de saber e de poder, e é partir destes e de outros saberes

e instâncias que foram igualmente se legitimando historicamente que estas diferenças foram sendo produzidas como desigualdades. Investigar essas instâncias, bem como os discursos e saberes nelas produzidos, nos dá pistas dos modos como até hoje alguns pressupostos permanecem, outros se transformam e as desigualdades se produzem ou não. Analisar em cada contexto as formas como as afirmações e negações são geradas, como as relações de poder se estabelecem e sobre quais pressupostos os saberes se constituem e se legitimam permite colocar em xeque as naturalizações que implicam, em última instância, violações constituídas a partir da intolerância à diferença.

Um olhar sobre os sentidos que adquirem os sujeitos, as atividades por eles desenvolvidas nas interações sociais, levando em conta a participação das instituições como elementos perpassados por relações de gênero e poder, está contemplado nesta proposta de estudo. Por essa ótica, essa investigação inicia na busca do entendimento de “como cada sociedade organiza os seus sistemas de valores de gênero e como tais sistemas implicam ou não em estruturas de desigualdade” (BONETTI, 2007, p. 23). Igualmente visa à compreensão das complexas tramas sociais da inter-relação entre gênero, poder e conhecimento.

1.3.3 E o que tem o jornalismo a ver com isso?

A partir do escopo conceitual apresentado, pode-se perceber pistas sobre as imbricações da mídia e do jornalismo na cultura, em especial, nos modos como os sujeitos aprendem a se constituir e a conhecer as normas comportamentais. Não apenas porque o jornalismo, como conhecimento social, se relaciona diretamente com os saberes legítimos e produzidos nas instâncias de poder, mas também porque a mídia participa dos processos didáticos de explicação dos conhecimentos que devem ser partilhados e tomados como norteadores da sociedade. Não apenas porque a mídia é um dos sistemas de representação social mais evidentes, e com isso tem ingerência direta nas configurações das convenções sociais, mas também porque isso acontece em razão de as representações sociais, segundo Charaudeau, possuírem três funções intimamente ligadas e que, como tal, estão postas nos discursos midiáticos, sendo estas:

a de organização coletiva dos sistemas de valores, que constituem esquemas de pensamento normatizados próprios a um grupo; a de exibição, diante de sua própria coletividade, das características comportamentais do grupo (rituais e lugares-

comuns) com fins de visibilidade, pois os membros do grupo têm necessidade de conhecer o que compartilham e o que os diferencia dos outros grupos, para construir sua identidade; a de encarnação dos valores dominantes do grupo em figuras (indivíduo, instituição, objeto simbólico) que desempenham o papel de representantes da identidade coletiva (CHARAUDEU, 2006, p. 116-117).

Fundamentalmente é importante chamar a atenção para o fato de que também a mídia e o jornalismo estão constituídos por gênero e produzem relações de gênero e de poder que resultam em saberes acerca disso. Investigar os modos como o jornalismo está perpassado por gênero é o primeiro caminho para entender como o jornalismo acaba contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações hegemônicas de gênero que, em última instância, refletem a existência de um padrão heteronormativo. É perceber o jornalismo, por uma ótica de gênero, relacionado com os modos como se constrói o conhecimento sobre as coisas (e pessoas) do mundo. E se

as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam” os sujeitos, como também são elas próprias produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. De certo modo poderíamos dizer que essas instituições têm gênero, classe, raça (LOURO, 1997, p. 88).

Sendo assim, qual seria o gênero do jornalismo? Para o que compreendo como resposta a esta pergunta, me apóio novamente nas palavras de Guacira Louro e faço analogia direta às teorizações da autora sobre o gênero da escola com o gênero do jornalismo, e da mídia de um modo geral:

[...] a escola [como a mídia e o jornalismo] é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento – e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens. Não lida com qualquer conhecimento, lida, como afirma Jean-Claude Forquin (1993, p. 11), com alguns aspectos da cultura que foram *selecionados* por serem reconhecidos como podendo ou devendo dar lugar a uma transmissão deliberada e mais ou menos institucionalizada - enfim, aquilo que uma dada sociedade considera como digno de integrar o currículo [e também as notícias sobre o cotidiano da vida e do mundo]. Portanto, é possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres [assim como o jornalismo é composto também por profissionais deste sexo], se ocupam de um universo marcadamente masculino – não apenas porque as diferentes disciplinas escolares [bem como os conhecimentos científicos e sociais majoritariamente produzidos em instâncias pedagógicas culturais] se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos. [...] O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola [como o jornalismo] é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição [sobre a mídia] sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino. (LOURO, 1997, p. 89, grifo original)

A constatação de que o jornalismo é masculino está também amparada na pesquisa empírica realizada neste estudo, que permitiu o reconhecimento de que o mesmo é constituído por sujeitos generificados, bem como que todos os procedimentos adotados na produção das notícias estão perpassados por concepções de gênero e por relações de gênero e poder. Como discutirei nos capítulos de análise dos dados de campo, adianto que o fato de os profissionais estarem constituídos por gênero (e também por geração, religião, classe) tem ingerência direta nos modos de produção das notícias e também nas relações hierárquicas, de poder e de prestígio entre eles, bem como as próprias notícias são discursos produzidos com bases em concepções de gênero, e também por esses atributos são valoradas e hierarquicamente dispostas na programação. Das imbricações tanto das concepções como das relações de gênero e poder que se estabelecem no âmbito das produções noticiosas, as notícias – como conhecimentos sociais – acabam refletindo as convenções sociais hegemônicas por sua relação direta com as instâncias de poder e de saber, bem como das influências diretas da cultura nos sujeitos produtores de notícias.

Tais constatações estão fundamentadas tanto pelas perspectivas teóricas adotadas quanto pelo recorte de realidade produzido através da pesquisa empírica. Cabe referir que não se trata de entender este estudo como a única verdade, mas sim de uma constatação situada, percebida num determinado contexto histórico e cultural, e que se reconhece como um conhecimento parcial, limitado e localizado, diferente da ótica masculinista da ciência predominante, que entende a produção do saber (e a ciência como um todo) como objetiva e universalista (HARAWAY, 1995).

No próximo capítulo, compartilho as bases metódicas, bem como os procedimentos adotados neste estudo a fim de elucidar o lugar, os meandros e os modos como a pesquisa foi assentada, desenvolvida e interpretada resultando no todo desta dissertação.

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.
Leonardo Boff, 1999

2 Fundamentos Metodológicos

2.1 A escolha do método

Delineado teoricamente o estudo, o passo seguinte foi encontrar o caminho metodológico que permitisse realizar a pesquisa. A opção por uma investigação de natureza qualitativa foi praticamente inevitável. É nesta perspectiva metodológica que o conhecimento significativo e os comportamentos encontram espaço para serem pensados cientificamente, no campo das ciências humanas e sociais, no qual esta pesquisa se insere:

O principal interesse da ciência social é o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos. Os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduos e deles próprios, são sujeito e objeto de suas pesquisas. Nesta perspectiva, que se opõe à visão positivista de objetividade e de separação radical entre sujeito e objeto de pesquisa, é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam. Estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado (WEBER apud GOLDENBERG, 2007, p. 19).

O método qualitativo é uma escolha pertinente para pesquisas de cunho social, em que a cultura adquire relevância, em especial numa visão mais pluralista, interpretativa, aberta, e que leva em conta as representações culturais e seus significados (DENZIN e LINCOLN, 2006). Tradicionalmente aplicada no campo das Ciências Sociais, esta metodologia também vem sendo cada vez mais uma constante na área da Comunicação que, “por se tratar de uma disciplina ou campo recente, [...] não pode senão apoiar-se e desenvolver-se a partir das Ciências Sociais tradicionais” (LOPES, 1997, p. 90). A proximidade entre a Comunicação e as Ciências Sociais nas questões metodológicas é histórica e pode ser percebida principalmente porque “os métodos em circulação [nas Ciências Sociais] podem ser aplicados à investigação e à explicação de qualquer novo fenômeno social sem que, com isso, deva-se admitir a formação de uma disciplina especial com métodos novos” (LOPES, 1997, p. 93). A

perspectiva qualitativa como método na Comunicação vem crescendo principalmente por ter “como preocupação central descrições, compreensões e interpretações dos fatos ao invés de medições” (MARTINS e THEÓPHILO, 2007, p. 136).

A predominância do recurso descritivo – de pessoas, situações, relatos – é uma das principais características da pesquisa qualitativa (MARTINS e THEÓPHILO, 2007), e se deve à necessidade de gerar dados a partir de “descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos; citações diretas de pessoas sobre suas experiências; trechos de documentos, registros, correspondências; gravações ou transcrições de entrevistas e discursos; dados com maior riqueza de detalhes e profundidade; interações entre indivíduos, grupos e organizações” (MARTINS e THEÓPHILO, 2007, p. 137). As informações possibilitadas por esse tipo de método constituíram fundamento importante para a filiação deste estudo.

Outro elemento que contribuiu para esta opção diz respeito ao fato de que a pesquisa possuía base empírica, com trabalho de campo e abordagem cultural, e foi planejada metodicamente para se desenvolver em etapas - observação, coleta, análise e interpretação dos dados.

Quanto à observação, cabe ressaltar que esta

[...] não se restringe necessariamente à observação empírica, daquilo que estreitamente costumamos chamar de realidade, mas se estende para a observação documental, estendendo-se até mesmo até a observação abstrativa, quando criamos diagramas mentais da rede de conceitos teóricos com os quais estamos lidando, observando suas configurações e modificando-as conforme as necessidades de condução de uma argumentação (SANTAELLA, 2001, p. 186).

Isso significa dizer que nesta pesquisa, a fase empírica foi desenvolvida concomitantemente com a pesquisa bibliográfica, que serviu como norte e suporte teórico.

2.2 As técnicas de pesquisa

Dentre uma gama de possibilidades de natureza qualitativa, a etnografia, método por excelência da antropologia, foi considerada a mais adequada. A etnografia “é um processo de pesquisa no qual o antropólogo detalhadamente observa, registra e empenha-se na vida cotidiana de uma outra cultura – uma experiência rotulada como método do trabalho – e,

então, escreve relatos desta cultura, enfatizando a descrição densa” (MARCUS e FISCHER³⁸ apud BONETTI, 2003, p. 6). Nos estudos da Comunicação ela se destaca por estar “[...] interesada en las formas culturales en el sentido más amplio del término, incluyendo lo cotidiano así como la religión y las artes” (FATTERMANN, 1989; HAMMERSLEY Y ATKINSON, 1983 apud JENSEN e JANKOWSKI, 1993, p. 69). No caso dos estudos no campo da Comunicação, o papel do antropólogo é mais amplo, pois este passa a ser entendido como o pesquisador em trabalho de campo dentro de um método específico (a etnografia). Circunscrevo-me a esta definição.

A base inspiradora e de referência adotada foi o método etnográfico empregado na antropologia interpretativa, surgida a partir de Geertz, que entende a cultura como

uma teia de significados tecida pelo próprio ser humano, pública e compartilhada; é, metaforicamente, um texto que deve ser interpretado [...]. No esquema geertziano, a etnografia tem papel fundamental e a teoria deve tão somente orientar a posição metodológica para a descrição densa, o modo de se chegar aos significados das ações humanas (BONETTI, 2003, p. 5-6).

O propósito desta pesquisa foi o de perceber a criação de significados que estão imbricados tanto na cultura da sociedade geral quanto na cultura específica de uma “tribo”, a dos jornalistas. Mais especificamente, analisar as concepções de gênero dos jornalistas percebendo se e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem na reprodução, manutenção, re-significação ou transformação de padrões de desigualdade, e se expressam a existência da heteronormatividade no jornalismo. Para esta compreensão, era fundamental estabelecer as estratégias e procedimentos que facultassem levar em conta as experiências do ponto de vista do informador (BOGDAN e BIKLEN, 1997). A coleta de dados na pesquisa empírica, portanto, foi subordinada “da forma mais consistente, à questão de pesquisa e às circunstâncias no respectivo campo” (FLICK, 2007, p. 159).

A inspiração na etnografia encontrou no próprio problema de pesquisa sua justificativa. Em especial porque a “perspectiva etnográfica possibilita identificar as convenções de gênero particulares que dotam de sentido as práticas [...] em embate, bem como os diferentes repertórios simbólicos que compõem o contexto político em questão” (BONETTI, 2007, p. 28). Entretanto, por se tratar de procedimento que implica longos períodos de imersão do pesquisador no campo (em torno de um ano), devo ressaltar que esta

³⁸ MARCUS, George e FISCHER, Michael. **Antropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences**. Chicago, The University of Chicago Press, 1986.

investigação não se tratou de uma etnografia, mas, sim, de um recorte etnográfico, num período com duração de onze semanas de pesquisa de campo.

Outras características do método etnográfico foram levadas em conta, sendo definidoras, como por exemplo:

Forte ênfase em explorar a natureza de um fenômeno social particular, em vez de partir para o teste de hipóteses a seu respeito; tendência a trabalhar primeiramente com dados “não estruturados”, ou seja, que não tenham sido codificados no momento da coleta de dados em termos de um conjunto fechado de categorias analíticas; investigação detalhada de um pequeno número de casos, talvez de apenas um caso; análise de dados que envolva interpretação explícita dos significados e das funções das ações humanas, cujo produto assume principalmente a forma de descrições e explicações verbais, com a quantificação e a análise estatística desempenhando, quando muito, um papel secundário (FLICK, 2007, p. 159).

Foi a partir destas concepções do modo de pesquisar que entendi ser possível estudar o objeto empírico. Para tanto, a observação participante, estratégia considerada mais geral da etnografia (FLICK, 2007), foi utilizada na coleta dos dados. Por observação participante

entendemos aquel método en el cual el observador participa en la vida cotidiana de la gente que está siendo objeto de estudio, sea de forma abierta en el papel de investigador, sea de modo encubierto o disfrazado, observando las cosas que ocurren, escuchando lo que se dice y haciendo preguntas a la gente, a lo largo de un período determinado de tiempo (BECKER e GEER, 1957 apud JENSEN e JANKOWSKI, 1993, p. 77).

Em campo, a postura adotada como pesquisadora foi aberta, declarada junto ao grupo, de forma que todos tivessem pleno conhecimento dos objetivos da pesquisa e de que estavam sendo observados nas suas rotinas. Nesta etapa, o foco estava nas rotinas produtivas, com o objetivo de perceber de que forma, rotineiramente, um fato/evento/fenômeno é recortado da realidade social e transformado em notícia, passando por diversas instâncias técnicas e de decisão e por diversos profissionais. Concomitantemente, pretendia perceber a subjetividade e os valores inerentes à cultura profissional dos jornalistas no exercício de suas funções, e o quanto estes valores permeavam ou não as notícias.

Com o objetivo de apreender o jornalista atuando e entre sua “tribo” (TRAQUINA, 2001, 2004, 2005), estudar o âmbito da produção da informação (*Newsmaking*) foi uma perspectiva privilegiada. Esse tipo de estudo circunscreve-se ao paradigma construcionista das teorias do jornalismo, que percebe o jornalista como elemento fundamental na produção da notícia.

A vivência do pesquisador junto ao grupo pesquisado é importante porque é parte constitutiva do processo de produção de conhecimentos sobre o Outro (BONETTI, 2003). No método etnográfico, a ênfase está no processo, e neste o pesquisador se destaca como socialmente situado e, portanto, sua subjetividade também é levada em conta nos momentos tanto de coleta quanto de análise dos dados. É no processo, no trabalho de campo, em contato com o Outro, que o pesquisador passa pelos primeiros exercícios mais complexos de produção do conhecimento, em especial porque este é um conhecimento sobre o Outro. A busca da alteridade é uma constante para quem pesquisa, estando o pesquisador permanentemente posto em questão por si mesmo, pois “segundo Geertz, para se compreender as concepções do Outro é necessário que deixemos as nossas de lado, com a consciência de que esta compreensão será sempre precária, limitada e incompleta” (BONETTI, 2003, p. 7). Na etnografia geertziana,

a alteridade só se pode conhecer precariamente, a partir de todos os filtros condicionadores do olhar do pesquisador. Para Geertz, a alteridade não pode ser completamente apreendida, a sua existência não é tomada como um objeto coeso, fixo e passível de ser explicado a partir da observação. Antes a possibilidade do seu conhecimento pressupõe uma relação intensa entre o pesquisador e o pesquisado. Aqui o Outro é percebido não mais como uma “alternativa a nós”, antes uma “alternativa para nós”. E a relevância da etnografia está na possibilidade de aproximação entre estas duas subjetividades (BONETTI, 2003, p. 6).

Na etnografia, a vivência do pesquisador em campo vem acompanhada de uma sistemática coleta e descrição dos dados através da realização de diários de campo. Eles servem para narrar os fatos ocorridos, mas os registros dos fatos também estão permeados pela subjetividade do pesquisador. Os fatos e sentidos, densamente descritos, compõem o principal espaço de produção das análises. Inspirada na antropologia interpretativa de Geertz é que esta investigação foi realizada, e desta forma a obtenção de dados e sua respectiva análise foram feitas em seus moldes e concepções.

O antropólogo deve fazer uma descrição em profundidade (“descrição densa”) das culturas como “textos” vividos, como “teias de significados” que devem ser interpretados. De acordo com Geertz, os “textos” antropológicos são interpretações sobre as interpretações nativas, já que os nativos produzem interpretações de sua própria experiência. Tais textos são “ficções”, no sentido de que são “construídos” (não falsos ou inventados). Esta perspectiva se traduz em um permanente questionamento do antropólogo a respeito dos limites de sua capacidade de conhecer o grupo que estuda e na necessidade de expor, em seu texto, suas dúvidas, perplexidades e os caminhos que levaram a sua interpretação, percebida sempre como parcial e provisória (GOLDENBERG, 2007, p. 23).

Durante a fase empírica, os diários de campo vão delineando alguns aspectos sobre o posterior tratamento dos dados. Esses dados dizem respeito também aos registros obtidos e analisados, tais como imagens e outros elementos tidos como importantes no contexto. Nesta pesquisa, os dados foram coletados através das anotações presenciais, pontuais, manuscritas em uma caderneta, sobre os fatos que estavam sendo observados no local (na redação e nos demais espaços técnicos e físicos por onde a notícia se processava, nas produções externas das equipes, nos espaços de sociabilidade do grupo, em encontros fora da empresa) durante minha estada, e rememorados e descritos em diários de campo produzidos em arquivos de texto no espaço fora do campo empírico (em casa). Esses diários registravam não apenas os fatos observados, mas também as conversas formais e informais, as posturas, os gestuais, assim como minhas próprias sensações sobre o que estava vivendo em cada momento específico. Também foram registradas as interlocuções feitas com os participantes da pesquisa em outros espaços (tais como as ligações telefônicas, as trocas de e-mail, etc.) e até mesmo as declarações dadas sob solicitação de que não fossem divulgadas (servindo estas apenas para uma melhor compreensão dos fatos, e respeitadas as restrições). Esses registros foram produzidos num esforço de detalhamento máximo e, com o tempo, foram sendo mais e mais esmiuçados à medida que eu adquiria traquejo para desenvolver a técnica. Sobre os diários de campo, volto mais adiante. Antes, passo a apresentar o contexto em que a pesquisa se desenvolveu.

2.3 Universo de Pesquisa

2.3.1 O lugar da pesquisa

A escolha de um programa telejornalístico, em que houvesse espaço para a produção de matérias sobre comportamento, guiou a escolha do objeto empírico da pesquisa. A opção pela mídia televisiva se deu, entre outros motivos, por ser a TV no Brasil um dos veículos mais abrangentes e democráticos em termos de acesso da população às informações cotidianas. É um veículo cujos “programas funcionam também como meios de socialização de saberes e valores” (BECKER, 2006, p. 94). E por este prisma, os noticiários veiculados nesta

mídia adquirem relevância quando se pretende investigar as interlocuções destas informações com os sistemas de valores e a cultura de nosso país.

O primeiro passo para a definição do lugar da pesquisa estava dado no delineamento do veículo TV como lócus de onde as produções jornalísticas seriam observadas. Havia, então, a necessidade de encontrar programas jornalísticos em que matérias sobre comportamento fossem contempladas. Num panorama geral dos noticiários televisivos pode-se observar que cada vez mais a pauta de notícias está ampliada, e que os comportamentos estão presentes, seja imiscuídos em editorias de geral, de saúde, de cidades, entre outras, seja na forma de entretenimento, que cada vez mais é evidente nesses programas. Mas havia necessidade de encontrar um programa jornalístico em que matérias de comportamento fossem praticamente constituintes deste, e em que houvesse espaço e tempo para a abordagem dos temas. Outro quesito observado dizia respeito à abrangência da empresa na qual os programas fossem produzidos, bem como sua relevância e participação histórica e cultural na vida da população atingida. Em termos nacionais, numa breve referência sobre a televisão brasileira, destaco a reconhecida hegemonia da Rede Globo de Televisão, bem como suas intrínsecas relações com a histórica política, social e cultural brasileira. Com 116 afiliadas pelo Brasil, responsáveis por levar a programação da emissora a 98,53% dos municípios brasileiros³⁹, é parte do “sistema Globo, um dos maiores conglomerados de mídia do mundo e a única rede com domínio hegemônico da audiência numa sociedade de grande porte e formalmente democrática” (KUCINSKI, 1998, p. 28).

Entre as principais afiliadas da Rede Globo de Televisão destaca-se a vinculada ao Grupo RBS. A RBS TV, além de ser a mais antiga, compõe sua grade com 85% da programação produzida e gerada pela emissora carioca⁴⁰. Pioneiro no modelo regional de televisão no país, o Grupo RBS tem atualmente a maior rede regional, com 18 emissoras no RS e SC, e “possui o maior percentual de programação local, em torno de 15% a 20%, cujo caráter está intrinsecamente relacionado com a cultura regional.” (JACKS, 1999, p. 250). No Rio Grande do Sul, a relevância do Grupo RBS como importante instituição mediadora e com profundas imbricações na formação da identidade cultural da sociedade gaúcha é destacada pela autora:

Dentre todas as mediações institucionais analisadas – estado, escola, família, meios de comunicação e CTG – que se comungam no sentido de reforçar a identidade cultural regional, o monopólio da RBS vem conquistando cada vez mais espaço,

39 Dados obtidos no site da Rede Globo (www.globo.com, acessado em 15/10/07)

40 Dados obtidos no site do Grupo RBS (www.rbs.com.br, acessado em 15/10/07)

pois além do conhecido poder de penetração da mensagem massiva, é o agente capaz de atualizar os elementos da identidade no jogo padronização/inação, próprio da indústria cultural. Também porque todas as outras instituições buscam sua legitimidade através do espectro midiático, conscientes de que, em certos aspectos, só existe o que “passa na TV”. (JACKS,1999, p. 251)

A relevância da RBS TV e de seus programas, não apenas no estado do Rio Grande do Sul, mas também em Santa Catarina, abrangendo, portanto, grande parte da região sul do Brasil (que compreende também o estado do Paraná), é inegável em termos de comunicação social no país. Sua tradição e sua relação direta com a cultura gaúcha foram elementos definidores para a escolha da RBS, e também sua localização geográfica foi levada em conta, tendo em vista que a mesma está sediada em Porto Alegre, mesmo município do qual sou residente, facilitando, assim, as condições de pesquisa, tendo em vista o período desta e as demais questões pessoais em que a proximidade geográfica foi considerada. A definição pela pesquisa junto a um dos programas da RBS TV se deu desde a formulação do anteprojeto de pesquisa, por ocasião do processo seletivo no mestrado, e cada vez mais foi reforçada durante o percurso de formação acadêmica. Restava saber das possibilidades concretas para realizá-la. Assim, o primeiro movimento foi buscar caminhos de aproximação com a empresa, visando à autorização para freqüentar como pesquisadora as redações de alguns de seus programas jornalísticos.

As negociações com a RBS começaram no início do segundo semestre de 2008, quando expus meus interesses de pesquisa a uma das mais antigas repórteres da empresa, Katarina Luca⁴¹. A jornalista demonstrou interesse pelo assunto e se dispôs a mediar minha aproximação com o então Diretor de Telejornalismo e Produção do Grupo RBS. Durante aquele semestre, eu e Katarina trocamos mensagens eletrônicas algumas vezes, e, segundo ela, a conversa com o diretor de telejornalismo foi produtiva, com o aceite informal do mesmo, restando apenas agendarmos um encontro para oficializar a questão. O próximo passo foi marcar um encontro com referido diretor a fim de, pessoalmente, explicar os objetivos e os modos pelos quais seria realizada a pesquisa, o que ocorreu no dia 03 de fevereiro de 2009. O relato do encontro que marcou a formalização do aceite trago no excerto do diário de campo que segue:

Cheguei na RBS às 10h05min, torcendo para que o diretor de jornalismo estivesse fazendo outra coisa e nem reparasse em meu atraso de 5 minutos. Parece que a prece deu certo. Ao chegar no prédio, passei pela primeira portaria, me identifiquei para uma moça e esta logo ligou para a secretária do executivo, falando de minha presença. Chegando no “telejornalismo”, cruzei uma porta de vidro e encontrei uma nova recepcionista.

⁴¹ Nome fictício, utilizado a fim de proteger a identidade de meus interlocutores, conforme justifico mais adiante.

Identifiquei-me novamente e ela igualmente foi gentil e ligou para a secretária informando minha presença na recepção. Ao desligar, solicitou que eu aguardasse cinco minutos. Consenti e aguardei. Enquanto eu esperava fui observando as movimentações do lugar. As pessoas entravam e saíam com certa frequência. Pude identificar algumas das pessoas que por mim passaram, pois seus rostos eram os mesmos que ilustravam os programas televisivos. Quanto mais o tempo passava e o atraso aumentava, mais ficava nervosa. Sabia que este momento também era de observação, e fiquei tentando perceber tudo. Os modos de vestir eram as coisas mais óbvias de serem percebidas para quem nunca fez uma observação para descrição densa. Então, esta foi uma das formas de olhar que achei mais fácil. Também porque queria saber se naquele ambiente havia algum tipo de formalidade nas roupas que me fizesse destoar de alguma maneira quando eu lá estivesse. Majoritariamente percebi que as pessoas se vestem de forma coloquial. Muito jeans, camiseta e tênis (para os homens), sapatos baixos (mas muitos com barulho de salto) e blusas para as mulheres.

Minha espera de cerca de 35min chegou ao fim quando a recepcionista atendeu ao telefone e logo se dirigiu a mim dizendo que eu poderia passar. Agradei e entrei. Vendo aquela que parecia ser a secretária em sua mesa, perguntei se ela era Zulmira, ela sorriu, me estendeu a mão, cumprimentou e logo se desculpou dizendo que teria de aguardar só mais um minuto, pois o executivo estava recebendo um outro diretor do grupo. Agradei. Ela então me convidou a entrar em uma sala para esperar. Menos de cinco minutos depois de me deixar na sala e sair, Zulmira foi avisada pelo diretor de que eu poderia entrar. Chamou-me e eu fui em sua direção. Ela abriu a porta para mim e ele sorrindo, mas sentado, me estendeu a mão para cumprimentar, no que retribui e sorrindo me apresentei. Ele me convidou a sentar, pediu desculpas pelo atraso involuntário.

Estava mexendo no computador enquanto falava comigo. Nesta mesma posição inicial perguntou, me olhando rapidamente: *tu estás fazendo mestrado no que?* Respondi que na comunicação, na UFRGS. Ele, virando-se para mim, perguntou: *qual tua área de interesse na comunicação?* Respondi que era jornalista de formação, que meu campo era o jornalismo e que meu interesse era em telejornalismo. Então ele passou a me olhar de frente, permanecendo nesta posição até o fim de nosso encontro, e logo me perguntou qual era o meu interesse de pesquisa. Respondi que estava interessada em perceber quais são as concepções de gênero que permeiam as notícias. Expliquei que havia poucas pesquisas que tratavam destes dois temas conjuntamente – gênero e jornalismo – e que também a metodologia de recorte etnográfico não era muito freqüente no campo do jornalismo, ainda mais realizada por jornalistas. Falei que acreditava que algumas transformações na cultura tinham uma participação efetiva do jornalismo; que nos últimos tempos houve mudanças importantes e que o jornalismo era um dos lugares pelos quais essas mudanças se produziam. Disse-lhe que acreditava que os jornalistas tinham papel central, pois eram sujeitos da cultura da sociedade, e que também possuíam uma cultura própria, de uma tribo, e que nesse sentido, entendia que as concepções deles poderiam ser determinantes na produção das notícias. Expliquei que gostaria de fazer uma observação participante, acompanhar as rotinas produtivas, e perguntei se teria algum problema em observar a produção de mais de um programa, e se minha permanência poderia ser de no mínimo um mês.

O executivo me disse que *a casa estava aberta, que eu poderia ficar quanto tempo quisesse, pelo período que achasse necessário*. Apenas me pediu que fosse discreta quanto às coisas que se passavam lá dentro, como por exemplo, não vazarem as pautas do dia seguinte decididas lá dentro. Concordei e disse-lhe que poderia ficar certo de meu compromisso ético. Ele também me pediu que não descrevesse e publicizasse alguns procedimentos e técnicas utilizadas, alguns segredos técnicos que poderiam vazar para a concorrência. Consenti,

assegurando-lhe que ficasse sossegado. Perguntei-lhe se poderia participar de todos os processos de produção da notícia, desde as reuniões de pauta, passando por acompanhar os repórteres em matérias na rua. Ele me disse que não poderia acompanhá-los dentro dos carros da empresa, pois havia cláusulas com o seguro que impediam a participação de pessoas não funcionárias dentro, e que no caso de possíveis acidentes, isso traria complicações jurídicas para a empresa. Mas concordou que eu fosse em meu carro, sem nenhum problema. Disse-lhe que entendia, e que de nenhuma forma queria que minha participação na empresa trouxesse problemas. Ele me disse que eu estaria *entrando no coração da empresa, e que sigilo em muitos casos é fundamental*, alegando as questões de concorrência.

Por último, o diretor me perguntou quando eu gostaria de começar. Disse-lhe que pensava em iniciar no final de fevereiro, início de março, tão logo concluísse minhas atividades acadêmicas, para aí então entrar em campo com dedicação total. Ele me pediu que lhe ligasse avisando com uma semana de antecedência para que ele pudesse falar com as pessoas e avisar aos responsáveis pelos programas. Quando terminamos, ele mais uma vez me pediu desculpas pelo atraso, me disse que costumava ser pontual. Disse-lhe que tudo bem, e que agradecia muito ter sido recebida e ter contado com a colaboração dele. Ele me deu seu cartão e disse que aguardaria minha ligação. Agradei, mais uma vez, me despedi apertando-lhe a mão e sai. Quando passei por Zulmira, agradei e disse que voltava no final de fevereiro para começar meu trabalho. Nos despedimos com um aperto de mão. Sentia-me aliviada por ter dado tudo certo, ter conseguido falar o que queria e ter vivenciado uma abertura muito maior do que imaginava. Eu estava realmente bem impressionada com a cordialidade com que fui recebida por todos, em especial pelo diretor, que se mostrou aberto para a pesquisa, escutou minha proposta de trabalho (DC, 03/02/09).

Meu cronograma previa a entrada em campo já na primeira semana de março de 2009. Entretanto, cerca de 15 dias depois das negociações com o diretor, recebo a notícia de sua saída do Grupo RBS. O jornal *Zero Hora* trouxe a informação de que o então Diretor de Telejornalismo, após 24 anos, desligava-se da empresa e em poucos dias assumiria cargo semelhante em um dos canais de TV a cabo da Rede Globo. Em seu lugar assumiria o então gerente de telejornalismo da RBS TV, Denis Lopes⁴². Poucos dias antes de iniciar a pesquisa, me vejo aflita com esta notícia, sem saber se as tratativas anteriores seriam mantidas ou mesmo compreendidas pelo novo gestor. Não restavam dúvidas, novas negociações deveriam acontecer.

Novas tratativas foram feitas com o novo ocupante do cargo, mas sempre intermediadas pela secretária, Zulmira. Primeiro por telefone, com a secretária, e depois por e-mail, explicitarei ao novo diretor os acordos fechados com o anterior e obtive como resposta a reiteração dos mesmos termos. No dia 3 de março, recebi a esperada ligação da secretária executiva perguntando em que data gostaria de começar, e acertamos o início para o dia 5 de março. A partir daí, outras negociações iniciaram, desta vez com os editores-chefes e, posteriormente, durante quase todo o percurso, com os demais membros das equipes.

⁴² Nome fictício.

2.3.2 De alguns dilemas éticos à opção pelo anonimato dos interlocutores

Até a apresentação do projeto desta pesquisa no exame de qualificação, que aconteceu em 22 de junho de 2009, um mês depois da saída do campo, os nomes dos programas e as justificativas da escolha do objeto empírico foram mantidos e os nomes dos interlocutores não chegaram a ser mencionados. Nesta fase do percurso, importante para pensar os novos rumos da pesquisa, não cheguei a ponderar junto à banca os receios de divulgar o lugar onde a pesquisa havia sido realizada, bem como o nome dos interlocutores, apesar destes receios já terem me ocorrido. Entretanto, quando da leitura e análise dos dados de campo, quanto mais eu percebia que as relações de gênero e poder ficavam explícitas, mais comecei a questionar a real necessidade de publicizar a identidade dos interlocutores.

A escolha de um recorte etnográfico que primou pela descrição densa, com grande esforço de minúcias a fim de permitir um detalhamento que expressasse ao máximo aquilo que estava sendo vivenciado, por si só mostrou-se um método revelador. O fato é que o que é relevante das revelações obtidas são as circunstâncias, os contextos, a cultura profissional, as concepções e visões de mundo e a subjetividade no que tange ao plano de valores dos sujeitos, e não os sujeitos em si. Afinal, “não é o nome literal das coisas (aldeia, pessoas), mas antes a descrição pormenorizada da vida social que realça a veracidade de seu relato” (FONSECA, 2007, p. 44). Nesse sentido, fui percebendo que a identidade dos interlocutores era importante, assim como seus marcadores sociais e as interações entre eles, mas que a revelação de seus nomes não necessariamente se impunha como um dado fundamental.

Como um princípio ético, a proteção da identidade dos interlocutores sempre foi norteadora nesta pesquisa, e a premissa de não lhes trazer quaisquer constrangimentos, mesmo involuntários, foi perseguida com afinco. Passei a me ocupar em preservar ao máximo suas identidades, mesmo sabendo que em alguma medida estariam expostas devido à própria escolha metodológica. “Resguardá-los, enfim, de minha imaginação antropológica, das minhas construções, das minhas interpretações” (BONETTI, 2007, p. 36) foi determinante para que pudesse manter o compromisso ético sem perder o cerne da pesquisa e suas principais constatações. Com isso, a decisão pela não divulgação dos programas, em especial daquele que foi objeto empírico, bem como de seus integrantes, foi tomada.

Já a opção de manter o nome da RBS TV se justificou tendo em vista a relevância e tradição desta empresa de comunicação no Rio Grande do Sul, que em muito se distingue e

destaca em relação às concorrentes, em especial na dimensão tradicional de seu papel na cultura e na sociedade gaúcha, conforme já exposto.

Com relação à RBS TV, cabe ainda destacar que o aceite e a abertura com que a empresa recebeu esta pesquisa, contribuindo através de todas as instâncias para que a mesma pudesse ser desenvolvida em todo o seu propósito metodológico, é digno de ser ressaltado devido ao ineditismo desta atitude nesta empresa (que segundo fui informada pela secretária executiva, era a primeira vez que acolhia uma pesquisa deste tipo e desta dimensão de tempo), e também por não ser uma acolhida de praxe das empresas de comunicação em geral, principalmente pelo tempo de duração. As bibliografias a respeito dos estudos de *Newsmaking* (WOLF, 2003; HALL, 1993; TRAQUINA, 1993, 2004; VIZEU, 2008) costumam descrever as dificuldades de acesso aos meios de comunicação para a realização deste tipo de pesquisa e destacam que a permanência dos pesquisadores, quando facultada, costuma ser por períodos muito breves. Deste modo, o aceite para a realização desta pesquisa foi uma contribuição inegável, não apenas para esta mesma, mas em geral para os estudos empíricos que ainda são parcos no campo da Comunicação no Brasil.

As relações de gênero e poder, não apenas entre os interlocutores da pesquisa, mas também entre estes e a pesquisadora, em muitos momentos contribuíam para a reflexão acerca do anonimato. De um modo geral, como pesquisadora naquele universo específico, minha presença era estranhada; pairava uma certa suspeita quanto à minha permanência e acesso aos meandros da empresa como um todo e, em particular, aos meandros das relações de trabalho que envolviam diretamente as pessoas. Desde minha chegada fui questionada quanto à legitimidade de minha estada lá, sendo que um dos principais interlocutores da pesquisa, Samuel, chegou a inquirir mais claramente: *quem te autorizou?* (DC, 08/03/09). Algumas posturas se revelaram demonstrações de força, de poder dos interlocutores sobre a pesquisadora, e por elas muitas vezes me senti intimidada. Estas demonstrações de “força”, com o tempo pude perceber, se tratavam de posturas verticais, comumente tidas como “masculinas”, muito relacionadas àqueles que ocupavam lugares de poder na empresa e que, também a partir destas características, eram temidos e em geral ocupavam lugares privilegiados na hierarquia da empresa. E essas situações de intimidação se agravavam, uma vez que o próprio ambiente da pesquisa foi muitas vezes inóspito, justamente pelo estranhamento e até mesmo constrangimento que minha presença causava. Além de tudo, eu não era uma antropóloga, não possuía grande vivência teórica e sequer prática deste universo particular de pesquisadores. Eu era uma pesquisadora da Comunicação. Também era jornalista de formação – dado que, como pude perceber em muitas manifestações, tornava

minha presença mais aceita entre “meus pares” – o que exigia uma nova perspectiva pela qual teria de me investir no lugar que agora estava ocupando: pesquisadora. As conjunções destes elementos, em especial a primeira incursão numa pesquisa empírica, gerava sensações de desconforto e insegurança, e dadas as condições do campo, não raro mexeram com minhas sensibilidades. Mas mesmo sendo jornalista, também não estava ambientada com as rotinas de um veículo de comunicação, posto que em minha trajetória pessoal nunca havia trabalhado em um, e sim apenas em assessorias de imprensa de ONGs. Esse fator também foi preponderante nos meus próprios estranhamentos quanto a este tipo de espaço de trabalho e suas dinâmicas. Tudo era novo, era estranho. E agora estava lá como pesquisadora. Mais estranho ainda.

Pelo que pude perceber em minha estada naquele universo, a realização de poucas pesquisas deste tipo, que prevejam a permanência do pesquisador por um tempo maior e cujas técnicas primem pela observação participante e pela descrição densa, gerava um estranhamento maior do que o simples desagrado de se ter alguém nos observando e pesquisando em qualquer situação da vida. Mas numa redação de jornalismo, espaço considerado “o coração da empresa”, e justamente numa situação observacional que envolve aqueles profissionais mais acostumados com pesquisar, observar e descrever fatos sociais e produzir relatos de vidas, via de regra, externos a eles, o estranhamento se revelava numa desconfiança quase sombria. A impressão que muitas vezes me acometeu era de que estava num papel de intrusa, e mais do que isso, que minha estada lá de certo modo poderia colocá-los em algum tipo de risco. Mas também outras sensações surgiram, em especial com alguns interlocutores diretos (partícipes dos programas e/ou das instâncias de chefia) e indiretos (demais profissionais da empresa), e que diziam respeito às expectativas do que seria descrito na pesquisa, como se ela pudesse dar conta de dar visibilidade a sujeitos e práticas “invisíveis” e talvez menos valorizadas pelos colegas e pela empresa de um modo geral. Esses elementos vivenciados no campo, aliados ao fato de estar desenvolvendo uma pesquisa junto aos profissionais de uma das maiores empresas de comunicação do país, me fizeram igualmente refletir sobre as implicações de uma possível quebra de expectativas que resultasse num entendimento equivocado quanto à condução da pesquisa.

Que o pesquisador esteja lidando com grupos subalternos ou não, a antropologia da prática, com sua tendência de explorar exatamente aqueles domínios que não são “para inglês ver” trouxe renovados desafios éticos para o estudo etnográfico – desafios que o contrato de “consentimento informado” não resolve. Depois de tudo, se o objetivo do antropólogo é justamente chegar na lógica implícita dos atos, falar dos “não-ditos” do local, adentrar de certa forma no “inconsciente” das práticas

culturais, como podemos imaginar que os informantes prevêm todas conseqüências de seu consentimento informado? [...] Aliás, a dificuldade que “leigos” têm de prever o teor da análise antropológica não se restringe aos grupos populares. Juizes, assistentes sociais, professores e outros profissionais das camadas médias – mesmo reconhecendo que “estão sendo pesquisados” – raramente imaginam que o estilo de suas roupas, sua entonação de voz e atitudes corporais, suas brincadeiras informais ou brigas institucionais podem ser considerados dados relevantes para a análise antropológica (FONSECA, 2007, p. 45).

Em minhas reflexões, temia especialmente que as diferentes compreensões que viriam de meus interlocutores pudessem pôr em xeque o forte senso ético que me acompanhou durante todo o processo. Temia que minha postura ética pudesse ser colocada em questão pelos próprios envolvidos a partir das análises produzidas no texto desta dissertação. Mas o que permanecia, sobretudo, era uma certeza, a princípio instintiva, de que a revelação das identidades dos interlocutores não era uma premissa fundamental, e que seu anonimato não resultaria em perdas. Essas certezas igualmente estavam fundadas no compromisso ético sobre o qual estava estabelecida a pesquisa.

Constantemente, a preocupação em não perder o objeto empírico da pesquisa me acompanhava. Afinal, a opção pelo anonimato poderia incidir no fato de que a pesquisa ficaria impedida de contribuir diretamente com as demais produções que pudessem ser feitas a respeito do mesmo objeto empírico:

Colocar o verdadeiro nome produz um acréscimo nada desprezível à verossimilhança de nossos dados etnográficos. Ainda abre a possibilidade de outros pesquisadores incorporarem estes dados em estudos subseqüentes do mesmo local, usando a monografia precedente como tijolo no edifício duradouro de uma história universal. [...] Pior – todos nós reconhecemos que o uso de nomes fictícios não garante o anonimato aos informantes. Justamente porque a descrição densa depende da riqueza dos detalhes contextuais – tanto do local, quanto do indivíduo – não é difícil para qualquer pessoa próxima aos nossos sítios etnográficos reconhecer cada personagem, que seja nomeado ou não. (Posso mudar o nome oficial do bairro, mas não vou deixar fora o apelido que é tão pertinente ao meu texto e à própria visão do mundo dos moradores: a “Vila do Cachorro Sentado”, por exemplo, ou o “Morro das Guampas”). O pesquisador anda numa corda bamba, procurando garantir a riqueza de detalhes que mantém fidelidade ao texto etnográfico, ao mesmo tempo que exerce uma vigilância constante aos limites éticos de sua ousadia (FONSECA, 2007, p. 44 -45).

E assim como acontece com Fonseca (2007), a mim também “causava arrepios” pensar em colocar os nomes verdadeiros dos interlocutores. Enquanto me deparava constantemente com o dilema de divulgar ou não o local da pesquisa, que significaria divulgar as identidades de meus interlocutores, continuei em busca de experiências que me ajudassem a elucidar as questões. Dividi essas inquietações com minha orientadora, professora Virginia

Fonseca, com a professora de pesquisa qualitativa, Nilda Jacks, além de compartilhá-las cotidianamente com meu companheiro, o jornalista Angelo Adami⁴³, bem como recorrendo a antropólogas⁴⁴ conhecidas, Alinne Bonetti, Heloisa Paim, Nicole Reis, Patrícia Fasano e Claudia Fonseca, com vasta experiência no uso da etnografia como método de pesquisa. Nos contatos, fui percebendo que este dilema não é novo, e que, via de regra, perpassa a produção dos pesquisadores em algum momento. Cheguei a levar minhas dúvidas a um evento⁴⁵ promovido pelo PPGCOM da UFRGS, em que estava presente o professor Guillermo Orozco, cuja vasta experiência em pesquisas qualitativas e produção de saberes no campo da Comunicação são notórias. Compartilhei com ele minhas inquietações, e indaguei-lhe sobre o quanto minha intenção de não divulgação do lugar da pesquisa a fim de proteger a identidade de meus interlocutores poderia significar a perda de meu objeto empírico. O professor Orozco, cordialmente, me acalmou quanto às angústias deste dilema, afirmando que a opção pela não divulgação não traria perda do meu objeto, ressaltando que a riqueza dos dados não se perderia pela opção do anonimato de meus interlocutores e do próprio programa. Em suas palavras, Orozco chamou atenção para o próprio método etnográfico, do qual o texto etnográfico era parte, e como tal estava longe de ser a produção de uma realidade total e inquestionável. Era, sim, a produção de um recorte de realidade percebido através das lentes que compunham a minha própria subjetividade durante todo o percurso. Como tal, a pesquisa toda seria apenas um recorte, cujos elementos teóricos e metodologicamente utilizados para a percepção daquele contexto estavam a produzir um novo discurso a partir de uma interpretação possível daquela realidade, como melhor descreve Marques:

O que o etnógrafo faz é inscrever o discurso social, anotando-o. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado – que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência – em um relato que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. O que o etnógrafo inscreve não é o discurso social bruto, ao qual não tem acesso direto a não ser marginalmente, mas apenas àquela pequena parte (fatos pequenos, mas densamente entrelaçados) que o leva a compreender e tirar grandes conclusões. Mas, ao inscrever o discurso social o máximo que o etnógrafo consegue fazer é uma leitura de segundo grau (a de primeiro grau é específica do nativo) que possibilita, no entanto, um encontro de horizontes entre a inscrição feita, as personagens da inscrição e as interpretações das inscrições, numa espécie de círculo hermenêutico que privilegia tanto a análise da totalidade do

⁴³ Agradeço imenso ao Angelo pelo diálogo permanente que tivemos, pela disposição, pela escuta paciente e as interlocuções profícuas não apenas neste período, mas em todas as etapas do processo.

⁴⁴ Agradeço imensamente os diálogos com as antropólogas Alinne Bonetti, Heloisa Paim, Patrícia Fasano, Miriam Vieira, Nicole Reis e Claudia Fonseca, que em momentos de grande tensão e dúvidas me ouviram, contaram de suas experiências e sugeriram leituras que pudessem contribuir com minhas reflexões.

⁴⁵ O evento *Reunião de Pesquisa* foi um encontro promovido pela disciplina de Pesquisa Qualitativa, sob coordenação da professora Dra. Nilda Jacks, no dia 17 de setembro de 2009, à tarde, na seqüência do Ciclo de Palestras do PPGCOM-UFRGS realizado na manhã deste mesmo dia e que contou com o mesmo professor convidado como palestrante.

fenômeno, como a pesquisa microscópica e fragmentária; tanto os detalhes particulares da inscrição, como sua caracterização (*sic*) genérica (MARQUES, s.d., online).

Foi também nesse período que, entre outros, encontrei o texto “O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’”, da antropóloga Claudia Fonseca. A discussão proposta pela autora evidencia que esta preocupação é uma constante neste modo de pesquisar, e que como tal não possui uma fórmula, e nem mesmo uma única solução possível, mas ressalta que qualquer que seja a opção considerada mais relevante para cada contexto de pesquisa, o que permanece inabalável é o comprometimento ético, em especial o de proteger a identidade dos interlocutores. E na leitura do texto de Claudia Fonseca, fui cada vez mais me certificando de que a busca de um anonimato para os interlocutores da pesquisa poderia ser possível – ainda que jamais completamente plena – com o uso dos pseudônimos e com os cuidados máximos no sentido de dificultar a identificação dos mesmos. Assim, seria, ao mesmo tempo, uma forma pela qual “o anonimato seria a maneira do antropólogo assumir sua responsabilidade autoral *vis a vis* das pessoas que colaboram na pesquisa, além de avançar uma determinada concepção de antropologia” (FONSECA, 2007, p. 49). No referido texto também pude aprender um pouco mais sobre as tensões que vivenciei, e muito mais sobre as relações entre ética, pesquisa antropológica e as conjunções, segundo Fonseca (2007), entre o engajamento vocacional do pesquisador e seu olhar analítico.

Por tudo que foi arduamente ponderado, tomei a decisão de utilizar pseudônimos para os programas da empresa, mesmo para aqueles que não estiveram diretamente sendo observados nas fases da pesquisa, bem como para todos os interlocutores que direta ou indiretamente fizeram parte deste universo, e obtive a concordância de minha orientadora.

A escolha dos nomes dos programas se deu de forma aleatória, e a dos interlocutores obedeceu a um critério onomástico que me facilitasse associação com os correspondentes reais, mas que não será aqui revelado por motivos óbvios. Certamente em algum momento algumas descrições podem ser mais reveladoras, e os envolvidos poderão se identificar e até mesmo identificar outros colegas; entretanto, o compromisso de tentar proteger as identidades é ratificado.

2.3.3 No “coração da empresa”: a fase exploratória

A pesquisa empírica foi realizada em duas etapas, sendo a primeira, exploratória, cujos objetivos eram conhecer o espaço de produção de telejornalismo da empresa, bem como alguns de seus programas jornalísticos, com suas respectivas rotinas e profissionais envolvidos, a fim de, a partir disso, escolher entre os programas aquele que seria o objeto da investigação. A proposta inicial era de, ao tempo que me familiarizava com os programas e seus profissionais, tornar minha presença mais familiar, cotidiana, menos estranha, mais próxima e participante.

Durante a primeira etapa, que ocorreu no período de pouco mais de duas semanas, iniciando no dia 05 de março de 2009, acompanhei três programas jornalísticos da empresa: *Variedades*, *Primeira Visão* e *Semanário*. Nesta fase, procurei me fazer presente em dois momentos em cada um dos programas: as reuniões de pauta (que também eram reuniões de avaliação, e que aconteciam logo após a exibição dos programas) e as rotinas produtivas que se iniciavam logo em seguida. Nesse processo fui tomando contato com as equipes, com as funções, com os modos operacionais, bem como com a disposição física de cada um dos programas, que estavam concentrados num mesmo local: a redação de telejornalismo. Na primeira semana, procurava ir até a empresa todos os dias, e em geral ficava observando um programa seguido do outro, e não raro, dois quase ao mesmo tempo, tendo em vista que por alguns períodos, a produção de dois deles (*Primeira Visão* e *Variedades*) acontecia concomitantemente. Assim, minha estada, em geral, se dava, a cada dia, por cerca de sete horas seguidas, e as anotações deste período se traduziam em muitas descrições. A grande quantidade de dados acrescidos de outras observações mais detalhadas, e que eram conjugadas nos diários de campo produzidos em casa, demandavam muito tempo. Deste modo fui percebendo que a estada diária poderia comprometer a produção dos diários de campo, pois a cada saída de um dia de trabalho *in loco* me sentia física e emocionalmente cansada, e nem sempre tinha condições de retomar a escrita tão logo retornasse para casa. Precisava de tempo, para retomar o que havia vivenciado e para descrever com detalhes. Assim, optei por intercalar minha estada a cada dois dias.

A entrada em campo antecedia o Dia Internacional da Mulher, e havia expectativas quanto às matérias que seriam produzidas. Fiz questão de estar na empresa a tempo de observar como o tema seria abordado e de que forma as matérias seriam concebidas e elaboradas. O primeiro dia foi de contato com os editores-chefes dos programas. A conversa

com o editor-chefe do *Variedades* foi a mais tensa. Fui recebida com formalidade e percebi imediatamente uma posição vertical deste editor durante toda nossa conversa. Durante todo nosso primeiro encontro, o editor-chefe, Ingo Boss, manteve uma postura de desconfiança e, principalmente, parecia não me escutar. Além disso, todo o tempo parecia me dar ordens sobre como eu deveria agir, o que deveria fazer e, principalmente, chamava minha atenção para os mais altos cargos da empresa e para o fato de que eu “deveria” focar a opinião daqueles que os ocupavam. Trago um excerto do diário de campo deste nosso primeiro encontro a fim de elucidar essas considerações:

Hoje, dia 05 de março, cheguei na RBS às 9h. A recepcionista consultou Zulmira por telefone, e ela solicitou que eu aguardasse um momento. A recepcionista me disse que Zulmira teve que dar uma saída, mas que o Ingo Boss me atenderia daqui um pouco.[...] Ele veio até mim e me convidou para entrar. Fomos até a sala de reuniões, a mesma que antecede a sala do sofá em que eu havia aguardado o diretor de jornalismo na primeira vez em que estive na empresa. Sentamos, de frente um para o outro, e ele de imediato me perguntou de onde eu era. Disse que era mestranda da comunicação da UFRGS. Ele sorriu. Disse-lhe que era jornalista de formação, e o sorriso foi aumentado, seguido de dizer: *ah, tá, legal*. Ele perguntou o que eu pretendia. Disse que tinha combinado com o antigo diretor de jornalismo, antes dele sair, que faria uma pesquisa com observação participante, que desejava conhecer como eram as rotinas produtivas e tentar perceber quais as concepções de gênero dos jornalistas e em que medida elas perpassavam as matérias. Ingo fez uma cara de vazio. Depois perguntou: *mas, objetivamente, em que podemos te ajudar? O que tu pretendes fazer?* Eu disse que na conversa para minha entrada falei de meu interesse em acompanhar todo o percurso da notícia, da pauta até a apresentação, e que isso demandaria em algum momento escolher uma notícia e acompanhar também repórteres na rua, mas que nesses casos iria com meu carro, conforme havia combinado. Falei que minha idéia era inicialmente acompanhar os principais telejornais e depois me decidir por um e ficar mais tempo. Falei que pensava em ficar um mês, pelo menos.

Ele disse: *eu acho que não precisa desse tempo todo. Em uma semana vais poder ver tudo*. E completou: *Olha, eu acho que tu tens que falar com o Denis (novo diretor). Tu tens que entrevistar ele também. Precisas saber a posição da empresa. Eu sou o editor chefe do Variedades, e tu tens que falar com o Marco, gerente de produção. Tu tens que falar com os editores chefes dos programas. No Realidade, por exemplo, tu tens que falar com o Danilo*. Consentí. Minha sudorese só aumentava. Enquanto ele falava, incisivamente, eu sentia, de alguma forma, que a saída do ex-diretor tinha me desestabilizado. Enquanto Ingo insistia em dizer que eu tinha que falar com os “manda-chuvas” eu me sentia desautorizada em estar ali, e isso só fazia crescer meu desconforto – suor e tensão.

Lá pelas tantas ele me perguntou: *mas qual é a tua hipótese?* Respondi que gostaria de perceber em que medida as concepções de gênero dos jornalistas estão presentes nas matérias; que entendo que eles são membros da sociedade e que como tal comungam alguns valores e concepções de gênero, e que eu queria ver em que medida a subjetividade estava presente. Falei que a cultura se transforma e que acreditava que havia uma contribuição do jornalismo. Disse que queria ver as concepções da cultura da sociedade e da cultura do grupo nos próprios jornalistas e ver se e como isso perpassava as notícias. Ele me falou: *Claro que as subjetividades existem. E tem isso, tu vais ver que tem a cultura individual e a cultura de grupo*. Em seguida emendou: *Sabe, eu*

*tenho uns amigos que estão fazendo mestrado e doutorado, mas nenhum na área da comunicação. Eles falam sobre esfera pública, esfera privada, e eu digo pra eles: olha, a teoria é uma coisa, a prática é outra. Eu te digo a mesma coisa, aqui tu vais ver que na prática as coisas são diferentes, parecendo querer marcar a distinção entre teoria (lugar da pesquisa) e prática (lugar do jornalismo), e conseqüentemente, do lugar onde cada um de nós estava. Depois ele falou: *Eu pensei que tu tinhas uma tese, do tipo: os jornalistas são do mal! São manipuladores!* Eu sorri e disse: *Não, não tenho essa tese, não. Minha proposta é a que te falei.* E complementei: *quando falo em gênero, não é como sinônimo de mulher, mas sim para pensar relações de poder, a cultura.* Ele falou: *sabe, agora tem o 8 de março. Nós discutimos muito na redação se faríamos alguma coisa. As próprias mulheres da redação foram contra, achavam que não precisava. Acham que marca muita exclusão. Mas daí alguns ponderaram que as pessoas esperam para ver isso. Eu mesmo não tenho dado muita bola para esses dias, do tipo, dia do colono, dia do índio. Acho que é muito excludente. Mas no fim decidiram que vai ter.* Eu perguntei: *e quando vão fazer essa matéria?* Ele: *a repórter está na rua agora fazendo. Amanhã de manhã vão editar.**

Depois perguntei como era a rotina. Ele me disse que as reuniões de pauta acontecem depois do programa terminar. Que nessas reuniões avaliam o jornal e discutem as pautas do dia seguinte. Eu perguntei se poderia então acompanhar a próxima reunião de pauta. Ele concordou. Perguntei se eu poderia chegar pelas 9h para ver a edição, ele disse que sem problemas. Eu pedi desculpas pelo meu estado de suador, disse que estava me recuperando de um problema na garganta. Disse que esperava amanhã estar melhor. Ele disse: *Sem problemas, e vê se te recupera.* Agradei e afirmei que iria estar amanhã às 9h. Ele levantou, eu também. Ele foi em direção à porta e saiu na minha frente. (DC, 05/03/09)

A primeira conversa com o editor-chefe do *Variedades* havia me deixado meio intimidada e, principalmente, insegura. Durante toda nossa conversa, Ingo parecia desconfiar de minhas intenções. Inquietava-me o modo como ele falava comigo, parecia querer me dar ordens e numa posição que parecia hierarquicamente superior (como seu eu fosse uma funcionária dele). Diferentemente da postura do ex-diretor da empresa, primeiro a me atender, Ingo parecia não escutar o que eu pretendia. A única coisa que falei e que pareceu ser escutada – e bem vista – foi o fato de que eu era uma jornalista de formação e de que o mestrado era na área da comunicação.

Parecia haver de parte dele um certo desconforto com o universo acadêmico, com o método e o tempo de duração da pesquisa. Mesmo diante de minhas negativas e explicações sobre os interesses e objeto de pesquisa, a suposição de que minha investigação era norteadada pela hipótese da “manipulação das notícias pelos jornalistas maus” não foi alterada, e foi um elemento presente não apenas nessa conversa, mas também durante todo o tempo da pesquisa. Também ficava claro para mim o quanto falar em “gênero” parecia não fazer sentido, ainda mais nos moldes em que este conceito estava sendo utilizado.

Com as demais editoras, no entanto, a conversa se deu em outros termos, num sentido mais horizontal e de escuta.

Zulmira foi até a redação, chamou a Raquel, editora do *Primeira Visão*, que veio prontamente. Raquel chegou, me cumprimentou sorridente. Zulmira me apresentou, disse que eu estava ali pesquisando, que era a pessoa de quem tinha enviado o e-mail. Ainda um pouco impactada com a recepção anterior de Ingo, falei brevemente para Raquel o que pretendia: que gostaria de conhecer os programas, acompanhar as rotinas e que depois optaria por um deles como objeto empírico. Disse que minha intenção era inclusive acompanhar os repórteres na rua. Ela se apresentou, disse que era editora do *Primeira Visão*, e logo foi me falando de como era a rotina. Disse: *Olha, eu chego aqui às 4h da manhã, dou uma olhada no espelho, vejo o que vai ao ar, se necessário derrubo alguma coisa que não seja factual*. Disse-me o horário que o jornal ia ao ar e explicou que logo depois ela e a apresentadora faziam a reunião de pauta. E completou: *Se tu quiseres vir amanhã para acompanhar a reunião de pauta, pode vir. Até acho que seria legal tu vires um dia na madrugada, ver como eu faço, e ficar por aí. Pode ser interessante, se tu quiseres*. Agradei, disse que sim, que me interessava em vir e acompanhar tudo, e que seria um prazer vir numa madrugada. Ela disse que era *bem tranquilo*. Falou que no final da tarde chegava um editor para noite; que ele ficava responsável por acompanhar os acontecimentos da tarde e início da noite. Disse-me que eu poderia vir um dia e acompanhá-lo também. No final da conversa ela me disse que não era a editora-chefe titular, que seria a Grace, que está de férias e voltaria dia 17, e que ela na verdade era editora-executiva do *Realidade*. Mas que até o dia 17, se eu quisesse ficar por lá acompanhando, por ela estava tudo bem. Acertei que iria então estar lá para a reunião de pauta até às 9h, quando então acompanharia a edição das matérias do *Variiedades*. Expliquei que estava me recuperando de um problema na garganta e que esperava estar melhor. Ela disse que me esperava no dia seguinte, se eu estivesse bem. Despedi-me de Raquel e Zulmira, dizendo que voltaria amanhã.

A conversa com Raquel foi o tempo todo em pé, uma de frente para outra. Ela foi muito despachada, solícita, parecia aberta. Não me fez muitas perguntas, e foi logo falando como as coisas aconteciam, cumprindo minhas expectativas de saber como as coisas funcionavam. Diferentemente de Ingo, que me fez muito mais perguntas, e parecia ter hipóteses sobre minha estada lá, Raquel parecia me escutar e estar mais aberta do que ele. Quando eu falava, ela me escutava. Senti-me muito mais à vontade com ela, e com Ingo, um desconforto. Durante toda a conversa com ele, me sentia não sendo ouvida, por mais que ele me perguntasse muito mais. Fiquei com a nítida impressão de que ele desconfiava, ou talvez, tivesse algumas certezas, como por exemplo, sobre a “hipótese” que ele esperava ouvir de mim (DC, 05/03/09).

Com uma postura horizontal e aberta, e de maneira informal, Raquel escutou os objetivos e acolheu os propósitos para esta fase exploratória que, no caso da decisão por este programa, seria repactuada por ocasião da volta da editora oficial. Senti-me muito mais confortável na conversa com ela, e em nenhum momento ela pareceu desconfiar de mim ou dos propósitos da pesquisa.

No caso do *Semanário*, deparei-me com outro tipo de dificuldade. O editor-chefe saíra no dia anterior em licença para tratamento de saúde. A secretária da diretoria intermediou, no dia seguinte, meu contato com a editora-executiva, com quem conversei por poucos minutos, de forma igualmente horizontal, porém com menos entusiasmo, e acertei iniciar meu acompanhamento junto ao programa no domingo seguinte.

[redação de telejornalismo] Às 11h30 Zulmira me chama e me apresenta Kátia Zank, a editora-executiva do programa *Semanário*. Zulmira me apresenta e pede que eu explique um pouco o que estou fazendo lá, já que meu e-mail não teria sido enviado para ela. Ali me dou conta de que o e-mail que enviei para Zulmira explicando minhas combinações anteriores com ex-diretor, e que serviria para ela explicar ao Denis, na verdade não teria ido apenas para o Denis, mas para todos os editores dos programas. No caso do *Semanário*, teria ido para o Queirós Esteves, editor-chefe que estaria de licença.

Eu explico rapidamente para Kátia o que pretendo com a pesquisa. Digo que quero acompanhar as reuniões de pauta e que gostaria de acompanhar alguma matéria na rua. Ela parece não entender bem meu objeto de pesquisa, mas sucintamente me explica que no dia do programa eles se reúnem e fecham o programa, e que no dia seguinte fazem a reunião para decidir o que farão durante a semana. Eu pergunto se tem alguma matéria sobre o Dia Internacional da Mulher. Kátia me diz que o editor-chefe tinha programado alguma coisa, mas que não deixou nada acertado, e que hoje eles teriam uma reunião em que isso se definiria. Perguntei se poderia participar da reunião, e ela concordou. Perguntei se poderia vir no dia do programa também, no que fui atendida. Eu disse que estaria por lá, que acompanharia a reunião de pauta do *Variedades* e ela me disse que me chamava. Agradei e sai.

Um tempo depois de terminar a reunião de pauta do *Variedades*, espero mais um tempo por Kátia, que não aparece. Então resolvo fazer um lanche no restaurante. Depois volto pra redação para esperar Kátia. Num dado momento ela chega e vai para a mesa. Espero um pouco. Já passa das duas, horário previsto para reunião. Me levanto e vou em direção a ela, que está falando com Quitéria, apresentadora do *Semanário*. Peço desculpas por interromper, cumprimento Quitéria, que sorridente me cumprimenta, e pergunto se vai ter a reunião. Kátia diz que resolveram não fazer mais a reunião. Pergunto se posso vir no dia do programa e combinamos para as duas da tarde. Me despeço e vou embora (DC, 06/03/09).

A fase exploratória durou pouco mais de uma semana. As reuniões de pauta, as relações formais e informais entre os profissionais das equipes (e entre equipes), a produção e exibição dos programas ao vivo foram os primeiros focos. Minha presença na redação de telejornalismo, mesmo espaço dividido por todos os programas da “casa”, foi estranhada não só pelas equipes dos programas observados, mas junto a todos os demais profissionais. Do mesmo modo, meu estranhamento frente a eles. Eles eram o “Outro” pra mim, assim como eu o era para eles. As dificuldades foram evidentes para todos – observados e observadora.

Os que sabiam das razões da minha presença e de meus objetivos mantinham-se a uma certa distância consciente, cordial ou nem tanto; os demais desconfiavam, e levantavam a hipótese de que estivesse a serviço de fins desconhecidos e promovidos pela empresa, principalmente pelo uso de meu bloco de anotações. Minha estada foi comunicada apenas para os editores-chefes dos quatro principais programas jornalísticos, e coube a eles divulgar as razões de minha presença junto a suas equipes. Pelo que pude entender com o passar do tempo, nem todos foram avisados e a maioria (editores de imagem, cinegrafistas, pessoal de operacionalização, boys, etc.) não tinha a menor idéia de quem eu era e do que estava fazendo

ali. Sem saber disso, aos poucos fui sendo surpreendida pelas perguntas e pelas deduções que foram sendo explicitadas. Eu era uma estranha, com um papel no mínimo suspeito, de algum modo repressivo e fundamentalmente observador. Foi nesse período que recebi dois apelidos: DOI-CODI⁴⁶ e Super-Nani⁴⁷, que surgiram justamente a partir do incômodo e da ignorância de dois profissionais quanto aos motivos de minha estada, sobre quem eu era, sobre os meus modos de pesquisar e o que minha presença representaria de fato para eles.

O apelido de DOI-CODI me foi dado no primeiro encontro que tive com um dos principais interlocutores da pesquisa, Kauã:

Kauã, desde que eu saquei meu bloco de anotações, já na chegada, me perguntou o que eu estava anotando, se eu já tinha coisas para anotar. Durante todo o tempo, várias vezes ele me perguntou o que tanto eu anotava. Lá pelas tantas ele me pede para ver meu bloco. Eu mostro. Não satisfeito, num dado momento ele se vira para o Samuel Lindermann, que está na mesa atrás de nós, e diz: *Cuidado! Ela anota tudo o que a gente ta fazendo. Ela é do DOI-CODI!* (DC, 08/03/09).

O apelido DOI-CODI me deixou desconfortável, e foi usado e mantido por Kauã por quase todo o período em que estive junto ao grupo, em especial quando ele queria se referir a mim para outros colegas da empresa, e com isso parecia marcar o seu desconforto com minha presença e modo de pesquisa. Em geral, quando ele me apresentava a alguém, dizia meu nome e por fim me ‘credenciava’ como sendo do DOI-CODI.

Já o apelido de Super-Nani me foi atribuído por um dos editores de imagem. Vendo-me sentada na redação e de posse de um bloco de notas, visivelmente não pertencente às equipes, um dia este editor me abordou, curioso por saber “qual meu papel na empresa” e visivelmente aliviado com a resposta, imediatamente me colocou a par de sua hipótese – a de que eu seria uma fiscal – e me classificou como sendo aquela que estava ali para ver as crianças fazendo ‘arte’.

[redação de telejornalismo] Estou sentada na ponta da mesa, na ilha *Primeira Visão*. De repente, o editor de imagem Paulo vem em minha direção e me pergunta: *O que tu tanto anota aí? Tá todo mundo curioso para saber o que tu tanto anota aí.* Eu sou pega de surpresa e falo brincando: *bom, eu anoto. Qual a tua função na empresa?* Ele se volta pra Bianca, que está atrás de mim, e diz: *Ô Bia, ela tá anotando quem trabalha. Vai passar pro homem depois.* Vejo que Bia, editora do *Variiedades*, está num site de imóveis pesquisando apartamentos. Eu me dou conta de que ele não sabe que estou pesquisando, e que pela pergunta parece desconfiado de que eu esteja anotando a serviço da empresa. Então, explico para ele que estou fazendo uma pesquisa para o mestrado, que é sobre as rotinas produtivas, e que por isso anoto tanto. Digo que até fui

⁴⁶ Uma alusão ao órgão de repressão existente no Brasil no período da ditadura militar (1964-1985) e que foi particularmente muito temido pela imprensa, uma vez que era responsável pela censura prévia de tudo que era produzido nos meios de comunicação.

⁴⁷ Nome da personagem de um seriado estadunidense, exibido no Brasil, cujo papel é intervir junto à educação de crianças sem limites, através de regras estabelecidas junto com os pais.

apelidada por causa disso. Ele me parece aliviado com minha resposta, mas me diz: *Tu é a Super-Nani. Fica aqui vendo as crianças fazerem arte*. Ele se volta para Bia, que está atrás de mim, e diz: *Ela é a Super-Nani!* Depois ele sai e vai sentar ao lado de Bianca (DC, 12/03/09).

De imediato me surpreendi com o fato de que não seria nada difícil perceber as concepções de gênero dos jornalistas. Piadas, referências a pessoas e situações, trocas entre colegas, enfim, todo o cotidiano e relacionamentos entre eles, escolhas de pautas e a forte presença de valores próximos ao senso comum demonstravam que essa tarefa não seria impossível de ser realizada em nenhum dos programas pré-selecionados, e na redação de um modo geral. Cabe novamente referir que, na minha trajetória como jornalista, nunca trabalhei em redação de veículos, e talvez por isso meu estranhamento tenha sido maior, de forma que atitudes rotineiras e cotidianas saltaram aos meus olhos.

As matérias de comportamento também se revelaram centrais para todos os programas observados. As proposições e decisões sobre as matérias se davam principalmente nas reuniões de pauta. Estes eram pontos comuns a todos. Mas as rotinas produtivas, o número de profissionais envolvidos em cada programa e também a acolhida dos profissionais à pesquisa foram fundamentais para definir a escolha.

A periodicidade do *Variedades* e do *Primeira Visão* era a mesma: diária. O foco no factual era outro elemento comum a ambos, apesar de os mesmos também incluírem muitas pautas de comportamento em suas produções diárias, assim como o *Semanário*. A produção de um programa diário, em especial a forma como esta produção era feita, dificultaria minhas percepções das rotinas, uma vez que os procedimentos aconteciam de forma muito rápida. Para observar e descrever todas as etapas de produção de uma matéria (desde a concepção da pauta até a apresentação, passando pela atuação dos repórteres na rua, relação com as fontes, seleção de imagens e sons, edição de texto e de imagem, as relações com as instâncias hierárquicas e de poder nas avaliações e implicações nas matérias, entre outras coisas), as dificuldades seriam imensas. Seria necessário muito tempo em campo para acompanhar todo o processo e compreendê-lo, principalmente diante da impossibilidade de acesso direto aos profissionais para perguntas e interferências que introduziriam alterações nas suas rotinas. Já o *Semanário*, devido à sua periodicidade semanal e, portanto, com tempo maior para a produção das matérias (diluídas ao longo da semana), revelou-se mais factível de ser acompanhado e compreendido. Contou também na decisão o fato de o grupo de profissionais do *Semanário* mostrar-se mais aberto e acessível para respostas e interferências.

O número de pessoas nas equipes foi outro elemento decisivo nesse contexto. Mesmo com a mesma periodicidade e tempo de duração, o *Variedades* e o *Primeira Visão* têm

equipes de tamanhos muito distintos para a sua produção. Enquanto a do primeiro é formada por um editor-chefe, cerca de dez editores de texto, uma equipe fixa de editores de imagem, repórteres e cinegrafistas, entre outros, a equipe do *Primeira Visão* é formado por uma editora-chefe, duas apresentadoras (e durante essa fase, apenas uma estava presente) e um editor de textos (no turno diferente das demais), sendo estas as pessoas responsáveis pela edição de todo o jornal. Apesar de ambos possuírem o mesmo tempo de duração, as diferenças de estrutura entre os dois pareciam, nas palavras da apresentadora do *Primeira Visão*, marcarem uma distinção e hierarquia entre ambos:

[redação de telejornalismo] Falo com Otávia sobre a estrutura do *Primeira Visão*, pergunto se tem o mesmo tempo de duração do *Variedades*, e ela me diz que sim. Digo que percebi que as estruturas são diferentes, que no *Variedades* tem mais gente envolvida. Otávia me diz: *O Primeira Visão é grande, pobre e cedo*. Me explica que o *Primeira Visão é pobrinho, fica com a rebarba, não tem equipe nem editor de imagem próprios*. Ela me conta que há 6 meses tinha apenas a editora-chefe trabalhando nele, e que desde então ela começou a fazer junto com a editora a preparação do programa (DC, 12/03/09).

Já o *Semanário* vivia um processo de reestruturação. O editor-chefe permaneceria afastado por um longo e indefinido período (permaneceu afastado durante toda a minha estada em campo), o que demandou a alternância das suas funções entre dois editores (a então editora-executiva e o ocupante anterior do cargo de editor-executivo, que agora era editor-chefe de outro programa na TV Com⁴⁸). Além disso, tem dois apresentadores fixos que também atuam como repórteres, podendo contar semanalmente com os chamados “repórteres especiais⁴⁹” para a realização de matérias. Tem também um editor de texto (que também é produtor) e um editor de imagens fixo (podendo contar com a colaboração de outros também).

O número de pessoas envolvidas no processo de produção de um programa constituiu outro fator importante no momento de decidir sobre o telejornal a ser estudado. Tanto na equipe maior (*Variedades*) quanto na menor (*Primeira Visão*), a quantidade de profissionais envolvidos tem implicações sobre a observação. No *Variedades*, as tarefas são divididas entre mais pessoas, o que se revelou uma restrição para o acompanhamento da rotina de cada uma. O oposto acontecia em relação à menor equipe, pelo fato de as tarefas estarem concentradas a maior parte do tempo em duas pessoas (a editora-chefe e a apresentadora). Nesse caso, há uma individualização das atividades e pouco diálogo durante o processo, algo que percebi também como um fator inibidor da dispersão, visando à otimização do tempo. Com isso,

⁴⁸ TV Com é também uma empresa do Grupo RBS, com funcionamento no mesmo prédio da RBS TV.

⁴⁹ Repórteres especiais são aqueles que na empresa são os únicos a fazerem matérias para a rede nacional da TV Globo.

pouco podia perceber sobre a forma como essas profissionais estavam desempenhando suas tarefas.

Outro fator importante diz respeito aos lugares físicos onde estavam essas pessoas. Geralmente juntas, lado a lado, em volta de uma mesa grande, formando o que chamei de “ilhas” dos programas, cada uma com seu computador, fisicamente criavam o impedimento de espaço para outra pessoa acompanhar mais de perto. Na maioria das vezes, os lugares eram “fixos” por horários, e qualquer tentativa de alteração comprometeria a regularidade da rotina. Tanto no *Variiedades* quanto no *Primeira Visão*, as questões relacionadas ao espaço físico impossibilitavam a acolhida de mais um integrante, e isso era mais evidente no *Variiedades*. Já no *Semanário*, havia espaço físico disponível (na própria ilha), o que tornava concreta a proximidade com o grupo. E sem dúvida, essa proximidade física contribuiu em outro aspecto decisivo para meus objetivos de pesquisa: a proximidade real com o grupo e contato direto com as rotinas.

A postura dos grupos com a pesquisadora, apreendida principalmente pela abertura e acolhida, aliada às demais questões observadas e aqui referidas, foram elementos fundamentais para que se desenhasse o objeto empírico de pesquisa. Essas questões possibilitaram a proximidade que geraria contato, troca, confiança e diálogo, decisivos para que eu pudesse “viver como um deles”.

2.3.4 Apresentando o objeto empírico e os principais interlocutores

As rotinas dos grupos, as relações que foram se estabelecendo entre nós, bem como as sensações vivenciadas durante a fase exploratória, permearam minha trajetória e delinearam os contornos do objeto empírico da pesquisa. Não tenho dúvidas de que esse processo foi rico e necessário para que as escolhas se fundamentassem nas bases concretas que só a vivência e a proximidade seriam capazes de desvelar com tamanha clareza e significação. O campo se revelou profícuo nos termos teoricamente concebidos. A fase exploratória revelou, a cada dia, que os objetivos seriam passíveis de cumprimento. Estava junto à redação de programas de telejornalismo, as notícias de comportamento eram produzidas constantemente, as concepções de gênero dos profissionais eram reveladas a todo instante, e eu estava autorizada pela empresa a acompanhar os seus processos. Contudo, viver como um deles, na “tribo” dos jornalistas, e com isso estar junto e experimentar esta alteridade, só seria possível sendo

aceita, entre outras coisas talvez não tão determinantes. E por toda a conjuntura, esse aceite só aconteceu de fato em um programa: o *Semanário*.

A opção pela observação de somente um programa, entretanto, não deixou de levar em conta as interações dos membros do grupo que compunha o *Semanário* com os demais colegas da redação de telejornalismo, ligados a outros programas. Também as relações com outros setores, como a operacionalização, e com as chefias e com os demais profissionais que participavam das notícias (repórteres, editores de imagem, chefias, equipes de arte, som, etc.) foram observadas por fazerem parte do contexto em que os processos produtivos aconteceram. Em especial, quando esses profissionais estavam diretamente relacionados com as notícias produzidas no *Semanário*.

O *Semanário* estava vivendo um momento atípico quando de minha entrada, como já referido, em especial pelo revezamento do cargo de editor-chefe. Cabe aqui uma digressão para que eu apresente os principais interlocutores da pesquisa. A equipe que estava formando o programa era composta por: Kátia Zank, jornalista, cerca de 40 anos, mais de 20 anos de profissão, casada, mãe de dois filhos, há três meses no programa, e atuando como editora-executiva, não manifestou ou teve manifestada crença religiosa; Antônio Quintana, pouco mais de 30 anos, jornalista, separado, pai de um filho, há sete anos na empresa, já havia sido editor-executivo do *Semanário*, mas na ocasião era editor-chefe de *Palco*, programa da TV Com, e manifestou crença religiosa se auto-denominando evangélico; Quitéria Klaus, jornalista, cerca de 40 anos, separada, sem filhos, morava com dois cachorros de raça e se manifestava defensora das causas dos animais, era apresentadora e uma das principais repórteres do programa, onde estava há nove anos, exercia atividades profissionais em um programa de uma das rádios que pertencem à empresa e não manifestou crença religiosa; Samuel Lindermann, jornalista, cerca de 40 anos, casado, pai de duas filhas, judeu, estava há dez anos no programa, era um dos apresentadores e um dos principais repórteres, e exercia atividade em uma das rádios que pertencem à RBS; Kauã, próximo dos 30 anos, jornalista, solteiro, morava sozinho e tinha família e raízes no interior, manifestou crença em uma religião afro-brasileira, há quatro anos na empresa, já tendo passado por diversos outros programas da TV Com e da RBS TV, em especial os ligados à documentários e cinema, de onde tem origem sua trajetória, e estava há um mês no *Semanário* atuando como editor e produtor, sendo que igualmente atuava como repórter em algumas matérias; Xico Aveiro, cerca de 40 anos, carioca, era editor de imagens do programa, além de atuar como editor fixo de outro programa jornalístico da empresa, era casado, não manifestou religião, tinha mais de 20 anos de experiência em imagens, já tendo atuado como cinegrafista e operador de VT nas

principais empresas de comunicação do país (SBT, Bandeirantes e Globo Sat) e estava há oito anos na RBS TV. Algum tempo depois de minha entrada, com a primeira reconfiguração do programa desde que eu havia chegado, Claudia Rosaldo passou a integrar a equipe, atuando como editora-executiva; jornalista, mestre em comunicação, Claudia veio de outro programa da empresa, onde atuava como editora-chefe; mais de 30 anos, casada, sem filhos, não manifestou filiação a nenhuma religião. Todos os participantes do grupo eram brancos.

Feitas essas considerações, retomo o processo de escolha do *Semanário*.

Os elementos já referidos para a escolha eram acrescidos de impasses (experimentei estranhamentos e quase impedimentos por parte de alguns membros da equipe) e tensionamentos. O primeiro tensionamento que por algum tempo pensei que poderia se tornar um impedimento foi a forma como Samuel me recebeu. Fui apresentada a Samuel por Kauã que, como geralmente acontecia, costumava apresentar-me e em seguida qualificar-me como do DOI-CODI, alguém com quem teriam que ter cuidado.

[Ilha *Semanário*, Samuel quer saber quem sou, depois de Kauã me apresentar e dizer que deveria tomar cuidado porque eu anotava tudo e era do DOI-CODI] *Pois é, eu ainda não sei quem tu é, o que tu estás fazendo aqui.* Eu explico minha pesquisa. Samuel, ainda com ar de desconfiança, pergunta: *Quem te autorizou?* Eu conto todo o percurso, desde o primeiro então diretor de telejornalismo, e explico que tive a anuência de Denis, que corroborou os acordos do antigo diretor. Samuel, com um modo inquiridor e desconfiado, me olha com certa altivez e me diz: *Não nos avisaram nada. A gente fica sem saber. Deveriam ter nos consultado. Não sei se autorizo que registrem o que eu faço, o que eu digo. Não tem nada pessoal, não é contigo, é com a empresa. Não sei se quero ver publicado o que eu faço.* Fiquei desconcertada com a fala de Samuel. Primeiro, porque eu não sabia que as pessoas não estavam todas sabendo de minha estada lá, principalmente as pertencentes às equipes dos programas que eu pretendia observar. Segundo, porque não estava preparada para uma negativa, muito menos feita a partir de um inquérito que questionava, fundamentalmente, minha legitimidade de estar lá. Queria argumentar, mas não havia o que dizer, a não ser concordar. Digo, apenas, que ele poderia ficar sossegado quanto às questões éticas (DC, 08/03/09).

Naquele momento, eu não soube muito bem o que fazer, e tão logo saí da organização, fui buscar ajuda, dialogando com minha orientadora e com as demais pesquisadoras que já referenciei anteriormente. Deparei-me, pela primeira vez, com um dilema ético na pesquisa: o que fazer se um interlocutor manifesta declaradamente que não quer participar? Eu sabia que a atitude ética correspondente era não contar com ele como interlocutor, e mesmo que fizesse parte do contexto, apenas me ajudaria a pensar algumas questões, mas oficialmente ele estaria excluído da pesquisa. Mas ainda não manifestara que não queria participar, apenas sinalizou com a dúvida. Ainda assim, eu temia que em algum momento ele explicitasse sua negativa.

Quando procurei ajuda para saber o que fazer nessa situação, uma das sugestões que recebi foi de que, diante do aceite da empresa, e sendo este um membro do programa, eu

estaria autorizada a realizar a pesquisa. E pelo fato dele não ter manifestado negativa concreta, não havia sido formalizado o impedimento. De todo modo, essa foi a primeira vez que me confrontei com os limites éticos de uma pesquisa. Todas as reflexões sobre o caso, solidariamente explicitadas pelas ajudas que recebi, me ajudaram sobremaneira não só neste momento, mas ao longo de toda esta caminhada de aprendizagens. Resolvi esperar para ver como as coisas ficariam, mas jamais deixando de pensar e levar esse dado em consideração.

A partir desse momento, um certo abismo se formou entre este possível “interlocutor” e eu, e a cada encontro percebia que eu talvez já fosse mais observada por ele do que ele por mim. E assim permanecemos por longo tempo, até próximo do período final da pesquisa. Ao longo do tempo, a distância foi um imperativo, entretanto, jamais foi manifesta em negativa. E eu continuava a incluí-lo em minhas observações e anotações.

No *Semanário*, os estranhamentos, absolutamente normais (ainda que não simples de experimentar), não impossibilitaram que a maioria absoluta do grupo manifestasse de todas as formas seu aceite e minha posterior inclusão. Além disso, o programa passava por um momento importante de transformação, e a conjuntura que se estabeleceu nesse processo demonstrava um campo profícuo para a pesquisa em diversos aspectos, não só no que diz respeito às relações entre o grupo, do grupo com a empresa, mas também no formato geral do programa. A relevância da saída do editor-chefe estava absolutamente relacionada com seu personalismo, que se refletia desde a concepção do programa até sua produção ao longo dos seus dez anos de existência, e também na forma vertical como era encarada sua atuação junto aos demais membros do programa e nos processos decisórios sobre o programa como um todo, segundo fui informada pelos meus interlocutores. Outro aspecto relevante era o fato de que o grupo estava se reformulando; alguns permaneciam, outros estavam chegando. Aliado a isso, um cargo de chefia deveria ser preenchido interinamente, e em meio a isso, as relações de poder marcavam indelevelmente as relações do grupo. A cada encontro eu me certificava: este é um campo fértil para a pesquisa.

A opção pelo *Semanário* não foi uma decisão simples, muito pelo contrário. Foi acontecendo aos poucos, sendo refletida cotidianamente e significada através da vivência. Enquanto não manifestava esta definição junto aos integrantes do programa, diversas vezes me perguntavam: “já decidiste em qual programa vais ficar?”. E a resposta era sempre a mesma: “ainda não, mas quase”.

Eu sentia cada vez mais que o *Semanário* seria meu objeto empírico, e que aquele grupo iria compor, de fato, o grupo de interlocutores, a “tribo” da pesquisa. A oficialização da escolha aconteceu no dia 24 de março, uma segunda-feira, logo após a reunião de pauta. Tão

logo a reunião foi encerrada, comuniquei à Kátia. Disse-lhe: *quero te dizer que fiz minha escolha pelo Semanário para a pesquisa*. A resposta dela foi positiva. Pessoalmente, entretanto, fez uma ressalva: *Por mim tudo bem, mas eu vou falar com os outros para ver se concordam. Acho que não vai ter problema* (DC, 24/03/09). Diante dessa possibilidade de consulta, tornei a temer: seria agora que Samuel manifestaria formalmente sua negativa? E, em caso positivo, teriam outros o mesmo procedimento? Mais uma vez resolvi esperar para ver como as coisas se resolveriam. E de fato, nada mudou. Segui como até então, porém oficialmente neste grupo. E com eles permaneci até minha saída de campo, no dia 18 de maio de 2009.

Passo agora à narrativa dos procedimentos metodológicos adotados.

2.3.5 Os procedimentos metodológicos

A pesquisa empírica, conforme já explicitado, foi de cunho qualitativo, de recorte etnográfico, com inspiração “geertziana”, ou seja, marcada pelo uso da técnica da observação participante, com a utilização da descrição densa e levando em conta sensações e vivências experimentadas durante o período. E é sobre a aplicação destas técnicas no cotidiano que passo agora a discorrer.

As primeiras incursões no campo objetivavam perceber, inicialmente, as estruturas de produção de notícias e o funcionamento das equipes dos programas pré-selecionados: como estes programas eram distribuídos espacialmente e hierarquicamente, conhecer quem compunha as equipes, quais os horários de produção e de apresentação, enfim, um breve olhar sobre as rotinas produtivas e também sobre as pré-pautas que faziam parte do que, *a priori*, precisava enxergar. A partir dessas primeiras informações é que pude criar um cronograma que me permitisse distribuir o tempo para observação entre os três programas, e foi um passo importante para o delineamento da pesquisa.

Munida de bloco de notas e caneta, fui a campo. As reuniões de pauta foram o principal objeto de interesse. Entediava ser este o espaço onde as notícias começariam oficialmente a ser geradas. Desde o primeiro encontro com os editores-chefes, soube que estas reuniões aconteciam diariamente, logo após a exibição dos programas – exceto no caso do *Semanário*, que, por suas especificidades de horário, acontecia no dia seguinte à exibição. Entretanto, uma das novidades que soube de imediato foi o fato de que estas reuniões também

eram de avaliação dos programas, o que era um indicativo de que seria ao mesmo tempo o início e o fim do ciclo de uma notícia. Com o tempo, pude perceber que esses espaços eram muito mais proveitosos para minhas observações: eram espaços de criação, de disputas, de trocas, de relações (entre pessoas, entre grupos, entre os grupos e a empresa), e também lúdicos, mas, sobretudo, de muitas informações.

Durante a fase exploratória, a cada reunião eu participava como ouvinte, mas sempre tentando anotar o máximo de informações disponibilizadas. No início fiquei muito perturbada diante da avalanche de idéias e intervenções múltiplas. Estava muito focada em anotar o que era dito e tentar não deixar passar nada. Tinha em mente que tudo devia ser anotado, mas nem bem sabia o que esse “tudo” representava. Por certo que muito do “tudo” passou; e aos poucos minha ansiedade foi baixando, ao tempo em que fui aprendendo a ampliar meu olhar e minhas escutas, e também aprendendo (na prática) o que significava de fato observar e densamente descrever. Foi assim que não só os ditos, as expressões, as trocas não verbais, mas também os detalhes aparentemente sem sentido e minhas sensações passaram a compor meus apontamentos. Em campo, com o bloco, anotava tudo o que percebia. Em casa, registrava, com o máximo de detalhes, os contextos em que minhas anotações foram empreendidas: meus diários de campo assim foram feitos.

Os diários de campo são parte integrante da etnografia. Preferencialmente, deveriam ser produzidos no mesmo dia, como o próprio nome indica. Entretanto, nem sempre consegui cumprir à risca esta tarefa. Seja por questões de horário, seja pela simples sensação de exaustão em muitos desses retornos (o que, por vezes, no início, representava o incômodo de reviver tensões), em grande parte esta tarefa foi adiada. Com o tempo fui percebendo na prática que esse adiamento era prejudicial para a reprodução dos contextos, uma vez que a memória inicialmente não ajudava muito. Por cautela, passei a registrar no bloco de notas o máximo de detalhes possíveis, e sempre que surgiam novas lembranças, imediatamente voltava à caderneta para esses registros.

Os dados obtidos na observação foram levantados também durante as demais fases de produção das notícias. Inicialmente, além das reuniões de pauta, procurava acompanhar as equipes nos horários de produção, nas edições de textos e imagens, nos contatos com as fontes, na exibição dos programas. Durante a fase exploratória, não acompanhei a realização de nenhuma matéria nas ruas, com repórteres. Esse acompanhamento só se tornou possível após um certo período de proximidade com o grupo integrante do *Semanário*. Antes disso, nenhuma possibilidade se apresentou, justamente pela distância que ainda permanecia entre nós (eu e os interlocutores de todos os grupos observados). Os demais percursos do processo,

que envolviam outras instâncias fora da redação, tais como as finalizações, sonorizações, operações de *Vídeo Tape* e *switcher*⁵⁰ também só foram possíveis mais tarde, pelos mesmos motivos derivados do distanciamento.

Somente quando já definida a escolha pelo *Semanário* pude conhecer os percursos da notícia, que muitas vezes não se davam no mesmo ambiente da redação. O processo produtivo das notícias do programa acontecia ao longo de sete dias. Produção e realização das matérias aconteciam durante a semana; as edições e finalização (recursos de arte, sonoplastia e acabamentos digitalizados) mais para o final da semana e também nos dias de exibição. Nos dias de apresentação do programa⁵¹ havia a participação de mais um membro na equipe, um editor de texto que seria plantonista. As reuniões de pauta aconteciam no dia posterior à exibição do programa, reunindo todo o grupo por cerca de duas horas e eram marcadas por muita criatividade, discussões e disputas de idéias não apenas sobre as possíveis pautas, mas sobre o andamento do programa como um todo.

As matérias exibidas no programa anterior também eram avaliadas nas reuniões de pauta, espaço onde também eram evidenciadas as relações de poder, de gênero, as subjetividades e as visões de mundo de cada um de seus participantes. As reuniões de pauta eram o principal espaço da concepção das notícias e da explicitação de valores dos jornalistas. Já os dias de exibição do programa também eram marcados por disputas, processos seletivos e juízos de valor acrescidos do estresse típico dos momentos que antecedem a versão final do programa a ser exibida. Entretanto, a imbricação da subjetividade e dos valores profissionais (e nesse caso nem estava restrita aos jornalistas vinculados ao programa) permeava todo o processo de produção de notícias, revelada em cada setor, especialidade ou pessoa atuante, durante todo o percurso e toda a semana.

Depois de familiarizada com as rotinas e com os profissionais é que pude escolher e acompanhar algumas matérias de comportamento em todo o seu percurso. Mas isso demorou muito a acontecer, concretizando-se quase na fase final do campo. E foi nessa trajetória que pude começar a obter alguns registros, tais como os espelhos dos programas (a fim de verificar as movimentações e escolhas das notícias que iriam ou não ao ar), decupagens de fitas brutas, textos editados (em todos os vários processos e mãos pelos quais passaram) e trocas de mensagens entre os membros do grupo e junto às instâncias superiores.

⁵⁰ Esta nomenclatura é utilizada pelos profissionais da empresa para se referir ao profissional responsável pelas operações necessárias para colocar o programa no ar.

⁵¹ Optei por não revelar o dia de exibição do programa a fim de não dar pistas sobre sua identidade e de seus integrantes.

As idas a campo foram ficando mais intensas. No *Semanário*, onde inicialmente participava apenas nos dias de fechamento e exibição e nos dias de reunião de pauta e avaliação do programa, passaram a ser mais freqüentes durante a semana, em especial quando comecei a acompanhar notícias em todo seu percurso. Nesse caso, muitas vezes acabei ficando quase a semana inteira na redação, e isso também tinha implicações em meus diários.

A observação aos poucos começou a ser participante. Paulatinamente fui me deslocando um pouco do lugar de “Outro” e passando a ser vista como parte, ainda que num lugar inusitado, e as trocas foram se intensificando. Eu já opinava em algumas situações, e era convidada a isso. Desde a fase exploratória já procurava partilhar os espaços de socialização no café, nos almoços ou jantares. E assim, esses espaços foram se ampliando e, junto ao *Semanário*, passei a experimentar lugares de convivência mais amplos com alguns de seus membros também fora da redação. Nessas situações externas, minha observação também acontecia, e já era, então, uma observação participante de fato. E todos os dados igualmente eram registrados nestas situações.

Foram acompanhadas três matérias, duas eleitas como passíveis de análise, sendo estas: uma sobre modelos que participavam de sites sensuais, feita pela apresentadora e repórter Quitéria; a segunda, sobre os parques da cidade à noite, e que tinha por objetivo mostrar os grupos que freqüentavam esses espaços nos períodos noturnos, e foi feita por Kauã, o editor de textos e produtor do *Semanário*. A escolha destas duas reportagens aconteceu por tratarem de temas de comportamento que envolviam diretamente questões relativas à gênero e sexualidade. Na matéria sobre o parque, entretanto, não me foi facultado o acompanhamento *in loco* da gravação da reportagem, por minha presença ter sido considerada pelo repórter como “um risco aos profissionais envolvidos e a mim mesma”, tendo em vista o lugar e o horário em que seria gravada. De acordo com o repórter responsável, Kauã, minha presença não era bem vinda e poderia trazer constrangimentos. Na justificativa, intuí que minha condição de mulher e, na visão dele, de “subalterna”, eram elementos que estavam por trás desse impedimento. As demais etapas que compuseram o processo produtivo dessa matéria (e também a matéria das modelos) foram acompanhadas sem maiores problemas, seguindo todo o percurso, como discutirei mais adiante, nos capítulos em que falo dos dados de campo. Entretanto, conforme justifico no capítulo 5, optei em analisar apenas uma reportagem, a matéria sobre os parques, em que descrevo todo processo o produtivo, da pauta à avaliação.

Ao todo foram produzidos 47 diários de campo, resultando em cerca de 450 páginas de descrições relativas ao período de observação, entre 05 de março e 18 de maio de 2009. É

com base nesse extenso e rico registro que a segunda etapa da pesquisa, a análise dos dados, se deu. A análise só aconteceu quando eu já havia me retirado de campo, cerca de dois meses depois. Os diários foram impressos e passei para a leitura minuciosa dos dados. A leitura foi um processo de descoberta e aprendizagem. Quanto mais lia, mais começava a perceber os nexos, os meandros nem sempre claros durante o período de observação. Fui percebendo o quanto a descrição detalhada era importante para que se pudesse perceber o contexto, e o quanto alguns dados aparentemente sem sentido quando descritos na observação, na fase de análise demonstram sua riqueza, e o quanto compõem um conjunto mais amplo, características fundamentais apenas percebidas quando no todo. No processo de leitura dos diários comecei a identificar algumas categorias que me ajudariam a elucidar melhor as questões e objetivos da pesquisa. Agrupei os dados em três grandes categorias, desdobradas em sub-categorias:

a) **Rotinas Produtivas:** fontes (inspiradoras/consultadas), modos de fazer (escolhas, cortes, cotidiano), atribuições/funções (hierarquias, redação, operação, técnica), tipos de pauta (assuntos, uso de explicação), recursos técnicos (arte, som, imagem), público (enquetes, na rua ou internet);

b) **Valores:** subjetividade (gostos, apelidos, concepções de gênero, normal/anormal, bom/ruim), valores-notícia, valor-profissional, empresa (o que a empresa acha/acharia), público (quem pensam que é e o que acham que pensam), programas (como se vêm mutuamente, como se relacionam), jornalismo (teoria x prática, mestrado, ser jornalista)

c) **Relações:** entre eles (entre colegas do mesmo grupo, com colegas de outros programas), com chefias, com outros setores, hierárquicas, sociabilidades, com o público (como interagem, como se referem ao público), com a pesquisadora; com a concorrência.

A partir dessas categorias, comecei a delinear os contornos dos capítulos desta dissertação. Três grandes eixos foram criados e sobre eles discorro mais adiante: (a) as relações de gênero entre os profissionais que incidem nos lugares de prestígio e poder; (b) concepções de gênero imiscuídas nos valores-notícia e nos processos de seleção e produção das notícias; (c) o processo produtivo de uma notícia e as imbricações da cultura e da subjetividade nos resultados finais. A partir dessas três grandes categorias, dei continuidade às análises dos dados e fui percebendo o quanto as concepções de gênero dos jornalistas perpassavam todo o processo de produção das notícias e se revelavam na forma como os valores sociais eram representados nos discursos noticiosos e imbricados nos valores sociais.

Cabe ainda referir que nunca perdi de vista que minha presença interferia nesta relação. Em alguns momentos, esta interferência era mais explícita, mas de todo modo, sabia

que estava incidindo mesmo quando menos aparentasse. Isso já estava significado teoricamente, e na prática começava a se revelar, e com isso norteava meu olhar. Do mesmo modo, pude perceber que intensamente a presença deles interferia em mim. O exercício de alteridade que tanto persegui foi uma das tarefas mais difíceis. Foram, ao todo, 11 semanas de permanência em campo. Com o tempo, eu ia me tornando um elemento mais familiar, e os estranhamentos e barreiras foram se dissipando. Concomitantemente, meu olhar sobre meus “Outros” também se modificava. Eu já não precisava cumprir determinados rituais para a entrada. Difícil foi começar a estabelecer os rituais de saída.

Antes de passar para o próximo capítulo, cabe ainda uma referência quanto às convenções utilizadas na escrita desta dissertação. No corpo de texto, observei as normas estabelecidas pela ABNT. Os fragmentos de diário de campo estão grafados em corpo 10, marcando a distinção desta narrativa, e obedecem aos mesmos recuos de parágrafo e entrelinhas. O *itálico* é utilizado nestes excertos para marcar a literalidade das expressões e falas de meus interlocutores (que quando inseridas no corpo do texto, acompanham o tamanho da fonte do restante), nomes fictícios dos programas e palavras estrangeiras; o negrito foi utilizado para grifar as passagens que entendi importantes destacar. Para facilitar a compreensão do contexto narrado sobre as observações de campo, em anexo⁵² disponibilizo uma tabela com os pseudônimos e respectivos cargos dos interlocutores citados.

⁵² Para um melhor manuseio, disponibilizo para a banca esta tabela também em um cartão avulso.

Cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.
Leonardo Boff, 1999

3 As relações de gênero, os lugares de prestígio e poder entre os jornalistas

Desde a fase exploratória da pesquisa, compreendi que não seria difícil perceber as relações entre os jornalistas e seus valores profissionais e subjetivos, nem mesmo suas concepções de gênero. O ambiente da redação, espaço onde co-habitavam grande parte dos programas da empresa, denominado telejornalismo, era por vezes descontraído, e as pessoas permanentemente estavam se relacionando, brincando e manifestando suas opiniões num clima de sociabilidade que permeava vários momentos, até mesmo fora da redação, nas externas, nas reuniões, no “fumódromo⁵³” ou no restaurante.

Observando-os no cotidiano, num primeiro momento, as piadas entre eles, muitas vezes de cunho estereotipado ou de conotação sexual, chamaram atenção. Para minha surpresa de “estranha”, que nunca havia trabalhado numa redação de veículo, o “coração da empresa” era um lugar do “politicamente incorreto”. E era também um espaço em que as pessoas trabalhavam duro, muitas horas juntas, mesmo quando em programas diferentes. Mas, ao mesmo tempo, era um lugar de descontração e, principalmente, daquilo que Ortner denomina de “jogos sérios” (*serious games*), termo utilizado para “abarcas as redes de relações, as interações, as posições mutáveis dos sujeitos, as intenções relativas à idéia de jogos. O qualitativo “sério”, por sua vez, remete à idéia de poder e de desigualdades que atravessam os jogos”. (ORTNER⁵⁴, 1996 apud BONETTI, 2007, p. 27). Foi nos meandros destes relacionamentos que com o tempo pude entender que ali estavam em jogo convenções de gênero que foram se mostrando constituintes das relações de poder, das hierarquias e da distribuição de prestígio entre eles. Mais do que isso, acabavam incidindo nos modos de produção e nas notícias – o que discutirei mais adiante, nos próximos capítulos.

Aos poucos fui percebendo neste ambiente de trabalho que não apenas as relações entre seus integrantes, mas também as deles comigo, no lugar de pesquisadora, diziam algo mais sobre relações de gênero, relações de poder e relações hierárquicas. Ao mesmo tempo

⁵³ Denominei fumódromo um espaço externo (e anexo) à redação onde havia uma máquina de café e cinzeiros, ocupado pelos profissionais especialmente para fumar e tomar café.

⁵⁴ ORTNER, Sherry B. **Making gender . The politics and erotics of culture**. Boston: Beacon Press, 1996.

em que as interações entre eles eram observadas, também a minha interação com eles dava pistas sobre esses elementos e incidiu na opção do *Semanário* como objeto empírico.

A partir de agora, discuto os dados obtidos durante a observação. Neste capítulo, cujo título é uma síntese de uma das primeiras percepções que tive na pesquisa, os dados aqui discutidos dão a dimensão do quanto gênero é constitutivo não apenas dos sujeitos, mas também das instituições, e se intersecciona com as relações de poder e formação das hierarquias, seja entre pessoas, seja no âmbito das notícias. Os jornalistas aparecem claramente como sujeitos constituídos por gênero. E os atributos de gênero, que aparecem como marcadores de distinção e como elementos que correspondem às posições que os mesmos ocupam, das quais os mesmos se investem ou pelo modo como são reconhecidos, são objeto destas primeiras abordagens.

3.1 Uma chefia: dois pesos, duas medidas

Minha entrada no campo empírico se deu num contexto diferenciado na empresa. Um dos principais cargos de chefia na RBS TV, ocupado durante mais de uma década por Quintana, antigo diretor de telejornalismo e produção, era agora ocupado pelo então gerente de jornalismo, Denis Lopes. Na esteira da saída de uma das personalidades de maior poder no âmbito do telejornalismo da empresa, outras alterações aconteceram. Um novo cargo, o de chefe de redação, foi criado e ocupado por Everton Bins, com função semelhante à anteriormente desenvolvida por Denis. A gerência de produção permanecia sob comando de Zânia Turim. Também o *Semanário* apresentava um novo e específico momento, com a saída temporária de seu editor-chefe, Queirós Esteves, por motivo de doença.

Um clima de instabilidade parecia inquietar os membros da equipe do *Semanário*, e certamente não representava o cotidiano rotineiro do programa, segundo inclusive me foi alertado por Quitéria, na ocasião em que fomos apresentadas: *o programa está atípico, porque o editor-chefe não está aí, então as coisas andam meio diferentes* (DC, 09/03/2009). Em pouco tempo percebi que este momento diferenciado estava relacionado diretamente ao papel que era atribuído ao antigo editor-chefe no programa.

[Antonio e eu no fumódromo] Conversando com Antonio, digo que percebi que o programa está com sua rotina alterada. Que não tive oportunidade de conviver com o Queirós, que coincidentemente na semana em que eu entrei em campo ele tinha saído. Antonio me diz que era preciso deixar claro que **todos os programas**

tinham uma história, e que *essa história tinha muito da cara de seu editor-chefe. E que era preciso ter isso em mente*. Que no *Semanário* essa cara era a do Queirós. Pergunto se havia alguma novidade sobre Queirós, e Antônio me diz que sabia que ele iria estar ausente por muito tempo, que tiraria uma licença, pois sua saúde estava demandando cuidados especiais. [...] Ele fala que o *Semanário* **também foi desenhado por Queirós, há muitos anos. Diz que o programa realmente é diferente quando o Queirós está lá**. Comenta que **Queirós é diferente dele e de Kátia, que é mais centralizador** (DC, 15/03/09).

Segundo me informou Antonio, o *Semanário* era muito personificado na figura de Queirós, seu criador e editor-chefe, cuja postura era entendida como centralizadora. Antonio também me informou que a saída de Quintana, além de mudanças na condução da empresa, tinha influência direta no programa, tendo em vista o perfil vertical do antigo diretor e a instabilidade que esta característica gerava na equipe.

[continuação] A propósito, perguntei qual era a opinião dele a respeito, o que ele achava que teria mudado do antigo para o Dênis. Ele, pela primeira vez, me diz que prefere que eu não narre os detalhes. Quando Antônio fez a distinção entre Quintana e Denis, de certo modo, desvelava seu **incômodo com características menos horizontais de Quintana, quando as coisas vinham decididas de cima, e nunca se sabia ao certo como e quais as decisões que seriam mantidas até o final**. Antonio me informou que o antigo diretor de telejornalismo tinha ingerência direta no *Semanário* e que até o dia da exibição do programa havia sempre dúvidas sobre o que prevaleceria de matérias, uma vez que Quintana intervinha e derrubava pautas constantemente, em especial como aconteceu em outro momento em que Queirós esteve afastado do *Semanário* para criar outro programa na empresa (o Palco). Ao elogiar o atual gerente de jornalismo, Antônio manifesta sua satisfação com a postura dele, **aberta, horizontal e de escuta**, distinta do perfil de exercício de poder que vigorou por tantos anos nesse cargo (DC, 15/03/09).

Pelo que pude compreender na conversa com Antonio, o perfil das chefias que havia prevalecido até o momento – tanto a de Quintana quanto a de Queirós – era vertical, centralizador e com ingerência nas decisões do programa como um todo. Havia pistas de como eram os atributos daqueles que ocupavam as diferentes instâncias de poder na empresa até então, e numa analogia direta com as convenções sociais de gênero, esses atributos de verticalidade, imposição e centralização se aproximavam daqueles considerados masculinos. Com a troca de chefes, havia, também, pistas de uma possível mudança neste perfil das chefias, de acordo com a referência feita à postura diferenciada de Denis e dos possíveis substitutos do editor-chefe do programa. Seria nesse novo contexto que minha observação se daria.

Com a saída repentina de Queirós, não apenas um interino estava por ocupar a função antes aparentemente tão personificada, mas igualmente vivia-se o que parecia ser um momento importante na identidade do programa. Com o tempo fui percebendo que havia uma

reorganização de forças, e que a ausência do editor-chefe representava a oportunidade de espaço para outras idéias, outras concepções de matérias e até mesmo do próprio programa.

O cargo de editor-chefe passou a ser revezado por dois editores: Antônio, há dez anos na empresa, já havia sido editor-executivo e também editor-chefe substituto do *Semanário*, e no momento ocupava um cargo de chefia em outro programa da empresa, o Palco; e Kátia, com 20 anos de experiência, há três meses ocupava o cargo de editora-executiva, posição hierárquica abaixo apenas do editor-chefe. O revezamento entre os dois editores, inicialmente, se dava mais na condução do programa no dia de sua exibição, ficando ao encargo de Kátia as reuniões de pauta, uma vez que quando estas aconteciam, Antonio estava responsável por outro programa. Revezavam, inicialmente, as rotinas de produção no dia da exibição do programa.

Desde meu primeiro encontro com Antônio, ele se mostrou aberto e solícito. Pude perguntar sobre o programa e falar mais profundamente sobre minha pesquisa. Foi pela visão de Antonio que tive uma noção sobre como seria o programa, que tipo de público formava a audiência e as concepções das matérias:

Pergunto para Antonio se havia algum tipo de pesquisa de recepção, se eles sabiam quais as impressões do público sobre eles. Pergunto também qual o perfil que eles acreditam ter o telespectador. Antonio me diz que não há nenhum um tipo de pesquisa qualitativa na empresa. Ele me diz que primeiro é importante falar sobre as matérias que fazem. Diz que *o apelo do programa é popular, que é o apelo popular de um programa nº 1*. Diz que por ser um programa de massa se pensa no popular, *mostrar o novo que nunca tenha sido mostrado daquela forma, e que seja feito de um jeito novo, inusitado*. Me explica que a RBS tem pesquisas quantitativas, como um todo, e que *algumas pesquisas demonstram que o público noturno de TV é masculino*. Fala que no *Semanário o público é adulto, masculino, classes A, B, C. As matérias objetivam impacto, chamar, prender*. Diz que *quando faço referência ao popular faço com o sentido de massa, pois TV é massa, e não quer dizer com isso “brega”*. Ele me conta que têm *algum retorno dos telespectadores através do e-mail*. Diz-me que teve um período no ano passado, mais do meio para o fim, que chegaram e-mails reclamando que *o programa estava muito sangrento*. Ele conta que **foram muitos e-mails falando a mesma coisa e que isso os fez parar para pensar e acabou gerando uma readaptação do programa**. Diz que esse retorno foi muito relevante para mudar o formato. Explica-me que *anteriormente já no primeiro bloco o programa era aberto com notícias sangrentas*. Comenta que Samuel era um dos que fazia essas mesmas observações no sentido de **ser contra esse tipo de notícia**. Antonio diz que com a vinda da Kátia para o programa isso se acentuou também, pois ela era da mesma opinião do Samuel, de **não “dar” coisas sangrentas**. Desde a segunda metade do ano passado, quando o programa recebeu esses e-mails e depois de se reunirem e falarem a respeito, resolveram mudar a linha. Antonio me diz que **Queirós era quem mais gostava de dar esse tipo de notícia (sangrenta)**, mas que foi convencido de acordo com os retornos recebidos (DC, 05/04/09).

Durante todo o período que estive acompanhando o *Semanário* pude perceber que a idéia de um programa “número um”, voltado para o “público masculino”, e as demais

características apontadas por Antonio, eram compartilhadas não só pelos membros da equipe, mas também pelos demais profissionais e instâncias de chefia. Quintana, por exemplo, havia me informado que o *Semanário* ocupava o segundo lugar no IBOPE entre os programas da empresa, e em geral os demais se referiam ao programa como tendo a responsabilidade de [...] *fugir do que os outros fizeram, tem que ser o primeiro, não dá para ser o segundo* (DC, 27/04/09), como afirmou Samuel. Estava eu, portanto, observando um programa em posição de prestígio no telejornalismo da empresa. Era nesse contexto que a chefia interina estava sendo definida.

Havia a necessidade de decidir quem ficaria no posto durante a ausência de Queirós, e o processo da escolha revelou que havia muito mais em jogo, num “tabuleiro” de disputas em que as funções, lugares, características e posturas davam os contornos e definiram o desfecho. Esta primeira definição parecia ser questão de pouco tempo, uma vez que, seguindo a hierarquia dos cargos e funções, a ocupação do cargo de editor-chefe automaticamente ficaria com a editora-executiva. Mas ainda assim, havia o revezamento com o antigo editor-executivo que, por sua vez, parecia não ter interesse em ocupar esse lugar, pois se dizia satisfeito com a função de editor-chefe de outro programa.

Antonio me informou que tanto ele quanto Kátia eram muito diferentes do perfil centralizador de Queirós. Havia, portanto, a perspectiva de que um lugar de poder (o cargo de editor-chefe) pudesse vir a ser ocupado por pessoas com características e posturas diferentes. Parecia haver indicativos de que qualquer um dos interinos estaria mais aberto a discutir, escutar e acatar as propostas dos demais membros da equipe, abrindo a possibilidade de novos perfis nos processos produtivos das notícias. Com o tempo, contudo, fui percebendo as diferenças que havia entre os dois, diferenças que principalmente marcavam o perfil de cada um no exercício do cargo e que também permearam a decisão sobre quem permaneceria no cargo.

Nenhum dos interinos parecia desejar, inicialmente, tal função. Antonio, porque se dizia satisfeito com o seu cargo noutro programa, e por acreditar que a sucessora natural seria Kátia, uma vez que ela era a editora-executiva. Kátia sempre me deu a impressão de que também não queria, de que se sentia desconfortável em ocupar esse lugar, e que tal situação era completamente inesperada. Aparentemente, não havia uma disputa, e logo um dos dois seria definido como o interino, com indícios de que seria Kátia. Cabe ressaltar que a ocupação desse cargo demandava mais responsabilidades, mas não refletia melhoria financeira para quem o estivesse ocupando interinamente. Contudo, pela relevância atribuída aos cargos de editor-chefe no telejornalismo, como um lugar de poder e prestígio, fiquei intrigada com essa

aparente ausência de disputa. Será que não havia nenhum mobilizador para ocupar esse lugar? Quem seria então, o/a novo/a editor(a)-chefe do *Semanário*?

Com o decorrer do tempo, pude observar a forma como cada um dos possíveis editores-chefe desempenhava a função: a maneira de tratar os integrantes da equipe, a forma como exerciam a chefia, como expunham suas idéias e também a forma como se sentiam e eram percebidos na condução do cargo.

Apesar de ter se auto-definido como diferente de Queirós no desempenho da função de chefia, Antonio parecia ter características mais impositivas e de mando mais evidentes que Kátia, que demonstrava uma postura mais horizontal na condução do processo. Os dois se assemelhavam na horizontalidade apenas no diálogo com os demais por ocasião das definições de pauta. Mas no dia da exibição do programa, a condução era marcada por comportamentos diametralmente opostos no trato com a equipe e no conforto em tomar decisões em situações de estresse.

O comando do programa no dia de sua exibição proporcionava situações de tensão. O editor-chefe era o responsável formal por todo o processo, e este dependia do trabalho em equipe. A postura de Antonio nesses dias era marcada pelo mando, e em geral esse mando era percebido especialmente nas relações dele com Kauã e com os demais editores de texto de geral, pessoal do grupo de operações (*switcher*, operadores de VT, editores de imagem, finalizadores, pessoal da arte, do arquivo, etc.), e até com alguns repórteres menos “expressivos⁵⁵” da empresa. Com Kauã, que ocupava a base hierárquica do programa, a postura mais vertical de Antonio se sobressaía e era motivo de tensionamentos e de queixas e resistências por parte do editor de textos.

Quando volto para a redação, Kauã está na ilha da Produção. Pergunto o que ele faz ali e ele me diz que está lendo um off do Lalou (Lauro Louro). Depois, Kauã vem pra ilha do *Semanário* e diz para Antonio que para ele o off está bom. Antonio diz que quer ver. Kauã diz que o material está na pasta off. Antonio diz para Kauã que ele tem que colocar no espelho para ele ler. Kauã questiona porque Antonio não entra na pasta. Antonio responde *não, seu eu fizer isso tu nunca vai aprender que tem que colocar lá*. Depois, Antonio pede que Larissa peça mais fitas no arquivo. Ela diz que tem mais no arquivo, mas que ela não tinha ido ainda buscar. Antonio diz para ela que peça para que tragam. Na hora, não entendo bem a conversa. Larissa não liga para pedir as fitas, seguindo o que havia sugerido Antonio, levanta e vai buscar as fitas, levando a cesta. Quando volta, diz para Antonio que o cara do arquivo estava dormindo lá. **Antonio, com cara de insatisfeito, sai da ilha**. Eu pergunto para Larissa se ela foi buscar as fitas e onde fica. Ela me diz que fica no mesmo lugar onde é o arquivo, numa porta de vidro que tem ao lado da recepção. Eu pergunto como funciona a coisa das fitas. Quando Antonio chega, ela diz para ele que eu perguntei sobre como funciona as fitas e pergunta sobre como é no *Semanário*, que

⁵⁵ Os repórteres “menos expressivos” seriam aqueles que não eram tomados como os “especiais”, estes últimos os únicos reconhecidos como capacitados para matérias também exibidas em rede nacional pela Rede Globo.

eu havia perguntado se eles pedem pra trazer ou se vão buscar. Antonio diz que ele liga e pede para que tragam. Diz que **tem que pedir senão os responsáveis pelo arquivo ficam acomodados e que essa é a função deles.**

As 21h55 Antonio pergunta para Kauã pelo VT dos peitos. Kauã diz que *estão fazendo* e Antonio retruca: *mas até que horas?* Antonio **pega o telefone, liga e manda trazerem o VT.** Kauã pergunta sobre a sonorização da cabeça do VT da enchente. Antonio diz: *deixa que eu cuido das minhas coisas.* Kauã diz: *mas tu tinha me pedido.* Antônio responde, com voz e cara de bravo: *mas eu peguei de volta, não peguei? Então, tá delegado. Te preocupa com as tuas, senão não dá certo.* [...] Antonio percebe que o espelho trancou, fica irritado, pede para que Kauã saia do espelho e diz que vai ter que finalizar novamente. O espelho demora a destrancar; resolvem não sei como. **Antonio manda Kauã subir depois.** Kauã reclama de Antonio pra mim: *O Antonio tá parecendo um nazista. Hoje tô achando que o Antonio fez curso com o Hitler.* [...] *Tá com síndrome de Queirós Antunes.* Kauã levanta e vai buscar um cheese na portaria, às 22h50. Quando ele volta, vai abrindo para comer e Antonio diz: *agora, não, que não dá. Tu deveria ter comido antes, esse é o pior horário. Porque tu acha que eu como às 7h?* Antonio diz que sai às 19h para comer porque é o melhor horário, e que Kauã tem que parar, mas num horário melhor. Diz que **da próxima vez que estiverem juntos, sem ser no próximo domingo, no outro, que Kauã vai parar às 19h.** Kauã tenta argumentar explicando que não parou nenhum momento. Antonio responde: *então tu vai parar antes.*

Xico Aveiro chega na mesa e fala para Antonio que a matéria está diferente da chamada (na matéria dos seios). Kauã responde que foi ele quem cortou (depois fico sabendo que na chamada aparecia os seios de uma mulher, mas que Kauã achou muito vulgar e tirou; e quem tinha editado a chamada fora Xico), que foi Kátia quem mandou. Xico responde que Kauã tem que avisá-lo. Percebo a tensão entre Xico e Kauã. Kauã explica para Antonio que ele e Kátia tinham achado muito vulgar e que teriam decidido cortar. Antonio responde: *deixa assim, se reclamarem e tomar pau, é comigo.*

Kauã quer terminar os créditos e Antonio **diz que não, que primeiro vão juntos finalizar e depois ele termina.** Kauã chama Quitéria, mas quando ela se aproxima, Antonio diz: *Kauã, eu te falei que não é pra fazer isso, que nós vamos finalizar. Não adianta fazer créditos antes, ainda estão terminando.* Quitéria diz: *tu quer dizer que não adianta eu estar aqui?* **Antonio, visivelmente contrariado, levanta e vai para a finalização sozinho. Kauã ignora o que Antonio disse** e pede para Quitéria os nomes que ele tem que creditar na matéria dela. Ela responde, ele digita e depois vai atrás de Antonio. [...]

[quando termina o programa, na volta para casa, Kauã e Antonio pegam carona comigo] No caminho, pergunto para Antonio onde ele mora, pois a casa de Kauã já sabia onde era; Antonio me diz que mora no Menino Deus, e logo pergunta onde mora **Kauã, que não responde, finge não escutar. Antonio pede desculpas para Kauã e diz que não é mau. Diz que o estresse acontece quando o bicho pega.** Me explica que quando tocou o telefone no suíte e era Kauã que queria falar com ele **perguntou se era sério.** Kauã retruca: *tu acha que eu ia ligar se não fosse?* A ligação de que eles falam é sobre a notícia da queda do Roth, técnico do Grêmio (e que foi a notícia furo). **Antonio diz que também achava que era Kauã que estava mexendo no espelho** quando Antonio estava no suíte, mas que depois quando ligou e falou com ele soube que era o Ari, que não sabia como fazer e estava mexendo. Antonio diz que **se enganou e acabou xingando Kauã.** Antonio me guia até a casa dele. Na saída do carro Antonio se despede de nós e mais uma vez se desculpa com Kauã, que diz que não foi nada, diz algo como: *que é isso, Antonio, tudo bem.* Ele falou meio desanimado, mas não falou de sua inconformidade claramente.

Quando saio com Kauã sozinha, ele, que até então veio calado, cabisbaixo, durante todo o trajeto, começa a reclamar. Diz que **Antonio estava estúpido**, que não precisava ter feito o que fez na história do espelho e que no fim acabou fazendo o que Antonio pediu e ele foi ler na tela onde o repórter escreveu, que era no mesmo lugar onde Kauã tinha lido. Ele me conta que naquela hora, quando Antonio leu nesse lugar, perguntou por que ele (Antonio) o tinha feito colocar o off na pasta do espelho e leu noutra lugar. Kauã me diz que Antonio respondeu que **fez porque não queria dar trela para birra**, indicando que **estava chamando Kauã de criança. Kauã me diz que ficou com raiva, que não entendeu o que o Antonio tinha**. Paramos em frente à casa de Kauã, que fica no centro. Quando paro o carro ele me diz que vai fazer um desabafo. Eu penso: putz, logo aqui, essa hora... eu temia a rua à noite, mas não queria cortá-lo. Deixei que ele falasse, mas não conseguia deixar de controlar os retrovisores. **Kauã me diz que não entende porque me tratam como criança. Me sinto discriminado pela idade**. Diz que *faz tudo certo, mas acabo sempre sendo tratado como criança*. Diz que **quando ele comete alguma falha sempre fazem menção ao fato dele ser novo**, mas que quando eles erram, ele não diz nada. **Fala que prefere o cinema ao jornalismo, porque não agüento a hierarquia que tem no jornalismo** (DC, 05/04/09).

Em diversos momentos percebia em Antonio uma postura mais vertical e de mando, utilizando termos como “dar uma mijada” em alguém como sinônimo de repreender por algum erro ou atitude que ele considerasse insubordinada. A verticalidade de Antonio incomodava Kauã, que nessas situações o associava a Queirós, e até mesmo às práticas do nazismo, atribuindo essas posturas à hierarquia do jornalismo, como se tais características fossem praxe não apenas das pessoas, mas dos cargos.

Na relação com a operação, Antonio geralmente manifestava seu descontentamento com os operadores. Nos dias em que Antonio era o editor responsável é que comecei a entender que, na relação entre redação e operação, não havia um diálogo horizontal, um trabalho em conjunto de modo geral, e pelos modos como os problemas se apresentavam e como se resolviam (ou não) demonstrava haver uma discrepância entre as equipes, e foi então que observei que também havia uma hierarquia, estando a redação acima da operação. Antonio dá um pouco a tônica destas relações:

[redação, ilha *Semanário*] Antonio pede para que Kauã peça ao sonoplasta para colocar a trilha de encerramento e completa: *porque nós temos trilha de encerramento*. Kauã vai e volta dizendo que não tem como sonorizar porque estão mixando. **Antonio, com cara de bravo e de modo impositivo, pega a fita e diz: se não tem, vamos gravar outra**. Ele vai a algum lugar, volta contrariado e diz que não tem como. Liga para alguém da operação e diz: **vamos gravar de novo**. Depois Antonio desliga, me olha e diz: *operações é assim, um dia não funciona uma coisa*. Ele comenta comigo que o problema no *Semanário* é esse horário em que começam a chegar as coisas, que eles não tem como ver antes (pelo que entendo, são as coisas produzidas nos setores da operação). Antonio me diz que quer saber *porque isso acontece*. Mais cedo tinha dado problema com a cabeça, o som não correspondia à imagem. Antonio diz que tinha mandado a fita para sonorizar e que Cirilo, quando voltou com a fita, não teria dito que não tinha sido sonorizado, mas que quando Antonio voltou para reclamar ele disse que não foi ele quem sonorizou. Antonio conta que Cirilo uma vez já tinha colocado a trilha de

encerramento na abertura, e que Antonio reclamou e ele teria dito que não sabia, e que imediatamente Antonio mostrou que estava escrito “trilha de encerramento”.

Patrícia, a operadora de VT, chega na ilha para buscar uma fita e Antonio pergunta (em referência aos problemas técnicos): *o que foi que deu?* Patrícia diz: *não sei, sou apenas a operadora de VT*, e diz a Antonio que ele tem que falar com outra pessoa. Quando Patrícia sai, Cláudia comenta com Antonio suas impressões sobre Patrícia: *vou te dizer, vai morrer operadora de VT*. Antonio e Cláudia ficam comentando sobre o problema que teria havido, mas não entendo bem. Antonio comenta, sobre *as 5 pessoas lá de cima* [da operação] *em qualquer lugar fazem vista grossa*. Xico Aveiro comenta *que o erro às vezes vai em efeito dominó*. Antonio, pela segunda vez hoje, **fala em dar “mijada”** (DC, 26/04/09).

O estresse dos dias de programa, com os mais diversos problemas que aconteciam no processo produtivo, fazia com que Antonio reagisse energicamente nas tomadas de decisão e nas discussões com os profissionais. Seus modos mais impositivos geravam tensionamentos, mas os descontentamentos nunca eram frontalmente expostos pelos que se sentiam incomodados, a exemplo do que aconteceu com Kauã que, via de regra, queixava-se para mim.

Antonio parecia dominar o espaço da redação, e nunca demonstrou desconforto na função de chefe, como cheguei a descrever num diário:

Fico observando a postura de Antonio. Ele parece muito seguro de si na função; em nenhum momento, até agora, pareceu inseguro ou achando que não daria tempo para alguma coisa. Apesar de não estar muito para conversa, ele é gentil comigo. Em comparação com Kátia, na semana passada, ele parece estar muito seguro e confortável neste lugar. (DC, 05/04/09)

Com o tempo identifiquei que esse conforto na posição de editor-chefe trazia para Antônio um algo mais, uma satisfação pessoal, um certo prestígio. E foi num dia de exibição do programa que Antônio revelou a Bruno o que pensava da função: adorava ser *o standby do número 1*, o que naquele contexto identifiquei como uma justificativa para ele estar aceitando a função, apesar de não receber remuneração a mais por isso, conforme fui informada.

[redação, Ilha *Semanário*] Bruno se aproxima para se despedir. Pergunta para Antônio como estão as coisas, como está Queirós. Antônio responde que Queirós ainda vai ficar mais algum tempo fora, e que está fazendo exames. Bruno pergunta se Antônio o está substituindo. Antônio responde falando que *gosta de ser o número 2, o coringa, o standby do n°1, aquele que é chamado para substituir o número 1, aquele que é capaz disso*. Bruno diz que vive isso também no Primeira Visão. Antônio, entretanto, reclama que *a remuneração é que não faz jus ao coringa, aquele que quando o número 1 não pode é procurado*. Quando Bruno sai, converso sobre Antonio e digo que meu marido, que é diretor substituto, quando assume o lugar da chefia, independente do período que seja, acaba recebendo proporcionalmente pelo tempo que executa a função. Antonio pergunta se ele é funcionário público, e eu respondo que sim, e ele me diz: *Aqui não é assim, não recebemos mais por mais responsabilidade*. (DC, 05/04/09).

O regozijo de Antonio em ocupar esse lugar, apesar de não ter remuneração para isso, é perfeitamente claro nesta conversa. Talvez essa situação de prestígio – como *coringa do número 1* – o fizesse parecer tão confortável ocupando o cargo de chefe interino, além de outras questões, como o reconhecimento dele como autoridade nesse lugar. Apesar de possuir características de mando e uma postura mais autoritária, gerando com isso descontentamento entre alguns colegas, a autoridade de Antonio jamais chegou a ser abalada. Essa autoridade não foi posta em xeque nem mesmo por Samuel, com quem por um tempo o editor interino nutria um certo distanciamento por questões antigas entre eles e que depois se resolveram. Tampouco percebi algum tipo de desconforto em Antonio na função de editor-chefe por causa das questões havidas entre os dois. Já Kátia esteve em permanente tensionamento durante sua estada como editora-chefe provisória, não parecendo ter sua autoridade reconhecida pelos integrantes da equipe. Ela se mostrava desconfortável ocupando esse lugar.

Como chefe, Kátia agia com os colegas num permanente diálogo, numa postura horizontal que associei a uma atitude de coordenação (ordenar em conjunto). Ela demonstrava cuidado não apenas com os colegas, mas também com uma série de questões éticas em relação aos procedimentos com os colegas e também com as matérias. Costumava consultar a equipe, escutar, perguntar quando não sabia. Ponderava, não agia por impulso, perseguindo “o furo”, como em geral acontecia na redação, e sempre parecia colocar em primeiro plano a checagem e os procedimentos de mais cuidado com as questões mais complexas e éticas. Também era manifestamente contrária às matérias por eles chamadas de “sangrentas”, que em geral eram notícias sobre violência, mortes e coisas do tipo.

Com o tempo, ficava mais evidente o desconforto de Kátia no exercício da função. Pelo que pude observar, esse desconforto partia tanto do inesperado da situação quanto do não reconhecimento de sua autoridade como chefe, creditadas por ela ao fato de não se encaixar num perfil de atributos valorizados na empresa e pelos colegas. Kátia jamais se impunha como editora-chefe, ainda que interinamente. Os tensionamentos pareciam ser tão pesados para ela que em alguns momentos chegava a fugir dessa nomenclatura:

[final da reunião de pauta do *Semanário*]: Há uma discussão é sobre o que dar nas chamadas, e Kátia: *chamada só daquilo que tá pronto. O Queirós gostava de dar chamada de tudo e até do que não tá pronto, mas eu infarto.* Decidem que a chamada será da matéria sobre a fauna. Samuel diz que tem que dar uma esquentada nela com um texto que chame para o inédito das descobertas e das imagens. Kátia, lá pelas tantas, **fala que não é a editora-chefe, e que podem me chamar do que quiserem, até de abacaxi com queijo, porque não estou preocupada com isso agora, e não quero saber.** Terminam a reunião e levantam. É interessante perceber que as reuniões de pauta são processos criativos; as idéias surgem e vão se transformando. Todos participam e tem voz,

a questão é como essas vozes ecoam e o que dizem. Samuel passou toda a reunião discordando de Kátia, e ela parecia desconfortável. Fiquei impressionada com a fala do abacaxi (DC, 24/03/09).

Kátia parecia querer deixar claro que não estava disputando aquele cargo, e com isso amenizar os tensionamentos que surgiam em decorrência da nova função. A impressão que tive é de que, com a saída de Queirós, todos os integrantes do *Semanário* passaram a ver esse momento como uma oportunidade de colocar suas visões e propostas, e com isso acontecia uma reconfiguração de forças. Nesse contexto, Kátia parecia perceber que não possuía as características mais valoradas e que conferiam autoridade. Em sua opinião, afirmava que a verticalidade e a pouca abertura são as insígnias mais valoradas não só na empresa, mas também no Brasil, ao lado de outros atributos que descreveu como distintos dos seus, mas fundamentais para a ocupação dos cargos de poder:

Termina a reunião de pauta e peço para falar com Kátia. Pergunto se em outra ocasião ela toparia me dar uma entrevista, porque gostaria de saber um pouco mais da história dela na empresa, no programa, mudanças e sobre o papel de chefe. Digo que às vezes a percebo desconfortável. Pergunto se **ela sente que há diferença por ser mulher. Ela me diz que sim, inclusive no salário.** Diz que não pode provar, mas que acredita que **as mulheres ganham menos do que os homens na empresa.** Kátia me diz que **há uma cultura no Brasil e na empresa de valorizarem quem é autoritário e que ela não consegue ser.** Diz que **já pensou em se violentar e tentar fazer isso (ser autoritária),** mas não consegue. Diz que **a posição que está é muito complicada** porque **cada um espera dela e olha para ela como alguma função que não de chefe: ou como mãe, ou como parceira, como alguém para transar.** Fala que Samuel, por *exemplo, é um espírito livre.* [...] Me diz que **sente o machismo.** Fala que há muitas diferenças, que **sente diferenciação de classe,** e diz que o lugar onde se estaciona o carro é também um elemento de diferenciação. Fala da diferença salarial, e diz que **só ganha bem quem é chefe,** e que ela nessa substituição não recebe mais por isso (DC 22, 06/04/09).

Com essa declaração, Kátia me fala claramente dos atributos que ela acredita serem os mais valorados para os cargos de chefia e poder, tais como um perfil mais autoritário. Ela faz uma relação entre esses atributos com a desigualdade salarial e de gênero a eles associados, e também os identifica como valores sociais no país. Kátia fala dos desconfortos sentidos por ela quando no exercício da chefia por se entender percebida pelos outros não como uma chefe, uma autoridade, mas sim por outros papéis associados à sua condição de mulher - mãe, parceira, alguém para transar. Mais adiante, esses elementos – somados a outros - se mostram definidores das decisões sobre quem ocuparia interinamente o cargo, como discutirei noutra oportunidade. Também se refere a Samuel como um espírito livre, uma alusão à sua autonomia que, na nomenclatura utilizada, beira a um atributo quase místico deste jornalista.

Kátia parecia representar um perfil mais “cuidadoso” na condução do programa. Com relação ao grupo, por exemplo, quando havia situações de doença, que pude presenciar, sua postura nunca foi de cobrança, mas de compreensão e respeito.

[redação, ilha *Semanário*] **Kátia, vendo Kauã massageando a barriga e com cara de dor, pergunta por que ele não foi embora.** Ele diz que vai terminar o programa, que vai editar a matéria da Olinda. **Kátia diz que se ele tivesse ido embora antes, da primeira vez que falou, que ela teria pedido para mandarem outra pessoa.** Kauã diz que ninguém iria. **Ela diz que ligaria pra Denis e ele mandaria alguém.** Kauã diz que ele (Denis) é que viria. Ela responde: *que venha ele, então, tem um salário bem gordinho, bem mais gordinho que o teu que tá aí sofrendo.* **Kátia por diversas vezes manifestou preocupação com a situação de dor de Kauã, sugerindo que ele fosse embora para se recuperar,** mas ele insistia em ficar, numa atitude que me parecia ser de quem queria mostrar serviço apesar do sofrimento (DC, 29/03/09).

Noutra ocasião, também por motivo de doença, Quitéria pediu a intervenção de Kátia:

[corredor da empresa, Kátia e eu conversávamos, pois não haveria reunião de pauta] Enquanto conversávamos, Quitéria ligou para o celular de Kátia. Kátia fala brincando que Quitéria está com catarro no cérebro. **Diz que Quitéria não se preocupe, que se cuide, e que já que ela insiste, vai falar com Denis e que ele não vai pensar que ela está fazendo feriadão.** Pelo jeito, Quitéria parece insistir para que Kátia fale com Denis (DC, 13/04/09).

Essas atitudes de Kátia talvez fossem percebidas como características “maternais” ou de “companheirismo”, como ela entendia ser percebida pelos demais. Claramente, não agia de forma impositiva ou de mando, e consultar os colegas era uma de suas mais evidentes características.

O comportamento mais cuidadoso, e não belicoso, de Kátia também era marcante mesmo quando havia divergências e tensionamentos com algum colega. A condução dos casos geralmente era feita com respeito e profissionalismo.

[reunião de pauta *Semanário*] Kátia comenta com Quitéria que pediu para discutir com Zacarias (pelo que entendo, é o responsável chefe pelos editores de imagem) sobre Xico. Ela fala que comentou com Zacarias que teve problemas com Xico, que ele teria sido meio insubordinado, não teria feito as coisas no tempo que ela pediu e que Xico costumava fazer as coisas como queria. Kauã concorda, diz que Xico se acha muito bom e que esse era o problema dele; Kauã fala mal de Xico, descrevendo características negativas de Xico, justamente as mesmas que utilizou para falar bem dele próprio em nossa conversa de ontem, quando ele dizia que era muito bom no que fazia e que gostava de ser autônomo. Quitéria fala que Xico é um bom profissional, que ele tem talento e é criativo, que costuma dar ritmo nas matérias. Kátia concorda, **diz que falou isso para Zacarias, mas que teria dito que acha que talvez ele precise de reconhecimento, sugerindo que talvez ele pudesse ir para a finalização.** Kátia conta que ponderou com Zacarias que **possivelmente Xico estaria sobrecarregado, e que de alguma forma talvez estivesse manifestando essa sensação através da atitude que teve.** Ela diz que Zacarias falou que ele não estaria sobrecarregado, que sempre que ele o via estava mais na rua do que dentro da redação. **Elas ponderam a possibilidade de Xico ser melhor aproveitado e ressaltam seu profissionalismo.** Eu fico bem impressionada com a forma como Kátia conduziu a situação, pois ela não invalidou Xico em nenhum momento, levou em conta possíveis descontentamentos dele como profissional, e levou a questão de forma ética e equilibrada (DC, 06/04/09).

Em relação às notícias, Kátia em diversos momentos também demonstrou cuidado com o que seria veiculado, como no trecho de diário abaixo:

Fabiana Lorenzon chega na redação e diz: *só tenho viado, só viado*. Helen olha pra ela de um jeito de quem chama atenção sobre minha presença e Fabiana retribui o olhar e diz: *ué, não é viado que se diz, não é politicamente correto? Se diz o que, travesti?* Fabiana explica que estava na delegacia onde prenderam cinco travestis suspeitos do roubo de uma pessoa e que o fato acabou causando um acidente com o carro da vítima batendo em outro e capotando, e que isso havia acontecido na semana passada. Fabiana diz que um deles (travestis) pediu para não dar o nome. Kátia diz que **tem que ter cuidado porque são apenas suspeitos**. Fabiana retruca dizendo que o delegado teria dito que um deles já teria confessado. Fabiana diz que uns travestis tinham sido reconhecidos por pessoas que tinham sido assaltadas. Mesmo com Kátia sinalizando que não daria a nota, Fabiana resolve escrever sobre a matéria de qualquer maneira. [...] Kátia pergunta para Helen sobre o caso das travestis. Ulisses (que está de editor de texto plantonista) diz: *o que foi agora, não se pode mais ser travesti que vai preso?* Helen explica por cima o caso. Kátia fala para Ulisses: *não dá, é isso, vou ter que fazer escolhas*. [...] Denis liga para Kátia. Ela fala sobre todas as matérias que tem no programa hoje. Por último, Kátia fala do caso das travestis presas e explica para Denis que não sabe se dá porque teria que resgatar tudo e **que acha que seria bom dar só se fosse certo que elas eram mesmo culpadas e fossem presas, senão pode ser injusto**. Denis sugere que dê a matéria das travestis como notão⁵⁶ (DC, 29/03/09).

Mais ponderada, em especial por consultar os colegas em diversas etapas do processo produtivo, Kátia parecia ter sua conduta percebida como uma demonstração de insegurança. As suas manifestações de desconforto geravam comentários desqualificadores sobre ela:

[redação *Semanário*, Kátia estava como editora e pareceu atucanada o tempo todo] Quitéria liga e pergunta para a coordenação a previsão de entrada do programa, e quando desliga avisa Cláudia. Quitéria comenta com Cláudia e Samuel que *Kátia parece Carmem Julia* (uma antiga editora do *Semanário*), *que quando chegava às dez horas começava a chorar*. E completa dizendo que **não queriam rir dela** (da Carmem Julia) na redação, **mas que ela sempre fazia mais disso e acabavam rindo** (DC, 19/04/09).

O comentário jocoso referia-se às demonstrações de fragilidade de Kátia frente às tensões da função. Tanto Antonio quanto Kátia se estressavam no programa, mas a forma como lidavam com o estresse era um motivo de distinção entre eles. Antonio “matava no peito”, xingava, dava ordens; Kátia se mostrava fragilizada. Ambos geravam desconforto nos demais, entretanto, parecia-me que a postura mais vertical era assimilada como mais adequada para aquela função, apesar de ser a mais criticada. Essa impressão decorria do fato de que Antonio, mesmo recebendo comentários negativos relativos à sua postura, nunca teve sua autoridade de editor-chefe posta em questão; sequer era questionado frontalmente e tinha sua autoridade reconhecida. Assim, parecia haver indicativos de que aquilo que Kátia dizia quanto a não ter o perfil esperado para o cargo de chefia tinha algum sentido.

⁵⁶ Notão é o nome fictício que atribuo a um dos tipos de matérias feitas no programa, que em geral são curtas, com imagens, e dizem respeito aos fatos do dia. Não utilizarei a nomenclatura original para não revelar mais sobre o programa.

Como cabia à Kátia, em geral, a condução das reuniões de pauta, pois nesses dias Antonio estava à frente do Palco, era com o comando dela que as decisões e avaliações das notícias se davam. Coordenadas de forma dialógica, as reuniões de pauta constituíam espaços de grande disputa não só de assuntos a prevalecerem, mas principalmente sobre novos processos na condução e no estilo do programa.

Os principais embates e desafios em relação à autoridade de Kátia partiam de Samuel. Mesmo o enfrentando muitas vezes, Kátia ficava visivelmente abalada com a postura do apresentador que, via de regra, se investia do lugar de poder. Sobre Samuel, volto mais adiante. Agora trago alguns fragmentos de diário em que essas relações entre Kátia e Samuel são registradas, bem como dão a dimensão das posturas de Kátia junto ao grupo:

Me dirijo para a sala onde vão fazer a reunião de pauta (antiga sala de Denis) e, ao entrar, Kátia me pede que pegue uma cadeira a mais. Kátia está sentada na cadeira que está atrás da mesa; em sua frente está Quitéria, ao lado dela está Kauã, e por último chega Samuel, que senta ao meu lado. Kátia pergunta: *o que temos?* Samuel é o primeiro a falar de uma pauta que ele pretende fazer sobre um projeto do governo do Estado – *um projeto do Schüller* (secretário de Estado) e da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, que vai fazer a formação de crianças de classes populares em música erudita. Samuel se refere a essa pauta como *uma matéria de estranhamento*. Diz que este projeto é inspirado em um outro realizado na Venezuela e que acabou formando um maestro “show”, que se chama Duda Mel. Samuel pede para que Kauã busque imagens desse maestro nos arquivos da Globo. Quitéria diz que vai fazer a matéria sobre manias. Ela aproveita e liga para uma das fontes dessa matéria para marcar a entrevista. **Quitéria pergunta para Kátia** se ela quer uma enquete na matéria [...].

Kauã fala que tem a matéria das prostitutas. Diz que conversou com a repórter, a Hilda Rodem, dizendo que ambos tinham desistido de fazer uma matéria que envolvesse prostitutas que são universitárias. Quitéria comenta: *até porque, queria ver vocês acharem uma*. Kauã diz que Paula, da Rede Globo, pediu para mandarem essa matéria para eles quando estiver pronta. Ele mostra as revistas *Norte* que eu havia levado pra ele e explica que as prostitutas escrevem contos ficcionais na revista. No fim acabam concluindo que o foco será no projeto. Samuel sugere uma pauta sobre escutas telefônicas. O mote seria falar sobre o que pode e o que não pode ser feito. Seria uma matéria sobre espionagem. Sugere que se use filmes para ilustrar, que se faça alguma coisa do Big Brother aos políticos. Kátia diz que tem 4 dias para ser feita, parecendo achar que seria Samuel quem faria. **Samuel sugere que Rios (outro repórter do grupo) faça a matéria, e diz que fará a matéria das crianças da OSPA**. Samuel diz que **terá que ser feita na quarta**, pois é o dia do evento. Nisso, Quitéria consegue falar com o *case* da matéria dela e diz que também precisará de equipe na quarta. Eles discutem um pouco como esquematizar as equipes para as três pautas – mania, OSPA, prostitutas, e a da espionagem não prevalece. Voltam a falar das prostitutas e sugerem que seja feita por Katarina Luca ou por Fabiana Lorenzon. Kauã pede a palavra e questiona: *vocês não acham que ficaria chato com a Hilda, que está a fim da matéria, que quer fazer e está empenhada, e tirar ela fora?* Quitéria diz que não tem essas de ficar chato. Mas por fim **Kátia acaba concordando que se a repórter está interessada não tem porque não ser ela**. Eles passam para a avaliação do programa anterior. **Samuel diz que deveriam ter olhado o programa antes de ir pro ar**. Kátia contesta dizendo que não fez porque não tiveram tempo. Samuel **diz que o programa teve problemas nos créditos**

também. Kátia sugere uma forma de edição (BG – IMAGEM COM OFF). Samuel pergunta: *não é uma enjambração?* Kátia diz que não, que é uma técnica que vem sendo usada, que poderia ajudar no caso de sonoras longas explicativas. **Quitéria concorda com ela. Samuel não entende o que Kátia explica, e Quitéria intervém dizendo que ele teria que ver para saber. Kátia diz que não gostou da matéria de Samuel.** Ele pergunta por que. Ela diz que *a polêmica não aconteceu.* **Samuel diz que não gostou da paginação do programa (responsabilidade de Kátia). Achava que matéria da Gisele Bünchen deveria ter fechado o programa.** Alguém comenta que foi Denis quem definiu o lugar dela. Kátia diz que foi falado com Denis duas vezes e que ele afirmava que queria que fosse no primeiro bloco.

Samuel diz que a matéria da Olívia Tobias ficou muito longa, e Quitéria diz: *ela se botou na matéria umas 25 mil vezes.* Kátia concorda, e diz que acha que foi *muito ela* (Olívia), e que a construção da matéria ficou esquisita. Quitéria diz que a matéria ficou muito diferente da pauta, e que *a repórter se perdeu.* **Samuel diz que achou o primeiro bloco bom, e Quitéria diz que achou médio. Samuel fala algo sobre a necessidade de cuidar o que é dado na chamada para não gerar grandes expectativas. Kátia diz que teria derrubado a matéria se Olívia não tivesse trocado o plantão.** Quitéria comenta que na *matéria do abraço não tinha nenhum abraço,* que *ninguém abraçou ninguém.* **Samuel diz que nessa matéria usaram uma fonte só e que ficou ruim. Samuel argumenta que quando só há uma pessoa de fonte, a matéria tem que ser pequena. Kátia pergunta como fazer com o repórter. Samuel sugere que ela fale com Denis e com Marco.**

Kátia pede que fechem a matéria de Samuel na quinta. Samuel diz que não sabe se vai conseguir terminar. Denis passa a participar da reunião. **Samuel já não está mais; saiu mais cedo, como de costume.** Denis pergunta para Kátia como está o próximo programa. Kátia fala da sugestão do Samuel sobre a arapongagem/escutas telefônicas. **Sugerem que seja ou Rios ou Fábio Fonseca para fazer.** Denis acha boa a idéia da arapongagem. Kátia e Kauã falam da proposta do Samuel da orquestra sinfônica de crianças carentes. Denis diz: *essa não é uma matéria para o Semanário.* E pergunta: *Qual o diferencial desta matéria para o Semanário? A matéria da tornozeleira de presos, por exemplo, foi diferente do que os outros fizeram.* Denis argumenta que Rios não está disponível, está envolvido com a série que está sendo feita para o Realidade. Kátia e Kauã falam da matéria sobre as prostitutas, e Denis gosta. **Denis diz que Samuel tem que fazer a matéria da arapongagem, e determina que as matérias serão: a da arapongagem, a das prostitutas e a das manias.**

Denis sai da reunião. **Kátia e Quitéria discutem como dizer para o Samuel que ele não fará a matéria que ele quer e que Denis decidiu que ele teria que fazer a outra. Quitéria diz para Kátia que ela tem que ser firme e dizer muito claramente que Denis não quer que ele [Samuel] faça a matéria e que tem que fazer a outra. Kátia me parece insegura e tensa de ter que ligar para Samuel. Quitéria percebe essa insegurança e a incentiva sugerindo como ela tem que fazer.** Kátia liga para Samuel. **Explica com gentileza a situação, diz que Rios está comprometido com a série, e que Denis não aceitou a sugestão de pauta dele, tendo dito que era para ele fazer a da arapongagem.** Quando Kátia desliga, diz que **Samuel apenas disse que falava com ela depois e que tinha ficado muito nervoso.** Disse: *ah, ele chorou.* Fiquei sem entender se o “choro” de Samuel foi real ou se era uma alusão simplesmente às reclamações. Comentam alguma coisa do tipo que não há o que fazer, que **Samuel teria que aceitar, pois afinal foi Denis quem determinou** (DC, 16/03/09).

Como em geral acontecia nas reuniões do grupo em que Kátia estava no comando, durante todo o tempo Samuel mantinha uma postura ativa, que eu esperaria do editor-chefe: ele avalia, determina quem faz o que, critica, interrompe, toma as rédeas da condução. Em

geral, Samuel era o primeiro a falar, não discutia ou buscava opinião da equipe sobre o que queria fazer, pois suas matérias não pareciam ser objeto de discussão no grupo, mas sim dadas como certas. Mesmo diante da negativa vinda de Denis, portanto, de uma instância superior, de algum modo Samuel conseguiu fazer o que queria. Soube disso no dia seguinte, quando Kauã me informou as mudanças de planos que aconteceram entre a ligação de Kátia para Samuel e a tarde do dia seguinte:

Quando sentamos à mesa, eu e Kauã, pergunto sobre a matéria das prostitutas e ele me diz que vai ficar pra semana seguinte, que o **Samuel tinha conseguido fazer a matéria que ele queria**. Kauã me diz que ia produzir, nessa tarde, a matéria da arapongagem, que quem iria ser a repórter era a Katarina (o nome de Katarina surgiu depois de discussões sobre possíveis repórteres homens, aventados para esta pauta, a partir da recusa de Samuel em fazer e por sugestão dele próprio). Kauã comenta comigo que acha o Samuel um mala, e diz que a Quitéria é legal. Ele me pergunta se eu não acho, e não digo nada, ajo como se não tivesse opinião. Ele parecia querer buscar uma cumplicidade. Antonio chega na redação. *De cara me pergunta: já te decidiu pelo programa?* Digo que ainda não, mas que estou lá porque tinha combinado com Kauã de ajudar a produzir a matéria sobre as prostitutas. Kauã intervém e diz para Antonio: **Ele conseguiu a matéria!**, numa clara alusão a Samuel, e num tom que sugeria a proposta de uma discussão quanto às formas pelas quais o apresentador conseguiu seus intentos. Antonio não dá espaço para este tipo de discussão e diz: **Bom, nisso a gente não pode entrar**. Fico sem compreender o que significa a fala de Antonio, se não poderiam se meter no que houve ou se não poderiam entrar nesse assunto naquele momento. **Kauã está visivelmente incomodado com o fato de Samuel ter conseguido reverter a situação** – de sua matéria, que não deveria ser produzida, de acordo com a decisão de Denis na reunião de pauta – e ter feito valer sua vontade. Sua indignação, pelo que percebo, está relacionada ao fato de que a matéria que ele (Kauã) queria fazer sobre as prostitutas acabou sendo derrubada em virtude da reversão de Samuel. A matéria sobre o projeto do Governo do Estado e da OSPA realmente tinha empolgado Samuel e a frustração parecia ter sido grande. Não sei de que forma ele conseguiu reverter, mas o fato é que, **na disputa, ele acabou convencendo Denis, e Kauã estava muito brabo com isso** (DC, 17/03/09).

Samuel não deixava margem para questionamentos. Ele era uma figura impositiva; informava, não perguntava; decidia, e não parecia disposto a escutar os demais. Entretanto, estas atitudes nunca foram presenciadas seguidas uma postura belicosa por parte do apresentador com os demais colegas. A situação que descrevo acima demonstrou que, numa das poucas situações em que presenciei uma determinação prévia da empresa sobre as pautas do programa, no dia seguinte, Samuel havia feito valer sua vontade. Talvez o perfil de Denis, descrito como mais aberto aos argumentos de todas as pessoas, não apenas das chefias, pudesse ser o facilitador. Havia também o fato de que meus interlocutores sempre se referiam a Samuel como autônomo, desde sempre, e que isso era fator de tensão no grupo e dos chefes. Isso, no entanto, são especulações que refleti a partir do que observei e da tentativa de compreender como Samuel teria feito prevalecer sua vontade.

Os tensionamentos com ele eram uma constante, não apenas com Kátia, mas, no caso dela, tinham relação direta com um permanente e dissimulado não reconhecimento de sua autoridade, manifesto nas atitudes de Samuel. Ainda assim, ela parecia reconhecer nele um lugar de autoridade. E ele, por sua vez, fazia questão de ser autônomo e impositivo em suas decisões.

[reunião de pauta *Semanário*] Kátia sugere fazer uma matéria sobre amores proibidos. Quitéria diz que vai falar na rádio uma chamada. **Kátia ia sugerir alguma coisa, mas Samuel interfere** e pergunta: *Nós não íamos começar pela avaliação?* Kátia concorda, **diz que ele tem razão**. [...] Kátia diz que o Zane sugeriu uma matéria sobre textos que chegam atrasados e que parecem novos. Samuel diz que acha difícil fazer uma matéria dessas na TV por falta de imagens. E logo depois complementa: **eu tô derrubando tudo hoje, vou ficar quieto**. Kátia diz: *não, não*. **Logo em seguida Samuel diz que tem uma boa sugestão**. Sugere que se faça uma matéria sobre verdadeiro e falso; pegar produtos como bolsas, tênis, entre outras coisas, mostrar para as pessoas e perguntar se vêem a diferença. **Samuel e Kátia discordam sobre o perfil da matéria**. [...] Samuel fala sobre a sugestão que Kauã deu da matéria sobre o Centenário do Inter, e **diz que nessa semana não quer fazer matérias. Diz que tem coisas para resolver, e que não vai fazer matérias essa semana**. [...]

Outra sugestão apresentada por Kauã é uma matéria sobre os haitianos que moram numa vila dentro do Ipa. Quitéria pergunta se essa matéria não tem cara de Variedades. Eu pergunto o que é “cara do Variedades” (que tanto já escutei este tipo de questionamento e diferenciação) e Quitéria me diz: *uma matéria que não tem inusitado, só relata e mostra*. **Samuel diz que faria essa matéria, mas só na semana que vem**. E complementa: *eu já estive no Haiti*. Kauã sai da sala para conferir como é a situação dos haitianos na vila do Ipa. **Kátia insiste para que Samuel faça nessa semana, ele não aceita**. Kauã volta da redação e diz: *é mais legal do que se pensava. Não são só haitianos, são moçambicanos e outros que têm na vila*. E Samuel retruca: **mais legal pra quem?** E completa: **eu não quero fazer com os outros, eu quero fazer só com os haitianos. Eu falo francês**. [...] Samuel diz que está debilitado, mas não é explícito no quê. Ele espirra alto duas vezes no meio da reunião, atrapalhando os demais. Quitéria reclama do barulho dos espirros que ele dá e que atrapalham a fala dela. **Samuel manda ela se foder**. Samuel, durante a reunião, atendeu ao telefone duas vezes, sendo que numa delas ficou um tempo afastado do grupo, sentado no sofá da sala que tem ao lado da sala de reuniões. Parece dispersivo. As atitudes dele durante a reunião, **espirrando alto e atendendo telefonemas de uma forma que atrapalhava os demais, não querendo fazer matérias ou colocando condições e prazos de acordo com a sua vontade, chamaram minha atenção para uma autonomia que parecia privilégio apenas dele** (DC, 24/03/09).

As atitudes de Samuel prejudicavam o grupo, e Kátia, na função de chefe, percebia isso e tentava resolver. Mas nem sempre conseguia.

Quitéria reclama que as duas últimas chamadas foi ela quem gravou. Kátia e ela comentam que seria mais fácil se Samuel fechasse a matéria dele, já que Katarina teria mais dificuldade e menos tempo para fazer porque está mais em cima. Elas comentam que **Samuel não quer fechar a matéria logo só porque não quer**. **Kátia diz que não vai ligar para Denis para reclamar, pois não é do perfil dela, mas que essas atitudes acabam fazendo sobrar pra todo mundo. Elas discutem estratégias para fazer com que Samuel grave a chamada** (DC, 06/04/09).

Apesar de sempre manifestar desconforto, de um modo ou de outro, Kátia também acabava atribuindo a Samuel um lugar de saber e de poder de decisão. E um dos marcadores reconhecidos nele era o tempo de serviço, e que também me parecia que tinha a ver, em muitos casos, com o marcador social de geração que também era um elemento de distinção:

[ilha *Semanário*] Samuel fala para **Kátia dar uma olhada nas alterações que ele fez dizendo *porque algo pode não estar bem, e eu não vi todas as matérias***. **Kátia e Samuel discutem sobre onde colocar, no espelho**, a chamada de um programa que é depois do *Semanário*. [...] **Depois da chegada de Kátia, Samuel se muda para a ilha da produção**, fica sentado lá assistindo ao jogo da seleção brasileira. [...] **Kátia pergunta para Samuel qual ordem costumam seguir**. Samuel responde: *chamadas, manchete, a seguir, previsão do tempo, cabeças em sequência*. **Samuel diz que as chamadas ficaram ruins**, que ficaram mal enquadradas. [...] Kátia chama Samuel **para perguntar o que ele acha entre uma matéria e outra**, e quando faz isso faz uma deferência, diz: *Samuel, que é a pessoa mais antiga do programa*. Samuel levanta da cadeira e coloca as mãos nas costas, na altura dos rins como se estivesse imitando um idoso, vai na direção de Kátia e responde: *entre a apreensão de cigarros e travesti, que nem sei o que é que houve, travesti* (DC, 29/03/09).

O tempo foi passando e o revezamento continuava. Antonio parecia começar a reconhecer nele mesmo os traços de uma postura mais impositiva, principalmente pelos choques com os colegas, algo que eu já vinha percebendo ao longo da observação. Ao mesmo tempo, ele manifestava interesse em transformar essa postura pensando na possibilidade de ocupar interinamente, sozinho, esse lugar, e creditava esse desejo de mudanças a questões de ordem religiosa:

[Antonio me convidou para um café depois que saímos da reunião de pauta, e fomos tomar em uma cafeteria no bairro Menino Deus.] Hoje em nossa conversa no café na empresa, Antonio atribui uma conversa que teve com Samuel, em que pediu desculpas por um atrito que haviam tido anos atrás, como fruto das conversas que tem com o Pastor de sua igreja, e que nessas conversas: *Percebi que me faltava humildade, e que pra eu ser um gestor, precisava estar aberto com o pessoal da equipe*. Diz-me que o Pastor o ajudou a repensar o papel dele como gestor, e que agora entende que **precisa ser um condutor dos processos, e não um impositivo**. Diz-me que não costuma falar sobre sua religião a não ser que tenha intimidade com alguém, e que não o faz **porque teme que o desacreditem por causa disso**. Falo que acho muito bacana essa percepção de não ser impositivo, que realmente a autoridade é comumente associada e valorada como autoritarismo, e que isso é muito comum em nossa cultura. Digo que tenho percebido que a não escuta é um processo que impede quem está numa relação de poder de abrir seus horizontes para além de suas verdades; que a não escuta numa relação em que dois falam tem chamado minha atenção para pensar que isso também pode ser um dado sobre relações de poder.

Enquanto falo isso lembro que por algumas vezes percebi que quando Kauã falava (em momentos em que estávamos os três, ou em que o diálogo era entre os dois ou em relatos do próprio Kauã), Antonio não escutava, ignorava. Penso também no quanto as portas abertas de Denis Lopes podem ser um estranhamento para a redação e uma vantagem em como o percebem no sentido de mais horizontal, sem perder a autoridade, mas como uma possibilidade de escuta. Já ouvi várias vezes falarem do quanto evitavam a sala quando era do antigo

diretor de telejornalismo, e do quanto esse ex-diretor era vertical, como as coisas se decidiam de modo unilateral e de que não havia espaço para que se pudesse propor. Tanto que cheguei a colocar para Antonio: *será que as portas do Denis vão continuar abertas, para que toda e qualquer pessoa possa entrar quando quiser, falar abertamente se dirigindo a ele e sendo escutado?* Antonio me respondeu que acha que sim, e me conta que um dia Denis o chamou na sala, e logo emenda: ***tu já deve ter percebido que eles estão apostando em mim como líder, né? Querem me formar como gestor.*** Antonio continua e me conta que uma das sugestões de Denis foi a de que Antonio fizesse a leitura do livro “O Monge e o executivo”, que parece ser aquelas leituras de formação de líderes. Antonio me diz que pela indicação da leitura ele acredita que Denis tenha um perfil de quem **não enxerga a liderança como algo em pirâmide, mas sim como em rede, num perfil de células em que o gestor é o centro, não o topo.** Diz-me que não leu o livro, mas leu *outros parecidos, em que a figura inspiradora é Cristo, o maior líder e que até hoje lidera multidões.* Ele diz que espera que Denis continue assim. Eu digo que tomara que sim, que também acho que as relações não precisam ser de autoritarismo, e que os valores masculinistas de que falo quando penso em gênero são justamente esses de associar força, belicosidade, imposição, entre outros, como elementos de destaque, e que entendo que nossa cultura valorize estes. Antonio me diz que **a sensibilidade não é uma coisa bem vista, e que concorda que a verticalidade e as posturas de imposição sejam mais valorizadas.** Digo-lhe que acredito que o grande desafio de se pensar o poder e a autoridade seja justamente questionar se isso de alguma forma é tão bom assim. Digo que acredito que existam os micropoderes, e que mesmo aqueles que estão em posições menores na escala também têm formas de poder, e que podem virar um grande poder em determinadas circunstâncias. Ele parece reflexivo (DC, 11/05/09).

Mesmo se percebendo mais vertical e impositivo, Antonio ainda assim elogia a postura horizontal de Denis e se propõe a repensar a sua. Ele também reconhece, assim como Kátia, que *sensibilidade não é uma coisa bem vista*, e concorda que posturas impositivas são mais valorizadas, típicas dos lugares de poder, de autoridade.

Durante o processo de revezamento, que já durava um mês, novas configurações foram acontecendo. Antonio começava a esboçar o desejo de assumir a função de editor interino:

[redação do *Semanário*] Pergunto para Antonio se é impressão minha ou se ele está mais confortável em ser o editor-chefe do *Semanário*. Ele me diz que *algumas peças do jogo na TV Com mudaram.* Diz que o Paulo, um dos apresentadores do Palco, vai sair do programa e virá para o jornalismo, e que agora estão com restrição de lugares para fazer o programa, e que também ele, que ficava até às 22h, vai ter que ficar uma hora a mais, saindo às 23h. Fala que **agora pondera ficar no *Semanário*** e que aqui (no *Semanário*) tem mais flexibilidade de horário durante a semana (DC, 05/04/09).

Kátia saiu do programa. Ela pareceu não suportar a pressão e, no anúncio de seu afastamento, verbalizou claramente o peso da influência de Samuel na decisão de se afastar do programa, já percebido por mim nas relações entre eles:

[Kátia e eu conversamos no corredor] Digo para Kátia que meu campo está quase terminando, e que estava querendo ver a possibilidade de acompanhar alguma matéria, e que seria mesmo percorrendo desde a pauta, e que nessa semana pelo jeito ficaria difícil. Para minha surpresa, **ela me diz que está saindo do**

programa também. Eu pergunto o que houve, e ela me diz que está indo para outro programa e completa: *Samuel me disse que não queria que eu sáísse, e por isso cheguei a pensar em mudar de idéia.* Eu comento que percebi que o momento estava tenso, reconfigurações. Ela me diz que sim, que todos se dão bem, mas que **há muito tempo estão numa situação provisória, e que também tem as questões financeiras, que não está ganhando para essas responsabilidades e que também não sabia se valia a pena sacrificar finais de semana** (DC, 13/04/09).

O cargo de editor-chefe interino fica com Antonio. Kátia foi para outro programa da empresa (um programa segmentado), num processo de troca, uma vez que Cláudia Rosaldo, então editora-chefe deste programa, passa a ser editora-executiva do *Semanário*. Nunca fiquei sabendo claramente como foi o processo decisório; mesmo tendo perguntado, sempre me responderam com evasivas.

Fiquei intrigada com a saída de Kátia, uma vez que poderia ter permanecido como editora-executiva do programa. E com a vinda de Cláudia, fiquei curiosa para saber os motivos da escolha dessa jornalista para o cargo de editora-executiva. Quando perguntei a Antonio quais os motivos da escolha, este me explicou que ela teria *o perfil; há muito tempo o nome dela vem circulando e acho que ela é uma boa editora* (DC, 23/04/09). Antonio não quis dar detalhes, mudou de assunto.

Fiquei atenta para o perfil de Cláudia, pois talvez me desse pistas de características diferentes em relação à Kátia. No primeiro dia em que Cláudia participou do programa, já manifestou um pouco de seu perfil:

[no *switcher*, pouco antes do programa ir ao ar]: Odília (da operação) pergunta para Cláudia, referindo-se à sua entrada no *Semanário*, se ela veio *pra pôr ordem na casa*. Cláudia responde: *sim, e vai ter chicote!* (DC, 19/04/09).

Nesse mesmo dia, pouco antes, na redação, Cláudia já havia falado de sua postura mais sisuda. *Só mostro os dentes para quem merece!* (DC, 19/04/09), disse ela para Pururuca, sonoplasta, quando conversavam sobre a sua entrada no programa. Na oportunidade, ele a descreveu como estressada no outro programa. Em pelo menos dois momentos ouvi Cláudia se auto-descrever como “mandona”, e noutra, como dominadora:

[redação]: Quando voltamos para redação, Antonio e Cláudia conversam sobre terapia. Ela diz que nunca se adaptou, que não sabe se seria bom, mas que pensa em fazer porque se **acha muito dominadora** (DC, 26/04/09).

[final da reunião de pauta] Kauã, do nada, vira pra Cláudia e diz que ela vai ser legal, referindo-se ao novo cargo que ocupará. Ela questiona e diz que *é mandona*. Ele diz: *não, comigo sempre foi legal*. Levantam e saem da sala (DC, 27/04/09).

Claudia demonstrava um perfil cujos atributos eram predominantemente masculinos e estavam em sintonia com os atributos profissionais mais valorizados. Uma profissional do sexo feminino cujos atributos de gênero eram masculinos entrava em cena. Definida a ocupação do cargo por Antonio, a saída de Kátia e a entrada de Claudia, estavam configurados os cargos de chefia, os lugares de poder e de prestígio. Como pude perceber, entretanto, nem sempre poder e prestígio eram atributos exclusivos dos cargos de chefia. E nem sempre o tão valorizado masculino estava num corpo biológico de mulher.

3.2 Vertical *versus* horizontal: os ingredientes da disputa nas relações de poder e prestígio

Observando o processo que resultou na escolha do editor-chefe interino do *Semanário*, percebi que as características pessoais – e antagônicas – dos dois candidatos ao cargo eram elementos que perpassaram e incidiram nos rumos dessa decisão. Ambos eram profissionais reconhecidos; não havia dúvidas sobre a competência e experiência deles no exercício do jornalismo. Eram qualificados para o cargo, por isso estavam nessa posição. Contudo, as diferenças cada vez mais estavam marcadas em seus comportamentos.

A forma distinta nos modos como se portavam, como se sentiam e como eram percebidos os dois interinos pelos demais membros da equipe do programa davam pistas de que algumas características eram mais valoradas e outras menos, e com isso a autoridade se constituiria ou não. O próprio personalismo de Queirós, associado diretamente à identidade do programa, já era um indício de que haveria uma comparação, um parâmetro. A saída de Queiros parecia também ter criado brechas para algumas mudanças e reconfiguração de forças no *Semanário*.

Havia um lugar de poder a ser ocupado. A partir da perspectiva de que o gênero é constitutivo das relações sociais e é impregnado pelo conceito de poder (BONETTI, 2009), percebia que tais características não apenas diferenciavam como constituíam os meandros das disputas. Estavam, portanto, permeadas por atributos de gênero. Antonio, com suas características de mando, autoritarismo, verticalidade, autonomia e força (no sentido de “matar no peito”, enfrentar problemas e se posicionar impositivamente), apresentava atributos que convencionalmente são associados ao masculino em nossa sociedade. De outro lado estava Kátia, com características de escuta, horizontalidade, cuidado, ordenação em conjunto e sensibilidade, atributos tidos como tipicamente femininos. Não apenas eu os percebia desse

modo. Eles próprios se descreveram com tais características, bem como revelaram quais delas eram de maior e menor valor na cultura da empresa.

Coincidentemente, a escolha de Antonio – e do masculino – como o perfil mais apropriado para esse cargo de chefia estava em consonância com a norma mais geral dos atributos de gênero que convencionalmente se associa ao poder, às disputas políticas, etc. No ocidente, o exercício do poder majoritariamente é tomado como sinônimo de autoritarismo, de força, de imposição, de mando. Exemplo disso é a forma como até hoje as disputas e divergências políticas mundiais são resolvidas, na maioria das vezes: guerra, belicosidade, imposição de uma cultura sobre a outra.

Antonio reunia os atributos masculinos e mais valorados, e acabou ocupando o lugar de editor-chefe interino. Entretanto, a valoração do que convencionalmente se associa ao masculino não era sinônimo de que apenas os homens ocupariam este lugar, apenas indicava o perfil e os atributos de quem melhor se circunscrevia a ele. Claudia, por exemplo, que veio para o lugar de editora-executiva, parecia ter, igualmente, esses atributos, e do mesmo modo se identificava como “mandona”. Talvez essas características fizessem parte do tal perfil mencionado por Antonio como razão de sua seleção para aquele lugar. Mas o mais surpreendente de minhas observações não foi constatar que esses atributos mais bem valorados e masculinos se relacionavam a poder e prestígio, mas perceber que estes nem sempre estão restritos aos lugares de chefia instituídos formalmente, como pretendo discutir a partir de agora.

Quando cheguei ao *Semanário*, tinha em mente que a função de editor-chefe era muito relevante para entender o percurso da notícia. Atribuía a essa figura, a esse cargo, o lugar máximo da hierarquia, do poder, das proposições e das decisões num programa, e nesse sentido pensava que as notícias estariam muito relacionadas a esse profissional. Com o tempo, durante o trabalho de observação, fui entendendo que nem sempre a decisão final sobre as matérias era do ocupante desse cargo. Nem mesmo o poder estava centrado necessariamente na sua figura. Formalmente, o editor-chefe é o responsável pelo programa, mas naquele contexto havia outros poderes, outros percursos decisivos no processo de produção das notícias.

Identifiquei que, entre os membros do grupo, Samuel era a personalidade que ocupava o lugar de maior prestígio, autonomia, visibilidade e poder nas disputas. Nos fragmentos de diários já trazidos, é possível perceber um pouco dessa dimensão. As características de Samuel não se refletem apenas nos tensionamentos mais frontais com Kátia, mas numa postura permanente com os demais membros do grupo e também com as chefias. Samuel

sempre era consultado pelos colegas e editores-chefes interinos, em geral tomava iniciativas, propunha não apenas as pautas consideradas “sérias, fortes, de alta cultura, de risco e coragem”, por consequência as mais valoradas, mas do mesmo modo indicava repórteres para cumpri-las e permanentemente propunha soluções e diretrizes para o programa. Agia para além das suas atribuições de apresentador e repórter, sempre com posturas de iniciativa, nunca de passividade. Não deixava margem para questionamentos, impunha suas idéias e não era confrontado frontalmente por isso. Entretanto, cabe ressaltar que sua postura, apesar de impositiva, não era belicosa.

O prestígio de Samuel não se restringia ao programa, mas parecia ser extensivo à empresa. A autonomia era outra característica, uma vez que era o único a chegar e a sair das reuniões quando bem quisesse, a manifestar claramente que não cumpriria suas obrigações por não querer, como no caso de não fazer matérias ou fazê-las como e quando quisesse. E nunca o vi sofrer sanções de nenhuma das instâncias de chefia.

Sua postura junto ao grupo era sempre a de quem detinha “o saber”, o que era também creditado à sua antiguidade no programa. Parecia manter um distanciamento dos demais, e isso se manifestava também nos lugares físicos que ocupava: quase nunca partilhava a mesma ilha de trabalho da equipe (em geral ficava sozinho noutro lugar) e costumava assistir aos jogos de futebol na TV da redação em dias de programa, saía mais cedo e chegava mais tarde nas reuniões. Suas opiniões pesavam, mesmo quando não estava presente. Julgava pessoas, programas, matérias; era afeito a sarcasmos nas disputas, e costumava dar ordens nas mais diversas circunstâncias. Trago um fragmento de diário de campo, de passagens numa reunião de pauta, que talvez possa ilustrar as descrições que faço da postura deste jornalista junto ao grupo:

Kauã me chama para irmos para a reunião de pauta. Kátia já não estava mais como editora, e Antonio ainda estava no Palco essa semana. Era o primeiro dia de Cláudia como editora-executiva. Kauã senta na cabeceira da mesa, e parece querer coordenar a reunião; Cláudia senta ao lado direito dele, num lado da mesa, e Samuel no outro lado, à esquerda de Kauã. Quitéria, pela primeira vez, ainda não havia chegado no horário. **Samuel explica para Cláudia** que normalmente o processo da reunião começa por uma avaliação do programa. **Ele diz que gostou do programa** de ontem, que **achou que tiveram matérias mais profundas**. Fala da brincadeira de Olívia Tobias, e diz *que são coisas de risco, que se dá certo fica muito bom, mas que se dá errado, dá tudo errado mesmo*. Kauã diz que Everton falou que não gostou, que achava que o público teria ficado incomodado. **Samuel diz que não concorda**, que acha que as pessoas não ficaram incomodadas, **que acha que deu certo a brincadeira**. Ele diz que **Everton falou isso porque a visão dele é muito formatada em “hard news”**. Kauã diz que **Everton também sentiu falta de mais lances do jogo. Samuel concorda e diz que acha que faltou a festa**.

Samuel **diz que gostou da matéria de Quitéria, mas que faltaram algumas informações**, mas acrescenta *que a pauta é boa*. Kauã diz que Denis gostou do programa. **Kauã pergunta o que Samuel quer fazer essa semana**, e Samuel responde: *eu quero e vou fazer, se tiver equipe na quarta, uma matéria sobre sereias*. Depois explica que esteve hoje no atelier de um expositor que produz peças que misturam bichos e pessoas, anatomias diferentes. Diz que quando esteve agora no atelier, que ele teria produzido uma sereia, e que teria dito que tem muitos estudos sobre sereias, muitas referências visuais, e tem como fazer coisas *como transformá-la em mulher, inclusive produzindo uma vagina*. **Kauã pergunta o que Samuel precisa**, e ele responde que *apenas da equipe para quarta, porque a produção já está pronta*. **Diz que será uma matéria pequena**. Kauã conta a sugestão de pauta da Olinda Batista, só que dessa vez ele diz que a sugestão na verdade é do cinegrafista que a acompanhou na matéria sobre os familiares de policiais que morreram em serviço. Samuel pergunta: *mas querem fazer o que, pauta sobre ladrões que morrem em serviço?* **Fala em tom jocoso**, mas Kauã explica novamente a pauta, como tinha falado para Cláudia, antes da reunião. Samuel **diz que não é querer colocar água fria**, e que seria uma matéria maravilhosa, entretanto, pondera que seria muito difícil fazer matéria e mostrar famílias de presos: *se conseguir, será maravilhoso*. Diz que também **não daria para fazer com imagem distorcida, porque senão ficaria horrível, não teria história**. Kauã diz que **então vai limpar a matéria**.

Kauã diz que Hilda estava querendo fazer uma matéria sobre os índios no Morro do Osso. **Samuel diz que já fez uma matéria sobre índios, mas que foi numa cidade do interior** (que não consegui pegar o nome, e não quis perguntar), **e diz que lá é que estão os índios mesmo**. Cláudia diz que Hilda, então, teria que ir pra lá, e não fazer no Morro do Osso. Quitéria chega. Senta entre Samuel e Kauã, de costas para a redação, de frente para Cláudia. **Samuel diz que já avaliaram e fala sobre o que sentiu falta na matéria da Quitéria**. Quitéria escuta, e depois diz que a mulher da *Pet shop* tinha dado, sim, as informações que Samuel alegava não ter, e que a fonte teria falado na matéria o que fazer, que seria alimentar os animais menos, mais vezes por dia, e que um case teria falado das caminhadas que tem feito, como uma forma de combater a obesidade. **Samuel sugere que façam uma matéria acompanhando, durante 4 semanas, um animal de dieta. Todos acham bom**.

Depois, Samuel sugere que façam um quadro sobre animais. Fala que as pessoas poderiam enviar sugestão de vários animais, cachorros, gatos, lagartos. Quitéria pergunta se as pessoas é que gravariam, e Samuel responde que não, que **eles iriam e fariam a matéria**. Quitéria conta que teria conhecido na Pet Shop um desembargador e que ele teria contado histórias sobre seus animais de estimação. Ela diz que o cara teria uns 20 cachorros. Samuel **diz que uma pessoa pra ter tanto bicho não deveria fazer sexo**. Quitéria pergunta se eles não acharam a matéria de Brasília muito estilo Realidade. Samuel **diz que não, que acha que a matéria abordou bem o assunto, que está sendo muito discutido, e que trouxe um lado que até então não tinha aparecido**. Diz que *matérias que envolvem decisões do STF sempre ficam com cara de Realidade, mas é assim mesmo*. [...] Samuel pergunta: *e aqueles efeitos de baile de debutante na matéria da Quitéria?* Kauã diz que foi na pós-produção. Quitéria diz que a matéria foi finalizada ontem. Samuel diz: *não dá pra pós-produção fazer isso sem falar com a edição*. E completa: *feito em edição tem que dizer alguma coisa, não é pra ficar bonitinho*. Kauã pede para voltar a discutir a semana; diz que Samuel vai fazer matéria sobre as sereias. Quitéria diz: *que amor!* Samuel retruca, de forma irônica, dizendo que *mesmo que Quitéria tenha chegado atrasada, vai*

ter muito prazer em explicar para ela. Enquanto Samuel explica pra Quitéria, Cláudia pergunta para Kauã se ele anotou o que o Samuel falou sobre a chamada para eles fazerem depois.

Kauã diz que Samuel vai gravar a chamada na rua. **Samuel sugere que se faça uma matéria que foi feita há muitos anos**, pelo Carlos Belo. A matéria seria sobre os parques à noite. Sugere que seja feita por um repórter com perfil de polícia, e sugere que seja o Rios. Kauã diz que acha que não precisa ser feita por um repórter com perfil de polícia, acha que poderia ser feito por outro. Samuel diz que *precisa ter perfil de polícia, porque à noite nos parques o que tem são gays, viciados e traficantes.* Quitéria diz que *é melhor ter perfil policial porque este tipo de repórter saca coisas que outro não.* A matéria teria que ser feita amanhã à noite, por causa dos tempos de finalização das demais matérias. Kauã liga para Marco e pergunta se poderia ter o Rios amanhã à noite, mas Marco teria argumentado que não, porque Rios é repórter da manhã. Samuel **sugere que se coloque como chamada: descubra o que acontece nos parques quando a noite cai.** Samuel diz para Kauã **pegar no arquivo a matéria** que foi feita por Belo; comenta que Belo teria ido fazer a matéria até com colete à prova de balas. Samuel **diz que achou um exagero**, mas Quitéria argumenta que *era isso que era legal no Carlos.* Quitéria diz para Kauã que todo mundo aceitou a matéria da sogra, só ele que não quer. Kauã pergunta como é que ela vai fazer? Ela diz: *vou usar a novela também.* Samuel **sugere que Quitéria pegue piadas sobre sogra e que coloque esquetes.** Quitéria sugere que Paulinho Mixaria seja um dos humoristas para fazer um esquete. Samuel **acha que deve ter mais cases, mais humoristas, que um só fica complicado.** Sugere que os cases sejam costurados com piadas, e que a matéria seja curta (DC, 20/04/09).

Como apresentador, Samuel também obtinha prestígio e reconhecimento, em especial pelo público, o que do mesmo modo acontecia com sua colega e também apresentadora Quitéria. Entretanto, Quitéria, mesmo com grandes semelhanças e proximidade em termos de idade, tempo de empresa e de programa, mesmo cargo e função, não gozava do mesmo prestígio, poder e autonomia de Samuel no *Semanário* e na empresa. Tampouco compartilhava a mesma postura vertical e impositiva dele com os demais colegas de equipe. Muitas vezes pude perceber que, apesar do tempo de serviço juntos, Quitéria também não conseguia ser frontal em suas discordâncias com Samuel, e quando o fazia sempre buscava suporte em outras autoridades e cumplicidade das chefias para endossar suas opiniões:

[eu e Antonio no fumódromo]: Quitéria Klauss apareceu e foi dizendo que tinha acabado de discutir com o Samuel sobre a matéria dela sobre Manias. Quitéria diz que Samuel insistia que aquelas manias eram TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), e achava que deveria ter uma psicóloga na matéria dela. **Quitéria fala que o contestou dizendo que a idéia não era discutir se era ou não doença, e sim fazer uma coisa leve sobre manias.** Disse que na reunião de pauta tinham discutido isso, e que teriam decidido que não trariam pro lugar de doença e não chamariam ninguém pra opinar. Acrescentou que uma das personagens da matéria fazia tratamento, mas que sua psicóloga teria dito que esta mania (de colocar os sapatos invertidos ao lado da cama antes de dormir e guardá-los assim) não era TOC. Antonio concorda com ela. Me pareceu que **Quitéria acabou usando o depoimento da psicóloga para argumentar com Samuel; não usou na matéria, mas ainda assim teve que usar para se legitimar com ele** (DC, 22/03/09).

Noutra ocasião, Quitéria não foi frontal na discordância:

Samuel acha que deveriam fazer alguma coisa diferente sobre a gripe do porco. Everton diz que tá todo mundo querendo fazer isso. Samuel diz que eles (do *Semanário*) **sabem fazer isso, que cresceram assim, sabem**. Samuel sugere que se faça alguma coisa sobre a máscara. Diz que o problema é que a pauta nasce muito aberta (e movimenta as mãos) e devia vir mais fechada. Samuel pergunta se teria uma fábrica de máscaras. [...] Samuel diz que a gripe suína é o assunto do mês, e quem sabe, do ano. Samuel sugere o gancho das máscaras, alguém com máscara nos lugares como aeroporto, mercado público. Everton acha que pode assustar a população. Samuel diz que acha que não assusta *porque vão estar com a equipe de TV*. Antonio pergunta se vão nessa da máscara. Diz que tem Greenpeace, bombeiros, cinema e factual. Antonio comenta que viu matéria sobre a gripe no Globo Repórter e no Profissão Repórter, e Samuel diz que eles **têm que fugir do que os outros fizeram, que tem que ser o primeiro, não dá pra ser o segundo**. Everton sugere ver a transformação de um prédio famoso, tipo o do Guaspari. O tempo todo, nunca ficou declarado quem seria o repórter a fazer a matéria das máscaras, mas havia indicativos de que seria uma matéria do estilo de Quitéria. [a reunião segue] Pelas 16h20 **Samuel e Everton saem da reunião**, os demais permanecem. **Quando não estão mais, Quitéria comenta: eu não quero fazer a matéria das máscaras**. Antonio diz que não vão fazer. Kauã e Claudia dizem que também não gostaram desta sugestão (DC, 27/04/09).

Pouco tempo depois que saí do trabalho de campo, cerca de duas semanas, fui surpreendida: a matéria das máscaras foi feita. E por Quitéria. Logo me lembrei das discussões, da discordância da maioria de meus interlocutores e mais uma vez constatei: pelo visto, as propostas de Samuel acabavam sempre prevalecendo.

Quitéria, geralmente, era cordial, sorridente e brincalhona com os colegas e demais profissionais da empresa. Sua atuação dava-se sempre em nível horizontal com a equipe e com os editores-chefe interinos. Não tinha a mesma autonomia nem o mesmo poder de decisão de Samuel. Já a participação deste, em todos os processos, era uma constante. Tudo era por ele avaliado, em todas as instâncias de produção das notícias. As coisas aconteciam, na maioria das vezes, porque ele queria e como ele queria. Mesmo quando Antonio estava à frente do programa, a postura permanecia a mesma.

[redação do *Semanário*] 17h24 - Helen avisa: *gente, confirmado o primeiro caso de gripe suína no RS*. Samuel diz: **pára tudo!** Helen diz que o Secretário de Saúde vai dar uma coletiva. Antonio **diz que vão dar VT**. Samuel **diz que acha que eles têm que ir lá e dar ao vivo; diz que vai até o hospital**. Antonio concorda. Samuel pergunta para Antonio o que ele vai derrubar. Antonio **diz que a princípio, nada**. Samuel **acha que vai ter que derrubar, diz que deu tudo na chamada**. Antonio decide derrubar a matéria do bocejo e dizer ao público que vão ver na semana que vem. Samuel **não ouve e diz que acha que não tem problema derrubar alguma coisa**, e Antonio **diz que vai fazer, diz que já derrubou o bocejo**. Antonio pede para Kauã começar a produzir e ir buscar imagens da gripe. Antonio **começa a escrever a matéria e Samuel, de pé, visivelmente empolgado, dá idéias de chamada**. Helen diz que falou para Denis. Discutem como fazer, se entrevistam o Secretário de Saúde ou se só repórter ao vivo em frente ao hospital. Samuel **acha que não tem que entrevistar; Helen, Santiago e Ilton acham que sim**. Samuel pergunta se **não vai ficar muito chapa branca**, mas os demais acham que não. Helen diz que eram 2 casos monitorados em casa e um deles foi

confirmado, e que não sabem para qual hospital vão levar a pessoa. Antonio decide que será um vivo com entrevista, e que será Alvim quem vai fazer. **Samuel liga, do próprio celular, para o Secretário Terra e pede para saber em off para qual hospital vai a pessoa; insiste, diz que vão até lá discretamente; depois diz: só uma pergunta: é perto ou longe de Porto Alegre? Longe. Então, quem sabe a gente faz um vivo na Secretaria? Samuel desliga e informa os demais;** diz que o Secretário falou que vão levar pra um hospital de referência no interior. Alvim, que estava de plantão, já está indo para a coletiva. Discutem, acham que o hospital de referência é o de Santa Maria ou de Passo Fundo. Antonio liga para Santa Maria. Decidem que vão ligar para todas as praças pra tentar um vivo do interior. Samuel diz: *tem que botar todo mundo para correr*, se referindo ao pessoal das demais praças. Samuel *sugere um vivo para tranquilizar a população*. Ilton liga para Passo Fundo. **Samuel liga para Zero Hora para ver se eles não sabem, passa as informações que tem para ZH e diz: quem souber primeiro passa.** Samuel diz que falou com o editor de geral na Zero. Santiago está com Pelotas na linha. **Samuel diz para Ilton que acha que tem que avisar todos os chefes. Jeferson acha que não. Samuel diz que se fosse chefe gostaria de saber.** Antonio ligou e acha que é Santa Maria, que disseram que a mulher foi liberada e acham que pode ser essa. Estão todos em polvorosa na redação. Pela primeira vez vejo uma interação entre a equipe de plantão na produção, na reportagem, no programa, envolvendo as demais praças. **Samuel está empolgado, fala de pé, circula com a mão no bolso falando, tendo idéias, comandando. Antonio pergunta para Alvim se é ele quem vai fazer o vivo.** Samuel diz para Antonio: *se tu quiser, eu posso ir* (no lugar de Alvim). Antonio pondera com Samuel que é ele quem vai fazer as cabeças e que ia ficar ruim. Antonio explica pra Kauã como vai ser: vão dar o VT com a reportagem feita na coletiva e depois entram com um vivo do Alvim. Helen avisa que Denis mandou e-mail dizendo que é pra chamar de “Nova Gripe”. Diz que a **recomendação da Globo é que se diga gripe suína na cabeça e depois sempre chame de Nova Gripe.** Antonio diz para Alvim que **o VT é para explicar a gripe, e no vivo é para explicar o que isso implica no estado, o que as pessoas devem fazer, dar o serviço.** Diz que no VT são os dados, a coletiva, esclarecimentos. Antonio diz que um dado importante é que nessa época, aqui no estado, a incidência de gripe é normal, e que eles tem que saber como os gaúchos vão distinguir os sintomas. [...] (DC, 10/05/09).

Assim como entre os dois editores que se revezavam na chefia, numa comparação direta entre os dois apresentadores, os atributos que caracterizavam os comportamentos de Samuel e Quitéria eram distintos: ele, com aqueles convencionados como masculinos; ela, com os femininos. Era ele quem ocupava o lugar de poder e de mais prestígio, e esse poder, como já discuti anteriormente, prevalecia até mesmo com as chefias.

Com o tempo fui percebendo que os atributos mais valorizados – e masculinos – não eram exclusividade apenas dos sujeitos institucionalmente investidos nas estruturas de poder. Mas eram indicativos de quem um dia poderia chegar ao topo na hierarquia. Uma dessas pistas foi dada por Kátia, que havia identificado na postura de Kauã características que, segundo ela, o levariam um dia ao cargo de chefe. A identificação se deu na forma de uma avaliação de suas atitudes, consideradas negativas. Em uma reunião de pauta, coordenada por ela, em que estavam presentes Quitéria, Kauã e eu, quando discutiam qual repórter poderia

fazer uma matéria sobre um casamento inusitado (em que o noivo seria pego de surpresa, só sabendo que era o noivo no próprio casamento), Kauã afirmou:

Temos que escolher um bom repórter. Diante dessa fala, Kátia se dirige a ele e diz: *todos os repórteres são bons repórteres, Kauã. E se tu for chefe, o que é bem possível, nós* [se referindo a ela e a Quitéria] *estamos na rua.* [A reunião seguiu, e mais adiante, novamente] Kauã sugere uma determinada repórter para uma outra sugestão de pauta, argumentando que *ela era a cara do programa*, como se isso fosse sinônimo de uma repórter com características “à altura” do *Semanário*. Kátia, novamente se dirige a Kauã e diz: *Kauã, como tu és prepotente. Tão novo e tão prepotente.* Ele fica sem graça. Ela segue argumentando que fica impressionada com a forma como Kauã se refere *fazendo distinção entre os repórteres e os programas, identificando nele algo como um perfil discriminador e hierárquico* (DC, 31/03/09).

A distinção – e hierarquia – entre repórteres era uma praxe na empresa. A existência dos chamados “repórteres especiais” é um exemplo. Eles eram os únicos “autorizados” a fazer matérias para exibição nacional, na Rede Globo. Esses eram também os indicados para atuar no *Semanário*. Como discutirei mais adiante, a escolha dos repórteres para determinadas matérias também se dava num processo complexo, em que os atributos – inclusive de gênero – associados ao perfil de cada sujeito eram invocados como fundamentais. A crítica de Kátia a Kauã talvez refletisse seu incômodo com as diferentes formas de distinção na própria empresa. E nesse contexto foram manifestadas junto àquele que, em relação a ela no programa, estava em posição hierarquicamente inferior.

Kauã era o profissional com menos idade e menos tempo no programa. Ocupava o cargo de editor de texto, e, pelo que entendi, tinha o menor salário. Ele reclamava constantemente de posturas que definia como autoritárias e hierárquicas, não só em relação aos chefes. Uma das suas principais queixas era o fato de ser tratado como “criança” pelos colegas na redação. Esse desconforto, que ele relacionava à idade, paulatinamente se revelou também relativo ao seu tempo de serviço na empresa, cerca de quatro anos, e no programa, apenas um mês. Num dos dias de exibição em que Antonio estava no cargo de editor-chefe, algumas alterações entre eles durante o processo acabaram resultando em desabafos de Kauã (que trago mais adiante, noutro fragmento de diário de campo). Kauã costumava manifestar sua contrariedade com situações em que era infantilizado e em que sua condição subalterna era evidenciada.

Estávamos na ilha de edição. Cláudia [então editora-executiva do programa *Semanário*] entra e diz para Kauã: *Filinho, vamos lá.* Chama Kauã para fazer alguma coisa. Ele estava mexendo nas etiquetas das fitas e ela completa: *e pára de estragar os adesivos das fitas!* Ele vai e volta. Um tempo depois, novamente Cláudia entra e pede que Kauã a acompanhe para tentar conseguir a entrada de Quitéria em um cemitério. Kauã novamente acompanha Cláudia, mas quando volta reclama que o chamam pra tudo, pra produzir, pra orientar cinegrafista. Diz que o que Cláudia queria era simples e que ela poderia ter feito, e completa: *eu não sou nada, mas toda*

hora me chamam pra fazer alguma coisa. Isso me irrita! Kauã sai novamente, e quando volta me diz que mandou um e-mail com cópia para todo mundo dizendo tudo que ele tinha feito hoje. [...] Cláudia vem novamente até a ilha e diz para Kauã: *vem cá, bonequinho, que precisamos conversar*. Ele vai e volta. Depois, um dos boys entra na ilha, entrega uma fita para Kauã, e quando sai, este me diz: *essas são as únicas pessoas em quem eu consigo mandar de verdade* (DC, 30/04/09).

Nem sempre o lugar que ele ocupava era de subalternidade: sempre que se via em melhor posição hierárquica, e havia condições de “mando”, exercia esse poder – também numa situação mais privilegiada e vertical, de cima pra baixo. Mandar em alguém era algo almejado por ele, e por vezes passível de ser exercido. No caso dos boys, havia um marcador de classe que proporcionava melhor posicionamento hierárquico do editor em relação a eles. Quanto ao marcador de geração, Kauã manifestava estranhamento pelo fato de que Antonio também era jovem, mas ao contrário dele, estava num lugar de poder. A autonomia, algo que com o tempo percebi ser um privilégio de poucos, também era reivindicada por Kauã, e o lugar que ocupava na hierarquia era percebido por ele como um impedimento:

[eu e Kauã, almoço no Shopping] Kauã me diz que não entende o Antonio. Diz que Antonio, mesmo sendo jovem como ele *tinha essa coisa de querer se impor*. Kauã me diz que *um problema que eu posso ter na empresa é que eu sou muito autônomo, saio fazendo as coisas sem pedir permissão aos chefes*, e que *isso será um problema com o Antonio* (DC, 21/04/09).

A relação comigo também parecia de alguém que se supunha acima na hierarquia. Em diversos momentos ele dava mostras de como são os modos de se portar nesse tipo de posição – coincidentemente, da forma que ele mais reclamava daqueles que lhe eram superiores:

[ilha de edição] Pergunto para Kauã se podemos tomar um café depois que terminarmos essa fita [...]. Ele me diz: *tu vai ver como eu sou espartano. E para as pessoas que tem que fazer trabalho comigo eu tenho um chicote do lado*. Fico impressionada com a fala impositiva e ameaçadora, e um poder que ele parece sentir em relação a mim. [mais tarde, quando Kauã escrevia o texto da matéria] Kauã olha para Olinda Batista (a repórter que o estava ajudando com o texto) e pergunta: *tu sabe quem é ela?*, referindo-se a mim. Olinda responde: *Eu a vi, mas não sei. Mas a gente já se viu, né?* Kauã responde, antes que eu pudesse me manifestar: *da Themis*. Eu digo: *sim, trabalhei na Themis, era jornalista lá*. Kauã intervém novamente: *agora ela está aqui acompanhando o Semanário para o mestrado dela*. Olinda pergunta: *então quer dizer que tua tese é sobre o Semanário*. Respondo: *sim*. Ela: *Que legal!* Kauã então revela como me enxerga: *ela nos dá um monte de sugestões, e é também minha funcionária*. Kauã conta para Olinda que eu havia ligado para ele hoje às 7h30 da manhã (eu liguei às 8h30) para avisá-lo que eu ia me atrasar. Ele fala de um modo como se minha ligação fosse associada a uma funcionária que dá satisfações ao patrão. A repórter ri, e eu faço sinal com os olhos, sorrio e digo: *Ah, tá*. (DC, 30/04/09).

Noutra ocasião, ele falou comigo como se estivesse me cobrando trabalho:

[redação, ilha Semanário] Quando voltamos para a redação, Kauã me diz que só falta contatar o neurologista (que ele pretende usar na matéria sobre quem dirige melhor, o homem ou a mulher). Ele me diz que o neurologista que vai contatar é um amigo da família dele. Ele discorre sobre as fontes que consultou

(DETRAN, Tarumã, previsão do tempo, fotógrafo) e de repente me encara sério e diz: *eu tenho um feedback negativo pra te dar. O que tu menos fez hoje aqui foi ficar ao meu lado, vendo a produção. Kauã fala comigo num tom de reclamação*. Explico que estava na rua conversando com Antonio e que as conversas informais, como eu já havia dito, são também importantes para o meu trabalho de pesquisa, e que nesse sentido, não é porque eu não estava ali com ele que eu não estava fazendo o que me propus. Kauã parece ficar sem graça, dá uma risadinha e diz que estava brincando. Eu tinha certeza de que ele não estava brincando. (DC, 06/05/09).

Na relação com o editor de texto, pude perceber que ele muitas vezes não me escutava, parecia não me dar crédito. Também foi dele que recebi o apelido de DÓI-CODI e dessa forma ele costumava me apresentar para os demais, quase como um alerta, desqualificando-me. Por outro lado, eu parecia ocupar um lugar de escuta para as queixas dele em relação à empresa, aos colegas e aos chefes. Durante todo o período em que estive em trabalho de observação, tinha a impressão de ele via na pesquisa uma forma de obter voz e visibilidade. Essa mesma sensação eu tive com outros profissionais que identifiquei em posições hierarquicamente inferiores na redação, e que igualmente pareciam não gozar de visibilidade: os editores de imagem. Em diversas ocasiões, eles manifestavam curiosidade sobre minha presença e expectativa sobre a pesquisa, solicitando minha atenção e um espaço de visibilidade para a função.

Pururuca (sonoplasta) chega na porta da ilha de edição em que estamos e convida Xico Aveiro para um café, e vou com eles [...]. No fumódromo, eles me contam que fizeram juntos um piloto de humor sobre motel. Xico me diz que vendeu a idéia para o Denis e que este incentivou que fizessem. Me perguntam se eu não vi, digo que não, mas que soube na reunião de pauta. Eles me perguntam o que as pessoas acharam, qual foi o retorno, e **Pururuca me pergunta o que o Samuel achou**. Digo que o retorno foi bom, que acho que as pessoas gostaram. Me perguntam sobre meu trabalho e eu explico. Pururuca me diz que é humorista, radialista, apresentador, sonoplasta, e que faz vários personagens. Xico me diz que **é bom que eu entreviste o Pururuca também, e me diz que acha bom eu mostrar no meu trabalho o que é um editor de imagem, porque nas ruas ninguém sabe**. Xico me fala que a função de editor de imagem não é muito conhecida, que as pessoas sequer imaginam que muitas vezes o programa está indo ao ar e que eles estão trabalhando duro para colocar as imagens a tempo e com qualidade. Não é a primeira vez que um editor de imagem manifesta uma certa invisibilidade não só para a população, mas também na empresa. **No início do campo, três editores me abordaram, e quando sabiam o que eu fazia, manifestavam interesse em que eu descrevesse que eles trabalhavam, e muito [...]** (DC, 08/05/09).

Voltando a Kauã, identificava nele um perfil impositivo, belicoso e irritado, apesar de nunca ser frontal em suas reclamações sobre e com os outros. Quando estávamos sós, tecia seus comentários, suas avaliações sobre os outros:

Kauã comenta que Ulisses não estava acertando ontem, e que teria sugerido a matéria da apreensão de cigarros como VT e que ele (Kauã) sabia que não era para ser VT. Completa dizendo: *E não era, no fim tu viu o que virou? Mais um notão*. Ele segue falando, **sempre se comparando a Ulisses, mas sempre no sentido de o outro não saber, e ele sim**, e que este caso do VT seria ilustrativo (DC, 30/03/09).

[redação, ilha *Semanário*] Xico Aveiro se aproxima da mesa em que estamos. Kauã me olha e diz: *Essa semana tivemos problema com esse cara*. Pergunto, pra confirmar, *qual cara?* Kauã responde: *o Xico*. Pergunto por quê? *Porque ele não faz nada do que eu e Kátia pedimos*. Ele me diz que a coisa foi tão séria que Xico teria pedido para sair do *Semanário*. Estranho, na fala de Kauã, quando **ele se compara à Kátia, referindo-se ao Xico, como se ele (Xico) tivesse sido insubordinado com Kauã**, o que pressupunha uma relação hierárquica entre eles. Kauã me pareceu muito ofendido, e **a forma como se referiu à situação e a Xico também não foi cordial**, nem respeitosa. [mais tarde] Resolvo ir tomar um café no bar e quando vejo Kauã está atrás de mim. Eu pergunto, numa referência a uma gíria utilizada por eles que diz “*a palavra é...?*”, e Kauã me responde: *A palavra é que eu não agüento mais refazer edições*. Ele me diz que tem feito isso direto, diz que **Xico é um arrogante e que não faz as coisas direito** e que, portanto, ele tem que refazer (DC, 05/04/09).

Aqueles que representavam lugares hierarquicamente superiores a Kauã também não eram poupados de sua avaliação:

[redação, Ilha *Semanário*] Everton Bins está de aniversário, e circula pela redação recebendo os cumprimentos das pessoas e as convidando para irem até o fumódromo para comer totosinhos e tomar refrigerantes. Muita gente da redação vai até lá comer com ele. Kauã me convida para ir com ele até a rua, mas prefiro ficar na ilha. Kauã vai, e quando volta me diz que não ficou muito: *comi um totesinho só pra marcar presença*. Kauã me diz que tem *persona*, que **não gosta do Everton, já teve atritos com ele na TVCom e que não é porque ele agora é chefe aqui que vai ficar babando o ovo dele**. Ele senta ao meu lado e começa a trabalhar. Em seguida, reclama que Antonio *trancou e não libera o espelho, e agora fica lá na rua comendo*. Quando Antonio volta, reclama para Kauã das imagens de máscaras que ele buscou. Antonio diz para Kauã que ele não deve confiar muito nos resumos disponíveis no arquivo, e sim olhar as imagens. Depois Antonio reclama da cópia de uma fita que é das chamadas do *Semanário*. Kauã, que está ao meu lado e em frente a Antonio na mesa, escreve num caderno e me mostra o que está escrito: **“abaixo a burocracia e a chatice!”**, **numa reclamação às críticas de Antonio**. Leio, e de tão inusitado, acabo rindo com ele. Um tempo depois Kauã vai verificar as imagens de que Antonio havia reclamado, e quando volta me diz: *Fui lá ver, porque eu não sou louco. Aquele editor é que preguiçoso, não foi até fim da fita, mas tinha um monte de máscaras* (DC, 15/05/09).

[no switcher] Kauã senta na bancada atrás de mim e fica fazendo os créditos com Odília. Quando Antonio sai, vou até a mesa e sento ao lado de Kauã, e ele começa a reclamar de Antonio. Diz que **Antonio está louco hoje** e que tudo começou porque ele não quis buscar a coisa na pasta do espelho. Kauã diz que **está irritado com isso e com Antonio**. E demonstra. O computador está lento e a base do mouse de Kauã incomoda. Kauã começa a gritar para o computador: *Vamos!* Odília pede que ele fique calmo. Kauã comenta comigo e com Odília que **o Antonio tá com síndrome de Queirós Antunes** (DC, 05/04/09).

Kátia e Samuel também foram alvo das críticas e avaliações do editor de texto:

[no carro] Quanto Antonio sai, Kauã imediatamente começa a reclamar. Diz: ***que falta que a Kátia faz! Ela não era pelega***. Kauã comenta comigo que acha que **Kátia queria ficar no programa, mas que não agüentou a pressão**. Ele também começa a **avaliar as matérias dos colegas, e diz que não tinha gostado das**

matérias da Felícia e do Samuel. Diz que a matéria do Samuel tinha dado a impressão de que era uma propaganda do escultor, e teceu um comentário sarcástico [...]. (DC, 26/04/09).

Além de avaliar os colegas e chefes, Kauã também fazia questão de se autoavaliar, sempre positivamente.

Kauã me pergunta se eu vi o quanto ele se esforça para deixar as matérias mais bonitas, e antes mesmo que eu responda, ele mesmo me diz: *O Antonio me disse que eu tenho uma preocupação estética muito boa. E eu sei que tenho*. Eu, então, concordo com a cabeça. (DC, 30/03/09)

[no almoço no shopping] **Kauã me diz que se cobra muito, que gosta e faz as coisas bem feitas, que ele é seu maior crítico. Diz que na faculdade já não se importava muito com as notas, apenas queria ficar satisfeito com seus trabalhos, que qualificou de mirabolantes, diferentes, pirotécnicos, e que não se importava com o que achassem, bastava que ele gostasse do que tinha feito. Durante toda nossa conversa, parecia enaltecer a si próprio**, chamando minha atenção para as coisas que ele fazia bem, como por exemplo: *Tu viu como eu me alimento bem? Sou muito saudável*. Disse isso depois de se servir. **Falou de si como bom filho, bom neto, bom amigo, como um excelente profissional, e que isso vinha desde a faculdade** (DC, 21/04/09).

O editor de texto fazia questão de se distinguir dos profissionais recém-chegados na empresa e também dos mais jovens, em suma, daqueles que estariam na mesma condição geracional e de experiência profissional que ele. Sua entrada na RBS se deu, segundo me informou, por ser parente de um escritor famoso, e que a gerente de produção da RBS TV, Zânia, o teria conhecido a partir desse parente, num set de filmagem, e convidado para ingressar na empresa. Em uma ocasião Kauã se distinguiu dos demais colegas dizendo que não tinha entrado na empresa como Caras Novas (projeto que tem a finalidade de selecionar e treinar os novos jornalistas da RBS), e que tinha entrado *por meus próprios méritos*. Assim como Antonio e Kátia manifestavam inconformidade com o salário, Kauã também o fez inúmeras vezes. Do mesmo modo, reclamava permanentemente das posturas mais impositivas e da falta de escuta.

Pelo que observei da postura de Kauã em nossa convivência, concordo com Kátia: ele reunia os atributos de quem um dia chegaria ao poder. Desejava ser (e se percebia como) autônomo, era belicoso, avaliava o tempo todo as pessoas, as matérias, os chefes; tinha-se em boa conta, era impositivo e mandava sempre que possível, e demonstrava ser muito ambicioso. Parecia inconformado e impaciente na condição de subalternidade, e pelas indicações percebidas em seu comportamento, se um dia ascender à condição de chefe o fará nos moldes masculinos de que tanto reclama.

As relações de gênero entre os profissionais, que incidem nos lugares de prestígio e de poder na empresa, constituem uma síntese das principais percepções que tive nessa etapa da

pesquisa. Como tal, são alguns dos dados que dão a dimensão do quanto a categoria gênero é constitutiva não apenas dos sujeitos, mas também das instituições, e se intersecciona com as relações de poder e formação de hierarquias. Cabe reiterar, ainda que soe redundância, que isso não significa dizer que sejam “as pessoas”, o fulano ou a beltrana, mas sim as características que as distinguem e as representam. Essas características poderiam ser as mesmas em outros corpos e identidades. Com isso, não estou fazendo juízo de valor sobre as pessoas, mas sim destacando os atributos que as distinguem e que se relacionam às concepções de gênero que também perpassam suas identidades profissionais e os respectivos lugares de poder. Não se trata, aqui, de falar em sexos biológicos, em corpos de homem ou de mulher, mas sobretudo de gênero nos termos teoricamente definidos.

Os jornalistas apareceram claramente como sujeitos constituídos por gênero. E os atributos de gênero perpassavam as relações como marcadores de distinção e como elementos que correspondiam aos lugares que ocupavam e/ou às características pelas quais eram reconhecidos. O mapa das relações de gênero, de poder e prestígio percebido no âmbito da pesquisa apontaram para um tipo de hierarquia que revelou uma similaridade com os modos como as hierarquias de gênero e poder se estabelecem nas relações sociais de forma geral. Ou seja, os atributos de gênero mais valorizados na hierarquia do jornalismo, no programa em análise (nos cargos, nas relações de poder, nas notícias, entre os programas, etc.), interseccionados com os marcadores de classe e geração, entre outros, equivalem aos atributos e marcadores mais valorizados na heteronormatividade.

O que apreendo desta constatação é que, nos sentidos atribuídos às performances profissionais, comportamentos pessoais e relacionamentos de trabalho, gênero está imiscuído como um valor de distinção, e não suprime ou descarta outros atributos pessoais ou profissionais, mas também os constitui. A observação realizada com um olhar de gênero me permitiu escrutinar que havia algo para além da simples competência, um valor que, mesmo sutil e quase inconsciente, era parte dos determinantes no jogo de forças, poder e prestígio. E pela similaridade com os valores e formas de poder mais gerais da sociedade, entendo que se trata de um reflexo do quanto os jornalistas são sujeitos da cultura e do quanto a própria cultura é arraigada e nos propicia visões de mundo que muitas vezes não são conscientes, fazem parte da subjetividade, mas que ao mesmo tempo reproduzem as suas próprias marcas e valores que são norteadores também num universo macro.

A pesquisa revelou que não apenas os lugares de poder e prestígio da empresa, mas também os processos de produção e as próprias notícias eram constituídos de uma determinada concepção de gênero e, como tal, obedeciam a uma hierarquia. Igualmente

demonstrou que os lugares de poder não são estanques, porque o poder circula constantemente a partir das configurações que se (re) estabelecem, evidenciadas pelas nuances que talvez não tenham sido aqui suficientemente marcadas e tensionadas como gostaria.

As concepções e representações de gênero manifestas nos processos e nas notícias passam a ser o foco da análise a seguir.

Todo ponto de vista é visto a partir de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão do mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.
Leonardo Boff, 1999.

4 Concepções de gênero nos valores-notícia e nos processos de seleção

No capítulo anterior, discuti o quanto os atributos de gênero dos jornalistas eram constituintes das características mais ou menos valoradas dos profissionais, incidiam nas relações de poder e prestígio no *Semanário* e indicavam os valores e hierarquias da empresa. No caso das relações entre os profissionais, percebi que as atitudes e os atributos mais valorizados encontravam-se em consonância com os valores convencionalmente associados ao masculino e deste modo mais próximos do poder e do prestígio.

Nos processos de produção das notícias, esta hierarquia seguiu na mesma direção. Aferi que gênero também compunha as visões de mundo que estavam a orientar inconscientemente os jornalistas na produção das notícias em todas as suas instâncias. Entre as pautas, assim como entre os repórteres, havia uma hierarquia de valores correspondentes, e esses valores estavam constituídos de gênero. As concepções de gênero estavam presentes na idealização das matérias, bem como permeavam as escolhas dos repórteres que iriam realizá-las. Neste pequeno universo observado, os valores e a hierarquização de profissionais, de notícias e as demais escolhas durante a produção equiparavam-se à normatividade social vigente.

O que pretendo agora discutir é o quanto a subjetividade, espaço onde residem as visões de mundo e as concepções de gênero, se relacionava com os critérios de noticiabilidade, revelando que os valores-notícia estavam permeados dos valores sociais e pessoais dos jornalistas. Discuto também o quanto as concepções e os atributos de gênero dos jornalistas estão imiscuídos nos processos de produção e nas notícias, revelando que o próprio jornalismo é constituído de hierarquias de gênero, indicando uma ligação entre a cultura profissional e o plano de valores mais geral da sociedade.

4.1 Do gosto à pauta: a presença da subjetividade nos critérios de noticiabilidade

O objetivo na observação das rotinas produtivas foi analisar se e como os jornalistas acabavam contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações de gênero. Para tanto, precisava compreender esse processo “que transforma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2004, p. 180). Paulatinamente, fui percebendo que um fato precisava reunir determinadas características para circunscrever-se ao perfil do programa, e esse perfil já estava introjetado nos membros da equipe como uma linha-guia. Fundamentalmente, esses critérios precisavam fazer sentido para os profissionais e, nesse caso, os valores pessoais, sociais e profissionais desses sujeitos eram centrais.

Uma das primeiras coisas que chamou minha atenção foram os critérios de seleção/decisão, presentes em todas as fases do processo de produção das matérias – da sugestão de pauta até a exibição. Escolhas eram feitas em diversos momentos e por diversos motivos. Para que uma pauta chegasse a uma reunião como sugestão, ou mesmo para que se transformasse em notícia, havia um percurso a ser percorrido, que visava contemplar o estilo das matérias a compor o perfil do programa.

As pautas eram discutidas nas reuniões do grupo e cada opção despertava minha curiosidade no sentido de perceber quais eram os elementos comuns, os valores-notícia presentes no fato/acontecimento selecionado. Com o tempo, percebi que os gostos pessoais, visões de mundo e valores mais próximos das identidades sociais dos jornalistas eram fatores que apareciam nas disputas, argumentações, e até mesmo serviam de filtro nessas escolhas. Esses gostos, decorrentes da subjetividade dos interlocutores, eram também elementos que pesavam na seleção das pautas. E muitas vezes essas visões de mundo apareciam como parte dos valores-notícia, como pretendo demonstrar.

A subjetividade no processo seletivo desvelara-se pela manifestação do gosto pessoal como justificativa de seleção de uma pauta. A primeira vez que me dei conta disso foi num dia em que aguardava o início da reunião de pauta acompanhando Kauã na ilha do *Semanário*.

[redação, ilha *Semanário*] Perguntei para Kauã se ele havia recebido meu e-mail com uma sugestão de pauta. Ele disse que não, e pediu que eu mandasse novamente porque ele podia ter deletado. Eu havia mandado para Kauã, no dia anterior, uma **matéria sobre um casal de lésbicas que tinha tido uma filha biológica**, num caso inédito de reprodução surgida a partir da fecundação do óvulo de uma das parceiras que foi gerado no corpo da outra. O assunto estava sendo muito discutido na mídia nacional, então encaminhei para Kauã. Pergunto para ele se posso utilizar um dos computadores da empresa para reenviar o e-mail e ele concorda. Envio. Quando ele abre o e-mail e vê do que se trata, diz: **a palavra é não. Não gosto disso! E deleta a mensagem**. Fiquei meio

atônita com a forma como ele reagiu, pois ele pareceu realmente incomodado com o tipo de assunto, manifestando o desgosto inclusive na entonação da voz e na expressão do rosto. De todo modo, foi uma pista sobre o tipo de assunto que parecia incomodá-lo (DC, 17/03/09).

A manifestação da contrariedade e repúdio de Kauã a essa sugestão de pauta, expressa pela frase “não gosto disso” e pelas atitudes corporais dele, foi pra mim uma declaração de que os gostos pessoais apareciam em algum momento da produção das notícias. Nesse caso, o “gosto” do editor de texto foi um filtro, e a sugestão não chegaria a ser discutida no grupo.

Como já estava observando o processo produtivo buscando identificar os valores-notícia presentes nos temas sugeridos, e, entre estes, os que mais prevaleciam, o filtro de uma sugestão de pauta justificada pelo “gosto” pessoal despertou minha atenção. A partir daí, passei a observar se aquele era um fato isolado ou se de algum modo os demais jornalistas expressavam suas preferências em outros momentos. E assim fui descobrindo que não só os gostos, mas as visões de mundo estavam manifestas nas diversas etapas do processo.

Pude verificar que assuntos com aspectos próximos às trajetórias pessoais e matérias que interessassem pessoalmente algum dos profissionais teriam maior probabilidade de se tornarem pauta e virarem notícias. Não há propriamente novidade nessa constatação uma vez que, via de regra, diversos estudos constataram essa relação entre jornalista e pauta. Há jornalistas “mais sensíveis a determinadas pautas” do que outros. Entretanto, com o objetivo de demonstrar minha percepção sobre a relação entre gosto pessoal e critério de noticiabilidade, trago alguns exemplos dessa relação. Os fatos ocorreram com o mesmo interlocutor, Kauã, que em outras ocasiões manifestara interesse em assuntos que tinham a ver com suas preferências e com seu estilo de vida pessoal. A fim de estabelecer a relação entre vida pessoal-critério de noticiabilidade, resgato algumas características deste jornalista que se autodenomina “de cinema”, sua origem profissional e lugar onde teria sido “descoberto” por uma das diretoras da empresa. O jornalista também se autodefine como “esportista”.

[almoço no shopping, Kauã e eu] [...] Kauã me diz que **é um esportista**, que gosta de correr, fazer academia, fazer barra, abdominais, jiu-jitsu. Conta que hoje pela manhã correu, fez abdominais, barra, e que estes esportes surgiram em Porto Alegre, pois quando morava em Santa Catarina, ele surfava, e teve que se adaptar ao que a cidade podia oferecer para ele. Ele me diz que **o jiu-jitsu tem muito a ver com a sua personalidade**. Me conta que uns amigos dele faziam este esporte e que sempre acharam que ele não seria capaz de fazer, e que por causa do descrédito dos amigos, resolveu fazer. Diz que os amigos então acharam que ele não passava de um mês **no jiu-jitsu, mas que ele está há mais de um ano** e que alguns dos que tinham desconfiado de que ele não permaneceria acabaram saindo antes dele (DC, 21/04/09).

Em diversas ocasiões, Kauã manifestava seu estilo “esportista” em nossas conversas informais. Um dia, na redação, também pude perceber essa “paixão” pessoal manifestar-se na defesa de uma sugestão de um notão surgido no dia do programa.

[redação, ilha *Semanário*]: **Antonio chega às 17h27. Olha o espelho e questiona Kauã sobre a inclusão de um campeonato de jiu-jitsu como notão.** Logo me lembro que Kauã pratica esse esporte, e fico atenta para a resposta. Kauã explica o que é o campeonato, meio por cima. Antonio pergunta: *o esporte vai dar essa notícia?* Kauã responde que não. Samuel fala, em tom jocoso: *é tão bom que o esporte não vai dar.* Kauã diz para eles que amanhã na TVCom vão entrevistar alguém desta competição, utilizando-se deste argumento na tentativa de demonstrar que havia importância neste fato, ao contrário do que sugeriam seus colegas. Kauã argumenta que o notão sobre o jiu-jitsu está no mesmo nível do notão sobre hipismo e completa, se dirigindo a Antonio: *Se tu não quer, eu tiro.* Antonio diz: *Não, pode deixar.* Kauã sai da sala e vai esboçar a matéria sobre Mania. Nessa saída de Kauã, Antonio comenta com Leandra (editora plantonista do dia) que está em dúvida sobre essa matéria do jiu-jitsu. Leandra diz que acha que o jiu-jitsu é mais popular do que o hipismo. Antonio grita por Kauã, que está na ilha de edição, e logo diz: ***quer me vender o assunto, então vem aqui. Kauã vem imediatamente*** e Antonio pergunta quantos atletas têm e faz outras perguntas sobre o tal campeonato que não consigo acompanhar. Kauã responde que a assessoria de imprensa ficou de mandar tudo sobre o evento. [Um tempo depois] Antonio pergunta para Kauã por que ele está sem voz. Kauã responde que ***está assim de tanto torcer no campeonato de jiu-jitsu.*** Antonio pergunta: ***Mas tu faz jiu-jitsu?*** Kauã responde que sim e Antonio, rindo, fala: ***ah, agora eu entendi porque teu interesse em colocar essa matéria!*** Kauã, meio sem jeito, retruca: *não tem nada a ver; não é da minha academia, e é uma copa do mundial.* Antonio pergunta onde Kauã pratica, e ele responde que é próximo à Goethe, e diz o nome da academia. Antonio diz que já praticou esse esporte. [...]

O telefone toca, Antonio atende, é de Rio Grande. Quando desliga o telefone, diz pra Kauã: ***Acho que teu jiu-jitsu vai bailar.*** Kauã, com olhos sôfregos, diz: ***não faz isso comigo. Tu não vai me dar 14 segundos?*** Leandra, percebendo a situação, se intromete na conversa para implicar com Kauã e diz: *Não, ele vai dar mais 3 minutos pra mim.* [...] Antonio diz que vai jantar, digo que vou junto para tomar um café. Kauã nos acompanha. ***Na ida até o bar, vai falando com Antonio e insiste para que ele dê os 15 segundos da matéria do jiu-jitsu.*** Antonio diz pra ele rezar para que a matéria sobre o crack seja ruim. Kauã pergunta se foi o Denis quem pediu a matéria sobre o crack, Antonio diz que não (DC, 22/03/09).

Nesse excerto de diário, destaquei o empenho do jornalista em defender a inclusão de uma notícia sobre seu esporte favorito. Em outras situações essa mesma familiaridade do editor com o esporte também pôde ser percebida na acolhida e predisposição dele a esse tipo de pauta. Cabe ressaltar, ainda em relação à passagem acima, que ao longo do dia outras dezenas de sugestões de notões chegavam do interior e até mesmo da capital, e a nota sobre o campeonato de jiu-jitsu era apenas mais uma entre tantas na disputa por um lugar no espelho do programa. Pelo que comecei a perceber, as escolhas nunca eram isentas da subjetividade.

Cinema também era uma preferência de Kauã e, pelo que me informou, lugar de origem de sua trajetória profissional. Em outra ocasião, fez defesa ardente de uma sugestão de

pauta de uma repórter, sobre um “jovem cineasta” cujos filmes estavam sendo veiculados na internet.

[reunião de pauta *Semanário*] Antonio questiona a matéria de Rafaela e **Kauã defende a pauta, dizendo que era boa e falando mais a respeito**. Quando Kauã diz que o menino cineasta (personagem da matéria de Rafaela) vai conhecer o set das gravações da nova série da RBS, Antonio diz: *Agora já achei melhor*. Everton diz que **não gosta** desta proposta, e **Kauã continua defendendo enfaticamente e usa o argumento: A Zânia gostou**. Samuel diz: *A Zânia gosta de cinema*. Samuel argumenta que *Rafaela é uma boa repórter, e se ela diz que é bom, é bom*. No meio da discussão, alguém (não vejo quem) pergunta se não seria *Varietades*, e Quitéria diz que é muito preconceito a história de ser *Varietades*, e que depende muito **do repórter, do cinegrafista, do editor**. [As discussões continuam sobre outras pautas, e mais adiante, do nada, Kauã retoma a defesa da pauta de Rafaela] **Kauã continua empenhado em defender a matéria sobre o jovem cineasta: Pra reforçar a matéria da Rafaela, a pauta foi sugerida pelo Queirós Antunes. Porque aqui, tem que se dizer quem, quem**. Everton rebate, e diz: *Não tem essa de quem, a Zânia pode sugerir o que quiser e eles aqui* (numa referência aos integrantes do programa), *derrubarem*. (DC, 27/04/09)

A pauta por fim foi aceita, a repórter a realizou, e Kauã manifestou o desejo de ser o editor do texto da matéria:

[mais no final da reunião de pauta] **Kauã começa ali mesmo a produzir a matéria de Rafaela; liga para o menino cineasta, [...], e depois para a escola dele para marcar a gravação**. [...] Começam a discutir sobre a execução do programa. **Antonio pergunta de que pauta Claudia gostou** (e que gostaria de assumir nessa semana), e Claudia diz que tanto faz. Logo, ela muda de idéia e diz que acha que vai ficar com a edição da matéria da Rafaela porque Antonio e Kauã estão mais acostumados com as matérias do Samuel e da Quitéria. Fica decidido que Claudia vai fazer também a pós-produção da matéria da seca. [...] Kauã está com uma cara desacorçoada, e lá pelas tantas Antonio parece perceber e **pergunta se Kauã ficou chateado com o fato dele ter passado para Claudia a matéria da Rafaela**. Kauã diz que não, que ele tem que passar para quem tem que ser passado. Antonio, parecendo irritado com a evasiva de Kauã, diz: *Se eu tô perguntando, não quero máscaras*. Kauã, então, responde: *É, é que eu tava com umas idéias para essa matéria*. Antonio diz: *Então tá, que fique trocado*. Claudia informa aos dois que **não gosta** de fazer produção (DC, 27/04/09).

A preferência pessoal foi o primeiro critério usado pelo editor-chefe na hora de distribuir as tarefas de cada membro da equipe, o que pode ser percebido quando, por exemplo, pergunta diretamente para Claudia de qual pauta ela gostou mais e que, conseqüentemente, desejava fazer. O empenho de Kauã na defesa da pauta sobre o jovem cineasta também parece ter sido notado pelo editor-chefe, uma vez que ele percebe a desolação deste ao não receber a atribuição de editá-la e o questiona diretamente sobre a possível frustração. O excerto acima também dá pistas de que em outras etapas do processo produtivo o gosto pessoal das pessoas pode familiarizá-las com determinada atividade, como no caso da produção, que Claudia alega não gostar de fazer. Kauã foi o editor da matéria sobre o jovem cineasta, e ele a editou com muita dedicação e satisfação, pelo que pude

acompanhar. Os dois principais atributos da personagem da matéria, juventude e cinema, eram, sem dúvida, também muito próximos aos de Kauã.

A identificação das pautas com seus proponentes e executores, em geral, podia ser percebida nas demais matérias. Quitéria, por exemplo, tinha verdadeira “paixão” por cachorros, e vivia se referindo aos seus, chegando, numa ocasião, a fazer referência a sua participação em campanhas beneficentes relacionadas a esta causa. Matérias sobre animais eram imediatamente pensadas para ela. E ela, do mesmo modo, candidatava-se à sua execução:

[fumódromo] Kauã conta para Quitéria que esteve no banco [...] e encontrou Cristina Todeschini na fila. Ele conta que falou para Cristina que na quinta-feira não tinham nada de pauta, estavam desesperados e que **Quitéria teria solucionado tudo, sugerindo e produzindo na mesma hora uma pauta (a dos cachorros)**. Quitéria diz: *Eu falei minha gente, cachorros; cachorro é comigo!* (DC, 20/04/09)

Quitéria também manifestou-se pessoalmente quanto a ações de benemerência. Realizadora de uma reportagem sobre uma ex-modelo que havia tido os pés necrosados e que atualmente estava grávida, em situação financeira difícil. A história desta modelo foi exibida no primeiro dia em que acompanhei o programa, e inclusive havia gerado muitas discussões entre os integrantes do grupo, pois tratava-se de uma sugestão de pauta feita por Queirós, editor-chefe, que a manteve a despeito das negativas dos demais profissionais, inclusive da diretoria da empresa. A história da modelo foi narrada por Quitéria, e contava o drama da moça, uma ex-modelo, que sofreu com uma infecção e acabou tendo os pés necrosados. A moça caminhava com os joelhos, enfrentando diversas dificuldades, e mantinha seus pés escondidos por meias. Segundo soube na reunião de pauta, Queirós não apenas pessoalmente abraçou a causa da moça e mandou que a matéria fosse realizada, como contactou, sem que a ex-modelo soubesse, um senhor que produzia próteses e este senhor se prontificou a doar uma prótese que seria utilizada como uma bota, simulando os pés deformados da moça. Esta prótese não serviria para ajudá-la a andar, mas resolveria um problema estético. Quitéria pareceu muito sensibilizada com a história da protagonista narrada por ela. Entretanto, a matéria foi duramente criticada inicialmente por mostrar imagens dos pés da moça, o que fez com que, no dia do programa, a reportagem acabasse sendo mais uma vez editada sob a justificativa de que aquelas imagens deixavam-na muito “trash”. Identifiquei nesta matéria que o principal valor-notícia era a emoção/benemerência, e Quitéria a partir do contato com o drama da moça passou a contribuir com campanhas para ajudá-la. Na avaliação da matéria, tanto Samuel quanto Zânia manifestaram desconforto com a “aparência física” do doador da

prótese, que apareceu na matéria como o personagem benfeitor, e a repórter se contrapôs às críticas fazendo árdua defesa do valor “benemerência” que tanto a sensibilizara:

[reunião de pauta] Eles começam a reunião com Quitéria dizendo que o taxista (com quem ela tinha vindo para a empresa) tinha adorado a matéria da modelo; que a família dele toda tinha chorado, ficado emocionada. Ela exalta aquele que seria *o benfeitor da matéria*, que havia feito uma prótese para a moça. [...] Quitéria comenta que hoje pela manhã, na rádio, ela entrevistou uma mulher, uma empresária, que viu a matéria e que resolveu fazer doações de dinheiro para a modelo, e que falou isso no ar, sem combinar com ela. Conta que a empresária tinha se sensibilizado muito com o drama da moça. Antonio diz que Zânia, gerente de produção, tinha ligado pra ele e que só tinha uma reparação na matéria, que **seria sobre a sonora do senhor que doou a prótese**. Chega o Samuel. Comentam com ele que as observações de Zânia, e ele diz que já tinha falado para Quitéria a mesma coisa, que aquela sonora poderia ter sido substituída por um off. Quitéria diz que continua não concordando. [...] Samuel comenta que a **aparência do doador da prótese era ruim** (algo como se ele fosse feio, simplório, algo nesse sentido). Quitéria rebate: *Tô pouco me lixando; ele podia ser desdentado, o que fosse, o que importa é que ele deu uma coisa que ninguém deu. Aquela prótese custa mil e oitocentos reais, e ele deu de bom grado. Pra mim isso é que importa. Defendo ele, continuo defendendo as pessoas que fazem o bem. Quando o Queirós ligou pra ele [pro senhor das próteses] e pediu pra ele ir lá tirar as medidas e saber se ele faria, ele prontamente aceitou e foi lá e fez.* Samuel pergunta: *Será que ele não fez porque ia aparecer na televisão?* Quitéria responde: *Nada disso, o Queirós não falou nada pra ele, não combinou nada, apenas pediu. E de mais a mais não é a primeira vez que esse senhor faz essas doações; ele já fez isso várias vezes pro Zambiasi lá na rádio.* (DC, 09/03/09)

A ação beneficente do doador foi arduamente defendida por Quitéria, que deixou bem claro “quem ela defenderia” (os que fazem “o bem”) e “o que importava” (a ação benemerente), o que lhe fazia sentido, a despeito da falta de simpatia de Samuel pelo tema e de Zânia quanto às características físicas do doador, e das desconfianças lançadas sobre os motivos que o teriam levado à ação benemerente. A impressão que vou tendo ao longo da observação é de que aquilo que faz sentido para os jornalistas se associa às suas “verdades”, e, portanto, estas acabam presentes de algum modo nas notícias.

Kátia teria vindo de programas mais relacionados à história e a documentários, segundo me informou Kauã, e em geral costumava revelar-se atraída por esse tipo de pauta. Em pelo menos três matérias, percebi que a defesa de Kátia, que então era editora-chefe interina, tinha a ver com sua trajetória e preferências pessoais. Uma foi sobre a enchente de 1941, que ela fez questão de roteirizar e editar com perfil de documentário e resgate histórico inspirado em um livro de um jornalista gaúcho⁵⁷; outra foi uma sugestão de pauta que veio do interior, que informava sobre a existência de novos animais na fauna gaúcha, identificados por

⁵⁷ O livro é de autoria do jornalista Rafael Guimarães, e o vi, de relance em cima da mesa no dia de uma reunião de pauta. Não lembro o nome do livro, mas claramente traz na capa referência à enchente de 1941. No dia da edição, Kauã comentou comigo que a matéria tinha sido “uma propaganda do [deste] livro sem ser”.

um pesquisador, cujo nome não foi mencionado, mas que foi referido como da região de Rio Grande. Essa pesquisa estava prevista para se tornar um documentário que seria exibido nas escolas, e Kátia teria recebido essas informações na sugestão de pauta e teria gostado delas, possibilitando que a mesma se tornasse uma notícia no programa. Kátia também defendera arduamente a manutenção de um notão sobre a morte da historiadora Sandra Pesavento, considerada pelos demais integrantes da equipe como pouco conhecida, e que foi editada e exibida depois de muita argumentação por parte de Kátia junto aos colegas e a Denis.

História parecia ser um tema significativo para Kátia, mas Samuel não gostava. Para este, eram as pautas de cultura que interessavam, e os demais sabiam:

[reunião de pauta, Samuel não estava] Kauã traz uma sugestão de pauta e diz que **essa seria a matéria a ser feita pelo Samuel**. Kátia diz: *se ele quiser*. Quitéria complementa: *Se for coisa de história, não dá, o Samuel odeia*. Kauã diz que é uma matéria de **Cultura**. Kátia pede para olhar (DC, 31/03/09).

Como se percebe no fragmento de diário acima, os colegas muitas vezes já sabiam de antemão o que era ou não da preferência das pessoas quando pensavam em uma pauta para si e para o outro. E isso, como discutirei mais adiante, era uma constante no processo, em especial quando associavam a execução da pauta a determinado repórter.

As preferências pessoais dos jornalistas no processo de escolha na produção das notícias também mantinham relação com os valores sociais e visões de mundo destes. Em diversas situações pude conferir a existência de critérios subjetivos aos profissionais e às suas escolhas, afinidades com pautas e notícias e, mais especificamente a relação com os valores-notícia, que

São critérios de selecção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redacção. [...] funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público. Os valores-notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais. [...] Na realidade, os valores-notícia estão continuamente presentes nas interacções quotidianas dos jornalistas na sua cooperação profissional. Mas, mais ainda, constituem referências, claras e disponíveis, a conhecimentos partilhados sobre a natureza e os objectos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração dos noticiários. Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído (GOLDING e ELLIOTT apud WOLF, 1995, p. 175-176).

Foi a partir da percepção das relações entre gostos pessoais, visões de mundo e critérios de noticiabilidade que comecei a identificar que os valores-notícia estavam

permeados dos valores sociais e da subjetividade dos jornalistas, numa intrínseca e sutil relação que se estabelece de forma inconsciente nas tomadas de decisão. A ligação entre a cultura profissional e o plano de valores mais geral da sociedade (de onde os jornalistas igualmente são parte) começava a se revelar mais claramente.

Em assuntos onde marcadores sociais eram mais evidentes, os juízos de valor que conduziam as escolhas ficavam mais evidentes. Em propostas de pauta nas quais a sexualidade aparecia “fora dos padrões”, por exemplo, o estranhamento manifestava-se como filtro:

[reunião de pauta] [...] Antônio diz: *Andaram me sugerindo fazer uma matéria sobre swing. Mas eu sou contra isso, contra. Aí deixou de ser popular pra virar apelativo!* Ele fala enfaticamente, gesticula, **mostra-se contrariado por esse tipo de prática**. Quitéria concorda: *Na minha opinião, não, não devemos fazer*. Ela argumenta que é **muito diferente** do que foi feito com as modelos [matéria sobre modelos que posam para sites sensuais], que a matéria das modelos teria sido algo no “**limite**”, e que isso estaria dentro do “**aceitável**” (DC, 11/05/09).

Em outras ocasiões, os juízos de valor sobre o marcador sexualidade também apareceram. A reportagem sobre os freqüentadores noturnos dos parques de Porto Alegre, feita por Kauã, foi uma das mais ilustrativas das visões de mundo que orientavam meus interlocutores. Tanto que me dedicarei a discuti-la profundamente no próximo capítulo. Trago agora fragmentos de diários que dão a dimensão de alguns dos comentários gerados a partir dessa matéria.

[restaurante, eu e Antonio conversávamos sobre a matéria dos parques que Kauã está produzindo] Converso um pouco mais com Antonio. Digo que o material que Kauã está produzindo sobre os parques poderia render uma matéria sobre travestis. Falo um pouco sobre esta identidade (travesti), de como se forja, de que Kauã soube que algumas são batizadas no lago da Redenção, enfim, vou falando um pouco do que sei. Antonio parece curioso [...] Na seqüência da conversa, **sobre a homossexualidade e sobre as travestis**, Antonio diz uma coisa que chama minha atenção. Ele diz: *Eu não acredito que essas pessoas não sofram, não queiram ter uma família*. Eu digo que no caso das travestis, elas formam novas famílias quando se investem dessa identidade com seus companheiros e muitas vezes até filhos adotivos. E que o mesmo também acontecia com os homossexuais masculinos e femininos, que formavam outros tipos de família. Antonio parece se surpreender com meus argumentos, e a impressão que me dá é que quando se refere à família, refere-se apenas ao tipo convencional de família e que mesmo estas outras formações familiares não dariam conta dessa possível “falta de família” a que ele se referiu. Quando volto pra redação, para acompanhar Kauã na decupagem, comento com ele que sugeri a Antonio que se fizesse uma matéria sobre travestis. Ele me olha, contrariado, e diz: *Não incentiva o Antonio, senão esse vai ser o jornal das aberrações*. Depois, volta para a decupagem. Na sonora um dos entrevistados diz que era gay, e afirma que há diferença entre as pessoas que freqüentam o Parcão e os que freqüentam a Redenção à noite; que no Parcão o nível era melhor. Kauã comenta essa fala do entrevistado: *Isso eu achei horrível. São tudo puto igual* (DC, 30/04/09).

Chamo a atenção para alguns trechos do excerto acima, que dizem respeito ao juízo de valor expresso por meus interlocutores. Cabe retomar que Antonio já havia manifestado ser evangélico. Durante nossa convivência, pude verificar que seus valores a respeito de família em muito tinham a ver com o padrão normativo vigente (famílias constituídas por casais heterossexuais, baseadas em laços de sangue, etc.) em consonância com sua prática. Do mesmo modo, a homossexualidade causava estranhamento em Kauã, que, no mesmo dia em que almoçamos juntos no shopping, identificou e apontou casais homossexuais que ali estavam e me disse: *eu não consigo me acostumar com isso. Olha só, naquela mesa tem um casal de mulheres namorando, e esses dois caras são um casal de gays fazendo compras. Eu não me acostumo com isso* (DC, 21/04/09). O estranhamento de Kauã tinha como pano de fundo seus valores sociais e pessoais, que o faziam chamar de “aberrações” os tipos de pauta que envolvessem sexualidades diferentes da norma, ou seja, como um sinônimo de anormalidade, expresso na frase como um juízo de valor. Antonio e Kauã, como a maioria dos interlocutores com quem tive maior proximidade, pareciam partilhar dos valores sociais heteronormativos e, deste modo, suas visões de mundo pareciam corresponder às visões hegemônicas a respeito da sociedade, como, por exemplo, as noções de família, bem como de normalidade e anormalidade na sexualidade. Nesse sentido, o estranhamento fazia jus ao modo como concebiam essas “verdades”, e desta forma, orientava muito mais do que o olhar sobre a sociedade, mas, fundamentalmente, seus valores estavam presentes nos processos de produção das notícias. Achar que “essas pessoas” sofrem por falta de família não é apenas o mesmo que não conceber outros arranjos familiares. É também um juízo de valor que, cedo ou tarde, pode aparecer como um filtro, como aconteceu com Kauã. Do mesmo modo, achar “horrrível” a distinção de classe entre homossexuais por entender que “são tudo puto” demonstrou um descrédito baseado em preconceitos, calcados em marcadores sociais, que acabaram aparecendo durante o processo de produção da matéria (como discutirei noutro capítulo).

Depois da exibição da matéria sobre os parques, outros profissionais da empresa, que não eram integrantes do programa, também manifestaram suas impressões. Uma delas me chamou atenção, pois além de ser completamente diferente de todas as outras opiniões que ouvi, denotava a subjetividade quanto a valores muito diferentes dos já manifestos:

Percebo que estão na correria e que não vão jantar. Resolvo ir sozinha para o restaurante. Quando já estou sentada, chega Santiago Zaar, editor de textos do *Variedades* e do *Realidade*, e fica comigo na mesa. Santiago me pergunta sobre meu projeto; lhe falo, entre outras coisas, que minha idéia é tentar perceber em que medida as concepções de gênero dos jornalistas permeiam as matérias. Ele me pergunta se acho que vou ver isso

nas matérias. Digo a ele que sim, mas que uma matéria que acompanhei me causou surpresa no final, pois não fez jus a tudo que percebi no processo, mas que teria que vê-la com calma. Santiago me pergunta: *Foi a matéria do Parque?* Eu respondo que sim. Santiago conta que havia perguntado ao Ilton o que ele tinha achado desta reportagem, e que Ilton teria dito que a matéria não tinha emitido juízo de valor. Santiago diz que argumentou para Ilton que a matéria tinha ficado **muito centrada nos homossexuais, que não mostrou outras pessoas que igualmente devem fazer sexo no parque e que deve haver heteros entre essas pessoas.** Afirma que **não gostou do tratamento dado aos homossexuais, que a impressão que ficou foi que eles estivessem se escondendo, como quem faz algo de errado.** Acredita que a reportagem **associou muito os homossexuais ao submundo e que isso abre margem para as pessoas ficarem julgando negativamente, dizendo “ah, são eles que fazem essas coisas, devem ser eles que passam AIDS mesmo.”** Santiago acha que **isso pode gerar comentários de pessoas classe média,** que nas suas casas podem dizer: “ah, ficam aí nos parques, por isso que são mortos.” Acredita **que pode ter tido essa percepção porque ele é homossexual, e que se ele fosse o editor teria feito de outra forma.** Santiago acredita **que faz diferença quem edita, quem faz a matéria, e que por isso acha que se fosse ele quem tivesse editado, teria ficado diferente.** Me conta que já editou e ajudou a produzir uma matéria sobre homossexuais para o *Variedades* e que **abordou de outra forma o tema.** Diz que **algumas coisas acabaram passando no texto que ele editou porque também não se deu conta, como, por exemplo, usar o termo “escolha sexual”, “opção sexual”, que segundo ele, na verdade não se tratavam de escolhas** (DC, 10/05/09).

A conversa com Santiago foi muito ilustrativa das percepções que já estava tendo sobre as implicações da subjetividade na concepção e produção das notícias. E este editor manifestou muito claramente a diferença dos olhares, permeados por visões de mundo, sobre a ação de produzir uma notícia, muito semelhante ao que já se discute academicamente nos estudos de recepção, onde os sentidos gerados são múltiplos, variáveis e sempre relacionados ao que faz sentido e aos valores de quem recebe. Santiago, em sua análise, manifestou sua contrariedade sobre os contornos da reportagem que, segundo ele, acabava ratificando um lugar de marginalidade e clandestinidade aos homossexuais, e os possíveis impactos disso na sociedade. Ele atribui essa percepção à sua visão de mundo oriunda de sua identidade sexual e social. Este editor expressou claramente a importância da subjetividade nos processos de produção das notícias, e foi categórico afirmando que os contornos de uma notícia dependem dos valores sociais e pessoais dos profissionais envolvidos: **faz diferença quem edita, quem faz a matéria, e que por isso acha que se fosse ele quem tivesse editado, teria ficado diferente.** E complementa dizendo que mesmo ele, com suas vivências e forma de compreensão da homossexualidade, também acabava deixando “passar” coisas no próprio texto.

Samuel também expressou a incidência de marcadores sociais e da subjetividade dos profissionais como capazes de orientar os contornos de uma matéria. No caso que trago a seguir, na discussão sobre uma pauta, a origem social dos dois possíveis repórteres foi utilizada como demonstração da dicotomia das visões de mundo sobre um mesmo fenômeno

social, e a posição social de sujeito era tomada como um atributo fundamental para o delineamento da notícia:

Samuel sugere fazer uma matéria sobre crack na Vila dos Papeleiros e na rua Voluntários, porque diz que soube que por lá as coisas fugiram do controle e que tem um posto de polícia (da Brigada) bem ao lado, mas que o tráfico não saiu de lá, tamanha é a dependência. Surge a idéia de que Samuel faça essa matéria, então. Samuel argumenta que acha que essa é uma matéria para o Lúcio, porque *ele não reduz tanto a questão, enxerga de forma mais ampla mostrando que as pessoas que estão ali não são só bandidos e vítimas, como eu que vou fazer achando um horror, achando que as pessoas estão se matando, mas eu posso tentar* (DC, 18/05/09).

Nessa passagem, Samuel demonstra a consciência de um limite. Indica que sua visão de um fato é mais restrita do que o tratamento que o acontecimento merece. Nessa manifestação, ele conseguiu expressar alguma coisa que eu percebia que existia de forma implícita ou inconsciente nos processos de escolha: a dificuldade do exercício de alteridade nas ações humanas e também nas ações profissionais dos jornalistas. De algum modo, igualmente demonstra que, neste universo, os profissionais acabavam fazendo escolhas por se identificarem com algo que lhes faça sentido, e esse sentido, no processo criativo das notícias, se revela como um fio condutor. Isso vai ao encontro do que diz Traquina, ao citar Ericson, Baranek e Chan: “um acontecimento deve ser reconhecível como “*eventful*”, isto é, como **significativo**, e, no entanto, relativamente claro no que significa” (TRAQUINA, 2005, p. 73, grifo meu).

Para entender melhor a dicotomia marcada por Samuel, é importante destacar que ambos os repórteres partem de lugares sociais e visões de mundo diferenciadas. Samuel e Lúcio são jornalistas, mas suas origens de classe e raça são distintas: o primeiro é branco e oriundo de classe média alta; o segundo é negro e de classe popular. Lúcio, que também é militante declarado de causas ligadas ao movimento negro e popular, é o repórter da empresa que faz matérias sobre periferias, e inclusive estava naquele momento responsável por uma série especial sobre os dramas sociais cotidianos dos habitantes das vilas⁵⁸ da capital. Em geral, matérias sobre pobres, negros e outras temáticas pertinentes às classes populares e às questões de raça eram preferencialmente realizadas por ele. Feita essa digressão, chamo atenção para o fato de que os marcadores sociais (classe, raça, religião, gênero, etc.), as posições de sujeito dos jornalistas, se revelaram elementos que perpassavam as escolhas tanto dos perfis das matérias quanto dos profissionais a realizá-las.

⁵⁸ Em Porto Alegre, como em parte do estado do RS, a nomenclatura “vila” é sinônimo de “favela”, local pobre de moradia de pessoas de classes populares.

Samuel também protagonizou uma discussão em que utilizou o adjetivo “aberração” como sinônimo de anormalidade e diferença:

[reunião de pauta] Antonio comenta a matéria sobre gordos que viu no Fantástico. Samuel diz que já tinha feito matéria sobre gordos: *Isso foi no tempo que eu fazia matérias sobre aberrações. Fiz de gordo, de anão*. Eles comentam que na matéria do Fantástico, mostraram que os gordos têm dificuldades em acessar algumas coisas públicas, como ônibus, por exemplo. Quitéria diz: *Afinal, não se é gordo porque se quer, isso é doença*. Samuel diz que acha que *os gordos têm que querer emagrecer, e que é que nem parar de fumar*. Quitéria acha que isso *é preconceito*. Quitéria e Samuel discutem a respeito da obesidade e divergem (DC, 27/04/09).

Sugerir que gordos e anões são aberrações indica que tais pessoas estariam fora das normas-padrão de corpo, e ao sugerir a anormalidade destes corpos, marca a diferença com um juízo de valor concebido previamente, em valores sociais e subjetivos deste repórter, do mesmo modo como eram manifestados os valores subjetivos pelos demais.

Noutra ocasião observei o impacto de uma repórter descrevendo como ela se sentia frente a um fato que não apenas sinalizou seus valores pessoais, como demonstrou que estes a impeliram na condução da matéria fazendo com que cometesse infrações:

[reunião de pauta] Marco sugere que chamem Felícia, a repórter que teria feito a cobertura do acidente em que jovens foram atropelados, um deles teria morrido e o motorista fugiu sem ser identificado. Felícia chega e começa a falar sobre a matéria. Diz que **ficou chocada com a violência**; que o menino que morreu teria ficado com uma perna pendurada, e que o outro, que ainda está em estado grave no hospital, teria sido arremessado muito longe, e que pelo impacto achavam que o motorista estava a mais de 100km/h. Ela conta que o acidente aconteceu em Viamão, depois do posto da Polícia Rodoviária. Explica que antes do posto policial tem um pardal que, se flagra velocidade alta ou placa que esteja com documentos vencidos ou problemáticos, avisa ao posto policial, que é um pouco adiante, e que daí os policiais param os veículos. Ela diz que quando estava no local do pardal gravando a matéria, soube por pessoas de Viamão que os motoristas têm utilizado um desvio para burlar o pardal. Conta que a Polícia revisou e que o carro que causou o acidente não teria passado em alta velocidade pelo pardal. Felícia conta que quando foi na sede do Ministério Público e **viu o jovem que atropelou as pessoas, sentiu muita raiva dele, e que o rapaz era arrogante**. Fala que **o garoto não queria ser filmado e que o cinegrafista teria atendido, colocado a câmera focada pro teto**. A repórter conta que **retrucou o cinegrafista dizendo: Grava ele, sim, e que o policial se contrapôs dizendo que eles não podiam filmar o rapaz porque era menor de idade**. Felícia desabafa, diz que sabe que há uma discussão acontecendo, mas que **acha que o Estatuto da Criança e do Adolescente tem servido para criar um clima de impunidade**. Ela **fala, gesticula, coloca as mãos na cabeça, mostra sua indignação com os acontecimentos** (DC, 20/04/09).

A indignação e as visões de mundo de Felícia claramente se imiscuíram nas ações dela frente ao caso que ela tornaria notícia, tanto que chegou a ordenar ao cinegrafista que filmasse um suspeito menor de idade a despeito do que prevê a lei e das advertências do próprio policial. Mais do que isso, o caso levou a repórter a manifestar seu juízo de valor sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, atribuindo a esta legislação a culpa pela impunidade de

alguns crimes. Enquanto falava, fazia-me pensar o quanto as notícias não são e nem poderiam ser objetivas, uma vez que os profissionais são humanos e como tal atribuem sentido ao que vêem, ao que escutam; reagem, se revoltam, ficam felizes, etc., possuem uma subjetividade que não fica “pendurada” em algum lugar em casa quando saem para trabalhar, mas os acompanha em todos os percursos da vida pessoal e também profissional.

Paulatinamente fui entendendo que as notícias, assim como os repórteres, eram percebidas a partir de determinados atributos que correspondiam aos valores e marcadores sociais, tais como classe, raça, sexualidade, religião e, principalmente, gênero. E mais do que isso, estavam presentes em todos os processos seletivos e de hierarquização das notícias porque manifestos nos valores-notícia prevalecentes no programa.

4.2 Luz, câmera, emoção: valores-notícia permeados por atributos de gênero

Já havia entendido que os valores-notícia estavam permeados de valores sociais, e que as escolhas, tanto das pautas quanto dos repórteres, obedeciam a uma lógica peculiar e sutil, mas que ainda assim se relacionava a características, atributos e critérios que co-relacionavam notícia-repórter e, como tal, eram adjetivadas. Mas também percebi que as notícias, antes mesmo de serem pautadas, correspondiam a um pré-perfil de acordo com uma estrutura pré-estabelecida, e que teria a ver com os valores profissionais e com a concepção do programa.

O *Semanário* possuía uma identidade formada pelas características que lhe eram atribuídas, e de um modo geral, havia uma consonância sobre seu perfil e o estilo das matérias que o constituíam. Segundo lugar no IBOPE entre os programas jornalísticos da empresa, segundo me informou o antigo diretor de telejornalismo, o *Semanário* era considerado, pela empresa e por seus integrantes, como *o programa número um* (Antonio, DC, 05/04/09), *que tem o apelo de um programa popular, com audiência formada pelo público adulto, masculino das classes sociais A, B, C* (Antonio, DC, 05/04/09). As matérias exibidas deveriam possuir valores-notícia capazes de assegurar a audiência, e para tanto deveriam *mostrar o novo, o inusitado, e as matérias objetivam impacto, chamar, prender* (Antonio, DC, 05/04/09), visando sempre *ao extraordinário, ao fantástico, ao inédito*, (Denis, segundo informou Kauã, DC, 24/03/09) **e que as denúncias buscassem soluções, com tom emocional** (DC, 24/03/09). Havia um formato já consolidado e um estilo a perseguir.

O *Semanário* era composto por três blocos⁵⁹ e as notícias eram pensadas e hierarquizadas de acordo com algumas características desejadas para que o programa obtivesse e segurasse audiência até o final. A pauta, portanto, era concebida a partir de três principais tipos de notícias. Entre elas, em cada bloco, pequenas notas cobertas⁶⁰ com assuntos factuais produzidos no dia, na capital e em diversas cidades do interior, chamadas de notão. Mas os notões, normalmente, não eram objeto da reunião de pauta, apesar de serem produzidos pelos editores de texto do *Semanário*, na capital, no dia do programa.

Para abrir o programa, bloco considerado o mais importante, buscavam matérias inéditas, fortes, de impacto. Matérias que não possuíssem esses atributos preferenciais, e relacionados ao que convencionalmente se associa ao masculino (forte, impacto, denúncia, etc.), não eram cogitadas para este bloco:

[reunião de pauta] Na fase da avaliação, comentam que Denis **não tinha gostado da matéria da modelo dos pés necrosados ter sido a de abertura**, e que **tinha criticado a ordem das matérias**. Antonio diz que argumentou com Denis que foram feitas **várias tentativas para abertura, mas que a melhor tinha sido essa**. Quitéria também justifica a escolha e diz: *A das mulheres é que não dava pra entrar primeiro, era muito frufu* (DC, 09/03/09).

O terceiro e último bloco previa, preferencialmente, reportagens leves, e essas não eram tão valorizadas quanto as do primeiro, mas ainda assim concebidas levando em conta a responsabilidade de fechar o programa de uma forma mais apropriada para o horário noturno e capaz de assegurar a audiência na fase final. Fechamento com matéria de impacto no *Semanário*, apenas quando surgissem notícias de última hora, ao estilo “furo”, no horário mais próximo do final do programa. Já no segundo bloco, em geral qualquer matéria de comportamento inédita ou “repaginada” poderia entrar, pois se tratava do bloco com a menor exigência.

O primeiro e o terceiro blocos eram preferencialmente reservados às matérias produzidas pelos dois apresentadores, e qualquer um deles, ou mesmo outro repórter especial da empresa que trouxesse uma matéria inusitada, inovadora, de impacto, denunciativa ou forte, teria assegurado o primeiro bloco. Samuel, em geral, era quem sugeria as pautas das matérias do primeiro bloco, e muitas vezes era quem as realizava. As pautas sugeridas e realizadas por ele, em geral, não passavam por discussão no grupo, que era tão somente informado. As reportagens do segundo bloco contavam com a participação de outros repórteres da casa, além de algumas assinadas por Quitéria e, mais raramente, por Samuel. No

⁵⁹ Um telejornal é dividido em partes, e bloco é a nomenclatura utilizada para se referir a cada uma dessas partes.

⁶⁰ Nota coberta é uma nota cuja “cabeça” é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

terceiro bloco, prevaleciam as reportagens realizadas e, em grande parte, sugeridas por Quitéria, com a contribuição do grupo desde a concepção (pauta).

Cada notícia produzida, visando a um dos blocos, estava permeada de valores-notícia constituídos de atributos como, por exemplo, denúncia=forte; comportamento=leve. Com o tempo consegui identificar o que considero o principal valor-notícia do *Semanário*, o que prevalece nos processos decisórios, o que é capaz de tornar um fato notícia, bem como servir de critério para seus respectivos repórteres: a emoção.

A emoção era um dos principais valores-notícia, aquele valor invocado como capaz de gerar sentido não só para atrair a audiência, mas principalmente porque dizia respeito ao que fazia sentido a seus produtores. Na maioria das disputas entre fatos que poderiam tornar-se notícia, ou entre aqueles que deveriam abrir o programa o programa, e até mesmo na definição dos contornos da matéria e do perfil do profissional para fazê-la, a “emoção” era o critério principal.

[redação, ilha *Semanário*] Samuel fala da matéria dele. Diz que vai demorar porque tem que resgatar. Ele está pedindo tempo maior para Antonio, porque a principio ele tem 4min30seg de tempo total. Samuel conta como foi a viagem a Brasília, onde fez a matéria sobre como vivem, atualmente, dois bombeiros que haviam resgatado muitas pessoas num desastre e em que um deles havia ficado seriamente ferido. Conta que ao verem a reportagem que havia sido feita na época, e que Samuel levou junto para exibir para eles, *os dois bombeiros choraram, e no vídeo tem um silêncio dramático, olhares emocionados*. [...] Antonio pergunta: *Tem emoção? Se tem emoção, vamos abrir o programa. Me convenceu, 5 minutos pra ti..* Antonio diz para Samuel que vai deixar a matéria do Rios para depois da dele (DC, 03/05/09).

No excerto acima, a emoção foi o valor-notícia utilizado como um definidor entre duas pautas, a de Samuel e a de Rios, cabendo ressaltar que este último é um dos repórteres que, em geral, vinha sendo responsável por matérias de investigação, de polícia, de denúncia (e, como tal, fortes, de impacto, etc.) nos programas da empresa. Mas em diversas fases do percurso de produção das notícias a emoção era igualmente evocada como condição ou norte para uma pauta

[redação, ilha *Semanário*] Antonio conversa com Claudia sobre algumas pautas que estava pensando no bar. Kauã sugere que façam uma matéria sobre Alzheimer. Antonio diz que acha que não, que é muito drama, ainda mais agora que vai chegar o inverno, e que por isso *tem que ter matéria quente, aquecer a cama das pessoas e por isso não dá pra ser matéria deprê, só se tiver emoção* (DC, 06/05/09).

[reunião de pauta] Samuel fala sobre a sugestão que Kauã deu de fazer a matéria sobre o Centenário do Inter. [...] Katia sugere que ele faça uma crônica sobre o Inter [...] Quitéria sugere que Samuel faça uma crônica do gol e *que vá pelo lado emotivo* (DC, 24/03/09).

Ou mesmo como a própria sugestão de pauta:

Quitéria **sugere uma matéria sobre pessoas que demonstram emoções**. Ela sugere que se busque alguns especialistas, e Samuel sugere que se tenha um ator na matéria. Esta matéria está na revista Istoé (que é uma das revistas em cima da mesa de reuniões), e seria sobre a importância dos sentimentos. Quitéria acha que tem que ter psicóloga e psiquiatra e diz que na matéria da Istoé tem. Kátia sugere também pessoas das ruas e especialistas. Depois sugere que se use um ator para ilustrar. Samuel sugere o ator Zé Vitor Castiel e Kauã diz: *Não dá, ele faz rir*. Quitéria discorda: *Não, ele já fez novela, vai saber fazer outras emoções*. Kauã: *Sim, ele chorou porque era impotente*. Depois discutem como fazer para não deixar a matéria igual à da revista. Kauã sugere que se faça uma matéria sobre o choro, e Kátia sugere que se faça sobre o riso (DC, 24/03/09).

Assim, a emoção era também a própria pauta, como confirma o excerto a seguir:

[reunião de pauta] Novamente Quitéria comenta com Samuel a repercussão da matéria da modelo dos pés necrosados, tanto na rádio, quanto com relação à conversa com o taxista. Comentam que o **objetivo de emocionar o público e de ajudar a moça** tinha sido cumprido. E Samuel completa: *A linha povo foi feita*. (DC, 09/03/09).

Estava presente também na edição:

[ilha de edição] Juntos, Antonio e Xico vão decidindo o que cortar. O primeiro corte é nas imagens que exibem as fotos e imagens dos pés da modelo (completamente necrosados). Antonio me olha e diz: ***Estamos tentando aumentar a carga emotiva***. Me explica que a matéria originalmente tinha sido pensada para **ser emotiva** e que depois ficou diferente. Ele não me diz claramente o que é esse ‘diferente’, mas imagino que seria alguma coisa como a referência ao *trash* (da crueza das imagens) mencionada anteriormente pelos demais, como algo muito explícito (DC, 08/03/09).

Nos critérios de escolha dos repórteres:

[reunião de pauta] Antonio pergunta para Samuel como ele abordaria a matéria sobre o separatismo. Samuel diz que teria que ser de denúncia, dizer que há outras correntes por dentro deste movimento, correntes até mesmo fascistas, racistas. Fazem conjecturas sobre qual repórter poderia fazer, e quando surge o nome da Rafaela alguém argumenta que não dá, porque ela é ***muito meiga, não tem emoção*** (DC, 18/05/09).

Na sonorização:

[eu e Antonio no fumódromo] [...] Eu digo que acompanhei a discussão na semana passada sobre não terem gostado da trilha escolhida para a matéria da modelo, e Antonio me diz que acha que o sonoplasta da semana passada não conseguia acompanhar o conceito do *Semanário*, que é surpreender pelo novo, a busca por um olhar novo. Antonio fala que esse sonoplasta não consegue fazer uma pesquisa que busque o novo, e que a sonoridade fica desconexa; não consegue, por exemplo, **pôr ritmo emotivo**, e que a música acaba ficando tipo trilha sonora de consultório médico. [...] Diz que o problema, no caso da matéria da modelo, foi que **a música não encaixou ritmo ao conteúdo** (DC, 15/03/09).

E até mesmo na avaliação dos méritos da matéria junto ao público:

[Restaurante, almoço: eu, Antonio e Quitéria]: Um pouco depois, quando já estávamos terminando o almoço, Katarina Luca chega e senta à mesa conosco. Eles comentam a matéria feita por ela sobre os ex-internos do hospital psiquiátrico São Pedro, exibida no último programa. Katarina diz que recebeu muitos retornos positivos sobre a reportagem [...]. Quitéria fala que a matéria que fez sobre a ex-modelo que teve os pés necrosados também repercutiu bastante e que teve 30 pontos de IBOPE, e justifica essa pontuação dizendo que

aconteceu porque era um “drama”. Katarina diz que, na verdade, **não acha que seria um drama**, acha que as pessoas **querem se emocionar, que sentem falta disso, e que essas matérias teriam esse papel**. Katarina diz que a **emoção** era para as pessoas de fora (do lugar onde residem os ex-internos do hospital), e que acredita que as pessoas de lá (os ex-internos) estavam muito felizes (DC, 23/04/09).

Em diversas situações no campo a “emoção” foi invocada como determinante nas escolhas das matérias e na hierarquia das pautas e notícias, o que me levou a investigar quais elementos poderiam caracterizar tal mobilizador. A percepção de que a emoção era um grande valor-notícia foi aparecendo durante minha estada no campo, e se consolidou na leitura dos diários de campo. Com este indicativo, passei a analisar como a emoção aparecia em cada matéria realizada. Procurei identificar, nos discursos e nas práticas de meus interlocutores, os valores presentes nas sugestões de pauta, nas notícias e nos processos de produção. Em especial, tentei perceber as concepções e valores de gênero imiscuídos nos processos produtivos e nas características das notícias prontas, a fim de conhecer de que modo eram articulados e incidiam nas escolhas e decisões. Isso se fez necessário porque entendo que são justamente os valores-notícia aqueles que conjugam tanto os valores subjetivos quanto os culturais e profissionais que são acionados e tomados como parâmetro para que um fato adquira status de notícia, e desse modo circule na forma de valores sociais.

Como meu olhar estava orientado, era um olhar de gênero sobre o jornalismo, minha primeira impressão foi: a emoção é um valor cujo atributo é associado ao feminino. Isso me intrigava, uma vez que já havia identificado que, tanto no perfil do programa quanto das principais matérias, os atributos mais valorizados e de destaque eram masculinos (força, denúncia, impacto, ativo, “furo”, etc.). Analisando nos diários de campo as matérias propostas pelos (e também para os) principais repórteres do programa, pude verificar que prevaleciam dois tipos de emoção como um valor. De um lado, as emoções provocadas por matérias de cunho investigativo, denunciativo, de risco, de competição (como o futebol), relacionadas à legalidade/ilegalidade, poder, entre outras. Estes vieses caracterizavam as matérias preferenciais, consideradas “fortes”, de “peso”, “quentes”, de impacto, buscadas para a abertura do programa. Sobre risco, um dos atributos implícitos em grande parte nesse tipo de matéria, este tem relação mais direta com a emoção e com outros valores-notícia que igualmente estavam relacionados às matérias fortes:

[...] importa entender quais significados são construídos em torno da idéia de risco, principalmente quando se verifica que as sociedades ocidentais vêm proliferar outras práticas de risco, quer nos esportes radicais, quer no uso de drogas, quer nas práticas que envolvem velocidade, adrenalina e fortes emoções, quer naquelas produtoras de violência (JEOLÁS, 2007, p. 203).

Sem dúvida, o que a autora destaca como práticas de risco, vigentes nas sociedades ocidentais, vai ao encontro dos temas relativos às matérias consideradas capazes de provocar emoções fortes.

De outro lado, havia as matérias cuja emoção estava associada a valores como proteção, fragilidade, brincadeira, piadas, solidariedade. Estas últimas, percebidas como leves, lúdicas, destinadas a entreter e a não exigir reflexões, associadas aos atributos femininos, em geral ocupavam o último bloco. Os atributos expressos na linguagem davam pistas de que as notícias estavam constituídas de gênero. As adjetivações das notícias em forte/leve, séria/lúdica, risco/cuidado, quente/morna, etc., revelavam consonância com atributos convencionais de gênero - masculinos e femininos. E como tal, igualmente obedeciam a uma hierarquia que em muito se assemelhava à hierarquia de gênero prevalecente na sociedade – o masculino, mais valorizado, no topo.

Uma das principais preocupações eram as matérias de abertura, que preferencialmente deveriam trazer fatos novos, inusitados, fortes, quentes, de impacto. Um programa muito “leve” não era desejado.

[reunião de pauta] Quitéria liga para Fábio Fonseca para saber se ele tem alguma coisa (alguma matéria) para esta semana. Estão todos preocupados com que matéria abrir o programa. Quando Quitéria liga, Fabio, pelo jeito, conta de sua insatisfação com a matéria da arapongagem, e ela diz que já sabe. Ela pergunta pra ele: *O que tu tens pra gente abrir o programa, uma coisa forte que só tu sabe fazer*. Fabio responde que não tem nada. [...] Kátia pergunta: *Precisa ter assunto forte?* Quitéria responde: *Precisa* (DC, 24/03/09).

[reunião de pauta, chamam Marco para ver com ele a disponibilidade e a escala de repórteres] Quitéria explica para Marco que eles **estão sem matéria forte para abrir o programa**. Marco fica um pouco pensativo, depois sugere **a história do cara que atropelou três pessoas e matou uma**, diz que tem uma pesquisa mostrando que aumentaram as **mortes no trânsito** em março. Ele sugere que se faça também com a equipe do município de Bento Gonçalves, onde, há um mês, houve outro caso de atropelamento com mortes, mas que até agora não se sabia quem teria sido o culpado (DC, 20/04/09).

[reunião de pauta] Samuel havia decidido fazer a matéria sobre o projeto da OSPA para crianças pobres, moradoras das ilhas. Quitéria diz que vai fazer uma sobre manias. Comentam que **o programa pode ficar muito leve só com essas duas matérias, e Quitéria complementa: *Senão fica leve [o programa]. Samuel, [matéria de] cultura, eu [matéria de] comportamento***, diz Quitéria (DC, 16/03/09).

Os fragmentos acima demonstram a importância do assunto “forte” para abrir o programa, e dá pistas dos sentidos atribuídos a esse adjetivo. Num dos casos, a proposta de uma pauta sobre violência e morte no trânsito, além do risco, traz implícita a idéia de denúncia e de solução, já relacionados como características desejadas nas reportagens

preferenciais. No outro, a alusão às matérias de cultura e comportamento como leves – e secundárias na hierarquia das notícias.

Na concepção das pautas, os profissionais indicavam os vieses que as notícias deveriam perseguir, e com isso não apenas davam pistas do perfil (fortes/sérias; leves/brincadeiras), mas também exprimiam visões de mundo. No próximo capítulo, vou discutir mais aprofundadamente uma das notícias que acompanhei desde a pauta até a exibição, e acredito que os valores, as visões de mundo dos profissionais permeando todo o processo de produção, possam ser mais bem explicitados. Apenas para ilustrar o que estou dizendo, trago fragmentos de diário que dão algumas pistas, em especial sobre as concepções de gênero que permeavam os discursos e delineavam notícias.

Por ocasião do dia das mães, houve uma discussão sobre que tipo de matéria a fazer.

[reunião de pauta] Antonio diz que já tinham a matéria do Rios, sobre os oficiais de justiça, e que tem a matéria da Rafaela, sobre o jovem cineasta. Diz que o desafio é **a Quitéria fazer algo popular para o dia das mães**. Samuel intervém e diz que não acha que deve ser feita uma matéria sobre o dia das mães. Alega que na hora que o programa vai ao ar já não tem mais sentido. Kauã sugere que se faça uma matéria sobre TPM. Samuel diz: *Vocês, mulheres, impuseram a ditadura do hormônio!* Kauã argumenta que às vezes pode se estar justificando tudo como TPM, mas que **às vezes pode se tratar de problemas psicológicos**. Antonio sugere que se faça uma *matéria sobre mulheres diferentes*. Quitéria sugere que seja feita uma matéria sobre *uma mãe não convencional, aquela que não sabe cozinhar, que não cuida do filho, que pede para o filho ser mãe*. Samuel continua afirmando que não acha que tenha que ter a matéria, que *o assunto já saturou*. Everton pergunta: *o que a mãe faz no domingo?* Quitéria responde: *cozinha*. Samuel acha que pode ser feito um notão, apenas. [...]

Antonio diz: *E as mulheres que lutam?* Quitéria diz: *Mas o Antonio insiste! Acho que mulher, a palavra é não*. Antonio pergunta: *Na linha popular, o que então?* Quitéria diz: *A do fio do cabelo?* Cláudia diz que gostou dessa. Samuel discorda: *Não dá, muito Saudável e Feliz* (outro programa da empresa), e logo sugere: ***Quem dirige melhor, o homem ou a mulher?*** Samuel sugere que entrevistem mecânicos, Kauã complementa sugerindo neurologistas, e Samuel repete: *Neurologistas*. Samuel diz: ***Eu tenho certeza de que as mulheres dirigem muito melhor, são cuidadosas, e os homens são muito violentos na direção***. Quitéria sugere um teste, Samuel diz que ***a matéria já tem resposta, e o teste pode ajudar***. Everton sugere colocar alguém para acompanhar uma mulher e um homem dirigindo e ver quem comete mais infrações. Samuel argumenta: *Mas não é representativo, é aquele homem e aquela mulher*. Quitéria diz: *Tem que ter dados*. Samuel: *Temos que fazer o inverso, buscar as estatísticas e depois buscar os personagens, pegar esses perfis para fazer o teste*. [...] Antonio sugere que Kauã produza a matéria sobre quem dirige melhor. Samuel sugere as fontes: ***oficina mecânica, neurologista, para ver se o cérebro funciona diferente ou não, e dados*** (DC, 04/05/09).

A reunião acima descrita traz algumas pistas sobre as concepções de gênero de meus interlocutores. Em primeiro lugar, chamo a atenção de que, para a realização de uma matéria do dia das mães, a primeira pessoa pensada foi Quitéria – responsável pelas matérias leves, lúdicas, piadas e, por óbvio, é mulher. Em decorrência da discordância de Samuel, passaram a

pensar em outras pautas, mas sempre relacionadas às mulheres, quase como um sinônimo indiscutível de mãe. A associação seguinte às mulheres foi a referência à TPM, questão muito em voga, que remete à visão do senso comum que relaciona esse período a problemas, ou distúrbios comportamentais exclusivamente femininos. Kauã chega a atribuir a problemas psíquicos. Em seguida, Quitéria sugere uma “mãe não convencional, aquela que não sabe cozinhar, que não cuida do filho, que pede para o filho ser mãe”. Ao se referir ao não convencional, e dar exemplos do que seria isso, Quitéria parece partir de uma certeza: havia um tipo de mãe, a quem cabe os cuidados dos filhos, da casa (e da cozinha, mais especificamente), enfim, aos atributos que convencionalmente se relacionam às mães no padrão social. Tanto isto está latente como uma verdade que, quando Everton pergunta o que a mãe faz no domingo, Quitéria mais uma vez responde: cozinha. Quero aqui chamar a atenção para o fato de que essas idéias sobre o que faz uma mãe, e seu “sinônimo”, mulheres, não é circunscrito aos homens ou às mulheres, jornalistas em questão, mais perpassou todos – como um valor que é ao mesmo tempo pessoal, cultural e profissional.

Quanto à sugestão de uma matéria sobre quem dirige melhor, homens ou mulheres, a pauta revela, mais uma vez, concepções de gênero hegemônicas: mulheres são cuidadosas, homens violentos. A escolha das fontes dá a tônica final e mais do que isso: eles (ou pelo menos Samuel) afirmam saber a resposta. A proposta de consultar um neurologista para saber se há diferença entre os cérebros pressupõe que os comportamentos sociais são compreendidos como sendo de ordem biológica e, mais especificamente, relacionados às questões “racionais”. Mesmo se tratando de um tema comportamental, meus interlocutores, ao pensarem imediatamente num médico (neurologista), dão indicativos de que acreditam que os comportamentos são dados biológicos e que, para abordá-los, têm de recorrer às fontes tradicionalmente relacionadas ao “saber” em nossa sociedade: a medicina. Para que as “verdades já sabidas” sejam reveladas ao público, os dados quantitativos não poderiam faltar para dar sustentação e para “ilustrar”.

Por fim, a referida reunião de pauta definiu que sobre o dia das mães seriam feitos notões pelo Estado. Mas a matéria que ficou decidida para o próximo programa e que ocuparia o terceiro bloco, de fato, foi sobre mulheres: modelos que posam para sites sensuais. O apelo que esse tipo de reportagem poderia causar no público também partiu das concepções de masculino e feminino de meus interlocutores.

[continuação da reunião de pauta, sugestão de mulheres que posam para sites sensuais] Quitéria acha que *os homens vão achar bom, e as mulheres vão colocar defeito*. Comentam que o que tem acontecido com

essas mulheres é que **não fazem primeiro carreira de modelo, mas já partem direto para o nu, e que as famílias acham tudo normal** (DC, 04/05/09).

Pelo que pude apreender no contexto das discussões sobre essa pauta, para além dos ditos pelo grupo, o que os homens e as mulheres fazem ou pensam parece já ser sabido – e universal. Na esteira dos apelos que geraria no público esta matéria, os integrantes do *Semanário* pareciam julgar que o comportamento de mulheres que posam para sites sensuais não segue uma regra prévia, que seria uma carreira de modelo, mas sim uma coisa anormal, e, pelo que entendo das discussões, o “pior de tudo” é que as famílias aceitam.

A reportagem sobre quem dirige melhor foi feita, e teve outros percursos que trago a seguir, mas não foi exibida no programa seguinte.

[redação, ilha *Semanário*] Antonio diz para Kauã que pensou na matéria sobre quem dirige melhor. Diz que acha que ela (a matéria) deveria ser feita em duas partes, uma no primeiro bloco, com uma enquete interativa, e o desfecho no terceiro bloco, com a participação dos especialistas. Kauã fala que a arte pode prever rounds, como uma guerra dos sexos; diz que previu três rounds e em todos eles a mulher ganha, e que no final aparecia o especialista dizendo que não existem números absolutos, e que **existem mais homens do que mulheres dirigindo, e que os homens são mais habilitados, por isso dirigem mais rápido**. Antonio sugere que a arte dos rounds mostre as disputas por habilidades. Samuel intervém e sugere que se coloque algo do tipo “olha o que acontece no quesito habilidade”. Sugere que não se diga logo quem ganhou, *porque daí gera aquela ansiedade do tipo, ‘aí, ganhei agora’*. *É que nem desenho animado* (DC, 10/05/09).

A discussão continuava. No excerto acima, destaquei as conclusões que Kauã havia tirado a partir dos especialistas que havia consultado (o que não acompanhei): existem mais homens do que mulheres dirigindo, e os homens são mais habilitados do que as mulheres, portanto, dirigem mais rápido. Pelo visto, a consulta ao especialista resultou na justificativa de o porquê os homens dirigiam pior, segundo indicava a já “dada” resposta da matéria. Na perspectiva apresentada, seguida pela sugestão de “rounds por habilidades”, seriam os homens mais habilitados, no sentido de terem mais habilidades para dirigir e, por isso, acabavam guiando “mais rápido” e provocando mais acidentes.

Chamo atenção não só para a consulta aos especialistas, mas especialmente para a função pensada para a arte: um papel lúdico, com vistas a gerar sentido. Mais do que “ilustrar” dados, “verdades”, comportamentos, a arte desenha os contornos do que se pretende informar. E nesse caso, desde a pauta, tanto a arte quanto os testes foram concebidos de forma a “forjar” uma dúvida, uma vez que a resposta já era dada como sabida. O uso do recurso da arte nas matérias foi se ampliando consideravelmente no período em que realizei a observação. Tanto que Antonio propôs e passou a contar, a partir de 11 de maio, com a presença dos profissionais da arte nas reuniões de pauta, a fim de que contribuíssem no o

processo criativo das notícias. Nesse mesmo dia, novamente a reportagem sobre “quem dirige melhor” foi abordada.

[reunião de pauta] Kauã diz para o rapaz da arte (que não sei o nome) que queria que ele fizesse uma arte com um ringue de luta entre homens e mulheres para a matéria “quem dirige melhor”. O rapaz diz que pensou em uma corrida de carros, pelo briefing que haviam passado. Quitéria sugere que se faça a arte com a **Penélope Chamosa, e Kauã sugere que também use o Dick Vigarista** (personagens de um desenho animado sobre corrida de carros). [...] O cara da arte pergunta como vai ser o nome desta matéria. Kauã responde: *Guerra dos sexos*. Samuel intervém e diz: *Não*. O cara da arte diz que estava pensando alguma coisa no estilo do filme *Velozes e furiosos*. Cláudia sugere: *Velozes e furiosas*. Antonio diz: *Acho que não dá pra usar um num gênero e o outro noutro*. Samuel sugere que se brinque com as palavras trocando as letras: *velozes e velozas, furiosos e furiosas*. Quitéria sugere que se faça uma arte para cada um: ***para os homens, um volante, para as mulheres, um retrovisor***. Antonio pergunta para o cara da arte se dá para fazer uma vinheta, e ele responde que sim. Samuel sugere: ***Vamos usar aquele negócio de mulher no volante perigo constante, aí tiramos a mulher e colocamos o homem***. O cara da arte sugere que se faça arte com as estatísticas e pergunta o nome da matéria. Samuel responde: *Não precisa ter nome. Apenas ‘Teste’*. [...] Kauã sugere um nome: ***Quem manda no volante?*** Quitéria sugere colocar os símbolos gráficos do masculino e do feminino. Cláudia sugere usar esses símbolos na forma de uma placa para cada um dos carros. Samuel diz: *Acho que dá pra usar só teste*. O cara da arte sugere fazer uma animação em 3D, com carrinhos, e pergunta também como são os dados, se é porcentagem. Kauã responde que *vão ter algumas perguntas, alguns quesitos em que os motoristas vão ser avaliados*. O profissional da arte sugere então colocar uns carrinhos chegando com a resposta (DC, 11/05/09).

O que gostaria de discutir da passagem acima é a permanência das concepções de gênero que atribuem às mulheres um papel de cuidado e aos homens o papel de violentos, tão arraigadas em nossa sociedade. Mais do que isso, continuam se referindo aos homens e às mulheres como se fossem duas categorias que reunissem dois grandes grupos de pessoas que se comportam de forma distinta (oposta), mas universais entre os pares. Atribuem as razões dessas diferenças, que são comportamentais, a aspectos biológicos ou naturais, conforme já referi.

A sugestão de Quitéria e Kauã para o uso das personagens do desenho animado dá conta de estereótipos que seriam representativos dos comportamentos destes dois grandes grupos – mulheres e homens - na pauta em questão: Penélope Chamosa, personagem feminino, era a “mocinha” do desenho animado, estereótipo da mulher vaidosa que, ao dirigir seu carro cor de rosa, estava sempre se maquiando diante do retrovisor e preocupada com seu visual; Dick Vigarista era o personagem vilão, sempre envolvido em tramóias e situações que colocavam os demais concorrentes em perigo. Portanto, os binários mulher/cuidadosa e homem/violento são o pano de fundo desta discussão.

Em outro momento, a associação homem/volante e mulher/retrovisor novamente reforça as relações estabelecidas àquilo que representaria cada um dos sexos. Nesta

associação fica claro quem conduz: o homem é quem manda no volante. Já o chavão “mulher no volante, perigo constante”, de cunho machista e parte do senso comum que desqualifica a capacidade de dirigir das mulheres – tarefa historicamente associada aos homens –, inverte-se e segue a lógica que atribui aos homens o papel de violentos. E, para finalizar, mais uma vez chamo atenção para a participação do profissional da arte na reunião, indicando uma parte do processo produtivo que sinaliza a forma como estas concepções serão passadas – didática e ludicamente – para a sociedade.

Na concepção das pautas, além dos profissionais indicarem os vieses que as notícias deveriam perseguir, exprimindo suas visões de mundo, estes também definiam os profissionais que atuariam nas matérias. E é sobre a associação entre as pautas e os profissionais perpassadas por concepções e atributos de gênero que passo a discutir.

4.3 Pauta para homem é uma coisa; para mulher, outra

Havia dois blocos de maior destaque no programa, o primeiro e o terceiro. Na divisão da concepção das matérias que deveriam constituir os blocos, o primeiro (e de mais prestígio) era das matérias fortes/sérias, e as que o compunham em geral eram sugeridas ou realizadas por Samuel. O repórter e apresentador tinha, portanto, primazia sobre esse bloco. Já o terceiro, composto por matérias leves/lúdicas, era ocupado majoritariamente por notícias sugeridas e/ou realizadas por Quitéria, conforme já referido. Os colegas pareciam já ter isso em mente, uma vez que faziam relação direta entre o apresentador-repórter e o perfil das pautas: Samuel e seriedade, Quitéria e brincadeira:

[redação, ilha *Semanário*] Ulisses fala com Kátia e sugere que Quitéria faça um notão. Ele justifica a escolha de Quitéria para gravar esse notão porque, segundo ele, *tem a coisa da brincadeira, e brincadeira tem a ver com Quitéria, e não com Samuel, que é sério*. Kátia pede que deixe esse notão para Quitéria gravar (DC, 19/04/09).

Noutra ocasião, para a gravação da chamada de uma matéria sobre oficiais de justiça, a justificativa da escolha de Samuel, e não Quitéria, seguiu a mesma lógica:

[redação, ilha *Semanário*] Antonio recebe uma ligação de Samuel; acho que era um retorno, porque Antonio diz para ele que o estava procurando para que ele (Samuel) gravasse um off. Imagino que Samuel tenha perguntado para Antonio se não poderia ser a Quitéria para gravar, porque Antonio responde que Quitéria já fez a matéria dela e que está sem repórter, porque todos estão no Rio, e completa: *para esse tipo de matéria de denúncia era melhor que fosse tu, e não a Quitéria* (DC, 15/05/09).

A distinção não se restringia aos dois apresentadores. Os demais repórteres eram escolhidos para fazer as matérias em função de seus atributos pessoais. E esses atributos eram também de gênero. As matérias relativas aos dramas sociais, as chamadas “softnews”, as brincadeiras e as piadas eram geral eram pensadas para repórteres do sexo feminino, ou para homens que não apresentassem perfil associado a atributos tidos como masculinos (ativo, forte, autônomo, investigativo). Com um olhar de gênero sobre tais dicotomias pode-se perceber a forma como as concepções e características sexuais

são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino e masculino em uma dada sociedade e um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres em uma sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 1997, p. 21).

Na cultura dos profissionais do universo investigado havia pistas de similaridade com os valores de gênero mais gerais da sociedade, onde o masculino se destaca no topo da hierarquia de valores, como se refletissem uma imbricação dos valores profissionais com a cultura da sociedade de que são parte.

Na hierarquia das notícias, as principais matérias eram as fortes, relacionadas ao investigativo, ao risco, etc., isto é, aos assuntos “sérios”. E para este tipo de notícia, os jornalistas propostos eram preferencialmente do sexo masculino, e com determinadas características de gênero consolidadas e reconhecidas por seus pares.

[reunião de pauta, em meio a preocupação para **um assunto forte para abrir o programa**, e depois de Quitéria ter ligado para **Fábio Fonseca para saber se ele tinha alguma sugestão** de matéria para abrir o programa esta semana] Alguém cogita colocar uma das **matérias do Rios, de uma série sobre presídios** que está sendo exibida no Realidade, e Samuel argumenta: *O Semanário tem que fazer a primeira da série, e não a última*. Samuel sugere que se faça uma **matéria sobre o ponto de vista dos policiais**, em que se usaria uma câmera para captar como se fosse o olhar do policial em diversos lugares durante sua atuação nas ruas. **Kátia sugere o Alvim como repórter**, e **Samuel diz que esta seria uma matéria para o Rios**. **Kauã sugere que Lúcio faça essa matéria e Samuel discorda dizendo: não dá, os PMS vão bater nele**. Samuel diz: *estamos com falta de repórteres, principalmente homens, para este tipo de matéria*. Quando fala isso, Samuel faz um movimento impositivo com a mão (DC, 24/03/09).

Na falta de uma matéria forte para abrir o programa, parecia ser uma solução buscar o repórter Fabio Fonseca, aquele “capaz de fazer”, conforme já demonstrei noutra passagem, mais acima. A relação imediata entre Fabio e uma matéria forte não se deu por acaso, afinal, ele era o principal repórter investigativo da empresa, responsável por matérias de denúncia, “furos”, e suas reportagens costumam ganhar projeção nacional. Adiante, discuto

detalhadamente o perfil desse jornalista. Detenho-me agora na fala de Samuel, quando diz que estão com falta de repórteres, “principalmente homens para este tipo de matéria” (investigativa/forte). Esse comentário parece indicar a clara relação entre repórteres homens e matérias fortes, de denúncia, de perfil investigativo, de polícia, etc. Mas a negativa de Samuel para a proposição dos nomes de outros dois repórteres – Lúcio e Alvim – dava pistas de que, na realidade, ele não procurava qualquer “homem”, mas um homem com determinados atributos – masculinos – capazes de se encaixar no perfil da matéria. No caso de Lúcio, quando Samuel afirma que os *PMs iriam bater nele*, dá a entender que em seus atributos pessoais (negro, morador de periferia) e profissionais (realizador de matérias com pessoas à margem da sociedade) não o capacitavam para tal atribuição e junto a tais personagens.

Com o tempo, fui percebendo mais claramente que jornalistas mulheres, ou mesmo jornalistas homens que não possuísem características reconhecidamente associadas aos atributos masculinos já mencionados, não eram pensados como alternativa para executar tais matérias. Essa distribuição de pautas de acordo com os atributos de gênero foi claramente explicitada em uma reunião para a definição da matéria sobre os parques à noite:

[reunião de pauta] **Samuel sugere que se faça uma matéria que foi feita há muitos anos**, pelo Claudio Bello. **A matéria seria sobre os parques à noite. Sugere que seja feita por um repórter com perfil de polícia, e sugere que seja o Rios.** Kauã diz que **acha que não precisa ser feita por um repórter com perfil de polícia**, acha que poderia ser feito por outro. Samuel diz que *precisa ter perfil de polícia, porque à noite nos parques o que tem são gays, viciados e traficantes*. Quitéria diz que *é melhor ter perfil policial porque esse tipo de repórter saca coisas que outro não sacam*. A matéria teria que ser feita amanhã à noite, por causa dos tempos de finalização das demais matérias. Kauã liga para Marco e pergunta se poderia ter o Rios amanhã à noite, mas Marco teria argumentado que Rios não poderia porque é repórter do turno da manhã. Samuel **sugere que se coloque como chamada: descubra o que acontece nos parques quando a noite cai**. Samuel diz para Kauã **pegar no arquivo a matéria** que foi feita por Belo; comenta que Belo teria ido fazer a matéria até com coletes à prova de balas. Samuel **diz que achou um exagero**, mas Quitéria argumenta que *era isso que era legal no Claudio [Bello] [...]*.

Kauã liga para Marco para pedir equipes. Ele pede duas equipes, uma para manhã e outra para tarde. Eles ficam discutindo sobre qual repórter poderia fazer a matéria dos parques. **Falam o tempo todo sobre conseguir um repórter homem**. Quitéria diz que *Alvim é bom para matérias de brincadeira*, Kauã diz que *Lúcio é pra fazer matérias com um tratado de filosofia*. Cogitam Fábio Fonseca, mas alguém diz que ele não **faria essa matéria**. Quitéria chega a sugerir *quem sabe uma mulher?*, mas a idéia não perdura. Kauã chegou a sugerir Bruna Esteves, mas Quitéria questiona: *por que tu acha que ela seria uma repórter pra isso? Ela é uma repórter normal, de geral*. **Falam no nome do Karl, mas não sabem se esse é um dos repórteres que poderia ser usado no Semanário**, pois se referem a uma reunião, com as instâncias mais altas, onde havia ficado definido o “perfil” dos repórteres para o *Semanário* ou para matérias especiais da empresa e para a Rede Globo. Samuel avisa que tem que ir embora e sai da sala antes do término da reunião. [...] (DC, 20/04/09).

Pelo que se pode ver, não era qualquer repórter que poderia fazer matérias para o programa, e muito menos uma matéria “forte”, de “risco”. A idéia de risco estava implícita, pois havia prévia concepção quanto ao tipo de situação e de pessoas que o repórter enfrentaria: *porque à noite nos parques o que tem são gays, viciados e traficantes* (Samuel, DC, 20/04/09). E esse tipo de “risco” requeria um perfil “de polícia”.

Um perfil de polícia, um repórter corajoso, capaz de fazer uma matéria forte, claramente tinha de reunir atributos afins e, para tanto, um repórter homem parecia ser a solução mais óbvia, inicialmente. E é nesse dia que descubro que o que estava implícito nessa escolha eram atributos de gênero e não o sexo biológico dos repórteres, pois nem todos os “homens” da redação apresentavam esses atributos. Alvim e Lúcio, certamente, não. Carlos Rios e Fábio Fonseca, sim.

O estimável perfil do jornalista investigativo é mais um exemplo de que os atributos de gênero convencionalmente associados ao masculino estão bem valorizados nas estruturas hierárquicas dos profissionais da empresa. As características associadas a esse profissional são reveladoras dos atributos de maior valor: “caça furos”, coragem, iniciativa, autonomia, risco, conquista. Não apenas quem se investe deste papel ou possui características de repórter investigativo goza de prestígio e relevância na hierarquia da empresa, mas as matérias cujos atributos também estejam relacionados ao masculino – em especial o “furo” – são tidas como centrais:

O “furo” é um elemento importante na cultura jornalística que alimenta os interesses do próprio jornalista. O jornalista que se preza procura o furo. O furo é uma conquista que está associada ao brilho profissional, razão justificada de vaidade pessoal, e que fornece um prestígio que pode fazer progredir a carreira profissional. (TRAQUINA, 2005, p. 55)

O “furo”, no jargão jornalístico, é uma notícia completamente nova, de grande impacto, catalisadora, com potencial de grande interesse público e de audiência, e que é dada em primeira mão por um veículo (ou empresa), sendo um fator primordial “que agudiza a concorrência” (TRAQUINA, 2005, p. 55). Principal valor-notícia (tão perseguido e desejado) do jornalismo, o furo, por um prisma de gênero, demonstra a reunião de atributos associados ao masculino, pois prevê preferencialmente a busca ativa de um fato novo, para torná-lo público, vencer a competição cotidiana e dar status a todos os envolvidos na produção da notícia, em especial ao jornalista “caçador” e à empresa “furadora”. “Furo” está relacionado à pró-atividade, e é um dos principais elementos que permeiam os mitos que cercam os jornalistas: heróis, detetives, testemunha ocular, investigadores, perseguidores da verdade,

caçadores de furo (TRAQUINA, 2005). Pressupõe uma ação; e ação, segundo o dicionário Aurélio, é sinônimo de “manifestação de uma força, de uma energia, de um agente; maneira como um corpo, um agente, atua sobre o outro; um exercício da força, do poder de fazer alguma coisa” (Dicionário Eletrônico Aurélio, 2004, grifo meu). É como um troféu, cada vez mais valorizado atualmente, fase em que os jornalistas atuam em situação de passividade, em locais privados (na redação), interligados à internet (principal caminho de chegada das pautas) e cada vez menos ativos nas ruas em diligências atrás de notícias, como em outros tempos.

No grupo pesquisado, um dos principais e mais cultuados repórteres era Fábio Fonseca, jornalista responsável pela maioria das matérias investigativas e de denúncia exibidas em todos os telejornais. Diferente dos demais repórteres da empresa, subordinados às pautas e à escala de horários determinados pela chefia de produção, bem como às disponibilidades de equipes e equipamentos, Fábio tinha autonomia. Possuía suas fontes, fazia seus próprios contatos, criava e escolhia suas pautas, tinha veículos e equipamentos exclusivos e diferenciados à sua disposição, possuía rotinas e horários próprios, e não estava submetido nem mesmo à escala dos plantões. Sua atuação geralmente envolvia a denúncia de escândalos de cunho político e policial, com caráter inédito e revelador. Suas matérias não eram produzidas de forma restrita ao Estado, visando também à veiculação em nível nacional, nos principais telejornais da Rede Globo. Entre suas características pessoais observadas, chamava a atenção os modos mais impositivos e “grosseiros” de seu comportamento. Em geral, Fábio falava alto, não raro manifestava contrariedade com gestos como bater na mesa, gritar, dizer palavrões e marcar uma postura mais vertical, incisiva e por vezes debochada com os colegas e com as fontes.

Fábio gozava de status na empresa e seu nome era invocado também entre os colegas em situações em que buscavam matérias quentes, fortes, de impacto, conforme já referi em outras passagens do diário de campo, nos casos em que era consultado como aquele capaz de ter as matérias fortes, aquelas que “só ele sabe fazer”. Parecia senso comum na redação o privilégio de Fábio em fazer algo 100% inovador, denunciativo e passível de alcançar audiência. Fábio sabia de seu prestígio e fazia questão de receber destaque em tudo que produzia:

[redação, ilha *Semanário*] Fábio chega e vai falar com Antonio. Antonio pergunta se ele (Fábio) vai gravar um off ou se vai ser cabeça. Fábio diz: *pela novidade da coisa, acho que tem que ser cabeça*. Antonio pergunta para Fábio: *vamos furar eles [a concorrência] hoje?* Fábio responde: *vamos, porque o cara me garantiu que não falou com ninguém ainda, mas amanhã o juiz vai falar*. Depois Fábio liga para um coronel da Brigada e pede dados sobre quantos PMs teriam sido punidos ao todo, inclusive aqueles que receberam apenas sansões e *mesmo aqueles que não tenham o aval da governadora ainda* (DC, 03/05/09).

[reunião de pauta] Antonio pergunta: *E o Fonseca, o que será que tem pra nós?* Kauã chama Fábio Fonseca que está na redação. Quando Fabio entra na sala, Antonio de imediato pergunta pra ele: *o que tu tens pra nós do Semanário?* Fábio responde: *nada ainda, tudo em processo.* Antonio pergunta sobre a rota do crack. Fábio diz: *isso já foi no JN (Jornal Nacional).* Depois fala rindo: *só me der como manchete e a Quitéria chamar na cabeça do programa dizendo ‘O Fábio, está por aqui’* (DC, 09/03/09).

Seu rosto era desconhecido do público, pois suas matérias previam uma atuação disfarçada, usando métodos semelhantes aos de investigadores, detetives e policiais. Era um repórter que “corria riscos”, destemido, ativo, e seu prestígio também estava envolto no mistério acerca de sua identidade.

[redação, ilha *Semanário*] Fábio Fonseca se aproxima da ilha e pergunta para Antonio se não quer que ele faça nada. Antonio diz que para semana que vem. Fábio pergunta: *o que seria bom para audiência?* E Antonio responde: *teria uma chamada assim, “conheça a cara do Fábio Fonseca”, com uma imagem do Fábio de perfil.* Fábio ri e vai pra ilha do esporte (DC, 05/04/09).

Fábio Fonseca se investia do prestígio de que gozava em suas atitudes junto ao grupo: era impositivo, muitas vezes temido, e causava constrangimentos àqueles que, em alguma medida, se envolviam na edição de matérias produzidas por ele. Pude acompanhar parte desses tensionamentos quando estava no período exploratório da pesquisa, observando também o *Variedades*:

[Redação, *Variedades*]: Quando começa a ser exibida a reportagem de Fabio Fonseca [no *Variedades*], a maioria dos jornalistas da redação pára para assistir, inclusive ele. [...] Um tempo depois, vejo Olinda, outra repórter especial, comentando alguma coisa com **Fábio e ele, visivelmente irritado, se refere à matéria dele mesmo como aquela merda.** [...] **Depois entendo que essa contrariedade estava relacionada à forma como a matéria foi editada.** Termina o *Variedades*; eu acompanho a equipe para a reunião de pauta. A primeira coisa que fazem é **avaliar rapidamente as matérias; a de Fonseca é a que gera maior discussão.** [...] **Sobre a matéria de Fonseca, o que fica claro é a avaliação de que ela teve problemas,** mas não consigo captar quais. Vejo que **Bruno fala que Fábio não parava ao seu lado na hora da edição e completa: sabe como ele é, tá do teu lado, daqui um pouco não está mais.** A impressão que tenho é que talvez Bruno precisasse de Fábio para algumas informações e ele não ficava para dá-las. Pra mim, soava quase como uma justificativa, e **Bruno não parecia nada confortável.**[...] A reunião termina, todos saem. Eu me dirijo para a redação novamente. **Vejo Bruno comentar com uma colega as dificuldades de editar a matéria de Fabio Fonseca.** A colega, que não sei o nome, se levanta e vai na direção de Bruno. **Eles falam baixo e gesticulam muito. Escuto Bruno dizer: eu senti na pele. Ele é escorregadio, não fica. Pelo menos não sou só eu que percebo isso. A colega diz: é bem assim! Santiago [editor de textos], que está ao lado deles, concorda** (DC, 06/03/2009).

Esses constrangimentos eram percebidos pelas chefias, que pareciam lidar com isso como um capricho de Fonseca, e algo passível de ser feito por ele, devendo ser aceito pelos demais. Presenciei outras situações das relações de Fabio com colegas e chefias, como mostro em outro fragmento do diário de campo:

[Redação de telejornalismo, próximo das 9h]: Fabio chega na redação; diz bom dia e imediatamente pergunta para Leandra [editora do *Variedades*] se ela sabe sobre o VT do crack; Leandra diz que não. Ingo Boss chega e Fabio pergunta para ele: *tu sabe alguma coisa do personagem do crack? A história de um cara, filho de uma família, e que o fim é a morte?* Ingo responde que não. Eles ficam um tempo falando sobre problemas relacionados ao crack e às dificuldades de reinserção social dos dependentes. **Quando Fabio sai, parecendo ir procurar o tal VT, Ingo avisa Bianca [editora de texto do *Variedades*]: *Bia, Fabio Fonseca vem aí com um personagem do crack. Bruno, que também está na redação, debocha de Bianca dizendo: mais um momento drama na edição! Pra mim, fica evidente que a tarefa de editar um VT de Fabio é complicada e gera tensão entre os editores responsáveis por tal tarefa, e agora seria a vez de Bia. [...]***

Fábio volta para a redação e pergunta a alguém sobre uma fita de um VT dele que não foi ao ar no Jornal Nacional [da Globo]. O rapaz responde que *a fita foi liberada*. Fita liberada significa que foi desgravada para ser reutilizada. **Diante da resposta, Fábio senta à mesa, pensa um pouco e depois diz: *Bom, eu não te pedi para guardar, né? Depois completa: bah, mas matéria minha não dá pra liberar!*** Quando Fábio sai, Ingo, que também estava na redação, diz aos outros, em tom de brincadeira: *foi mandinga da Bia!, como quem diz que Bianca tinha torcido para não ter que fazer essa edição que, agora, sem a fita, não vai acontecer* [Fábio vai para a rua].

Às 10h40 Fábio liga da rua para Ingo, que quando desliga o telefone avisa aos editores do *Variedades*: *flagrante de crack. Depois avisa Bia que ela terá que editar a matéria de Fábio, e completa: não te livrou!* Bia esboça um sorriso amarelo, mas não diz nada. Ingo explica aos editores que Fabio flagrou uso de crack de várias pessoas próximo a um posto de Polícia. Quando volta para a redação, Fábio entra falando alto (como lhe é peculiar) e dizendo com destaque para o que seria um furo, uma denúncia: *mais um escândalo no governo Yeda* [governadora do estado do RS]. Ele vai em direção à Quirina [apresentadora do *Variedades*] e diz a ela: *o mínimo que eu espero de ti é um 'que vergonha' no final. Ele fala com ela num tom autoritário, sugerindo o que ela deve dizer ao vivo no programa, no final da exibição da matéria dele.*

Um tempo depois, Bruno passa por Bianca e pergunta pra ela, rindo: *e o crack? E o crack?*, numa clara referência à matéria de Fábio Fonseca. Perto do programa ir ao ar, vejo Quirina perguntando a Ingo o que teriam de grande matéria, e ele responde: *crack!* Da redação, vejo que Bia está na ilha editando a matéria do crack. Fábio entra na ilha de edição e toma a frente manipulando o equipamento de edição de imagens. O editor de imagens sai e Fabio senta no lugar dele. Depois ele sai e o editor de imagens volta e recomeça a editar. O *Variedades* entra no ar, e a matéria do crack ainda está sendo editada. **Quando o programa termina, todos, menos ele, vão para a sala para a reunião de pauta** (DC, 12/03/09).

A autonomia e o tom impositivo e por vezes belicoso de Fábio, bem como a anuência das chefias e os constrangimentos junto aos colegas eram características muito evidentes deste cultuado repórter. Assim como Samuel, Fonseca apresentava as características mais valorizadas que compunham um perfil cujos atributos são masculinos e estavam em evidência. Igualmente gozava de prestígio, regalias, autonomia, poder de persuasão e de decisão nas disputas e junto às instâncias mais altas da empresa. Como tal, suas matérias eram igualmente constituídas de atributos masculinos, que previam risco, coragem, entre outros. Como já discuti anteriormente, poucos jornalistas pareciam reunir esses atributos para serem

convocados para matérias fortes. Carlos Rios estava despontando na empresa, sendo lembrado para esse tipo de matéria. Entretanto, assim como Samuel, não possuía a postura belicosa característica de Fábio, e ainda parecia longe de gozar dos privilégios e poderes mais evidentes (como a autonomia, os equipamentos e horários próprios, a não-subordinação à escala) concedidos tanto a Fábio quanto a Samuel. Assim como Samuel, Fábio também se destacava dos demais, mas também ele não estava em um cargo de chefia. Além do poder, os colegas pareciam reverenciar e atribuir a esses dois jornalistas um saber diferenciado, pois, como já foi mencionado, os repórteres com os atributos masculinos, capazes de sugerir e realizar matérias com “perfil de polícia”, também pareciam saber (e fazer) coisas que os demais não sabiam, parafraseando Quitéria.

As características pessoais e os atributos de gênero tanto dos jornalistas quanto das notícias a eles associadas davam pistas de que os valores culturais, pessoais e profissionais praticamente se embaralhavam e serviam de pano de fundo em grande parte das escolhas no processo de produção das notícias. Em minhas observações, ao longo do tempo, ia ficando cada vez mais claro que gênero era constituinte não só das pessoas, mas também das notícias e da própria organização, uma vez que todo o processo produtivo, assim como a empresa, possuía uma hierarquia cujo topo – valor, poder e prestígio – era ocupado pelos atributos de gênero convencionalmente associados ao masculino. E nem sempre o poder era encontrado em quem estava num cargo de chefia, como se pode observar no caso da editora-chefe interina. Assim como as notícias, os cargos e encargos obedeciam a uma hierarquia marcada também por uma concepção de gênero.

Durante todo o tempo observei apenas uma vez uma matéria de perfil investigativo feita por uma mulher no *Semanário*. Foi no caso da matéria sobre arapongagem, em que a repórter Katarina acabou sendo a responsável, em virtude da negativa de Samuel e de Fábio em fazê-la, e da incompatibilidade de tempo de Rios.

O que gostaria de discutir é que, a despeito das expectativas prévias e do perfil privilegiado, não significa dizer que mulheres ou homens que não possuam perfil tipicamente masculino não sejam capazes de realizar esse tipo matéria – tanto que Katarina o fez –, bem como que os brancos de classe alta não sejam capazes de fazer matérias sobre pobres ou sobre todos aqueles considerados marginalizados na sociedade. Talvez o que não se reflita no exercício da profissão é a necessidade de um exercício de alteridade, da importância de se tentar “calçar o sapato do outro” na hora de se produzir uma matéria, uma vez que a subjetividade é condicionante nos processos produtivos da notícia, e, deste modo, pode acabar servindo como um juízo de valor que como tal será reproduzido entre eles e junto à sociedade.

A presença da subjetividade, das visões de mundo nos processos de produção das notícias, desde a seleção das pautas, passando pela escolha dos repórteres, até a ocupação dos lugares de prestígio e de poder nas relações entre os jornalistas, é um dos principais elementos que encontrei na pesquisa. Entendo que as visões de mundo dos profissionais eram permeadas por concepções de classe, de raça, de religião, de sexualidade, de geração e, principalmente, de gênero. Essas visões de mundo em muito se assemelhavam àquelas predominantes em nossa sociedade, naquilo que reconhecemos (ainda que inconscientemente) como seu padrão normativo, e nem sempre representam o todo, havendo uma infinidade de valores e visões diferentes que muitas vezes podem ser não reconhecidos ou não bem valorizados. Nesse sentido, o que e quem produz as notícias muitas vezes pode estar mais relacionado com a cultura e com a reprodução dos lugares de poder do que se pode perceber. E a matéria sobre os Parques foi muito ilustrativa destas percepções.

Os antigos bem diziam: habent sua falta libelli, os livros têm seu próprio destino. Tinha razão, porque o destino dos livros está ligado ao destino dos leitores.
Leonardo Boff, 1999

5 Fazendo gênero na produção da notícia: padrões sociais e visões de mundo incidindo no discurso jornalístico

No capítulo anterior, discuti a subjetividade dos jornalistas nos processos de seleção e hierarquização das notícias. Observando-os durante a pesquisa, entendi que a subjetividade, lugar onde residem as visões de mundo, valores culturais e sociais dos indivíduos, é inconscientemente acionada durante os processos produtivos, tornando-se parte integrante dos valores profissionais da cultura jornalística. E é também na subjetividade que residem as concepções de gênero.

Acompanhando as rotinas jornalísticas na pesquisa de campo, percebi que os valores das notícias estavam muito relacionados às visões de mundo de meus interlocutores, e que esses valores em muito correspondiam às convenções de gênero e à heteronormatividade. A subjetividade das escolhas superava a ingerência dos valores da própria empresa – cujas diretrizes não chegavam a cercear ou comprometer, de forma evidente, a criação profissional no processo de produção das notícias, e muitas vezes iam ao encontro das visões dos próprios profissionais. Essas percepções se deram no contexto da observação realizada e para além do que teria aqui espaço para discutir, mas fundamentalmente estão calcadas na vivência empírica do cotidiano, das relações que se estabeleceram entre eles, deles comigo e por tudo que pude acompanhar e que espero poder mostrar. Foi nesse sentido que meu objetivo de acompanhar o processo completo de produção da notícia foi perseguido, pois acreditava ter neste percurso um espaço privilegiado para compreender se e como as concepções de gênero dos jornalistas estavam imbricadas nas notícias, e de que maneira contribuíam ou não no processo de reprodução da heteronormatividade.

A produção da matéria sobre a vida noturna nos parques foi um dos momentos em que mais claramente pude perceber a imbricação entre os valores profissionais, os valores sociais e culturais dos sujeitos e o conjunto de valores mais proeminentes e valorizados da sociedade. Não foi a única produção jornalística a revelar essas relações durante o período de observação, mas serve aqui como um *case* para a discussão central desta dissertação.

5.1 Tipo de gente? São “tudo puto igual”!

O surgimento da pauta sobre os parques à noite, bem como o debate sobre o “tipo” de repórter que deveria realizá-la, já foi apresentado no capítulo anterior. Entretanto, não havia mencionado quem, finalmente, ficou responsável por sua execução: Kauã. Não participei do processo de definição do nome dele para repórter da matéria, e fiquei surpresa quando soube, em especial pelo que já discuti sobre os perfis dos repórteres no capítulo anterior. E são os passos seguintes do processo de produção dessa notícia que compartilho.

[redação, ilha Semanário] Estávamos reunidos na ilha Antonio, Cláudia e eu quando Kauã chegou e começou a falar sobre a gravação que ele fez dos parques à noite. Empolgado, conta que esteve no Parcão e que *falou com um veado* que teria lhe dito que **os frequentadores da noite fazem sexo no banheiro, que muitas pessoas de família, que moram nos prédios ao redor, vão até lá fazer sexo**. Ele conta que este entrevistado teria se identificado como homossexual e que teria explicado que lá (no Parcão) **é outra classe, que ninguém cobra**. Antonio comenta: *A chinelagem tem em todos os níveis*. Kauã continua contando, diz que também esteve no parque Marinha e entrevistou um homossexual que lhe explicou que a única forma dele (Kauã) entrar na Redenção é se for acompanhado da Marcely (travesti presidenta da ONG Igualdade). Kauã diz que **ficou com medo de pegar AIDS falando com essas pessoas**. Perguntei por quê? Ele respondeu: *Essas pessoas cospem quando falam, e eu fiquei com medo, nem apertei a mão*. Cláudia logo em seguida diz: *Isso não é povo, é sub-povo*. Enquanto Kauã fala sobre sua experiência, **os outros ficam espantados, e ele se empolga ainda mais**. Eu fico surpresa de ter sido ele quem foi fazer a externa. [...] Kauã me convida para dar uma olhada na fita bruta que ele tem do parque, e aceito, empolgada (DC, 26/04/09).

A experiência pareceu inusitada para Kauã, que já tinha manifestado anteriormente suas concepções de gênero, em especial sobre sexualidades diversas do que o jornalista compreendia como normais. Ele já havia afirmado sua desaprovação e sua incompreensão em relação a temas como a homossexualidade, dando a entender que para ele parecia existir

[...] apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade, e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2003, p. 43-44).

Ao se disponibilizar para a realização desta matéria, Kauã, de antemão, estava avisado de que encontraria os “excêntricos”, *porque à noite, nos parques, o que tem são gays, viciados e traficantes* (Samuel, DC, 20/04/09), e essas pessoas certamente não se enquadram no perfil padrão; estavam à margem. Excêntrico, “conforme registra o dicionário, é aquele ou aquilo que está fora do centro; é o extravagante, o esquisito [...]” (LOURO, 2003, p. 44), o

marginal. Ou a *chinelagem*, o *sub-povo*, o *veado*, segundo meus interlocutores ao se referirem a alguns dos sujeitos encontrados nos parques durante a noite. O estranhamento, o medo e a manifestação de conceitos prévios, expressos também nos adjetivos pejorativos utilizados na descrição dos entrevistados, nada mais eram do que a expressão das visões de mundo do repórter designado para a matéria. Mas a postura pessoal dele não causava estranhamento nos demais membros da equipe, uma vez que haviam se posicionado de modo muito semelhante anteriormente, e manifestavam o estranhamento inclusive pela jocosidade com que abordavam o assunto. Todos pareciam compartilhar o mesmo parâmetro de normatividade social.

Esse padrão, que parecia orientar inconscientemente meus interlocutores, foi manifestado diversas vezes por diferentes participantes do processo produtivo, como discutirei ao longo deste capítulo. Kauã, o repórter, produtor e editor de texto dessa matéria, foi quem mais teve participação no processo e, conseqüentemente quem mais expressou suas visões de mundo. Exceto durante a captação (pelos motivos já apresentados noutra capítulo), estive com ele durante toda a atuação dele no processo.

Vamos para uma ilha. O primeiro entrevistado fala que no Parcão os freqüentadores **são como uma família**, são um grupo, são homossexuais, e que as pessoas que freqüentam são de “outra classe”. Diz que ali também freqüentam os heteros, em busca de sexo. Quando o entrevistado faz referência à outra classe, parece que está sugerindo que ali os freqüentadores sejam pertencentes a uma classe mais alta do que aqueles que freqüentam outros parques. Só não entendi se ele se referia à classe social dos que estão lá para fazer sexo (o grupo dos homossexuais, segundo o entrevistado) ou se falava sobre a classe social dos heteros que vão em busca de sexo. Trocamos de ilha. Kauã me mostra uma sonora e diz: *essa é a sonora do cara que cospe*. [...] O entrevistado diz que o que o traz ao parque é *a prática do homossexualismo*, que ali no parque havia todo o tipo de gente, de grupos. Essa afirmação é seguida de uma pergunta de Kauã: **de que tipo de gente tu faz parte?** O entrevistado não responde, retoma a entrevista explicando que no *Marinha tem de tudo, travesti... e lá se faz sexo com ou sem pagamento*. Afirma que o parque é **um lugar perigoso**, que ele se cuida e que já tentaram atacá-lo. Diante dessa fala Kauã comenta comigo que, nesse momento da entrevista, quase disse ao entrevistado: *Cú de bêbado não tem dono!* Na entrevista, Kauã pergunta ao seu interlocutor se *têm muitos homossexuais*, e o entrevistado responde que sim, e que cada dia vem um novo.

Um novo entrevistado aparece no vídeo. É um catador de lixo que conta que já foi motorista de carreta e, quando perguntado, explica por que gosta de ficar no parque à noite: **pra descansar e também para me divertir**. Kauã me olha e comenta, diante da resposta “inusitada” deste freqüentador: **que estranho, né?** Kauã me conta que era tão escuro que às vezes ele e o cinegrafista sentavam e tentavam enxergar, utilizando o zoom da câmera, *pra ver, de longe, que tipo de gente era, e pra saber se a gente podia fazer a abordagem*. Me diz que agora vai ter que procurar a Marceley Malta para tentar entrar com ela na Redenção. Ele tinha comentado lá na ilha (com os outros, antes de irmos para a ilha de edição ver “a bruta”) que um homossexual do Parcão teria dado um *off* dizendo que fazia parte do que chamam de Corte, um grupamento de pessoas que teria sido formado

há 15 anos ou mais e que freqüentavam a Redenção na madrugada. *Esse cara*, segundo Kauã, era um homossexual *fortão*, que informou que só se entra na Redenção em segurança se acompanhado da Marcey. Kauã parece muito empolgado com a matéria dos parques, e eu igualmente, porque intuo que essa será a minha matéria de análise (DC, 26/04/09).

A despeito da explicação do entrevistado de que as pessoas que freqüentavam o parque eram “uma família, um grupo, homossexuais”, o repórter continua questionando-o para saber que “tipo de gente” eram ele e os demais, numa diferenciação que denota uma necessidade de classificação em categorias que marcadamente os coloca numa posição inferior na hierarquia social. O estranhamento do repórter também é explicitado quando ele não compreende como uma pessoa pode ir para o parque à noite para descansar e se divertir. Claramente, esse não é um tipo de comportamento convencional e esperado por ele e pelas pessoas que não fazem parte do grupo social que freqüenta os parques à noite.

Informado por um de seus entrevistados, Kauã descobriu que, para entrar no parque da Redenção à noite, precisaria buscar a companhia de alguém que conhecesse e que fosse reconhecido por seus pares naquele espaço. A sugestão do nome de Marcey Malta, travesti presidenta de uma ONG, cuja atuação de prevenção nos parques à noite era reconhecida pela população freqüentadora, foi o passaporte do repórter para dar continuidade à matéria. Mas antes de seguir para o próximo dia de captação, o repórter ainda discutiu com o grupo, na reunião de pauta, os passos dados e os que ainda daria.

[reunião de pauta] Depois da avaliação das matérias do último programa, Kauã conta sobre a experiência nos parques, que encontrou muitos homossexuais no Parcão e que um deles teria feito menção de que há um nível melhor de freqüentadores por lá. Samuel diz, em tom jocoso: ***Agora gostei! Ruim é quando fala que no Parcão é outro nível*** – debocha. Kauã fala sobre a existência da Corte na Redenção e Everton diz: *tá aí a matéria!* Kauã diz que ficou sabendo que tem que ter permissão da Corte para entrar no parque, e que vai ligar para a associação das travestis para combinar com a Marcey. Discutem a necessidade de Kauã terminar a matéria essa semana, mas ele alega que Fábio (cinigrafista) está fora essa semana, e tenta adiar por mais uma semana para esperar por ele. Os demais mandam que ele vá com outro cinigrafista. Kauã argumenta, diz que Fábio tem muita sensibilidade e que queria esperar por ele. Everton diz que *não dá*. Quitéria diz que têm outros cinigrafistas bons, e sugere o Ismael. Samuel argumenta que Kauã pode fazer com que o novo cinigrafista dê continuidade ao tom da matéria; sugere que Kauã envolva o novo cinigrafista na matéria, que mostre as imagens que já tem, diga o que está pensando, pergunte o que ele (cinigrafista) acha, que o *seduza e explique para que ele entre na matéria*. Sugerem o cinigrafista Zuke, que é dos “especiais”, e Kauã, não muito satisfeito, diz que vai tentar. [...] Retomam as propostas de pauta. [...] Kauã diz que tem uma matéria sobre deficientes para sugerir. Samuel debocha e Antonio diz: *estamos muito social*. Samuel diz que estão ***priorizando sacanagem***, que estão ***precisando de putaria, putaria*** (DC, 27/04/09).

A confirmação da existência de pessoas e práticas homossexuais no Parcão parecia algo inusitado para meus interlocutores. Trata-se de um parque situado num bairro de classe

média alta, padrão social majoritário de seus frequentadores, e reconhecido pela prática de esporte, lazer e atividades culturais deste público durante o dia. A prática de sexo e de prostituição nesse local à noite, ainda mais por homossexuais masculinos, parecia não fazer parte do imaginário desse grupo de jornalistas, como ficará mais claro no percurso da matéria. *Ruim é quando fala que no Parcão é outro nível*, pois, na visão dos jornalistas, parecia não haver distinção de classe, de gênero, de práticas sexuais entre *este tipo de gente*, que deveria ser percebida como uma grande categoria: excêntricos. Ou talvez essa afirmação seja um indicativo de que a participação de pessoas de um nível social mais elevado não seja algo bom de se saber. O que parecia importar, visto que estavam “precisando”, e pelo jeito estavam conseguindo, era *putaria*. Restava *seduzir* o novo cinegrafista para que ele entrasse no espírito da matéria.

Naquela mesma semana, após a captação das últimas externas nos parques, passei a acompanhar Kauã nos demais procedimentos relativos à matéria. No dia 30 de abril me dirigi para RBS TV para acompanhar o repórter na decupagem, mas acabei me atrasando em relação ao horário combinado inicialmente, 8h30min.

Antes de sair de casa, ligo para Kauã e aviso que vou me atrasar. Chego na redação às 9h. Kauã já está na ilha de edição decupando e me chama para entrar com ele. Ficamos numa ilha próxima ao esporte. No vídeo está aparecendo uma sonora com Marcelly. Kauã seleciona algumas falas dela, eu as anoto: “De dia é lazer, à noite é prazer”. “**A gente vê o não uso do preservativo**”. “**Tem que ter coragem** de entrar no parque à noite. Tem muito a questão da segurança pública, da iluminação.” “Todo mundo tem direito porque o parque é público, todo mundo tem o direito de fazer o que quiser no parque.” “**Pessoas mais antigas são mais respeitadas** porque se conhecem.” Kauã me pede para decupar um pouco para ele e sai. Está fazendo a decupagem num notebook dele. [...] Ele vai e volta.

Nessa fase da fita, Marcelly fala que as travestis que se prostituem no parque são autorizadas, e que a sociedade tem que aceitar a prostituição, se não estão fazendo algazarra ou exposição na rua, podem (se prostituir). Kauã, sem querer, aperta um botão e desliga o notebook; ele fica furioso, mas quando consegue ligar novamente, percebe que não perdeu o que tinha. Retomamos a fita com a fala da Marcelly que diz: “porque só **os direitos vão receber atenção especial e os que estão aqui dentro** [do parque] não podem?” (DC, 30/04/09).

No excerto acima, chamo atenção para as sonoras selecionadas por Kauã. A sonora em que Marcelly afirma que não se vê muito o uso do preservativo entre as pessoas que formam o público noturno da Redenção, como um destaque na decupagem, me pareceu fazer parte de um imaginário que durante muitos anos estigmatizou os homossexuais, culpabilizando-os pela existência e transmissão do vírus HIV.

Já na segunda sonora escolhida, chamou-me atenção o requisito *coragem* como passaporte fundamental para se entrar no parque à noite. Essa prerrogativa caracterizara não só as pessoas que estavam lá, mas também a própria entrevistada e o repórter. Tendo sido

selecionada, o foi por ter feito algum sentido no contexto da matéria, e dá pistas de ir ao encontro das justificativas imaginadas por meus interlocutores quanto ao perfil da matéria e de seu respectivo repórter. Em seguida, o repórter selecionou a passagem “pessoas mais antigas são mais respeitadas...”, que logo me remeteu ao padrão geracional social que destaca a respeitabilidade dos “mais velhos”.

Por fim, na última sonora destacada, a própria entrevistada parece fazer uma distinção entre “pessoas direitas” e os freqüentadores noturnos do parque. Tanto a fala da entrevistada quanto a escolha de Kauã deram a entender que tal distinção, hegemonicamente compartilhada no senso comum, se repetia entre duas pessoas de grupos sociais diferentes. O detalhe é que a própria declarante seria parte do grupo social dos freqüentadores daquele horário noturno, e desse modo reflete no discurso consonância com a norma mais geral, a despeito dos discursos opostos majoritariamente proferidos na ideologia e militância social de reivindicação de direitos.

Antes de prosseguir, apresento a concepção da matéria sobre os freqüentadores noturnos dos parques, matéria à qual meus interlocutores denominaram ‘matéria do parque’. Ela foi pensada para mostrar quem são as pessoas que freqüentam os principais parques⁶¹ de Porto Alegre à noite e o que costumam fazer nesses locais. Com o cair do sol, o repórter encontrou pessoas que fazem uso desses espaços públicos para lazer, esporte, passear com os cachorros, sociabilizar com amigos. Mais adiante, o público vai alternando, e durante a noite e madrugada prevalecem homossexuais, travestis, *crossdressers*⁶², pessoas que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo, prostituição masculina e travesti, usuários de drogas, entre outros. E foi justamente a participação dos grupos sociais “excêntricos” que trouxe o valor-notícia emoção/risco para a matéria. Sem falar nos demais valores-notícia presentes e imbricados, tais como inusitado, sexualidade, drogas, (i)legalidade.

Kauã gravou entrevistas com diferentes freqüentadores, oriundos dos diversos grupos que compõem o público noturno dos três principais parques da Capital. Mas também entre pessoas do grupo social mais próximo do seu. Ele manifestou seus valores e critérios de distinção por meio de marcadores sociais como geração, gênero, raça, corpo e sexualidade, como discutirei a partir do fragmento de diário a seguir.

⁶¹ A reportagem foi realizada em três parques e uma praça, distintos em classe social de acordo não apenas com o que se convencionou pensar de seus freqüentadores, mas também pela região da cidade em que estão situados: Parque Moinhos de Vento (mais conhecido como Parcão – classe média alta) e Praça Carlos Simão Arent (conhecida como praça da Encol, classe média alta), Parque Farroupilha (mais conhecido como parque da Redenção – classe média) e Parque Marinha do Brasil (classe média e média baixa).

⁶² Nomenclatura que se refere a pessoas que utilizam roupas e acessórios associados ao sexo oposto, por vontade própria e qualquer razão, mas que **não necessariamente** tem a ver com práticas sexuais homossexuais, nem mesmo serve de sinônimo de travesti ou transexual.

Kauã pega a fita com as imagens gravadas no Parcão. Primeiro, aparece um engenheiro falando. Depois, a sonora de um rapaz que, quando perguntado sobre qual sua profissão, se diz supridor. Kauã comenta suas impressões sobre este último entrevistado: *supridor de que? Esse gordinho fala muito mal. Não tô a fim de decupar ele. Não gostei desse gordinho*. Mesmo assim, ele registra esta sonora sucintamente na decupagem. Aparece a sonora de uma mulher no parque. Kauã diz: *essa aí tá boa. Gostei da entonação dela; tá meigo*. Kauã sai novamente da ilha. Antonio, que está já na redação, vem até a ilha e me convida para tomar um café. Aceito e vamos juntos, mas não aviso Kauã, que havia saído novamente.

Sentamos eu e Antonio no restaurante para tomar café. [...] No meio de nossa conversa, chega Kauã e senta conosco, ao lado de Antonio, que estava em frente a mim. Kauã chega falando que tinha **cometido uma gafe com a Marceley. Diz que tinha chamado de “traveca”**, e que Marceley teria reagido colocando a mão na cintura, perguntando o que ele tinha dito, e que quando ele repetiu, *ela disse que era travesti que se dizia, que já tinha se indisposto com muita gente por causa disso*. Kauã diz que se desculpou com ela e justificou dizendo que *era uma fala de hetero*. Antonio diz: *hetero idiota*. Antonio retoma a conversa que estávamos tendo, Kauã fica mais um pouco (DC, 30/04/09).

Kauã manifestou mais uma vez suas preferências pessoais e concepções de gênero primeiro desqualificando um dos entrevistados, ao dizer que não gostou dele e ao questionar sua profissão, argumentando que fala mal e referindo-se a ele como o “gordinho”. A rejeição de Kauã, mais uma vez, serviu de filtro no processo produtivo: foi a justificativa para que não quisesse decupar a sonora do mesmo modo com que fez as demais. Outro elemento revelador da subjetividade do repórter foi a escolha da sonora da mulher - que “estava boa” porque ele gostou da entonação meiga dela. Pelo visto, uma mulher com atributos femininos, e, desse modo, digna de ser selecionada para ser ouvida pelo público. Sua condição de heterossexual foi a justificativa de Kauã para o desconhecimento da nomenclatura utilizada pelo grupo social específico, as travestis⁶³. Entretanto, mesmo quando informado, permaneceu ignorando e mantendo o mesmo tipo de tratamento, como se pode perceber em outras passagens mais adiante.

Volto para a ilha com Kauã. Ele continua decupando e usa o termo *viado* pra se referir a um de seus entrevistados. No VT, a fita do Parcão. Aparecem imagens de uns caras andando e Kauã me diz: *mais homossexuais*. Eu pergunto: *tu tens certeza que são?* E ele me responde: *sim, eles estavam se punhetiando*. A próxima sonora é de um entrevistado dizendo que era gay e afirmando que há diferença entre as pessoas que freqüentam o Parcão e os que freqüentam a Redenção à noite; que no Parcão o nível era melhor. Kauã comenta: *isso eu achei horrível. São tudo puto igual*. A sonora segue, e o cara fala que **ninguém os vê**. Sobre essa fala Kauã diz: *isso é bom*. Adiante, o entrevistado diz que muitos homens casados da vizinhança freqüentam o parque atrás de caras para sexo. Kauã comenta: *vamos deixar as mulheres todas preocupadas em casa*. [...] (DC, 30/04/09).

⁶³ Acompanho ZAMBRANO (2008, p. 20) como justificativa para “usar o pronome feminino quando falar das travestis em respeito à categoria identitária reivindicada por elas”.

O repórter e editor parecia já saber a identidade sexual das pessoas sem entrevistá-las, apenas pelo gestual, como justificou no caso acima, pela masturbação que diz ter visto. Atribuir uma identidade a um sujeito é algo complexo, e em geral está carregado de valores. Há muita discussão sobre identidades, e pelas perspectivas teóricas às quais me filio, a identidade tem a ver com as formas através das quais o sujeito se auto-identifica, o que não guarda relação, necessariamente, com as suas práticas sexuais: uma coisa é a identidade, outra são as práticas sexuais, que nem sempre são convergentes. No caso da homossexualidade, há distinção entre pessoas que se auto-identificam como homossexuais e aquelas que não se entendem desse modo, apesar de fazerem sexo com pessoas do mesmo sexo. Mas, sem dúvida, essa não é uma discussão que perpassa o senso comum e a sociedade de um modo geral, ficando mais restrita aos movimentos sociais específicos e a estudos acadêmicos.

Discuti anteriormente o fato de Kauã ter achado horrível a distinção de classe feita pelo entrevistado por ter entendido serem *tudo puto igual*. Já a seleção da sonora em que o entrevistado diz que ninguém os vê parece dar um contorno de obscuridade às pessoas, às práticas existentes naquele espaço, e até mesmo para a própria matéria, indicando também, mais uma vez, as “preferências” de Kauã nessa escolha. O repórter acaba selecionando a sonora que diz que “heteros” procuram sexo com homens nos parques, parecendo esperar com ela um tipo de reação no público feminino morador das redondezas. Sobre essa escolha, retomo mais adiante.

A decupagem seguiu por todo o dia com alguns intervalos. Entretanto, ressalto que, diferentemente do que geralmente acontece com as decupagens, Kauã não apenas fez indicações do tipo de sonora ou imagem com seus respectivos tempos, como também, de forma pormenorizada, foi transcrevendo as falas de cada um dos escolhidos. Desse modo, o tempo dessa ação no processo produtivo foi bastante ampliado, e também acabou incidindo no cronograma previsto inicialmente para o fechamento da matéria. Um dos intervalos nesse processo foi quando esse mesmo repórter e editor foi fazer a edição da matéria sobre o menino cineasta. Depois disso, fomos almoçar e só retomamos à tarde. Antes de irmos para ilha, Kauã procurou Samuel para contar o que tinha de novidades nas entrevistas e também recebeu dele indicações sobre a abertura e os contornos da matéria:

Kauã liga para Samuel e conta que falou com a Marcely, e que ela tinha dito que o Samuel era muito legal. Conta a história de terem pegado duas pessoas fazendo sexo no parque, diz que alguém teria contado que usava crack para fazer sexo com outros homens. [...] Kauã continua descrevendo para Samuel o que tem na captação dele nos parques. [...] Kauã fica um bom tempo em silêncio no telefone, e parece atento a tudo que Samuel diz. Só escuto os comentários e respostas que ele dá. Quando desliga, Kauã me diz que Samuel sugeriu que ele abra a matéria com a Marcely falando, e que siga uma ordem que seria assim: narrativa em off dizendo

“Marcely distribui camisinha, fulano usa crack, pessoas levam os cachorrinhos pra passear. O que eles tem em comum?” E aí, começaria a matéria. (DC, 30/04/09).

Samuel não apenas sugeriu a pauta e o perfil do repórter, como deu sugestões sobre a abertura e os contornos da matéria. Ele também foi o locutor.

Quando volto do almoço, Kauã já está na ilha decupando, e está na parte da entrevista de uma pessoa da Redenção que se identificou como a “rainha do parque”. Essa pessoa explica que não é travesti, é *crossdresser*. Kauã pergunta para ela, na entrevista, o que é a corte. Nesse momento, ele se vira pra mim e diz: **que perfume horrível que esses travecos têm. Sai de lá quase vomitando.** A “rainha” explica que esse “título” foi uma invenção que surgiu na década de 1980, a partir de uma nova situação ocorrida entre os freqüentadores e aqueles que os ameaçavam na ocasião. Ela conta que mesmo estando reunidos em maior número, os freqüentadores costumavam ser ameaçados e acabavam fugindo, e que então um dia ela resolveu chamar a atenção dos colegas para que enfrentassem, já que estavam em maior número. E que desde então, por ter sido dela a iniciativa, haviam-na coroado como rainha e os demais faziam parte da corte. A rainha diz que naquele tempo existia a corte com a finalidade de se protegerem, mas que agora não mais. Kauã comenta comigo: **É mentira! Tu viu que o outro me falou que a corte continuava? Elas não querem dizer que tem porque não querem fazer o papel de polícia.**

Kauã se mostra preocupado com a reação dos seus entrevistados com a matéria, em especial com a edição final: **se eles não gostarem da matéria nunca mais posso entrar no parque à noite, porque eu vou ser morto.** Digo que não é pra ele se preocupar, que a matéria vai ficar boa. E ele me diz: *mas eu tenho medo. Tu sabe que o Antonio é um sensacionalista, e tenho medo do que ele vai fazer com a minha matéria.* [...] (DC, 30/04/09).

De nada parece ter adiantado as explicações de Marcely quanto a usar a nomenclatura “travestis” como uma questão identitária: Kauã continuava a chamar também as *crossdressers* de “travecos”. E mais uma vez Kauã revela descrédito em relação aos entrevistados, emitindo juízo de valor quando afirma que a “rainha” está mentindo. O medo começa a lhe acometer, tanto em relação às possíveis reações de seus entrevistados, quanto em função das possíveis alterações que possam ser feitas pelo editor-chefe.

Kauã aparece perguntando como a rainha se classifica, e ela responde: *como homossexual que se veste de mulher, o que hoje chamam de crossdresser.* A rainha explica a distinção entre as diversas identidades: homossexuais masculinos, travestis, transexuais e *crossdresser*. Comento com Kauã que ela faz bem a distinção e ele me diz: **mas isso eu não vou colocar.** [...] A rainha explica que aqueles que cobram por sexo no parque estão mais imunes à violência, *porque demonstram que não estão ali por uma questão de brincadeira.* Ela diz que cobra para fazer sexo, mas que não precisaria, mas faz por proteção. Kauã pergunta quanto ela cobra, mas ela prefere não dizer, apenas diz que é barato porque é no parque. Kauã seleciona as seguintes falas: “pra mim é normal, até porque é noite, **não tem ninguém olhando**, ninguém vendo”; **“Aqui tem todo o tipo de vício, sexualmente falando”.** [...] (DC, 30/04/09).

A despeito da explicação da entrevistada, Kauã afirma que não vai fazer distinção entre as identidades sexuais referentes aos diversos grupos que freqüentam o parque. A idéia

de que “são tudo puto igual” permanece, e do mesmo modo parece que prevalecerá quando veiculado para o restante da sociedade. Também a obscuridade continua um contorno da matéria e a escolha da sonora que fala na existência de todo o tipo de vício, sexualmente falando, parece corroborar o tom de marginalização das práticas sexuais existentes nos parques. Na fala da entrevistada me chamou atenção que a seriedade, em contraponto à brincadeira, parece ser um valor também naquele universo.

Kauã aparece entrevistando um garoto de programa. O entrevistado diz que já foi assaltado e Kauã pergunta por que, ele responde: “**porque me visto bem e me tiraram pra playboy ou pra gay**”. [...] Kauã pergunta para ele o que leva as pessoas a fazer programas, se é por necessidade financeira. O entrevistado responde que no caso dele é, mas que muitas pessoas fazem por prazer. Kauã pergunta: *Com quem tu faz programa? Tu é passivo ou ativo? Pode falar, não esquece que tu não está sendo identificado, pode falar.* [...] O rapaz responde que já fez sexo com casais, com gays. Kauã pergunta: *já fez com travesti?* O entrevistado responde que “**já pegou**” (DC, 30/04/09).

A sonora do garoto de programa marca a distinção já mencionada entre prática e identidade sexual: apesar de fazer sexo com pessoas do mesmo sexo biológico, e cobrar por isso, o entrevistado não se auto-identifica como homossexual. Mas Kauã precisava saber se ele era *passivo ou ativo*, uma questão que geralmente se impõe ao senso comum com relação às práticas homossexuais. Essa questão se origina a partir da heteronormatividade, padrão social que, entre outras coisas, atribui aos homens o papel de ativos e às mulheres, a passividade. Essa “certeza” se embaralha quando transposta para práticas sexuais diversas da heterossexual, e em geral busca-se saber “quem é o homem/ativo ou a mulher/passivo” nessas relações, como se isso “naturalmente” acontecesse, o que demonstra a lógica binária, já discutida, que orienta o padrão heteronormativo. Por isso a pergunta de Kauã é seguida de uma afirmação - que sua identidade está protegida - que visa a dar segurança ao entrevistado para o caso dele se dizer “passivo”, o que “comprometeria de vez sua masculinidade” e, de acordo com a norma, denota o menos valorizado. O entrevistado, quando diz que “já pegou” travestis, dá pistas para Kauã de que é ativo.

O próximo entrevistado, outro garoto de programa, também não é credível para Kauã. E a empolgação de outros dias agora parece ceder espaço, cada vez mais, para o “medo” do repórter:

Aparece a cena da entrevista de outro michê⁶⁴. Este entrevistado diz que frequenta saunas também, porque é mais discreto. Kauã me diz, sem justificar: *É mentira!* A sonora segue e, sem mais, Kauã olha pra mim e pergunta: *Será que eles não vão me matar?* Eu pergunto por que, e ele responde: *Porque são todos loucos esses gays* (DC, 30/04/09).

⁶⁴ Homens que se prostituem, também chamados garotos de programa.

As diferentes práticas e situações manifestadas pelos entrevistados pareciam ser “anormais”, e os gays, para Kauã, além de serem *puto igual*, também eram agora *todos loucos*. O medo, expresso novamente através da pergunta *será que eles vão me matar?*, me fez refletir sobre os sentidos dessa expressão. Por um lado, além de marcar a fronteira do universo de valores de Kauã com esses diferentes grupos, remete imediatamente a um reforço do risco e da coragem do repórter, como parece ser o mote dos atributos pensados desde o início para a matéria. Mas por outro, fiquei pensando que talvez se tratasse de um medo relacionado à produção de sentidos que suas visões pessoais e profissionais, impressas na matéria e diferentes das visões dos entrevistados, poderiam gerar naquele grupo. Aqui, parece se tratar da distinta produção de sentidos sobre um mesmo fato social, interpretada a partir de valores e critérios diferentes em momentos (captação, produção e recepção) e grupos (jornalistas e freqüentadores do parque) diversos. Parafraseando Leonardo Boff (1997, p. 09), “todo ponto de vista é visto de um ponto”.

Muitos foram entrevistados, mas entre os garotos de programa, uma sonora foi considerada a melhor:

Uma outra sonora é selecionada, e Kauã me diz: *esse cara é bom, melhor que o outro. É a sonora que eu quero*. Presto atenção e anoto a sonora preferida de Kauã em que o entrevistado diz: **“As pessoas já estão numa situação meio humilhante, tendo que se prostituir, fazendo meio que coisa que não quer, beijar, estar com homem, tem que falar umas coisas que não são verdade, e falar para agradar o cliente. Então aquilo vai afetando o psicológico da pessoa e ela acaba entrando na droga. E acabam terminando no crack e o crack tá devastador hoje em dia.”** Kauã pergunta pra ele: *Como é fazer sexo no parque?* O entrevistado responde: **“É o proibido liberado. É o que ninguém vê,** mas se pode fazer e é notório”.

A escolha desta sonora me faz interpretar que os ditos do entrevistado de alguma forma fazem sentido para o repórter e, pelo que venho acompanhando de suas visões de mundo, parece ir ao encontro do que Kauã pensa: “situação humilhante”, “ter que se prostituir” (como se não fosse uma escolha), “fazer coisas que não quer”, ter o “psicológico afetado” e com isso justificar o uso de drogas (como se fosse um “mal” causando outro), o “proibido liberado”, e a obscuridade daqueles sujeitos e daquelas práticas que “ninguém vê”. O que entendo também desta seleção é que o próprio entrevistado parece justificar um tipo de vida “desviante”, e nesse sentido, dá voz a determinadas visões de mundo do repórter e do senso comum, e que perpassam a sociedade de modo geral. Nesse sentido, as palavras ditas pelo próprio entrevistado conferem maior grau de “credibilidade”, reforçando a produção de sentidos negativos atribuídos às práticas diversas do padrão de comportamento tido como normal.

Na próxima etapa da fita bruta, aparecem os menores de idade, e Kauã anota na decupagem, em letra maiúscula, que não é para os editores identificá-los. Mais uma vez, ele expressa sua visão sobre seus personagens e essas visões interferem nos procedimentos profissionais: *Kauã me diz: Não vou nem ouvir esses menores, porque é deprimente. São uns pouca merda* (DC, 30/04/09). A próxima seleção de Kauã é a sonora de um usuário de crack que é catador de lixo. Desta sonora Kauã exclui a parte em que o rapaz afirma que na Redenção não vendem crack, só usam, uma informação que me parece ir de encontro ao que meus interlocutores pensavam na reunião de pauta, quando afirmaram que no parque havia traficantes e que, ao ser cortada, abre margem para que o imaginário sobre o tráfico permaneça.

Pergunto para Kauã quem será o editor da matéria, ele me diz que serão Claudia e mais um editor de imagens. As 16h55min, Kauã dá por encerrada a decupagem. Ele me convida para irmos para a sala de vidro para iniciar a produção do texto.

5.2 Coragem para enfrentar o risco: o pano de fundo de um texto escrito a muitas mãos

Na nova fase do processo produtivo da reportagem, a produção do texto, outras pessoas passaram a participar, direta e indiretamente. Paulatinamente fui percebendo que a notícia, mesmo construída por diferentes profissionais (alguns nem mesmo diretamente ligados ao *Semanário*), possuía um fio condutor que estava calcado no valor-notícia “risco”, valor que requer automaticamente o correlato coragem. Desde o surgimento na reunião de pauta, a reportagem do parque foi delineada a partir deste valor-notícia que, ao mesmo tempo, é um atributo convencionalmente relacionado ao masculino. Esse atributo prevaleceu representado nas escolhas feitas por todas as pessoas que contribuíram no processo produtivo, independentemente do sexo biológico. As sonoras escolhidas, os offs produzidos, as questões que foram surgindo entre os jornalistas produtores e a construção final do texto foram permeados por valores socioculturais dos profissionais que contribuíram no delineamento e nos rumos da matéria. Em especial as concepções de gênero e os parâmetros normativos de meus interlocutores foram acionados como parte dos valores-notícia e como tal puderam ser percebidos imbricados no resultado final.

O processo que construiu essa notícia calcada no valor “risco” pode ser percebido a partir da observação das escolhas que foram sendo feitas pelos profissionais ao longo da

produção. As escolhas justificadas, ou mesmo aquelas escolhas que pareciam ser feitas sem manifestação expressa dos motivos, foram o primeiro objeto de investigação naquele momento da pesquisa. Os textos resultantes desses processos foram igualmente analisados, a fim de perceber os possíveis novos sentidos ali colocados e como tal serão brevemente aqui discutidos.

O texto de abertura já havia sido sugerido por Samuel a Kauã, que seguiu exatamente o proposto.

Kauã começa a escrever o texto indicando a sonora da Marcey dizendo o que faz. Depois seleciona a sonora do garoto que é supridor, que fala das pessoas que levam cachorro pra passear; a sonora do catador de lixo que é viciado em crack, e por último a de um rapaz que anda de bicicleta. Kauã me olha e pergunta: *Tu entendeu o que eu estou fazendo?* Digo que sim. Em seguida, ele pergunta o que estou anotando, e eu respondo: *Estou anotando as tuas escolhas, o que meu olho consegue rapidamente enxergar.* Feitas as escolhas das sonoras, Kauã escreve um off⁶⁵: “você deve estar se perguntando o que essas pessoas têm em comum? Elas freqüentam espaços públicos de Porto Alegre. Uma metrópole com oito parques e quase 600 praças. Áreas que reservam surpresas aos olhares acomodados de quem está acostumado com a luz do dia. Quando a noite cai, tudo se transforma. Sobe som.” Kauã comenta comigo: *Depois o Zane me ajuda, ele é bom de texto* (DC, 30/04/09).

Acompanhei Kauã em todo seu processo de escolhas, até mesmo dos colegas a quem ele pediu contribuições para o texto. Inicialmente, procurei registrar os comentários e a postura do repórter enquanto produzia, bem como a literalidade do que escrevia. Mais adiante, combinei com ele que eu ficaria com uma cópia de cada versão de texto que fosse produzida, para, desse modo, acompanhar mais detalhadamente as escolhas e possíveis justificativas manifestadas por ele. Nesse sentido, reproduzo esta primeira fase do acompanhamento da produção do texto destacando fundamentalmente as observações sobre as posturas de meus interlocutores. Num segundo momento, abordarei apenas as principais mudanças ocorridas no texto⁶⁶.

Kauã vai escrevendo o texto, buscando as sonoras que quer na decupagem, e indica as imagens e as emendas das sonoras que deseja. Ele utiliza também o computador da sala de reuniões para buscar na internet as zonas onde ficam localizados os parques. Ele está visivelmente nervoso. No fim da decupagem já dava sinais de irritação, xingando as pessoas que apareciam na tela, reclamando da demora no processo, brigando com a maquina de edição, e quando viemos para a sala de reuniões foi a mesma coisa.

Kauã começa a selecionar as sonoras das pessoas que utilizam os parques para lazer no final da tarde. A primeira sonora é de um engenheiro mecânico, que explica que faz uso do parque para esporte porque deseja uma vida mais saudável. A próxima sonora é de uma pedagoga, que freqüenta o Parcão para passear com o

⁶⁵ No jargão jornalístico, o off é um texto com a narração da notícia, colocada durante a matéria, gravada pelo repórter ou pelo locutor na fase de edição.

⁶⁶ Para uma melhor visualização do conjunto da narrativa, em anexo disponibilizo as cópias completas que obtive junto a Kauã.

cachorro e que faz parte de um grupo de “cachorreiros”. Ele escreve o texto do próximo off: **“um lugar em que os esportistas convivem com um parque quase deserto ao lado de vultos que se perdem na sombra da noite. São homossexuais que usam o parque para a prática do sexo livre”** (30/04/09).

O off do repórter chama minha atenção para dois pontos: a generalização e a distinção dos públicos em dois grupos, aqueles que são (e podem) ser vistos, e aqueles que são invisíveis. A primeira generalização foi o uso da expressão “esportistas” para se referir àqueles que pertencem ao grupo dos primeiros entrevistados, e a segunda diz respeito à utilização da nomenclatura “vultos que se perdem na sombra da noite” para se referir aos homossexuais, servindo como introdução para apresentar os próximos personagens da matéria. A visibilidade dos primeiros entrevistados é também manifesta nas sonoras creditadas⁶⁷ destes em contraponto com as sonoras daqueles que fazem parte do grupo dos “vultos”, que teve solicitação expressa do repórter para que suas imagens e vozes fossem distorcidas para que não fossem identificados. A propósito, nunca soube se algum entrevistado havia solicitado a distorção de sua imagem.

O próximo passo é a seleção das sonoras das pessoas que freqüentam à noite e na madrugada. Kauã seleciona a sonora do catador que é viciado e me diz: *Essa é boa. Eu to selecionando o filé. Vai ficar bom.* Eu digo: *claro que vai.* Mas ele ainda manifesta seu desconforto: *Mas eu tô com medo.* Depois ele me pergunta qual sonora sobre o crack ele utiliza, se aquela que diz que 70% dos freqüentadores usam crack ou se a sonora que ele já tinha gostado na decupagem, que falava que as pessoas fazem o que querem, se prostituem, beijam homens e que isso abala o psicológico e acaba levando às drogas. Sem que eu responda, Kauã escolhe a última, já referida como sua preferida (DC, 30/04/09).

Kauã estava muito nervoso. Parecia que a situação estava demandando preocupações de diversas ordens: uma grande expectativa sobre o que os outros iriam achar, sobre o que os entrevistados iriam pensar e, fundamentalmente, naquele momento, sobre o texto que estaria produzindo e o tempo que isto demandaria, uma vez que ele teria que terminar logo porque ainda estava com viagem marcada para aquele dia. Era véspera de feriadão e Kauã havia conseguido liberação. A edição da matéria (texto e imagem) ficaria a cargo de outras pessoas, e a locução, com Samuel, e ele deveria deixar tudo pronto para sair.

Eu estava com dificuldade de conseguir registrar o texto do roteiro que ele produzia e ao mesmo tempo observá-lo em seu comportamento e em suas escolhas. Combinei, então, que ele me daria também uma cópia da versão do roteiro, e assim fiquei mais livre para a observação. Mas Kauã continuou escrevendo silencioso, apenas demonstrando irritação e pressa.

⁶⁷ Uso de legenda, no rodapé esquerdo da tela, que traz os dados do entrevistado, onde, em geral, costumam constar os nomes seguidos da profissão.

19h36 Gravo no pen drive o texto de Kauã. Ele vai até a redação e chama a repórter Olinda Batista para ler o texto dele. Olinda vem até a sala, me cumprimenta, senta e começa a ler e em seguida a mexer no texto de Kauã. [...] Olinda começa a falar com Kauã sobre suas sugestões, e eu vou anotando a conversa dos dois, com especial atenção para cada escolha que ela verbaliza:

Sugestão Olinda: Tirar “olhos acomodados” e deixar “acostumados”. Kauã explica para ela que está fazendo o texto pensando no jeito do Samuel, porque será ele o locutor da matéria. Olinda diz: *É, tem que deixar o jeito dele*. Outra sugestão: Tirar “peregrinação” e “dali vamos”. Sugere colocar: “seguimos para o Parcão, também na zona leste”, e justifica dizendo que tem que explicar pensando no público do interior que pode não saber onde fica o Parcão.

Próxima sugestão, uma substituição no off: colocar “um dos parques preferidos para quem pratica esportes, o Parcão, fica quase deserto depois das dez da noite”. Olinda pergunta se até às dez da noite tem muita gente ainda: *Isso é depois das dez, né?* Olinda volta pro texto e **quando lê “são homossexuais...” pergunta, surpresa, para Kauã: No parcão???** Kauã responde, em tom jocoso: *Sim, e peguei flagrantes* (DC, 30/04/09).

A participação de Olinda na escrita do texto começa a dar mostras de suas visões de mundo na interpretação dos fatos presentes na matéria. Quando a repórter manifesta espanto em saber que no Parcão existem homossexuais à noite revela uma idéia prévia sobre a baixa probabilidade de que tais pessoas ocupassem esse espaço público, em especial por se tratar de um parque majoritariamente freqüentado pelas classes sociais mais abastadas da cidade. Essa suposição, mais uma vez manifestada por meus interlocutores, dá indicativos de que os mesmos atribuem este tipo de prática apenas às pessoas de classe social baixa, motivo pelo qual gere tanto estranhamento sabê-las no Parcão.

Olinda segue com as sugestões: *Troca “pratica” por “faz”*. A repórter comenta com Kauã que não sabe se os flagrantes não são mais interessantes do que os depoimentos que abrem a matéria. Olinda diz pra Kauã que **é errado fazer sexo no parque**, e os dois começam uma discussão. Kauã retruca, **diz que não é ilegal, mas Olinda acha que é e pergunta: Eu posso transar no parque?** Kauã responde: *Sim, desde que não incomode as outras pessoas*. Olinda novamente questiona: *Não tem lei sobre isso?* Kauã responde: *Não*. Olinda não se convence e pergunta novamente: *Se eu fizer sexo no carro, na rua, vou ser presa?* Kauã responde com outra pergunta: *Vai?* Olinda: *Viu, tu não tem certeza. Tu tem que ter certeza, senão tu derruba a tua matéria. Esse é o centro da tua matéria*. Kauã levanta e vai atrás do Marco para saber se fazer sexo na rua é legal ou não. Marco entra na sala e Kauã, de supetão, pergunta: **Eu posso transar no parque?** Marco primeiro parece surpreso com a pergunta, mas logo responde que **não, não pode**, e **sugere que Kauã ligue para um delegado, de uma delegacia que antes era chamada delegacia de Costumes**. Marco sai da sala, mas Kauã não liga para investigar a legalidade ou não. Voltam para o texto.

A legalidade também foi um dos valores mais proeminentes na cultura de meus interlocutores, e esse valor está muito relacionado às concepções de certo e errado, de normalidade e anormalidade, que faz com que recorram direta ou indiretamente às leis, às normas sociais vigentes e a autoridades de campos de saber relacionados a essas normas como

autoridades capazes de fornecer os parâmetros regulatórios, em especial quando se trata de temas relativos a comportamentos. No excerto acima, percebi que na discussão de fundo havia a necessidade de “enquadrar” os comportamentos daqueles frequentadores, cujas práticas estavam sendo avaliadas não apenas legal como moralmente. Chamou minha atenção a sugestão de Marco para que se buscasse um delegado como a autoridade capaz de conceder esta resposta, ao invés de um advogado, por exemplo. Essa sugestão me fez questionar se não se estaria remetendo o fato para além de uma questão “legal”, mas para uma questão de polícia, e de uma polícia muito específica: aquela que em outros tempos era responsável pelos “crimes” comportamentais, aqueles relacionados à moral e aos bons costumes.

Olinda faz mais uma intervenção: *Não precisa dizer que esse homem não quer ser identificado; vai direto: este homem garante...* Próxima alteração sugerida é colocar no texto: *Ele também diz, pessoas casadas também frequentam o parque protegidas pela escuridão.*

Agora Olinda começa a fazer sugestões de forma e cortes: *Tira o próximo off e emenda a distinção de classe à sonora anterior. Tira o fantasmagórico. Fantasmagórico, não.* Olinda sugere que se diga no texto que eles – frequentadores do parque à noite – **gostam do risco**. Sugere que se coloque a frase “no parque Marinha, há quem se aventure pelo prazer”, e que coloque logo em seguida “**um desafio pelo prazer**”. Depois diz: *Tira o “dali fomos para o pulmão...”* E sugere: “No centro da cidade, em um dos parques mais populares, quem nos acompanha é...” **Olinda, quando vê que está escrito “a travesti”, pergunta: Não é “o” travesti? Kauã responde: Não, é “a”. Eles se ofendem se chamam de “o”.**

Em relação a um off, ela faz o seguinte comentário: *Intimidade com o terreno não fica bom, parece que ela faz sexo com o terreno.* Olinda pergunta para Kauã: *Tem sexo?* Ele responde: *Sim.* Olinda, empolgada, responde: *Ai, não posso perder essa matéria!* No off que narra que Marcely flagra alguém fazendo sexo, Olinda sugere: *Vamos direto: Marcely não se intimida.*

Novamente o risco, que pressupõe coragem, se apresenta nos contornos da matéria: “gostam do risco”, “um desafio pelo prazer”, “Marcely não se intimida”, são palavras escolhidas para a construção do texto cujo risco é um grande valor-notícia e agora se expressa mais claramente no discurso.

Olinda pergunta para Kauã se aqueles escritos, em que ele diz “atenção... boquete”, são um off. Kauã responde que não, que é informação para o editor, mas que não se deu conta de que seria a Claudia quem iria editar, e deixou a palavra boquete ali. Kauã fala isso rindo, mas num tom que soa falso, como se estivesse dando uma desculpa não verdadeira.

Kauã comenta com Olinda que nunca pensou que *iria falar com esse tipo de gente*. Ele diz que quase apanhou de Marcely quando chamou uma travesti de “traveco” e que Marcely teria lhe dito que o último jornalista que a chamou de traveco pagou uma multa de 15 mil reais. Kauã conta que pediu desculpas e explicou que não sabia. Desta vez, o repórter não disse que a justificativa teria sido o fato dele ser hetero. Olinda pergunta para Kauã se o título de rainha (do parque) representava segurança. Kauã diz que não. Eu interfiro e digo que acho que é prestígio. Olinda escreve: “**o prestígio de participar da corte da Redenção ajuda a enfrentar...**” Explico para Olinda que, para elas, pelo que entendi do depoimento dado, é mais seguro participar da corte, e

não tinha a ver com prestar segurança a todos os grupos que lá freqüentam, e que também parecia haver uma autodenominação de grupo que indicava um certo prestígio para seus participantes, mas que para Kauã foi o que o permitiu acesso ao parque à noite, segundo ele explicou. Olinda diz: *Então vamos colocar isso aqui.* (DC, 30/04/09).

Kauã não pôde deixar de manifestar a distinção dele e com relação a seus entrevistados, e mais uma vez, essa diferença foi marcada pejorativamente, indicando a superioridade do repórter frente aos demais quando se refere a eles como “esse tipo de gente”. Ainda mais naquele contexto de “risco”.

Digo para os repórteres que depois que Olinda fizer as sugestões dela eu vou querer uma cópia também. Kauã pergunta para Olinda se o texto dele estava muito ruim. Ela responde que *não, só que tinha muitos clichês.* Olinda sugere que Kauã leia novamente, e que tente colocar palavras diferentes.

Olinda faz outra sugestão no texto: “as ruas próximas também viraram ponto de prostituição”. Kauã pergunta para Olinda: *Eu posso usar michê?* Olinda: *Eu acho que não.* Zane chega dizendo que estava procurando Kauã nas ilhas de edição. Kauã diz para Zane que Olinda já leu o texto e o ajudou, e Zane, parecendo aliviado, diz: *Então, eu não preciso.* Olinda e Kauã insistem para que Zane leia, mas ele diz que não precisa, já que ela já leu.

Olinda sugere que tire a palavra “pedra” e coloque “crack”. Noutra passagem, em que o texto diz “o cheiro do vício toma conta da noite”, Olinda lê e pergunta: *Tu usa drogas?* Kauã responde: *Não.* Olinda: *Tu não pode colocar assim. Quem usa sabe o cheiro das drogas. E se tu coloca isso vai te comprometer.* Olinda pergunta sobre a próxima sonora e diz que é importante olhar isso antes para poder fazer o off.

Quando Olinda lê “harmonia entre os vícios” repete a frase em tom de pergunta e Kauã responde: *Sim, drogas e sexo.* Olinda responde: *Mas isso é o caos! É uma desarmonia. É o fim dos tempos! Não é uma harmonia.* Ela segue a leitura e em seguida pergunta: *Voltamos para o sexo?* Kauã responde: *Sim, agora são outros.* Olinda responde: *Mas tá desconectado. Acho que devemos deixar os gays e os travestis juntos. Só se a gente disser: além dos travestis, os homossexuais também se encontram no parque, etc.* Kauã explica que **esse não é homossexual**, e me pergunta: **O que ele é mesmo?** Respondo: *Crossdresser.* Olinda pergunta se ele está vestido. Kauã: *Não.* Olinda: *Precisamos deixar esse?* O repórter não responde, ela segue escrevendo. Enquanto isso, Kauã fala com Samuel pelo telefone e diz que vai mandar o texto e que ele pode fazer a alteração que achar necessária, e que vai deixar também para ele a chamada das ruas pronta pra gravar (DC, 30/04/09).

Sexo e drogas estavam expressos no texto de Kauã como vícios e em harmonia naquele espaço. O uso do adjetivo “vício” para ambos me pareceu uma forma de dar uma unidade pejorativa. Olinda, entretanto, fez uma leitura literal da palavra harmonia, baseada em seus princípios pessoais, e manifestou incômodo em associar esta palavra às práticas que considerou caóticas, típicas do *fim dos tempos*.

Quando Kauã desliga, Olinda diz para ele que *o fechamento de uma matéria depende de repórter para repórter.* Ela sugere que Kauã tire “os seres da noite”, e quando fala faz cara feia, de quem não gostou da frase. Olinda sugere que Kauã leve o texto para Zane, dizendo que ele pode ajudar com o final. Kauã agradece Olinda.

Quando termina, gravo no pendrive a edição de Olinda. Kauã pega o computador e leva para Zane, pedindo que ele leia e o ajude a fechar a matéria (DC, 30/04/09).

Kauã e Olinda escreveram, estranharam, ponderaram e produziram duas versões de texto, com poucas alterações e algumas convergências, em especial sobre o universo de valores muito próximo que os norteava e os distinguiu de seus entrevistados. Havia o reconhecimento do estranhamento, e esse reconhecimento os fazia levar em consideração também as possíveis interpretações, não apenas do público, mas também dos personagens da narrativa. Não pareceram conseguir exercitar a alteridade, manifestaram suas visões de mundo em cada escolha feita, mas ainda assim em nenhum momento demonstraram intenção de que seus entrevistados fossem deliberadamente desqualificados, ainda que, pessoalmente, alguns de meus interlocutores tenham dado mostras suficientes de que se percebiam em condição moral, social e cultural superior para julgar os comportamentos daqueles grupos como um *tipo de gente*, no mínimo, desqualificada.

Na próxima etapa, o texto passou pelas mãos de Zane, que fez poucas observações, e essas observações seguiram no mesmo sentido de estranhamentos, confronto de visões de mundo e valores profissionais. Acompanhei esta fase do processo na redação, junto com ele e Kauã:

Kauã pega o notebook, leva para Zane e pede que ele leia e o ajude a fechar a matéria. Eu o acompanho e me sento ao lado de Zane, e Kauã fica em pé entre nós dois. Inicialmente, Zane começa a ler o texto no computador de Kauã, mas quando lê a abertura, comenta: *Tu fala de travesti e depois de cachorro, parece uma coisa pejorativa*. Zane resolve alterar a ordem dos entrevistados que abrem a matéria, que anteriormente previa: Marcely, Vinicius (supridor), um usuário de drogas e Rogerson (preparador de dados). Na nova proposta de Zane, Rogerson passa a ser o primeiro, seguido de Vinicius, Marcely e, por último, o usuário de drogas.

Zane altera a ordem dos personagens de abertura e em suas razões manifesta uma interpretação pejorativa. Entretanto, as vozes escolhidas para a abertura são aquelas que mais se aproximam do grupo social do qual o editor de textos é parte.

Mais adiante, Zane lê a frase “você tem se perguntado o que essas pessoas têm em comum” e diz, com cara de contrariado e num tom ríspido: *Odeio esses termos do Kauã! E eu não vou ler aqui*. Zane salva o texto do notebook de Kauã num pendrive e passa para o seu computador de trabalho. As 20h43 Zane abre o texto no programa de edição de textos da empresa. O tempo total do que ficaria a matéria está marcado no programa. Kauã vê e pergunta: *Hum, tá com 9min41seg?* Zane responde: *Tá, sim*. Kauã: *Tenho que mexer num monte de coisas*.

Zane vai colocando indicação de sonoras, de sobe som, etc., em vermelho. Everton vem e pergunta para Kauã como estão as coisas. Kauã responde que Zane está revisando o texto, mas que Olinda gostou. Everton olha pra Zane e diz, referindo-se ao texto de Kauã: *Toca a faca, Zane*. Everton volta pra sala dele e Kauã vai atrás e começa a justificar o porquê de sua matéria estar grande: *O problema é que eu vi muita coisa, vi gays, travestis, cachorrinhos. Aí, ficou bem grande. Mas eu dei o meu melhor*. Kauã volta pra redação e fica em pé, ao lado de

Zane, e pede que o colega já corte o que tiver que cortar porque será a versão dele (de Zane) que Kauã vai mandar para a edição e para Samuel.

Zane lê sobre a rainha do parque e pergunta para Kauã: *É um homem? Um homem, mesmo? Kauã responde: Sim, mas tá vestido de mulher.* Zane volta para o texto e, fazendo uma cara de estranhamento e desconformidade, sugere cortar a frase “e foram eles que permitiram nossa entrada no parque”, mas apenas marca em vermelho.

Zane manifestou seu primeiro estranhamento, que tinha a ver com suas concepções de masculino. Em sua fala, demonstra a dúvida diante de um personagem que é homem mas se autodenomina “rainha”, ou seja, que não possui os atributos de masculinidade esperados.

Zane coloca no texto: “já os michês, os garotos de programa”. Kauã questiona o fato dele ter colocado o termo michê, diz que tinha discutido se colocava ou não, mas que Olinda tinha achado que não deveria colocar. Zane argumenta que **não tem porque não colocar, se é esse o nome e as pessoas sabem.** Olinda chega bem nessa hora e diz: Achei *que michê era um termo pejorativo.* Kauã e Zane argumentam que teve uma novela que falava em michê. Zane levanta e vai buscar alguma coisa. Quando volta, traz o dicionário Houaiss. Zane pergunta para Kauã se ele vai usar o termo “fudido”, e Kauã não responde. Lá pelas tantas, Zane me olha e me pergunta: *Sexo é diferente de prostituição? Não são a mesma coisa?* Estranho a pergunta, mas respondo dizendo que prostituição é quando o sexo envolve pagamento para que aconteça. Ele volta para o texto; troca “estranhos” por “desconhecidos”.

A pergunta de Zane me causou estranhamento. Me fez pensar a respeito, e a interpretação que me ocorreu foi que, para o editor, a associação do exercício da sexualidade àquele grupo e naquele contexto poderia ter servido como um sinônimo de prostituição.

Quando Zane termina, Kauã faz email para os demais integrantes do *Semanário* avisando que está enviando os créditos da matéria e o roteiro em anexo, e explica aos demais os procedimentos que devem ser feitos, tais como os cuidados com as imagens que serão exibidas: somente a Marcely, os donos de cães e esportistas podem ser identificados, os demais devem ter suas vozes distorcidas e os rostos cobertos. Peço para Kauã me mandar uma cópia do e-mail que está mandando para os demais e ele concorda. Saímos da RBS às 21h30 (DC, 30/04/09).

Kauã viajou naquela mesma noite e não participou de mais nenhuma alteração na matéria. Mas em sua última manifestação, por e-mail, deixou expressa a condição de quem poderia ou não aparecer. Por um lado, esta providência reflete um cuidado, a proteção da identidade daqueles que talvez tenham aceitado dar seus depoimentos em nome desse acordo. E por outro, contribui para que esses personagens dêem a tônica de obscuridade já relacionada às suas práticas e identidades no senso comum, reforçando um lugar social marginal e inusitado, bem como os contornos da matéria que tem o risco como um pano de fundo.

5.3 Não tem alguém aí de credibilidade? Só os que não prestam. Cadê os que prestam?

Retornei no dia seguinte, 1º. de maio, para acompanhar a edição feita por Claudia Rosaldo e Daniel (editor de imagem). O roteiro que seria seguido era a versão com as contribuições de Zane, enviada para todos por e-mail. Samuel já havia gravado o off da matéria, que seria juntado às sonoras e às imagens.

Cheguei na redação próximo ao meio dia e sentei com Antonio na ilha *Semanário*. Claudia chega onde estamos, me cumprimenta e diz que me avisa quando for começar a edição. Claudia fala para Antonio que Daniel, o editor de imagem da matéria de Kauã, estava alegando que teria uma matéria grande do *Variedades* para editar, mas que ela havia exigido que ele fizesse a edição com ela porque o horário já estava previamente marcado. Antonio diz: *pelo menos ele tem que esqueletar a matéria agora*.

As 12h30 Claudia me chama e vamos para a ilha de edição. Daniel, o editor de imagens, já estava lá. Ele não foi muito simpático comigo. Claudia senta na única cadeira que tem na ilha, além da dele, e eu me sento no chão; ela pergunta se não quero pegar uma cadeira, agradeço e digo que fico confortável assim. Do chão minha visão era boa e, como o espaço era muito pequeno, uma outra cadeira poderia atrapalhar o processo. Claudia está com o roteiro de Kauã na mão e Daniel coloca a primeira fita ali indicada. Começo a anotar a conversa dos dois para depois poder perceber melhor as escolhas feitas e suas possíveis justificativas:

Claudia procura na fita, pela indicação do tempo, onde está a imagem do anoitecer: *onde está o anoitecer?* Daniel localiza.

Quando aparece a sonora de um jovem, creditado como “supridor”, Daniel, referindo-se ao entrevistado diz: *não, não. Não tem alguém de credibilidade aí?*

Claudia questiona Daniel: *Ué, só porque ele [o supridor] é gordinho?*

Daniel responde: *Não. Eu vi uma mulher aí caminhando* [em referência a uma das pessoas que apareceu na fita]. *Ela podia dizer alguma coisa. É um absurdo! Nã, nã, nã. Podia começar com uma coisa legal e depois rachar lá no meio* (DC, 01/05/09).

Daniel parecia ter parâmetros sobre quais as pessoas possuíam ou não credibilidade e, pela pergunta de Claudia, entendi que esses parâmetros tinham a ver com alguns atributos pessoais. Por ser o entrevistado, a quem Daniel se refere, jovem, entendi que naquele contexto o marcador geração estava servindo de parâmetro para que o editor de imagens não atribuísse a ele credibilidade. Essa lógica parece acompanhar a normatividade, que não atribui credibilidade aos jovens e às crianças, o que representa dizer que na hierarquia social o marcador geração bem valorado é aquele associado a uma idade média, por volta dos 40 anos. Nesse sentido, na visão do editor de imagens, o supridor não deveria pertencer ao primeiro grupo de entrevistados (os credíveis), e deveria ser excluído com base nos valores sobre atributos geracionais que possuía.

Outra pista de que o marcador geração estava servindo de filtro no processo produtivo foi quando o editor de imagens disse ter visto uma mulher, cuja imagem lhe pareceu credível, e em seguida sugeriu que poderiam começar com uma coisa legal e só rachar no meio. Nesta alusão, compreendi que estava sugerindo um agrupamento de entrevistados “legais”, “credíveis”, primeiro – do qual o supridor não faria parte – e só depois colocar as pessoas “sem credibilidade”. De acordo com a ordem do roteiro, depois dos dois primeiros entrevistados, o segundo grupo era formado pela travesti Marcely e por um usuário de drogas. Desse modo, interpreto que estes últimos pertenciam ao grupo de pessoas “sem credibilidade”, o que mais adiante parece se confirmar.

[continua] Claudia pergunta, se referindo a Marcely: *Isso aí. Tu acha que dá pra mostrar a cara dela?*

Daniel responde: *Sim.*

Claudia segue buscando imagens. Avisa que na fita, em 23:08, aparece o usuário de crack.

Daniel pergunta qual a fala deste entrevistado: O que ele [usuário de crack] diz?

Claudia responde a fala do usuário descrita no roteiro: *Eu fico alucinado.*

Claudia dá instruções para Daniel, e pede para ele não colocar a pergunta de Kauã que aparece antecedendo a sonora, e completa: *Coloca toda a fala dele [do usuário]. Nós vamos ter que cortar depois.*

Daniel pergunta, se referindo à sonora do usuário de drogas: *Isso aí tem que distorcer?*

Claudia responde: *Sim. Agora vamos colocar o off.*

Enquanto Daniel procura o som do off para colocar na imagem, ele lê o off do roteiro imitando, em tom de deboche, a voz de Samuel, que foi quem o gravou. Depois, Daniel e Claudia conversam sobre a entrada dela no *Semanário* [...]

Enquanto buscam imagens e sons, eles conversam sobre o programa. De repente, entre as imagens e as sonoras que estão na fita, Claudia parece identificar uma pessoa de credibilidade. Em referência à sonora de **uma mulher loira, creditada como pedagoga, parecendo ter idade próxima aos 40 anos**, Claudia diz: *Podia ter colocado essa lá no início.* Daniel responde, em tom impositivo: *Eu disse que tinha gente de credibilidade.* Essa mulher fala gesticulando bastante, e Claudia a imita. Depois a editora parece cansar do que a entrevistada diz, e fala: *Tá, cansou.*

Claudia percebe que o roteiro está longo e olhando os frames que marcam o tempo da matéria, diz: *Muito bem, nem começamos e a gente já tá no meio da matéria.*

Daniel diz para Claudia que não entendeu a proposta de Kauã para a matéria, parecendo não ver lógica na escolha dos personagens. Ele fala isso quando aparece a sonora de um entrevistado, engenheiro mecânico, que diz que trabalha até as 19h30min, e se refere a este entrevistado dando a entender que esta seria uma pessoa de credibilidade para estar no início: *O cara que trabalha devia estar aqui* [apontando para a abertura da matéria no roteiro]. Claudia sugere: *Acho que não vamos tirar aquele segundo guri [o supridor]. Vamos deixar o da bike, o travesti e o viciado.* Daniel: *Vamos colocar o cara que trabalha [o engenheiro] pra cima.* Claudia pondera: *Mas vai faltar o esportista. Só se colocar imagem pra cobrir.*

Eles continuam procurando uma sonora de alguém de “credibilidade” para a abertura da matéria. Selecionam a imagem de mulher uma loira, mais velha, que diz que essa hora é que chega do trabalho.

Claudia parece gostar: *É esta!*

Daniel determina: ***Tira o gordinho [o supridor]!***

Claudia responde: ***Já tirei. Mas não resolvemos o problema do tempo.***

Mas o tempo ainda não era a maior preocupação de Daniel, que diz: ***Mas pelo menos tá melhor.***

Resolvido o “problema” da pessoa de credibilidade, o editor de imagens começa a prestar atenção no tempo.

Daniel diz: *A sonora da pedagoga tá grande.* Claudia concorda e avisa que a sonora do engenheiro também está: *A do cara também. Tira “das 8h30” e deixa “pratico esporte”.* Daniel complementa: *Aí coloca ele [a imagem do engenheiro] correndo. [...]* (DC, 01/05/09).

Grande parte do tempo gasto pelos editores na tarefa de “esqueletar” a matéria foi perseguindo um objetivo: encontrar pessoas de “credibilidade” para a abertura. Os personagens teriam que corresponder àquilo que os editores pressupunham ser o mais adequado, fazendo escolhas a partir de atributos pessoais que tinham a ver com marcadores sociais, ficando mais evidente o marcador geração para a seleção dos sujeitos pertencentes ao grupo social mais próximo ao deles – os credíveis. Mas nas entrelinhas das falas, já havia pistas sobre o modo como Daniel e Claudia enxergavam os entrevistados pertencentes ao outro grupo, e essas pistas eram semânticas, como por exemplo, o uso da expressão *isso aí* para se referir a Marcelly ou ao usuário de drogas.

Os diálogos travados revelaram que o parâmetro das escolhas estava calcado nas visões de mundo e juízos de valor dos profissionais, e acabaram servindo de filtro nessa etapa do processo produtivo. Uma narrativa estava em construção, e cada vez mais seus contornos estavam crivados de subjetividade imiscuída entre os valores-notícia.

Terminada a primeira fase do roteiro, em que aparecem as pessoas que freqüentam os parques à tardinha, começam as sonoras dos freqüentadores da madrugada. Daniel de imediato se mostra incomodado. Numa sonora em que um entrevistado fala por que freqüenta o parque à noite, Daniel se manifesta: ***Ah, não. Isso não existe! Liga pra esse guri.*** Daniel fala mandando Claudia ligar para Kauã, e pelo que percebo no contexto, ele não está entendendo ou concordando com as escolhas do repórter. Claudia responde: ***Já liguei; ele não atende. Tá na praia.*** (DC, 01/05/09)

O estranhamento de Daniel vai aumentando. Ele também não acredita que a sonora do homossexual que está no vídeo foi gravada no Parcão:

O próximo off fala que a equipe foi para o Parcão, e que o parque, um dos preferidos por quem pratica esportes, fica quase deserto depois das dez da noite e os poucos vultos que se perdem na sombra da noite na maioria são homossexuais que utilizam o lugar para praticar sexo. Em seguida, entra a sonora de um homossexual e Daniel estranha, não acredita que este esteja no Parcão e pergunta: ***Mas não é no parcão que fazem sexo, né? Não é, tá falando do parque preferido para esporte, né?*** Acabo intervindo, quando percebo que Claudia também fica confusa. Explico que sim, que é no Parcão. Daniel me pergunta: *Tu tava junto?* Eu respondo: *Estava junto na decupagem.*

Claudia me explica que Kauã deixou a matéria com 9 minutos. Que ele deveria ter deixado no tamanho próximo ao tempo total da matéria, e que não dá pra deixar pro editor resolver. Ela me diz, se referindo a Kauã: *Tu viu que complicação? Não dá pra gravar e deixar tanta sonora. Dá pra ver que ele não é repórter. Ele disse que tava simples a edição, mas não tá.*

Na parte em que aparece o homossexual falando que muitos homens casados vão atrás de sexo no parque, e que são da vizinhança, Claudia se surpreende: *bah, podia ser um vizinho nosso. Daniel parece achar que são mulheres prostitutas que estão lá, mas Claudia explica que são homossexuais que fazem sexo no parque*, e não mulheres. Daniel conta de uma vez que a filha esqueceu o brinquedo pula-pula no parque Marinha, que ele teve que voltar pra pegar. Conta que já havia escurecido e quando ele chegou, **apareceu um cara, de tanga, que ficou chamando por ele e ele respondeu indignado: Vai tomar vergonha na cara.** (DC, 01/05/09)

Daniel continua estranhando a existência de sexo e prostituição masculina no Parcão, lugar cujo imaginário está associado às práticas esportivas, à reunião de famílias e pessoas das classes mais abastadas da sociedade em busca de lazer e no período diurno. Ele também parece não acreditar que esse espaço público estivesse sendo ocupado por grupos e práticas tão diferentes, apesar de mostrar que já sabia que as encontraria, por exemplo, no Marinha, parque ocupado por classes mais baixas. Percebo nesse estranhamento a conjugação dos marcadores classe social e sexualidade diversos do plano de valores do editor: ele parecia não conceber que nas regiões de classe social alta haveria prostituição masculina e que esta prática era compartilhada por seus moradores locais, ainda mais heterossexuais. Afinal, ele deixou claro o que pensava sobre os homens que estão no parque para procurar sexo com outros homens: são sem vergonha na cara. Esse juízo de valor, associado às próximas seleções na edição, me fizeram interpretar que, novamente, um filtro de cunho subjetivo foi preponderante.

Claudia percebe que Samuel não gravou o off direito: *Samuel não falou homens casados, só falou homens.* Daniel mais uma vez manifesta seu desconforto com os rumos da matéria: ***Tá indo pro lado errado. Bom, mas não me importa.*** Claudia diz: ***Mas é que são heteros.*** Daniel responde: ***Não me interessa. Por mim, não junta.*** Pelo que entendo, Daniel não acha que tenham que gravar um novo off dizendo que os homens casados e heterossexuais freqüentam o parque para fazer sexo com outros homens, e mais do que isso, acha que não deve juntar heteros com homossexuais. **Decidem tirar a parte dos heteros que fazem sexo com os homossexuais no parque.** Daniel reclama: ***É o parque ou discutir quem faz sexo? Já disse, tem que extinguir essa raça.*** O editor de textos está visivelmente incomodado com o mote da matéria, e eu não consigo entender a quem ele se refere quando diz que tem que extinguir essa raça, mas pelo contexto, posso imaginar. De fato, **ele extinguiu a informação sobre as práticas homossexuais do grupo dos heterossexuais, que não seriam levadas ao conhecimento do público na versão final.**

Procuram outra fita. [...] Claudia parece perturbada com o tamanho da matéria e desabafa: ***O que é que eu vou fazer com tudo isso?*** Daniel dá sua opinião sobre como deveria ser: *tinha que fazer matéria tipo Fantástico, bem editada, finalizada e revisada [...].*

Claudia instrui Daniel para o corte na sonora da rainha da Redenção: “*A rainha da redenção*”, *corta*. Depois vai pra “*eu recebi esse título por tendência*”. Depois comenta com Daniel: *Tá confuso né? Vai pra um lado, vai pro outro*. Daniel concorda: *Tá, tá confuso*. Claudia seleciona na sonora da rainha “quem nos conhecer tende a sofrer quase nada... poder de respeitabilidade”. (DC, 01/05/09)

A reportagem, segundo o roteiro, estava com o dobro do tamanho, e demandaria mais intervenções de corte. Os editores estavam visivelmente incomodados. Daniel, em especial, parecia não concordar com as escolhas dos personagens, com a visibilidade destes grupos da madrugada, e esperava que aparecessem vozes que condenassem essas práticas na matéria, como se verá mais adiante. Claudia, por sua vez, estava mais preocupada em encontrar caminhos, rapidamente, para solucionar o problema do tempo, não sem igualmente manifestar suas visões sobre os públicos que compunham os personagens e sobre a idéia da matéria que pretendia apenas mostrar, e não julgar.

Claudia volta ao roteiro e se referindo a Kauã diz: *Aí! Ele vai voltar aos homossexuais*. Daniel responde: *Tu viu? Agora virou coisa de travesti*. Claudia explica: *Não, tem os homossexuais*. Daniel afirma: *Homossexual é travesti*. Claudia contesta: *Não é a mesma coisa. Travesti faz isso por dinheiro*. Daniel contra-argumenta: *Mas é tudo a mesma coisa*.

Claudia: *Pronto. Agora um michê. A gente falou dos travestis, dos homossexuais e pouca gente falando*. Daniel indignado, diz: *Aí vai pros michês, vai pros drogados. Tá muito massacrado isso. Acho que tinha que colocar gente reclamando dos gays, drogados*. (DC, 01/05/09)

Assim como no senso comum, não há uma distinção entre as diversas identidades e práticas sexuais. Daniel, como Kauã, pensava que *esse tipo de gente era tudo a mesma coisa*, e uma “mesma coisa” pejorativa. Mesmo sem saber a distinção, como demonstrou também Claudia, ao ignorar que travesti é uma identidade que não se auto-denomina homossexual (e, sim, heterossexual), e que suas práticas sexuais não se restringem à prostituição, eles afirmam suas verdades. E em nenhum momento percebi qualquer tentativa de compreensão sobre o universo diferente e tão estranho por parte de meus interlocutores. Ao contrário, como mais adiante na avaliação da matéria também aparece, alguns preferiam julgar e buscar vozes autorizadas (como o Ministério Público, a Prefeitura), e que iam ao encontro dos valores dos jornalistas, para fazer esse julgamento, abrindo margem para propostas repressoras, como o cercamento dos parques.

Claudia: *A idéia é mostrar o que acontece, não para julgar*.

Daniel: *Eles não falam do relaxamento que eles deixam no parque*.

Claudia parece gostar do que um garoto de programa diz na sonora: *Isso aqui é bom “eles chegam em mim”*.

Daniel sugere o que deve ser cortado da sonora: *Corta isso “da minha família não sabe.” Vamos logo pra sacanagem que é o que interessa*.

Claudia: *Como o Samuel diz, sacanagem, queremos sacanagem*. (DC, 01/05/09)

Meus interlocutores parecem não intuir o quanto de julgamento estavam produzindo, ainda que inconscientemente. A fala de Claudia me fez ter mais clareza do quanto não havia uma intenção premeditada de construir uma narrativa com fins de julgamento moral dos personagens: *a idéia é mostrar o que acontece, não pra julgar*. Entretanto, o não exercício de alteridade fazia com que este juízo de valor já estivesse sendo praticado e presente em todas as escolhas que estavam envolvidas no discurso narrativo. Pelos diálogos, posturas e escolhas, interpretei que o parâmetro normativo, sob o qual estavam inconscientemente calcados os procedimentos adotados, era a heteronormatividade. A partir das convenções hegemônicas de gênero, sexualidade, geração, classe, raça e família, os profissionais atribuíam aos personagens utilizados na matéria valores e lugares marcadamente distintos e desiguais: em primeiro lugar, com voz e visibilidade, estavam aqueles que estão mais próximos do topo da já referida pirâmide (homens, brancos, casais heterossexuais, classe média/alta) e, na base, os demais, na condição de desviantes, na forma de vultos.

Claudia acha que a fala de um entrevistado que diz que frequenta há 34 anos o parque é um bom tempo. Daniel diz como acha que a reportagem deveria ser sido feita: *Essa matéria devia ser feita que nem o Balanço Geral*⁶⁸. *Tinha que ter entrado com o pau de luz, invadir o parque, e aí ia colocar todo mundo correndo.* (DC, 01/05/09)

A diferença entre os grupos, além de ter sido marcada pela desigualdade, em que os jornalistas se postam num lugar superior aos demais, acabou demonstrando, como acontece de um modo geral na sociedade, que a violência muitas vezes pode ser considerada uma solução para “corrigir” aquilo que se julga errado, fora dos padrões. Na passagem acima, quando Daniel diz como pensava que a matéria deveria ter sido feita, dá indicativos de que deveriam agir de forma impositiva, do lugar de quem está acima dos demais e com uma certa violência, capaz de assustar e afugentar aquelas pessoas. Pelo que demonstra, pensava que não deveria haver diálogo, e sim uma postura de repressão por parte dos jornalistas, confundindo a atribuição destes com a de polícia. A possibilidade de uma ação impositiva e violenta de uma cultura sobre a outra indicava ser o caminho “natural” para lidar com a diferença. Isso sem levar em conta a violência simbólica que pode ser produzida e reforçada através de discursos que, de um modo ou de outro, suscitem-na, e que no caso da imprensa, levando em conta seu papel na produção de conhecimentos sociais, tem contribuição na formação de valores.

Daniel sente falta de fontes: *Mas não tem Ministério Público, Polícia, ninguém falando? Isso é do Município. A prefeitura tem que falar. Cadê os guardas-municipais. Não querem cercar?*

Claudia responde: *É, só o parque.*

⁶⁸ Balanço Geral é um programa jornalístico local, da empresa Record, com um perfil que pode ser considerado sensacionalista.

Daniel e Claudia comentam que o maconheiro é de Santa Catarina. Dizem que reconheceram o sotaque. Daniel reclama: *Catarina vem pra cá sujar o parque*. O entrevistado parece lerdo falando, e Claudia diz: *Viu o que dá queimar neurônio?*

Na sonora que aparece depois o cara diz alguma coisa tipo “ao invés de estar esperando cliente”, e Daniel completa a frase desse modo: *De estar estudando...* Claudia pede para Daniel para que acelerem. Ela diz que quer almoçar e que vai sair às 17h, diz que vai ao cinema e completa: *Porque sou filha de Deus*. Daniel novamente reclama de Kauã: *O cara faz uma matéria desse tamanho e vai pra praia*. Claudia justifica, em tom igualmente de reclamação: *O outro chefe deixou*. Daniel, se referindo a Antonio, diz: *então manda ele vim aqui ver*.

Enquanto assiste à sonora do viciado em crack, Daniel fala: *Uma pedrinha aqui, uma pedrinha ali, rouba um aqui, rouba outro ali*. O entrevistado da sonora, que é usuário de crack, diz que trabalha e que depois vai dormir. Daniel diz, em **tom de deboche e de incredulidade**: *Huhum, huhum*. Claudia está tentando resolver a parte que fala do cara usuário de crack e dos michês em seqüência, e Daniel pergunta: *Mas precisa dos michês? A história do cara [usuário de crack] tá boa, ele sonha com a droga*.

Daniel começa a debochar imitando o entrevistado e repetindo o que ele diz na sonora e acrescenta: *É o fim do século, meu, por isso que vou me matar antes, meu*. Claudia pergunta: *Vai colocar o fudido?* Esta palavra está na sonora. Daniel responde: *Não*. Claudia diz: *Ele [Kauã] colocou o fudido*.

Quando colocam o off final, que diz “O que eles têm em comum? Vão embora quando a luz chega”, Daniel comenta: *Só os que não prestam. Cadê os que prestam dessa matéria, cadê?*

Quando terminam de esqueletar a matéria Claudia me diz que vai almoçar, que pretende fechar a matéria hoje, mas que não vai acompanhar o editor quando ele for cobrir a matéria com imagens. Fico na dúvida se fico ou não. Eu havia me programado para viajar ontem à noite, porque pelo cronograma inicial de Kauã, tudo estaria editado na quinta, mas com o atraso, acabou ficando para sexta. [...] Resolvo não acompanhar os últimos ajustes de Daniel. Não me sentiria à vontade com ele, e ponderei que possivelmente ele não dialogaria comigo como fez com Claudia, e que, de todo modo, as escolhas finais dele estariam expressas na versão final que iria ao ar e que eu iria acompanhar na exibição do programa. (DC, 01/05/09).

5.4 Risco e Denúncia. Só faltou a solução

A matéria ficou com o tempo total de 4min25seg. Daniel foi responsável pela edição final, e as novas escolhas deste editor de imagens representaram cortes de e em sonoras, e também de alguns offs, mas nada que chegasse a alterar o tom e o perfil da matéria que havia sido concebida conforme já discutido anteriormente. Essas escolhas podem ser melhor percebidas na decupagem da reportagem final exibida, que contempla a descrição literal das sonoras e dos offs, bem como a descrição de todas imagens utilizadas, colocadas em anexo nesta dissertação juntamente com os demais textos produzidos desde a decupagem das fitas

brutas, passando pelas versões de textos e pelo roteiro final sobre o qual a edição foi realizada.

Com os materiais em anexo, acredito ser possível apresentar minuciosamente os detalhes e as alterações feitas na matéria. Essas minúcias expressas nos textos, somadas ao já discutido processo de escolhas permeado pelas subjetividades, certamente produzirão novas interpretações sobre o mesmo produto. Entretanto, optei por não fazer análise de discurso ou análise comparativa dos textos por entender que a metodologia não atendia a nenhum dos objetivos da presente pesquisa.

Mesmo correndo o risco de comprometer de algum modo a análise, optei por não disponibilizar a cópia da matéria aos leitores desta dissertação por entender que desta forma acabaria revelando a identidade do programa e de meus interlocutores, o que iria de encontro aos meus propósitos. Também referenda minha decisão o fato de esta reportagem já não se encontrar mais disponível para o público, na internet, por ocasião da escrita final desta dissertação, por motivos que desconheço. Assim, fica preservado também o direito de escolha da empresa.

Em termos gerais, o tom obscuro que conferiu à matéria o risco como principal valor-notícia, e aos entrevistados da madrugada, o caráter insólito de perigo, de coragem e de marginalidade, foi mantido. Os personagens que compunham o perfil de sujeitos e práticas “excêntricos” foram cruciais para delinear os contornos da narrativa: “Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam” (LOURO, 2002, p. 27).

Os demais personagens, aqueles que freqüentam os parques à tardinha e à noite, marcaram a dicotomia entre os dois públicos, bem como serviram para ilustrar as práticas de sociabilidade convencionalmente consideradas “saudáveis”, “normais” e esperadas para o uso desses espaços públicos. Estes últimos não foram questionados pelos usos que fazem dos parques, nem mesmo aos donos de cachorros foi pensado indagar sobre a produção de algum tipo de sujeira ou *relaxamento* que deixassem por lá, como pensava Daniel sobre os demais freqüentadores. Mas os sujeitos “direitos”, parafraseando Marcely, também foram selecionados de acordo com os atributos mais ou menos valorados pelos jornalistas, refletindo nestas escolhas as visões de mundo que em muito se assemelhavam à hierarquia que conforma os marcadores sociais na normatividade.

Acompanhando o percurso não apenas desta notícia, pude perceber que as concepções e valores de gênero e sexualidade que serviam de parâmetro para meus interlocutores se

equiparavam à norma mais geral da sociedade: a heteronormatividade. Os estranhamentos causados em meus interlocutores, seja pelo gênero, seja pelas práticas sexuais encontradas no parque, foram muito expressivos de percepções que já havia tido sobre as visões de mundo destes em grande parte do período de observação. A produção desta notícia, portanto, foi ilustrativa dos conhecimentos prévios que os jornalistas possuíam a respeito dos comportamentos humanos, aqueles que a tribo jornalística majoritariamente considerava normais e legítimos.

A matéria do parque foi significativa para a exacerbação dos valores norteadores de meus interlocutores. A lógica binária, que rege a heteronormatividade, foi extrapolada nas formas de viver o gênero e a sexualidade pelos frequentadores da madrugada nos parques: estes personagens quebravam a premissa que diz

[...] que um determinado sexo indica um determinado gênero e que este gênero, por sua vez indica ou induz o desejo. Nessa lógica, supõe-se que o sexo é “natural” e se entende o natural como “dado”. O caráter imutável, a-histórico e binário do sexo vai impor limites à concepção de gênero e de sexualidade. Natureza é, de algum modo, equacionada com heterossexualidade. Então desejo “natural” só pode se voltar para sexo/gênero oposto. [...] Os sujeitos que, por qualquer razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na seqüência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem [...] (LOURO, 2002, p. 26-27).

O estranhamento de meus interlocutores frente a este grupo, ou *tipo de gente*, portanto, não era em vão. Estava fundamentado nesta premissa que, ao mesmo tempo, norteia os valores mais gerais da sociedade da qual são parte. E são estes mesmos valores que atribuem um lugar social hierarquicamente inferior àqueles que se desviam da norma, produzindo representações sociais capazes de colocar tais sujeitos à margem, em “um pólo desvalorizado – [formando] um grupo designado como minoritário que talvez possa ser tolerado como desviante ou diferente” (LOURO, 2002, p. 27). Diante do inusitado que estes grupos representam, os juízos de valor foram expressos em todo o processo de produção da notícia.

A reportagem cumpriu os principais requisitos e valores do programa: era forte, denunciava a existência de um universo de pessoas e práticas “inusitadas”, possuía o principal valor-notícia emoção/risco, foi realizada por um jornalista que, mesmo não sendo ainda percebido como tendo o perfil a que me referi no capítulo anterior, certamente já possui os atributos de gênero capazes de o elevarem a esta posição. Assim, reunindo tantas características bem valorizadas, a reportagem sobre os parques foi a matéria de abertura. Contudo, um elemento ficou faltando, na visão dos ocupantes dos cargos mais altos da empresa: a solução.

Na avaliação geral do programa, a maioria afirmou ter gostado da matéria:

[reunião de pauta] Quitéria diz que **quer começar dando os parabéns para a matéria do Kauã. Diz que a reportagem trouxe coisas que ela não conhecia.** [...] Samuel fala de um problema no off dele que foi cortado da matéria do parque, e que esse off é que teria a informação de que já tinham mudado de parque e que a imagem do Google Earth é que teria salvado. **Samuel elogia a matéria do parque,** diz que Kauã conseguiu fazer diferente da forma como anos antes Claudio Bello teria feito. Samuel diz que a reportagem ficou melhor porque não ficou centrada em Kauã, como foi o caso da matéria de Claudio Bello.

Everton diz que Denis e Zânia acharam que **faltou a segunda parte da matéria, que faltou falar por que a polícia não entra.** Conta que Denis sugeriu uma suíte (uma retomada) no próximo programa com **essas informações, entrevistando polícia e prefeitura.** Everton comenta que Denis sugeriu que **mostrem os parques que são cercados e que façam um “fala povo” pra ver o que a população acha.** Samuel argumenta que o *Semanário* não tem que voltar a um assunto, que o programa lança o assunto. Quitéria diz que se tivesse que voltar ao assunto, isso teria que ser feito pelo *Variedades*. Samuel acha que se começarem a ouvir muita gente do Estado *vai ficar muito chapa-branca.*

Eles começam a discutir a matéria, **se dizem impressionados com a quantidade de coisas que existem nos parques e dão mostras de ter gostado** da matéria de um modo geral. Everton retoma a palavra e diz que acha que **teriam que ter ampliado a discussão, deveriam ter falado do cercamento, e que isso foi comentado entre os cabeças hoje.** Samuel argumenta que **a matéria mostrou a realidade, bateu uma foto** (DC, 04/05/09).

A direção da empresa parecia estar em sintonia com o editor de imagens na leitura da matéria: o estranhamento sugeria uma solução, uma correção para os comportamentos encontrados. A sugestão de um suíte⁶⁹ na semana seguinte, com entrevistas com a polícia e a prefeitura, parecia ter o propósito de confrontar essas instituições do Estado para uma tomada de providências em relação a algo que os “cabeças” da empresa entendiam como ilegal e que merecia solução. A discussão sobre o cercamento dos parques vai ao encontro de uma das propostas mais polêmicas da cidade, que não chegou a avançar muito, mas que encontra eco nas ideologias que sugerem políticas públicas restritivas e punitivas para a segurança pública. Do que percebo nas proposições dos diretores da empresa, e pelo já referido propósito do programa de “dar solução aos casos”, a inconformidade com as descobertas feitas pela matéria sugeriam uma solução que impedisse que as práticas reveladas continuassem, seja pela intervenção da polícia, seja pela ação da prefeitura, com o cercamento dos parques. As soluções propostas – punitivas e/ou restritivas – tanto pelo editor de imagens quanto pela alta cúpula da empresa, me fizeram refletir sobre o quão tênue é a linha que separa a diferença da violência. E o desconhecimento que meus interlocutores alegaram ter sobre as coisas que existiam no parque, expresso também nos estranhamentos manifestados durante todo o

⁶⁹ Um suíte é a retomada de um assunto já abordado em outra matéria ou outro programa.

percurso de produção da notícia, me fez lembrar Guacira Lopes Louro quando fala sobre a ignorância e o conhecimento na perspectiva da teoria queer:

[...] o que está em questão é “o que é possível conhecer; como se vem a conhecer e, principalmente, como se vem a desconhecer alguma coisa; o que se suporta conhecer e o que se prefere ignorar. [...] Não seria possível pensar a ignorância como efeito de um jeito de conhecer?” (LOURO, 2002, p. 26-27).

A ignorância de meus interlocutores sobre a diversidade de pessoas e de práticas nos parques (ou em determinados parques), aliada ao juízo de valor impresso em várias etapas da construção da reportagem, dava mostras de que meus interlocutores tomavam como parâmetro avaliativo um determinado conhecimento sobre como funcionam os comportamentos ditos “normais”. Um conhecimento é uma forma de conceber o mundo, e quando significado, tornar-se uma verdade. E nesse caso, o conhecimento tinha ver com determinadas concepções de gênero, de sexualidade, de classe, de geração, de normas, entre outros. Assim,

[...] a ignorância talvez deva ser compreendida como sendo produzida por um modo de conhecer, talvez ela possa ser entendida como uma forma de conhecer. [...] Há coisas e há sujeitos que são impensáveis no interior de uma determinada cultura [...] e eles são impensáveis porque não se enquadram numa lógica ou num quadro admissíveis àquela cultura, naquele momento. Essas práticas e esses sujeitos são estranhos, são excêntricos, [...] eles e elas transgridem a imaginação, são incompreensíveis ou impensáveis e então são recusados, são ignorados (LOURO, 2002, p. 27-28).

Aqueles sujeitos do parque são estranhos quando vistos pelo prisma dos conhecimentos que orientam as noções hegemônicas de gênero, de sexualidade, de certo e de errado. São percebidos como pessoas excêntricas e com práticas transgressoras. As reações de meus interlocutores frente à diferença percebida davam mostras de que os mesmos estavam permeados por estas mesmas visões hegemônicas de mundo.

Os jornalistas e os entrevistados da matéria pertencentes a outros grupos sociais tinham formas distintas de pensar a sexualidade, as noções de normalidade, as concepções de feminino e masculino, de certo e de errado. Havia visões de mundo diferentes em “tribos” distintas, mas ainda assim, a norma geral que norteia as convenções de gênero e sexualidade perpassava ambos. Com isso não estou fazendo juízo de valor sobre qualquer um dos grupos, nem defendendo que algumas práticas sejam melhores, mais ou menos legais (do ponto de vista jurídico) que outras, mas apenas discutindo a existência de verdades e formas distintas de perceber a mesma realidade numa mesma sociedade e que, para além delas, há uma norma

mais geral que serve de parâmetro e perpassa todos os grupos. Chamo a atenção também de que, para além de uma discussão do que é legal, há o moral, este último muitas vezes um dos fatores responsáveis pela criação daquilo que é ou não normativo em uma sociedade num determinado período histórico, portanto variável não apenas entre os grupos de numa mesma sociedade, mas em permanente processo de transformação. O divórcio, por exemplo, que já foi imoral e ilegal, atualmente é um comportamento corriqueiro na sociedade.

Pensando jornalística e socialmente, um repórter capaz de fazer um exercício de alteridade, que se perceba diferente de uma pessoa ou grupo, mas que consiga transpor essa diferença para conhecer esse novo, poderia experimentar novas narrativas, quem sabe mais inovadoras, menos previsíveis, recheadas de conhecimentos novos, e com possibilidades de contribuir com informações capazes de alterar a cultura que transforma a diferença em desigualdade. Poderia, quem sabe, ao menos saber fazer a distinção entre sexo e prostituição, entre travestis e homossexuais, entre garotos de programa e *crossdressers*. Uma travesti ou um garoto de programa não precisaria ser abordado com estranhamento, marginalização ou sensacionalismo. Assim como os jornalistas produzem excelentes narrativas sobre as histórias de vida de pessoas ditas “normais”, “cidadãos direitos”, também encontrariam histórias para serem contadas em outras formas de vida. Mas, não havendo abertura para conhecer o “estranho”, há boas chances de que os diferentes sejam inferiorizados e colocados em uma mesma e pejorativa categoria, ratificando o processo histórico que transforma a diferença em desigualdade, abrindo brechas para o recrudescimento de posturas intolerantes que podem se tornar violência. Sendo o jornalismo um conhecimento social e a mídia uma instância pedagógica, as ações profissionais genuinamente democráticas e de ampliação de vozes podem contribuir para importantes transformações sociais e culturais.

Por fim, gostaria de salientar que o que mais pude observar na produção desta matéria foi o quanto o universo de valores daqueles jornalistas era confrontado diante de situações e pessoas diferentes. Mas isso não significa dizer que meus interlocutores tenham agido com o objetivo deliberado de desqualificar seus entrevistados. Pelo contrário, mostraram-se muitas vezes cientes de que suas incompreensões poderiam dar esse tipo de conotação, e dentro do que lhes era possível, evitaram-na. Significa dizer que estes profissionais manifestaram seus valores, a forma como concebem as coisas do mundo, que apenas não é a única, mas sim uma das formas de ver e que em muito se parece com as visões mais gerais da sociedade em que estamos todos inseridos. E foi a partir destas lentes que eles viram, interpretaram e mostraram.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.
Gilberto Velho, 1997

Deadline: encerrando um ciclo, iniciando um novo

Para o *deadline* deste processo rico e intenso de aprendizagens na realização deste mestrado, escolhi a companhia de Velho para resumir os significados mais profundos desta experiência de construção do conhecimento. Conhecimento localizado, parcial e responsável, como diria Donna Haraway (1995), que tem origem e está permeado das visões de mundo que compõem minha trajetória de vida pessoal e acadêmica. Longe de ser o fim da linha, como pressupõe o jargão jornalístico correspondente, este *deadline* significa o fim de um ciclo e início de um novo, com novas bases, bagagens e questões que surgem diretamente do percurso até aqui vivenciado.

Os caminhos que resultaram nesta dissertação foram percorridos e orientados por pressupostos teóricos e metodológicos que se revelaram profícuos para o desenvolvimento da pesquisa. O método qualitativo, inspirado na etnografia e na observação participante como técnicas, revelou-se uma escolha pertinente e foi preponderante para que os objetivos fossem perseguidos e para tornar possível a obtenção dos conhecimentos a que esta pesquisa se propôs. Os dados obtidos com base nos estudos de *newsmaking*, coletados com ênfase na descrição densa e refletidos à luz da antropologia interpretativa, refletem-se aqui num esforço intelectual sobre a junção entre a teoria e a prática que, mais do que representar a pesquisa, traduz-se em parte dos conhecimentos obtidos.

O jornalismo foi observado e pensado com um olhar de gênero. Durante todo o processo, procurei analisar as concepções de gênero dos jornalistas, com o objetivo de perceber se e de que maneira elas atravessavam a produção de notícias e contribuíam para a reprodução, manutenção, re-significação ou transformação de padrões de desigualdade, e se expressavam a existência de um padrão heteronormativo no jornalismo. Para tanto, os objetivos específicos serviram de norte nesta busca, e acabaram servindo quase como um roteiro inicial a ser seguido: a) observar e descrever os percursos percorridos para a construção das notícias; b) identificar os valores sociais e profissionais prevaletentes entre os

jornalistas, assim como a possível hierarquização desses valores; c) compreender as concepções de gênero dominantes, e como estas permeiam e incidem nas relações entre os profissionais; d) analisar as relações entre os valores e concepções de gênero dos jornalistas e os valores e concepções de gênero reproduzidos nas matérias, verificando se e como se dá o imbricamento destes elementos na representação de um padrão social heteronormativo; e) produzir dados que possam contribuir para a compreensão de como as concepções de gênero e sexualidade são construídas e representadas pela mídia, com incidência na cultura; f) contribuir para o conhecimento sobre o papel dos meios de comunicação social e do jornalismo na sociedade – instâncias sociais de poder simbólico que podem incidir de forma pedagógica tanto na formação de valores quanto de identidades sociais.

O primeiro objetivo específico se relacionava diretamente ao método e as técnicas de pesquisa escolhidas, e como tal foi o eixo de todo o processo de investigação empírica. Amparada nas teorias construcionistas, que entendem a notícia como uma construção social da realidade, como narrativas marcadas pela cultura dos membros da tribo (jornalística) e pela cultura da sociedade onde essa tribo está inserida (TRAQUINA, 2001), e também embasada na perspectiva dos estudos culturais, foi através da observação e da descrição dos caminhos para a construção das notícias que os jornalistas foram se tornando cada vez mais centrais. São eles os sujeitos construtores, e através de suas atuações profissionais na “tribo” tornaram possível a compreensão de que para além das rotinas produtivas e dos valores da empresa, suas subjetividades são cruciais para revelar as imbricações da cultura com o jornalismo. Ou seja, o quanto os valores culturais hegemônicos estão postos nas visões de mundo dos profissionais e como tal incidem, ainda que incoscientemente e não de forma deliberada, nos processos criativos, seletivos e produtivos das notícias. Os valores sócio-culturais predominantes são parâmetros, pervasivos na produção das notícias, e os jornalistas se mostraram como um dos elos desta imbricação, num processo que se retroalimenta e que também está em permanente movimento.

Do mesmo modo, a partir das teorias correlatas aos estudos feministas pós-estruturalistas e aos estudos queer, a heteronormatividade, como o padrão social ocidental de comportamentos e das convenções sociais hegemônicas de gênero, foi um dos conceitos norteadores. Gênero foi adotado como categoria capaz de ajudar a refletir sobre os modos como as convenções sociais sobre o masculino e o feminino são produzidas, associadas a distintas formas de relações de poder e saber, bem como os modos como estas convenções produzem hierarquias e desigualdades. Levando em conta a heteronormatividade, percebe-se que nas relações de gênero e poder, “o masculino se constitui como condição primeira, que

subordina o feminino em relação hierárquica. Os modos masculinos coincidem com a norma mais geral; recrudescem sua posição reafirmando o feminino como desvio, inadequação, falta” (FRAGA, 2003, p. 102). A partir destas premissas, a pesquisa foi empreendida na tentativa de perceber se e em que medida este padrão, que é social, produzido na cultura, perpassa o processo de produção das notícias. E foi no encontro com as visões de mundo, com os valores sociais e culturais dos jornalistas (suas subjetividades) que os objetivos propostos nesta dissertação acabaram por ser alcançados.

Foi também através do embasamento teórico-metodológico e das técnicas de pesquisa que foram evidenciados os valores sociais e profissionais dos jornalistas, bem como a hierarquização destes valores por eles. Entretanto, não era esperado que, ao observar os valores sociais dos jornalistas, fosse tão claramente explicitado o quanto os profissionais são constituídos de gênero e o quanto as convenções sociais de gênero também acabavam incidindo nas práticas sociais, profissionais e nas relações de poder. Na vivência da pesquisa empírica, foi perceptível o quanto os atributos de gênero, assim como outros marcadores sociais (como geração e classe, por exemplo), eram também elementos que estavam imiscuídos nas características que determinavam as posições que os jornalistas ocupavam na hierarquia da empresa, se investiam ou eram reconhecidos entre os colegas. Também ficou evidenciado que na hierarquia de valores e posições profissionais, o prestígio e o poder decorriam de um processo complexo, para além da simples competência profissional, e que tinham a ver também com adequação a determinados perfis, cujos atributos de gênero mais valorizados estavam em consonância com aqueles convencionalmente associados ao masculino (força, imposição, coragem, pioneirismo, pró-atividade, etc.), independentemente do sexo biológico dos profissionais, conforme discuti no terceiro capítulo.

Analisando os valores e as concepções de gênero dos jornalistas, o estudo revelou uma relação direta entre o perfil do profissional e o tipo de notícia que o mesmo iria produzir, e que nesta relação intrínseca gênero também era um elemento pervasivo⁷⁰ e determinante. Esta percepção se deu não apenas por serem os profissionais sujeitos constituídos de gênero, mas também por serem as notícias igualmente hierarquizadas numa escala de valores, a partir de suas características, que igualmente estavam relacionadas aos atributos convencionais de gênero (fortes/leves; sérias/lúdicas; risco/cuidado, etc.). Assim, entre as pautas, como entre os repórteres, havia uma hierarquia de valores correspondentes, e as concepções de gênero

⁷⁰ O termo pervasivo, encontrado em textos da literatura sobre gênero, é um termo traduzido da palavra em inglês “pervasive”, que significa: que penetra; difuso; penetrante.

estavam presentes na idealização das matérias, bem como permeavam as escolhas dos jornalistas que iriam realizá-las.

Uma das principais constatações, surgida da vivência empírica, e que deu concretude às teorias estudadas, foi a incidência da subjetividade dos jornalistas no processo de construção das notícias. A subjetividade, marcadamente presente em todos os processos relacionais, de escolha e de noticiabilidade, dava a dimensão real das impossibilidades de um fazer jornalístico objetivo e neutro, da impossibilidade das notícias serem um reflexo da realidade. Essa constatação permitiu entender que as posições de sujeito, visões de mundo e valores culturais dos jornalistas são acionados inconscientemente na atuação profissional, e como tal permeiam o processo de construção das notícias. Foi a partir da percepção das relações entre gostos pessoais, subjetividade, visões de mundo e critérios de noticiabilidade que os valores-notícia foram identificados como permeados dos valores sociais e da subjetividade dos jornalistas, numa intrínseca e sutil relação que permanecia nas tomadas de decisão. O caráter subjetivo das escolhas resulta em representações parciais da realidade, e fazer a crítica sobre a presença da subjetividade expressa nos valores-notícia impregnados de concepções de gênero, de classe e raça, por exemplo, não significa defender a neutralidade no jornalismo. Ao contrário, revela efetivamente a notícia como construção social de uma realidade que é parcial, e a importância do jornalista nesse processo complexo que resulta nas formas como esta realidade é construída e representada, assim como sua incidência na cultura.

A ligação entre cultura profissional, subjetividade e plano de valores mais geral da sociedade se desvelou. Em especial porque foi evidenciado o quanto as hierarquias, as convenções e valores sociais (e mais especificamente de gênero), os padrões de normalidade (tomados como parâmetros daquela “tribo”) e os modos como se dava o sistema de valores daquele grupo em muito se assemelhavam ao padrão heteronormativo. Este estudo inferiu que os valores e concepções hegemônicos de gênero eram reproduzidos nas matérias e resultavam na representação da heteronormatividade como padrão social de desigualdade que estava a orientar. Entre os interlocutores da pesquisa, não apenas o masculino, mas também os valores classe média e geração (meia idade), brancos, heterossexuais, entre outros, estavam mais valorizados, tanto nos atributos pessoais e profissionais como nas características das notícias. E a percepção da reprodução da heteronormatividade nas notícias foi melhor explicitada no acompanhamento dos processos de produção em que os estranhamentos e juízos de valor dos interlocutores, expressos frente aos grupos diferentes, considerados à margem da norma, recrudesciam. Estes estranhamentos eram fundados nos valores mais gerais da sociedade da qual os jornalistas são parte, e são estes mesmos valores que atribuem um lugar social

hierarquicamente inferior àqueles que se diferem e se desviam da norma, produzindo representações sociais capazes de colocar tais sujeitos nas bordas.

Os jornalistas apareceram caracteristicamente auto-referentes e pouco reflexivos sobre suas práticas, refletindo um certo etnocentrismo, na maioria das vezes relacionado aos valores da cultura hegemônica vigente. Demonstraram ser pouco afeitos à relativização e pouco abertos para a diversidade de valores que emergem da sociedade. Parecem indicar, portanto, o modo como o que “significa” o real para esses profissionais será, então, norteador do que é produzido e veiculado como “verdade” nos meios de comunicação.

A percepção da falta do exercício reflexivo sobre as ações e de alteridade no exercício da profissão demonstrou não apenas o quanto os jornalistas percebem e narram o mundo a partir das suas subjetividades, dos lugares sociais que ocupam e, deste modo, refletem ou rejeitam aquilo que possa ir de encontro às suas “verdades”, e que permeará os discursos jornalísticos na forma de notícias. O etnocentrismo desses profissionais revelou como eles mesmos podem, inclusive, inconscientemente contribuir para que a diferença seja transformada em desigualdade, uma vez que os jornalistas demonstraram pouca ou quase nenhuma abertura para conhecer o estranho e, deste modo, praticaram juízo de valor que interfere na forma como as notícias serão construídas e, em última instância, nos modos como a sociedade passa a conhecer (ou desconhecer) aquilo que é diferente do que foi convencionalizado como normal. Talvez essa seja uma perspectiva possível para entender os modos como temas comportamentais são discutidos na mídia, a exemplo dos já referidos casos de gravidez na adolescência, de casais homoafetivos e dos frequentadores noturnos dos parques, bem como entender o que e como se pode conhecer como legítimo em nossa sociedade. A dificuldade em realizar a alteridade é humana, e não exclusividade deste grupo, o que revela que as produções culturais, realizadas nas indistintas relações sociais, profissionais e até pessoais, são interpretações e como tal impossibilitam a perseguição da objetividade, da neutralidade e da universalidade propagadas como ideal a ser alcançado em diversos campos. Entretanto, uma ação mais reflexiva e ciente de que toda a produção jornalística é uma construção social da realidade que parte de determinadas (e limitadas) concepções de mundo, quem sabe fomentada desde a formação profissional, pudesse contribuir para ampliar os modos de conhecer e de dar a conhecer dos jornalistas. Talvez uma maior relativização, uma permanente tentativa de se estranhar, oriunda de um exercício mais reflexivo, pudesse contribuir mais efetivamente com o papel social desempenhado pelos jornalistas com impacto na cultura da sociedade da qual os mesmos são parte.

Do tudo que foi aprendido, essa pesquisa concluiu que o jornalismo, a partir do modo como o grupo social constituído por seus profissionais foi percebido (suas visões de mundo, cultura profissional e das rotinas de produção), acaba contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações hegemônicas de gênero que, em última instância, refletem a existência do padrão heteronormativo. A reprodução desse padrão normativo é um dos saberes cotidianos que orientam e se orientam na cultura e fazem parte do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos (e também os jornalistas) na contemporaneidade, através do jornalismo e da mídia como uma instância pedagógica. Estas constatações se deram não apenas pelo já discutido ao longo dos cinco capítulos desta dissertação, mas também por outras percepções obtidas e que acabaram por não serem aprofundadas ou trazidas nesta discussão, mas que ajudaram na reflexão durante todo o percurso de pesquisa. Uma dessas pistas diz respeito ao uso das fontes.

Ao longo da investigação empírica, os jornalistas apareceram recorrendo a e se inspirando em determinadas fontes. Em geral, a primeira fonte de inspiração e de consulta eram os próprios jornalistas, colegas de programa ou de outros programas, e estas sondagens buscavam a indicação de profissionais a quem os colegas consultados pudessem avaliar como “bons” para determinados assuntos. No caso da inspiração de pautas, inúmeras vezes elas se deram a partir de outros programas ou veículos de mídia (principalmente os programas semelhantes e as revistas impressas semanais). Durante a pesquisa, algumas fontes inspiradoras provenientes do próprio campo do jornalismo e da mídia em geral chamaram atenção, entre elas: programas jornalísticos da Rede Globo (o Fantástico, em especial, era uma grande fonte inspiradora não apenas de pauta, mas de modos operacionais); o site da Zero Hora.com; programas jornalísticos da concorrência, as revistas jornalísticas semanais, as revistas de variedades, as novelas, blogs de profissionais da empresa, jornais de tiragem nacional (em especial, o jornal *O Globo*).

No caso das fontes consultadas, ou seja, aquelas cujos discursos seriam reconhecidos como legítimos para tratar determinados assuntos, os profissionais ou entidades/instituições sugeridas geralmente estavam relacionadas aos campos de saber (e de poder) historicamente legitimados: Estado (secretários de Estado, assessores, etc.), políticos (deputados, vereadores, etc.); campo do Direito (advogados, juízes, policiais, promotores, professores de direito, etc.), campo da Saúde (medicina, psicologia, psiquiatria, etc.) e profissionais das áreas estatísticas. As assessorias de imprensa eram uma das principais portas de acesso às entidades e, assim como boa parte das fontes consultadas, estavam presentes nas agendas telefônicas digitais que

faziam parte do sistema operacional da empresa (livremente consultado pelos profissionais) e nas agendas pessoais dos jornalistas.

A relação entre as fontes e as pautas não chegou a ser aprofundadamente discutida nesta dissertação, justamente pela necessidade de escolhas que se impõem num processo como este e diante de tantos e tão variados dados obtidos. Entretanto, foi perceptível, em especial no caso das pautas de comportamento, que o viés mais essencialista era preponderante nas escolhas e tinha a ver com os modos como os próprios jornalistas compreendiam como válidos e significativos os comportamentos humanos. Ou seja, aqueles campos de saber que se aproximavam das concepções de “verdade” reconhecidas pelos jornalistas eram aqueles aos quais os mesmos recorriam ou estavam abertos a escutar.

A relação entre as fontes e os jornalistas, numa perspectiva de estudos futuros, pode contribuir para melhor explicitar a relação entre as instâncias de poder e de saber e o jornalismo. Investigando estas relações e práticas, que têm incidência sobre os discursos reproduzidos das instâncias de poder e de saber no jornalismo, pode-se não apenas compreender os modos como estas produções se inscrevem no social, mas fundamentalmente compreender “o trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável [que] é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’” (LOURO, 2004, p. 16).

Concomitantemente ao uso de fontes, um estudo que leve em conta os artifícios didáticos do jornalismo pode contribuir para um melhor entendimento da funcionalidade da mídia como uma instância pedagógica. Durante a pesquisa surgiram pistas nesse sentido, reveladas pelos recursos didáticos cada vez mais utilizados para conferir à notícia um caráter explicativo e esmiuçar os saberes, as verdades veiculadas. O uso dos recursos gráficos de arte, tais como os infográficos, as charges, os recursos tecnológicos em terceira dimensão, excertos de novelas e filmes, a interação ao vivo com outras praças e em rede nacional foram cada vez mais sendo discutidos entre os profissionais da empresa e rapidamente implementados. Os recursos de arte, no *Semanário*, passaram a ser utilizados mais do que como uma função explicativa, mas tornaram-se uma parte importante do processo de como as informações poderiam gerar no público os significados propostos. Prova disso foi a incorporação de um profissional da arte durante as reuniões de pauta do programa (o que foi acolhido pelo chefe de redação como uma boa recomendação para os demais programas jornalísticos da empresa) a fim de que este profissional contribuísse para a construção das matérias. Uma pesquisa em que as fontes consultadas e os recursos de arte fossem focalizados, levando em conta também a participação dos jornalistas como sujeitos da cultura, poderia dimensionar os tipos de

saberes entendidos como legítimos pelo jornalismo, bem como os modos como esses saberes são reproduzidos didaticamente na mídia.

Outra inquietação surgiu ao longo da estada observacional: o público, a audiência. Enquanto acompanhava os interlocutores, inúmeras vezes os via fazendo referência ao público de diversos modos, mas em especial na tentativa de uma maior interação e de produção de notícias aprazíveis. Uma das formas mais corriqueiras desta interação era o chamado “fala povo”, tipo de enquete em que o público era consultado pelos repórteres na rua sobre determinado assunto abordado na matéria. Em geral, pelo que pude perceber, já havia uma pré-idéia de quais seriam as respostas do público, ou mesmo, havia um parâmetro sobre as respostas certas e erradas (e esse parâmetro era dos próprios profissionais). O “fala povo” era um recurso utilizado para polemizar, para divertir ou mesmo para “testar” os conhecimentos do público sobre determinados saberes informados pelo jornalismo. Outra forma não direta de fazer o mesmo são as enquetes disponibilizadas nos sites dos programas, em que o público é convidado a participar.

Nessa relação em que o público era previsto, havia também o planejamento das pautas. Constantemente os jornalistas faziam menção à audiência como justificativa para diversas escolhas. Algumas certezas como achar que “o público não vai gostar disso”, “se eu estivesse em casa assistindo, mudaria de canal” eram alguns dos comentários que pareciam levar em conta os gostos da audiência. Entretanto, o programa não conhecia de fato os gostos e as vontades do público. Os profissionais não sabiam sequer quem era este público, os modos como assistiam ao programa. O que percebi é que tinham apenas uma vaga noção sobre a audiência geral de televisão, baseados em pesquisas quantitativas que em muito dimensionavam questões comerciais e também pelos retornos recebidos pelos e-mails. Mas, fundamentalmente, as idéias sobre os gostos do público pareciam ser reflexo das suas próprias preferências pessoais. Pelo que aferi, os retornos via e-mail não eram muitos. Nas oportunidades em que pude acompanhar, as opiniões diversas não eram levadas em consideração: os e-mails eram lidos, algumas vezes rechaçados e sempre deletados. Contudo, conforme informado por Antonio, a grande quantidade e sistematicidade de e-mails enviados num determinado período contendo reclamações sobre o perfil “sangrento” do programa acabaram gerando discussão e mudanças. Essa informação dá pistas de que pode haver abertura para uma reflexão a partir da audiência. Entretanto, essa abertura pareceu se concretizar baseada na quantidade de opiniões convergentes por parte do público e que faziam sentido a alguns dos integrantes do programa, que, no caso mencionado, iam ao encontro das posições de Samuel (conforme já discutido no corpo da dissertação).

As vagas noções sobre quem eram as pessoas que compunham a audiência e a falta de pesquisas qualitativas que fornecessem essas informações suscitaram novas inquietações. Enquanto os observava percebendo a presença da subjetividade, dos valores e visões de mundo dos jornalistas, intrigava-me saber de que modo o público recebia as notícias. Questionava: será que as pessoas que estão assistindo ao *Semanário* também partilham estas visões de mundo dos jornalistas? No caso da matéria sobre os frequentadores do parque, que tipo de sentidos a reportagem produziu numa família convencional (formada por um casal heterossexual, com filhos biológicos, classe média, com valores judaico-cristãos)? E quais os sentidos atribuídos a esta matéria por uma família de travestis? Os frequentadores noturnos dos parques, como se sentiram representados? Tendo percebido que a heteronormatividade é a norma mais geral, que perpassa não apenas os valores dos jornalistas, mas a sociedade como um todo, de que modo uma notícia é recebida em diferentes grupos sociais de uma mesma sociedade? Essas e outras questões, que foram surgindo desde a fase empírica da pesquisa, indicam caminhos possíveis para investigações que se aproximem das áreas temáticas do estudo aqui realizado. Pesquisas que levem em conta o universo de valores dos jornalistas, o tipo de saberes didaticamente reproduzidos no jornalismo como conhecimentos sociais a partir das fontes consultadas e levem em conta os sentidos produzidos junto à audiência podem dar uma melhor dimensão sobre os distintos universos de valores existentes na sociedade. Deste modo, estes estudos podem contribuir para ampliar as percepções sobre as relações entre jornalismo e cultura, as relações de poder e as desigualdades sociais, bem como perceber se e em que medida a heteronormatividade perpassa outros grupos sociais a partir do modo como os mesmos recebem as notícias.

Por tudo que foi discutido, para finalizar gostaria de dizer que este estudo revelou importantes aprendizagens sobre as imbricações do jornalismo com a cultura, em especial no que tange à produção de saberes, relações de gênero e desigualdades sociais. Ao investigar o jornalismo, tomando gênero como categoria analítica, epistemológica e impregnada pelo conceito de poder (SCOTT, 1990; BONETTI, 2009), foi possibilitada uma compreensão sobre como o jornalismo produz relações de gênero e, deste modo, também está relacionado aos modos como se conhece os parâmetros normativos comportamentais e se aprende a ser e a valorar sujeitos em nossa sociedade. O jornalismo, assim, aparece relacionado às “lutas a respeito do que terá vigência como explicações racionais do mundo [que] são lutas a respeito de como ver” (HARAWAY, 1995, p. 28). Esta pesquisa ajudou a refletir sobre os modos como as convenções sociais sobre o masculino e o feminino são (re)produzidas, associadas a

distintas relações de poder, e os modos como estas convenções produzem hierarquias, desigualdades e circulam nas notícias em forma de conhecimentos sociais.

A partir do escopo conceitual e da vivência empírica, foi possível inferir que o jornalismo é um conhecimento social que está relacionado à reprodução de saberes historicamente produzidos em instâncias de poder e selecionados por serem reconhecidos como podendo ou devendo dar lugar àquilo que uma sociedade considera digno de ser conhecido (LOURO, 1997). Por reproduzir relações de gênero e poder hegemonicamente prevalentes na cultura, conhecimentos sociais historicamente produzidos em determinadas instâncias de poder, relacionados a determinadas visões de mundo e ao *status quo* é que esta pesquisa concluiu que o jornalismo é também produzido por representações sexuais, de classe, de raça, de geração. Mais do que isso, o jornalismo desvelou-se constituído de gênero. E o gênero do jornalismo é masculino.

Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BECKER, Beatriz. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: VIZEU, Alfredo Eurico; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio Antônio (Org). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha. Uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1997
- BONETTI, Alinne. **De que etnografia se está falando**: reflexões sobre alguns usos do método etnográfico. Trabalho apresentado para a disciplina HS611 - Seminário Teórico-Metodológico em Ciências Sociais Ciência, teoria e alteridade. Unicamp, 2003/I, mimeo.
- BONETTI, Alinne. **Não basta ser mulher, tem de ter coragem**. Uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo popular e o campo político feminista de Recife-PE. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área Estudos de Gênero, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, UNICAMP, 2007.
- BONETTI, Alinne. Sermerssuaqs cariocas? Convenções de gênero entre adolescentes negras do Rio de Janeiro. In: TAQUETTE, Stella (Org.) **AIDS e juventude: gênero, classe e raça**. Rio de Janeiro:EDUERJ, 2009 p.213-234.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- CARVALHO, Marília Gomes de; ADELMAN, Miriam; ROCHA, Cristina Tavares da Costa. Apresentação artigos temáticos. In: **Revista Estudos Feministas – Universidade Federal de Santa Catarina**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: UFSC, 2007. Vol. 15 nº 1 (janeiro- abril 2007). 123-130.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvona S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, Bookman: 2006.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 9. Dezembro, 1998. p. 87-97
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**. Modos de educar na (e pela) TV. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O Estatuto pedagógico da mídia: questões de análise**. Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e Educação, vol. 22, nº 2, jul/dez, 1997. pp. 59-79

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FONSECA, Cláudia. **O anonimato e o texto antropológico**: dilemas éticos e políticos da etnografia em casa. Teoria e Cultura, Revista do Mestrado em Ciências Sociais da UFJF, vol. 2, nº 1 e 2, 2007. pp. 39-55.

FRAGA, Alex Branco. A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.p. 95 -107

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 66-81

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. Documento digitalizado, disponível em <http://www.adelmo.com.br/index3.htm>

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. RJ/SP: Editora Record, 2007.

HALL, Stuart et. all. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993. pp. 224-247

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) **Representation**. Cultural representations and signifying practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu 5, 1995, pp. 7-41.

JACKS, Nilda. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS,1999.

JACKS, Nilda. Televisão e identidade cultural. In: JACKS, Nilda et. al. **Tendências na Comunicação**: 4. Porto Alegre: L&PM, 2001

JACKS, Nilda. Etnografia, mídia e cotidiano: eixo sincrônico. In. JACKS, Nilda e CAPPARELLI, Sérgio (coord.). **TV, família e identidade**: Porto Alegre fim de século. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JEOLÁS, Leila Sollberger. **Risco e Prazer**: os jovens e o imaginário da AIDS. Londrina: Eduel, 2007.

JENSEN, K. B. e JANKOWSKI, N. W. (eds). **Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona. Bosch Casa Editorial, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. RJ: Jorge Zahar Ed., 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. RJ: Aeroplano, 2002. pp. 23-28

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. pp. 41-52

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Documento digitalizado, disponível eletronicamente em http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/guacira1.html acessado em 12 de janeiro de 2009.

MARQUES, Francisca Ester Sá. Interpretação de produtos culturais: contributos de uma abordagem etnometodológica aos estudos da Comunicação. Documento digitalizado, disponível eletronicamente em: <http://www.bocc.uff.br/pag/marques-ester-abordagem-etnometodo.pdf>

MARTINS, Gilberto de Andrade e THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

MAZZIOTTI, Nora. Narrativa: os gêneros na televisão pública. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública**: do consumidor ao cidadão. São Paulo: Friedrich-Ebnert-Stiftung, 2002. pp. 201-232

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? Documento digitalizado, disponível em www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. pp. 9 - 27

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças**: por uma analítica da normalização. Documento digitalizado, s.d., disponível em http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf

MOLOTOCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

MOTA, Célia Ladeira. O gesto e a palavra: representações sobre cidadania no telejornal. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Org). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do fantástico**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2006.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa, MAROCCO, Beatriz (Org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**. Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis/SC: Insular, 2005.

RIAL, Carmen. Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na guerra do Iraque. In: **Revista Estudos Feministas** – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: UFSC, 2007. Vol. 15 nº 1 (janeiro- abril 2007). pp. 131-150.

RINCÓN, Omar. A televisão: o mais importante, do menos importante. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Ebnert-Stiftung, 2002. pp. 13-40

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. 9ª edição.

ROSALDO, Michelle. **O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural**. In: Revista Horizontes Antropológicos. Dossiê Gênero, Ano 1, nº 1, Porto Alegre, 1995.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality, In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (eds.) **The Lesbian and Gay Studies Reader**. Nova York: Routledge, 1993.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e realidade, Porto Alegre. pp. 5-22. “jul/dez. 1990”.

SILVA, Rosimeri Aquino da; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis de (Org.) **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. RJ: Jorge ZaharEditor, 1997, 4ª edição.

VIZEU, Alfredo. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (Org). **A sociedade do Telejornalismo**. RJ: Vozes, 2008. PP. 11-28.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

ZAMBRANO, Elizabeth. **Nós também somos família**. Estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, UFRGS, 2008.

www.ibge.gov.br/população/pnad, acessado em 05/10/2007

www.clickrbs.com.br/rbstv, acessado em 15/10/2007

www.globo.com, acessado em 15/10/2007

www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp, acessado em janeiro de 2009.

www.rbs.com.br, acessado em 15/10/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u649217.shtml>, acessado em 11/11/2009.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0511200929.htm>, acessado em 06/11/2009.

Anexos

Anexo I
Decupagem Fita Bruta – Matéria do Parque

Decupagem Matéria Parque

Rep 267

00:25 Imagens de apoio da Marcelly saindo do prédio dela e entrando no carro da equipe

01:26 Pan da Redenção

Sonora com a Marcelly

Presidente do Conselho Municipal dos Direitos Humanos

03:44 Acho que a importância de tudo isso é o reconhecimento do trabalho que a gente faz aqui no parque. Não é só prevenir a questão da epidemia da AIDS, é questão de dar visibilidade, o que são os parques hoje. A gente vê a questão dos parques de dia, a noite parece que a sociedade esquece que nós travestis, gays, enfim... frequentamos o parque e que ocupamos. É um espaço nosso também e esse espaço tem que ser reconhecido pela sociedade.

05:09 Pelo trabalho, pelo respeito que as pessoas tem comigo. Pelo trabalho que eu faço de intervenção já há mais de 10 anos aqui no parque de prevenção. Então a gente conhece toda a população que frequenta o parque. Seguro não é em lugar nenhum, mas aqui as pessoas que realmente frequentam se um jornalista vier sem ter uma referência. Eu sou uma referência porque eu frequento o parque e faço intervenções. É perigoso em tudo que é sentido. A questão de fazer uma matéria dessa, desse nível, eu acho que tinha que ter uma pessoa aqui, porque senão vocês não iam conseguir realmente fazer a abordagem que fizeram .

06:14 O meu trabalho é prevenir, a alto estima, a questão dos direitos humanos para travestis e homossexuais. A gente vê muito a questão da discriminação das travestis mais humildes, hoje moradores de rua. Esse trabalho que agente faz dentro da igualdade, muitas vezes prá outras ONGs é bem difícil e prá mim é um prazer fazer esse tipo de trabalho, com a população humilde, ou intermediária, tem travesti de nível mais elevado.

07:03 Prevenção a AIDS, mas aí a gente vê hoje que a questão da prevenção a AIDS a gente tem que trabalhar muito a alto estima . A questão da discriminação a gente vê que é muito grande a nível nacional. A gente tem que reverter esse processo.

07:46 A redenção são dois momentos. A Redenção de dia é uma harmonia de toda a nossa sociedade. Acho que reúne todos os segmentos da sociedade e é uma harmonia total. A noite eu vejo o parque como uma coisa prazerosa. Tu vai dar uma volta na Redenção e de repente acha uma pessoa de bom papo, prá conversar e aí rola alguma coisa.

08:32 De dia é lazer e de noite é prazer. Acho que são duas frases que eu acho importante.

08:47 Depois que escurece a gente nunca sabe o que acontece atrás das árvores. Se vê muitas coisas quando se faz intervenção. A gente faz distribuição de camisinhas, vamos se prevenir. A gente vê ainda muitas pessoas a questão do não uso do preservativo. Então é importante alguém fazer esse trabalho. E tem que ter coragem também para entrar no parque à noite. Tem muito a questão da falta de segurança pública, iluminação.

10:27 Todo mundo tem o direito, porque o parque é público, todo mundo tem o direito de fazer o que quiser no parque.

11:11 A redenção realmente o parque farroupilha é uma referencia nacional. Dentro do guia da ABGLT, a gente fala que a redenção é uma referência nacional.

12:05 Tem que ter a segurança, a questão da brigada militar ser mais ostensiva aqui. Todo mundo sabe onde tem droga, onde tem roubo, onde tem assalto, onde tem traficante...

12:36 A corte existiu a vida inteira. Eu moro em Porto Alegre há mais de 42 anos, e sempre existiu. Ao longo do tempo surgiu a questão da epidemia da AIDS e muitas pessoas já vieram a falecer. E hoje ainda existe a corte dentro do parque Farroupilha, que as pessoas mais antigas são mais respeitadas.

13:04 tem até historias do batismo, da água, da questão do nome social da travesti, como tu quer ser, então tu vai ser batizada aqui no lago. Existe isso, a questão do batismo. Hoje não tenho visto... muitas vezes chegam as travestis aqui, como é teu nome, a meu nome é fulana

de tal. Aí diz : Ah, eu acho que o teu nome tem que ser esse. Então vamos fazer um batismo. Então tem o tal o tal de batismo aqui no parque também. Isso é um folclore realmente das travestis.

14:42 Aqui dentro do parque eu vejo uma questão de respeito muito grande porque as travestis mais humildes que trabalham aqui, elas tem o respeito uma pela outra e já se conhecem todas. E as outras que vem de fora e querem entrar dentro do parque farroupilha é um pouco complicado . Tem que ter uma referencia. Quem é que te enviou? Quem é que te mandou?

19:20 Porque só os direito que vão receber atenção especial e as pessoas que estão aqui dentro do parque porque não podem receber uma atenção especial também.

Rep 022

00:10 imagens de apoio da praça da Encol, gente correndo, andando de bicicleta, caminhando. Humberto Repetto – engenheiro mecânico

04:04 Eu levanto logo cedo pela manhã, levo minha filha no colégio. O tempo que que eu tenho prá conversar com ela. E trabalho das 8 da manhã até às 7, 7 e meia da noite. É o tempo de eu chegar em casa, ver a minha filha brincar um pouco e por umas 8, 8 e meia ir praticar um pouco de esporte. Prá pelo menos continuar com a vida saudável.

Imagens de apoio dele antes.

05:18 Eu trago sempre aqui na praça na praça da Encol porque eu moro aqui perto né. Porque é um local que eles se encontram com todos os cachorros e podem ficar mais tempos soltos e porque a gente gosta de ficar com os conhecidos, com os amigos.

05:27 Perto o horário que eu chego do hospital, que eu posso vim. Aí eu venho com a minha esposa, aí eu posso vir.

05:54 Vocês podem ver aqui um monte de gente trazendo cachorros aqui. É bem comum.

Adriane Genz – pedagoga

06:24 Sempre a gente procura trazeresse horário, porque é um horário um pouco mais tranqüilo porque a gente trabalha durante o dia. A gente tem um grupo de pessoas que a gente conhece e os cachorros geralmente a gente se conhece através dos cachorros. Então todo mundo sabe o nome do seu cachorrinho e a gente vem justamente prá trazer os cachorros, se divertir, conversar com as pessoas enfim.

Daniela Righi - financeira

06:47Eu tava comentando isso agora. Que eu tava conhecendo pessoas aqui na praça e como a gente trabalha durante o dia e tem cachorro. O cachorro faz com que a gente conheça bastante pessoas e faça amizades.

Imagens de apoio das pessoas com os cachorros.

08:42 Arthur Telló – estudante - correndo

Você prefere correr à noite? Com certeza Por quê? Eu acho que as luzes da cidade ficam um pouco mais cosmopolita e moderna. Não fica aqueles dias cinzas horríveis ou calor demais.

Prefiro freqüentar à noite

09:28 mais apoios

Regina Cruz - engenheira

09:40 É a hora que eu posso. Quando eu chego do trabalho é essa a hora que eu posso caminhar . Tem que espaiar um pouco.

Parcão

Sem crédito

10:22 Prefere correr à noite? Prefiro

Silvio Nonaka – arquiteto

11:51 Falta um pouco de policiamento ostensivo pro cidadão se sentir um pouco mais seguro. Acho um pecado. É um bem público que poderia ser usado de noite. Só não dá para usar por falta de policiamento.

Apoio.

13:09 mais apoios.

14:50 grupo de ciclistas no parque fazendo manobras radicais.

Rafael Ferreira – estudante.

15:24 Sempre fim de semana a gente sai direto por aí. No parcão, na redenção, em qualquer lugar.

15:35 Porque esse horário aí. É menos gente, não tem tanto tumulto.

Rogerson Miotto – preparador de dados

16:35 A gente sai de noite prá dar uma volta. Eu trabalho por exemplo. Daí tem o pessoal aí.

16:52 São umas 15 pessoas que andam com a gente. Eu moro no Moinhos desde pequeno. Sempre andei de bike, só que agora sério mesmo. Esporte.

17:14 A gente vê muita coisa estranha. Aqui em cima, semana passada um cara tentou me atacar. Mas a gente vê bastante coisa legal também. Por exemplo. Le parcur. É tri e pouca gente faz. Quando a gente encontra outras pessoas que andam de bike também. Ah é uma alegria.

Apoio deles na sequência

18:36 sombras na noite do parcão. Homossexuais..

19:17 não usar a imagem. É o cinegrafista.

19:36 mais homossexuais

20:15 boas do lago

20:25 mulher caminhando

20:43 imagem do moinho

Depoimento de homossexual – distorcer a voz

20:57 – Aqui é um local que a gente se encontra, faz amizades aqui freqüentando, a gente tem grupos assim, que se encontra aqui pra conversar diversos assuntos, onde que a gente se sente mais a vontade pra abordar nosso lado homossexual, que em casa ou com amigos, familiares a gente não tem, então aqui rola um encontro mais descontraído, onde cada um aborda seus problemas, é um local de encontro mesmo, de discussão, e rola também, vamos dizer assim, encontros casuais, mas nada assim perigoso, é um local calmo, com segurança. As vezes tem sim, algumas pessoas, diria assim, mal intencionadas, mas a gente logo percebe, vai avisando uns aos outros, na verdade isso aqui é uma família, um cuida o outro. É bem bacana ficar aqui.

22:15 Eacontece sexo dentro do parque? Sim, acontece. Isso aí depois que escureceu, rola, rola mesmo.

22:23 Rola? Rola sexo entre homens. É um local que o pessoal procura prá se relacionar.

22:41 Aqui é um pessoal mais diferenciado, é outra classe. De repente até pessoas que moram por perto. Não rola drogas, dificilmente vê alguém consumindo drogas, assaltos a gente não vê. Quando tem pessoas estranhas a gente identifica e acaba saindo, se juntando e o pessoal acaba desistindo de praticar algum delito..

23:14 Lá tem um pessoal que faz programa. Os travestis que tem lá, a José Bonifácio, que é a JB. No interior lá também rola, mas é um pouco diferenciado daqui. São outras classes de pessoas que freqüentam lá dentro.

24:07 Hoje em dia o homossexual ainda ta muito discriminado. Aqui ninguém vê. A gente fica mais a vontade. E também a gente tem visto pessoas casadas também que freqüentam o parque e rola também com pessoas casadas. Pessoas casadas. São heteros que vem ao parque procurar fazer sexo com homossexual.

24:03 Isso talvez seja fetiche, uma coisa assim, não consigo explicar. Tem pessoas que vem, que gostam de ver, apenas ver, que não praticam, que ficam assistindo, não fazem nada.

25:29 imagens de apoio

25:44 imagens de apoio bem boas do parque

Marinha do Brasil

Mini dv 1

00:21:26 imagens de apoio do Marinha e de um catador

José Linhares – catador

00:21:59- o que o senhor faz aqui no marinha? Eu me divirto. O cara cansa durante o dia, e de noite o cara se diverte pra descansar. Porque por enquanto, agora eu to num momento de, não vou dizer assim, de rua né. É isso que eu faço.

22:26 – a gente pega latinha e plástico. E vende? Vende. Dá pra se viver, dá pra sobreviver.

00:23:47 imagens de apoio do catador.

00:24:20 imagens do campo de futebol vazio.

00:24:43 imagens da minha sombra.

00:24:59 imagens do parque e de um gato perdido na imensidão da noite e segue, depois tem mais gatos.

26:11 um cara perdido na noite e gente dormindo no parque, logo depois.

27:16 boa imagem das árvores na noite, pista de skate.

27:46 imagem do parque bem escura e depois outars boas da pracinha deserta.

28:26 pessoas caminhando no parque.

28:52 Grupo de homossexuais caminhando no parque

Sonora com Homossexual – temos que distorcer a voz – servidor público

31:53 O que me traz no parque na parte da noite é essa calma, esse silêncio, encontrar com esse pessoal que frequenta à noite aí. A gente sabe que aqui na noite tem de tudo, travesti, prostituta, traficante, tem enfim, esse convívio com esse tipo de gente que me traz aqui.

32:19 O que me traz aqui é a função do homossexualismo, movimento que tem à noite, não sou drogado, não uso maconha, e uma das coisas que me traz aqui é isso, porque hoje temos poucos espaços onde os homossexuais podem realmente desfrutar de momentos e aqui é o lugar apropriado, onde a polícia não nos cria problema algum, enfim, a gente vem aqui, eu particularmente, por este motivo, frequento esse parque há mais de 20 anos.

32:47 ?existe sexo aqui dentro? Ah existe sexo de qualquer jeito, de qualquer preço, da forma que alguém escolher tem sexo aqui.

32:53 aqui é cobrado, é de graça, do jeito que quiserem acontece.

32:59 ? tem prostitutas também? Não. Prostitutas aqui dentro pra elas não tem espaço. Até mesmo porque as prostitutas vivem daquilo ali, os homossexuais que frequentam aqui não vivem, cada um tem sua profissão definida, sua casa, seu lar.

33:12 tu já fez sexo aqui? Já fiz sexo muitas vezes, várias vezes.

33:18 Nunca tive nenhum problema, porque quando se faz sexo no mato tu escolhe o local, tu te esconde porque tu não quer afrontar ninguém, tu não quer ter problema com polícia, com nada.

33:30 Como tu escolhe o teu parceiro sexual no parque? Pra mim escolher o parceiro sexual, eu geralmente faço com quem eu já conheço. Jamais vou pegar algum estranho ou algo parecido.

33:44 Nós conhecemos alguém, saímos pra fora ali na parte clara onde a gente pode ficar mais a vontade, dependendo de quem tu nem fala em sexo, nem nada, to aqui passeando, caminhando, enfim, este tipo de coisa, nem se chega ao assunto do sexo, dependendo de quem.

34:00 Isso aqui é um lugar muito perigoso. Aqui tem que andar olhando para todos os cantos, porque aqui é um local muito perigoso. Por mais que tu conheça o pessoal aqui, sempre pó

acontecer alguma coisa, porque é um grande número de pessoas que ficam circulando por aqui, né, conhecidos e estranhos também.

34:15 Tu tem medo? Eu tenho medo, graças a Deus que eu tenho medo. Se eu não tivesse medo já poderia ter acontecido alguma tragédia, alguma coisa parecida

34: 20 Já foi atacado? Não, atacado, não, mas já tentaram inúmeras vezes. Então, por ter esse medo, a aproximação de alguém te leva a procurar um lugar mais claro ou até mesmo sair do parque.

34:37 Como tu te defende? Primeiro coisa que eu faço, eu corro, eu jamais, pra me pegar desprevinido só se eu tiver bêbado, como eu não bebo. Eu to sempre me cuidando. Eu corro daqui, se for o caso, eu grito, chamo a policia, porque quando tu grita quem vai te atacar já fica com certo receio.

34:53 Muito assalto, um grande número de assaltos. Aqui tava completamente apagadas as luzes, agora é que colocaram essa iluminação aí, lá naquele lado lá tava claro, já apagou de novo. Mas não impede que o pessoal passe por aqui.

35:08 A área mais perigosa é aquela parte das paradas próximas ao shopping ali, porque ali reúne um monte de gente pegando ônibus, e alunos saindo do T5, então é um bom lugar para que os vagabundos fiquem de tocaia pra atacar. Com os viados raramente eles vão fazer qualquer coisa, quase nunca, mas com o pessoal que ta.

35:30 Tem um grande número de homossexuais que vem no parque? sim, um grande número.

35:40 Tu vai vim aqui e vai encontrar sempre as mesmas caras, as mesmas pessoas que freqüentam há mais de 10 anos. Mas sempre tem homosexual aparecendo aí.

36:05 imagens de paio do parque Marinha

36:56 pan do parque

Mini dv parques 2

00:13 imagens de apoio dos michês na JB.

02:24 miches dentro do parque

03:43 gato caminhando no parque, próximo ao Monumento do expedicionário e outras imagens de apoio.

04:27 Pan do Monumento e da Redenção, bem boa

04:47 mais imagens de apoio dos miches, bem boas, bela pan

Mini dv parque 3

00:41 Marcelly caminhando no parque na escuridão.

01:19 distribuição de camisinhas

Entrevista com a rainha da corte – não precisa distorcer a voz.

02:33 O que é a corte? A corte surgiu na metade dos anos 80, em 1987 quando nós começamos a perceber que a violência em cima de nós era muito grande e eu comecei a não entender o porquê que as vezes as pessoas reunidas, às vezes 10 homossexuais juntos, 20 homossexuais juntos acabavam correndo quando 3 ou 4 se aproximavam, então nós começamos a reagir diante disso. Começamos a nos impor. Então nós enfrentávamos quando tinha algum tipo de violência em cima de nós e daí começou a se criar aquela história. A rainha, a rainha, a rainha. Porque eu tomei a parte, a frente daquela situação. E da daí foi se criando essa história, a lenda da rainha.

03:20 A rainha da corte. E nós criamos então essa circunstância que naquele tempo a gente agia dessa forma. Claro que hoje trazido para essa realidade a gente não faz mais. Não tivemos. Essa história da rainha continua existindo, como lenda, como história.

03:46 Naquele tempo a proposta era essa. Surgiu como proposta dessa forma, de ajuda entre uns aos outros. Hoje em dia não é mais, ficou só como lendário, como história.

04:25 A questão no que diz respeito a defesa dos cidadãos, no que diz respeito aos homossexuais, seja quem for, é um dever do estado, da polícia militar. O que acontece muitas vezes é que o fato de uma pessoa conhecer alguém da corte. Isso ajuda assim. Vamos

respeitar, porque é uma pessoa conhecida, porque conhece tal pessoa. Mais por prestígio, por amizade, mas não que isso venha impedir que alguém sofra violência, ou deixe de sofrer.

05:27 O que acontece é que quando alguém fala o nosso nome as pessoas respeitam mais por amizade.

06:16 Os drogados tendem a não atacar os homossexuais, principalmente os que se vestem de mulher, porque na cabeça deles aqueles que se vestem de mulher tá ali por um propósito que é dele, de batalhar, de tentar alguma coisa prá ele. Então ele tende a não fazer isso. É uma tendência, não é também uma garantia.

07:10 Nós somos vítimas também da violência, um pouco menos. Ou seja, o marginal, o drogado, seja lá quem for, tende a não agredir quem está vestido de mulher porque ele não sabe que tipo de reação essa pessoa pode ter. Outro motivo é porque ele pensa aquele ali tá na luta, tá na batalha que nem eu, então não vou agredir, não vou fazer nada.

07:56 A corte é uma coisa simbólica, é mais uma brincadeira.

08:25 Todo um ministério que a gente criou, um amigo nosso que trabalha até hoje, que é enfermeiro. Ele costumava trazer camisinha. Ele às vezes apoiava naquele tempo em que não existiam essas ONGs e que o governo tb não fazia isso. Ajudava principalmente naquele surto inicial de HIV, então nós colocamos ele como ministro da saúde porque ele fazia esse tipo de coisa.

09:01 quem nos conhece aqui tende a não sofrer quase nada. Não é uma garantia. Mas não é porque nós vamos fazer alguma coisa. Nós não temos poder de polícia, poder de ação jurídica, nós temos poder limitado de respeitabilidade. Quem nos conhece e gosta de nós não vai fazer nada prá quem se dá conosco.

09:27 A rainha da redenção. Corte seria o sistema. Rainha não se elege. O senhor bem deve saber que não existe eleição para rainha. Existe eleição para presidente da república, governador. Uma rainha é um título nato. Alguém é rainha porque recebeu esse título. Eu recebi esse título não foi por uma votação, recebi esse título por tendência.

10:36 Eu me lembro como se fosse hoje. Eu estava naquele sofá da Hebe que é aquele chafariz que tem lá no meio. Porque nós chamávamos aquilo de sofá da Hebe porque as pessoas ficavam ali e conversavam e falavam sobre todos os assuntos.

10:55 Eu me lembro que naquela ocasião nós estávamos todos lá entre várias pessoas. Acho que entre 9 pessoas mais ou menos. E daqui a pouco chegou três marginalzinho, morador de rua e tentaram colocar todo mundo a correr. E eu questionei aquilo naquela noite. Mas porque nós vamos correr. Nós somos 9 pessoas, ali são três, nós podemos enfrentar isso. E daí n'so começamos a fazer isso. Nós pegamos um pedaço de pau e corremos aqueles três e daí começou a se criar. E as pessoas começaram a dizer: Rainha, porque partiu de mim essa idéia de fazer aquilo.

12:17 Todos fazem sexo no parque da Redenção, uns mais demorados, mas todos fazem. Todo mundo sabe disso. Isso não é segredo prá ninguém. Modalidades de relacionamento na Redenção.

12:51 O que ocorre? Ocorre que aquela que cobra ela tá mais imune também a violência. Ela demonstra que ela não tá ali por uma questão de brincadeira.

13:47 Prá mim é normal até porque é noite, não tem ninguém olhando, ninguém vendo.

14:07 Aqui há todo o tipo de vício, no sentido sexualmente falando. Existem aqueles que vem ver os outros transar que a gente chamaria de voyer, os casais que trazem mulher para transar com os outros aí. Enfim tem todas modalidades espalhadas por todo o parque nas suas determinadas regiões.

14:39 Esse lado aqui ficaria só as bichas que se vestem de mulher. É uma tendência, o público que viria aqui é o que gosta dessa modalidade. E do outro lado os gays e os homossexuais que não se vestem de mulher, se vestem normais. Então isso não é uma garantia, é uma tendência.

15:42 travestis caminhando – tem uma imagem boa – depois fica claro

Sonora com o Michê – distorcer a voz

16:48 Eu sou garoto de programa, trabalho há nove anos, desde 2000.

17:01 Às vezes eu venho aqui prá tentar, ver se eu consigo fazer algum programa.

17:23 É meio arriscado. Tu ta numa situação que tu pode ser assaltado a qualquer momento.

17:51 Eu sempre ando bem vestido, às vezes uns me tiram pra playboy, outros prá gay.

18:11 Quanto tu cobra por programa? Geralmente uns 40 reais. E aqui dentro do parque mesmo? Sim.

18:20 Se escondemos dentro do barco.

18:38 Se eu tirar a base dos meus amigos, das pessoas que eu ando, eu acho que de 100 por cento. 70 já tão nesse vício. Qual vício? Do craque. É muita gente fumando craque. Aqui dentro do parque? Aqui mesmo. Eu conheço vários amigos meu que trabalhavam em serviço e ganhavam bem que se atiraram de uma hora prá outra. Já tavam até roubando.

19:22 Tem uns que fazem por prazer. Eu preciso. O serviço aqui em Porto Alegre hoje ta difícil prá quem não tem uma profissão certa.

19:53 Gente que tu conheceu no começo do uso do craque, hoje ta irreconhecível? Sim, hoje tão dormindo nas praças.

20:17 Eu já peguei vários casais, gays, esse tipo de pessoa.

Outro Michê

21:41 Eu sou garoto de programa há 13 anos. Comecei em 96 na JB.

22:15 Frequento o Parque Marinha do Brasil, o anfitetro do por do sol que são pontos que são movimentados e que tem a movimentação de gays que procuram o sexo fácil por dinheiro.

22:40 Como o ditado diz tudo que vem fácil vai fácil. As pessoas já tão naquela situação meio que humilhante, tendo que se prostituir, fazendo coisas que meio que não querem. Beijar, estar com homem, ter que falar algumas coisas que a gente sabe que não é verdade, mas a gente fala aquilo prá agradar o cliente. Então aquilo vai influenciando o psicológico da pessoa e ela acaba entrando na droga. Ela começa normalmente com a maconha.

23:25 E acabam terminando no craque e o craque ta devastador hoje em dia.

24:00 E em relação ao uso de drogas na José Bonifácio? É extremamente alto. Usam craque? Extremamente.

24:07 Eles usam sentados nas calçadas, geralmente onde eles ficariam esperando os clientes. Eles ficam sentados fumando craque porque aquilo é uma dependência química, ao invés deles tarem esperando os clientes, eles acabam usando craque, usando craque.

24:43 É o proibido liberado. É aquilo que ninguém vê mas se pode fazer e não é notório.

25:00 Medo de contrair alguma doença ou de ser reconhecido. Acho que o medo maior não é nem de contrair alguma doença, mas é de ser reconhecido por alguém, que até hoje, em treze anos, ainda não aconteceu.

25:20 – Já vi brigas, já vi skinheads correr com pitbulls atrás de homossexuais, principalmente das pessoas que andam travestidas, os chamados travestis. E acontece isso ainda hoje? Não é freqüente, mas é quando eles tem acessos de loucura, e geralmente é uma ou duas vezes por ano, com certeza eles atacam. E os que tiverem... eu mesmo já fui agredido por três, todos vestidos de preto, porque, pela etnia, pela etnia racial, não entendi o porquê até hoje, mas fui agredido com porretes, com pedaços de pau que eram bem.. fiquei todo quebrado.

27:59 imagens de apoio da Marcele, ela com os gatos de rua.

29:00 imagens de apoio Marcely com gato no colo e dizendo “são bem mansinhos. Já peguei pra minha casa. São os gatos da redenção.

29:14 imagens de apoio gato preto na luz

29:21 imagens de apoio gato preto na luz sai caminhando

29:30 imagens de apoio 3 gatos pretos próximos

30:07 imagens da noite no parque

31:07 Distribuição de camisinhas

31:59 imagem do consumo de um baseado.

Depoimento de um maconheiro

32:09 Às vezes à noite eu venho fumar um cigarro de erva e assim que deve durar uns cinco, seis minutos e é o tempo que eu volto prá minha casa prá fazer os meus deveres de cidadão.

34:03 imagens de pessoas caminhando no parque.

34:28 imagens do laguinho

35:23 segue a distribuição de camisinhas (não identificar o rosto).

MINI DV 4 PARQUES

ATENÇÃO AOS 01:42 TEMOS O FLAGRANTE DE UM BOQUETE NO MEIO DAS ÁRVORES. ESTÁ MUITO ESCURO, MAS DÁ PARA VER AS SILUETAS. A MARCELLY INTERROMPE A TRANSA PARA ENTREGAR CAMISINHAS. DÁ PARA VER NA SUTILEZA. PODEMOS CLAREAR UM POUCO A IMAGEM NA FINALIZAÇÃO.

02:28 MARCELLY SEGUE CAMINHANDO PELOS PARQUES E IMAGENS DE APOIO.

03:12 ENTREGA DE CAMISINHAS.

03:19 IMAGENS DO CHAFARIZ E DE GENTE CAMINHANDO.

04:16 GENTE DORMINDO NA REDENÇÃO

04:51 mais distribuição de camisinhas

Entrevista com homossexual

05:27 – o que tu vem fazer no parque da redenção a noite? Venho procurar sexo e encontrar uns conhecidos. Quanto tempo? Há trinta e quatro anos. Que idade tu tens? 49.

05:48 perigoso tudo que lugar é, não é só o parque; é rua, boate, é sauna, é locadora, é tudo que é lugar é perigoso. Tem um monte de gurizada michetero botando boa noite cinderela na bebida, e em qualquer lugar ta perigoso. Aqui ta perigoso como em qualquer outro lugar também.

06:13 Como você escolhe seu parceiro sexual aqui no parque? Isso ai tem que bater química na hora, senão não rola, não. Atrás das árvores? Não, tem lugar, tem árvore, e tem lugar pra ir também, motel, né? Mas aqui no parque, vc faz sexo aqui? Já fiz, mas hoje não, já to mais seleteo, pela idade

06:39 tem muita gente que faz sexo no parque? com certeza. como é que funciona? Fixação, né. É aquela aventura do sexo diário, não interessa quantos, ou o que der tesão na hora. Isso ai eu já passei por isso.

10:05 imagens de apoio de pessoa no parque

Outro homossexual

10:54Minha família não sabe, desconfiar desconfia, mas não sabe. Todos os dias tu faz sexo na Redenção? Todos os dias não, mas uns dois, três dias eu venho prá cá. Como tu aborda o teu parceiro? Geralmente eles chegam em mim. Eu sou meio tímido. E como eles chegam em ti? Sempre chegam conversando. O que tu ta fazendo aqui?... E a gente fica se entendendo. E como é que vocês se entendem? Se tocando, a gente vai se tocando uns nos outros e acaba acontecendo. E em que lugares? Atrás das árvores.

12:10 É coisa de momento. O que rola aqui fica aqui. Eu não consigo ficar preso a alguém . O que rola aqui eu sei que acaba aqui. Amanhã vai ser diferente, outra pessoa diferente. Claro que eu sempre uso camisinha.

13:43 imagens de apoio

14:17 entrega de camisinhas. Não identificar rostos, são menores.

14:53 imagens de menores gays

21:49 Quadras de esporte vazias

Sonora com catador viciado.

23:08 O cara fica alucinado né velho. Tu conhece muita gente viciada em crack? A maioria que anda na rua, se não é álcool, é crack.

23:45 Isso aí é o fim dos séculos. E porque que mesmo assim tu usa crack? Já parei três vezes. Agora me separei da minha mulher e voltei a fumar. É fudido. Tu sonha com a droga.

26:54 apoio cara correndo nas quadras.

27:07 imagem catador indo embora.

28:26 mais imagens do chafariz.

Anexo II
Roteiro Matéria do Parque – Primeira Versão

Roteiro Matéria Parque – primeira versão

Parques da capital.

Rep 267

Sonora com a Marcelly

Presidente do Conselho Municipal dos Direitos Humanos

06:14 O meu trabalho é prevenir, a alto estima, a questão dos direitos humanos para travestis e homossexuais.

Mesma fita

Vinicius Schmitz – supridor

05:54 Vocês podem ver aqui um monte de gente trazendo cachorros aqui. É bem comum.

MINI DV 4 PARQUES

23:08 O cara fica alucinado né velho. Tu conhece muita gente viciada em crack? A maioria que anda na rua, se não é álcool, é crack.

Rep 022

Rogerson Miotto – preparador de dados

16:52 São umas 15 pessoas que andam com a gente. Eu moro no Moinhos desde pequeno.

Sempre andei de bike, só que agora sério mesmo. Esporte.

Off

Você deve estar se perguntando o que essas pessoas tem em comum? Elas freqüentam os espaços públicos de Porto Alegre./ Uma metrópole com oito parques e quase seiscentas praças./ Áreas que reservam surpresas aos olhares acomodados de quem está acostumado com a luz do dia./ Quando a noite cai, tudo se transfoma.////(aqui temos que usar o efeito do fast nas imagens do anoitecer, a noite caindo com a grande angular)

Sobe som

OFF

Começamos o nosso passeio lá na zona leste, na Praça da Encol./ Esportistas e bichinhos de estimação dividem o espaço///

Rep 022.

Humberto Repetto – engenheiro mecânico

04:04...Trabalho das 8 da manhã até às 7, 7 e meia da noite. É o tempo de eu chegar em casa, ver a minha filha brincar um pouco e por umas 8, 8 e meia ir praticar um pouco de esporte.

Prá pelo menos continuar com a vida saudável.

emenda

Adriane Genz – pedagoga

06:24 Sempre a gente procura trazer esse horário, porque é um horário um pouco mais tranquilo porque a gente trabalha durante o dia. A gente tem um grupo de pessoas que a gente conhece e os cachorros geralmente a gente se conhece através dos cachorros.

Sobe som com imagem do grupo de cachorreiros

Off

Seguimos nossa peregrinação e chegamos ao Parque Moinhos de Vento, o Parcão.///

Parcão

Sem crédito

10:22 Prefere correr à noite? Prefiro

Off

Um (usar imagens do pessoal andando de bicicleta) lugar em que os esportistas convivem com um parque quase deserto ao lado de vultos que se perdem na sombra da noite./ São homossexuais que usam o parque para a prática do sexo livre.///

Depoimento de homossexual – distorcer a voz

20:57 – Aqui é um local que a gente se encontra, faz amizades...corta e emenda... se sente mais a vontade pra abordar nosso lado homossexual, que em casa ou com amigos, familiares a gente não tem.

Emenda 22:23 Rola sexo entre homens. É um local que o pessoal procura prá se relacionar. (temos que cobrir e usar imagens de apoio do parque)

Off

Nosso entrevistado não quis se identificar, por motivos de segurança./ Ele garante que pessoas casadas freqüentam o local, protegidas pela escuridão.//

24:07. Aqui ninguém vê. A gente fica mais a vontade. ...Pessoas casadas também que freqüentam o parque. São heteros que vem ao parque procurar fazer sexo com homossexual.

Off

E fala de uma certa distinção social entre os visitantes.//

22:41 Aqui é um pessoal mais diferenciado, é outra classe. De repente até pessoas que moram por perto.

Off

No parque Marinha do Brasil a rotina não é diferente./ A falta de luminosidade assusta quem se aventura por ali./ As árvores dão um tom fantasmagórico ao lugar.//// sobe som usando a imagem mini dv 1 27:16 boa imagem das árvores

na noite

Sonora com Homossexual – temos que distorcer a voz –

31:53 A gente sabe que aqui na noite tem de tudo, travesti, prostituta, traficante, tem enfim, esse convívio com esse tipo de gente que me traz aqui.

32:47 existe sexo de qualquer jeito, de qualquer preço, da forma que alguém escolher tem sexo aqui.

Off

Um alerta a quem pensa em se aventurar em meio aos canteiros do Marinha.//

34:00 Isso aqui é um lugar muito perigoso. Aqui tem que andar olhando para todos os cantos, porque aqui é um local muito perigoso. Por mais que tu conheça o pessoal aqui, sempre pode acontecer alguma coisa.

Off

Dali fomos ao pulmão do centro da capital, o parque da Redenção./ Para entrar nas artérias desse tradicional espaço da cidade, convidamos a travesti Marcelly Malta, que é presidente da ONG Igualdade, a associação de travestis do RS./ Ela faz um trabalho de prevenção do vírus HIV no local, há mais de 10 anos.// (temos imagens dela distribuindo camisinhas, dela entrando no carro, caminhando no parque)

Rep 267

00:25

08:47 Depois que escurece a gente nunca sabe o que acontece atrás das árvores. Se vê muitas coisas quando se faz intervenção. A gente faz distribuição de camisinhas, vamos se prevenir. A gente vê ainda muitas pessoas a questão do não uso do preservativo. Então é importante alguém fazer esse trabalho. E tem que ter coragem também para entrar no parque à noite. Tem muito a questão da falta de segurança pública, iluminação.

(tudo dá para cobrir – temos muitas imagens)

OFF

Intimidade com o terreno não falta para a travesti que invade a área verde sem medo./ Em um certo momento Marcelly flagra uma travesti fazendo sexo oral em um cliente sem camisinha./ Na hora ela interfere e faz a entrega dos preservativos.////

MINI DV 4 PARQUES

ATENÇÃO AOS 01:42 TEMOS O FLAGRANTE DE UM BOQUETE NO MEIO DAS ÁRVORES. ESTÁ MUITO ESCURO, MAS DÁ PARA VER AS SILUETAS. A MARCELLY INTERROMPE A TRANSA PARA ENTREGAR CAMISINHAS. DÁ PARA VER NA SUTILEZA. PODEMOS CLAREAR UM POUCO A IMAGEM NA FINALIZAÇÃO

Off

Seguimos nosso caminho e encontramos a rainha do parque./ Um título dado pela “corte”, forma como são chamados os frequentadores mais antigos da Redenção.///

Mini dv parque 3

Entrevista com a rainha da corte – não precisa distorcer a voz.

09:27 Corte seria o sistema. Rainha não se elege. O senhor bem deve saber que não existe eleição para rainha. Existe eleição para presidente da república, governador. Uma rainha é um título nato. Alguém é rainha porque recebeu esse título. Eu recebi esse título não foi por uma votação, recebi esse título por tendência. 02:33 A corte surgiu na metade dos anos 80, em 1987 quando nós começamos a perceber que a violência em cima de nós era muito grande e eu comecei a não entender o porquê que as vezes as pessoas reunidas, às vezes 10 homossexuais juntos, 20 homossexuais juntos acabavam correndo quando 3 ou 4 se aproximavam, então nós começamos a reagir diante disso. Começamos a nos impor.

Off

Quem faz parte da corte da Redenção consegue transitar sem maiores problemas pelas sombras da noite da capital.///

09:01 quem nos conhece aqui tende a não sofrer quase nada. Não é uma garantia. Mas não é porque nós vamos fazer alguma coisa. Nós não temos poder de polícia, poder de ação jurídica, nós temos poder limitado de respeitabilidade. Quem nos conhece e gosta de nós não vai fazer nada prá quem se dá conosco.

Off

Universo que concentra uma grande diversidade sexual.///

14:07 Aqui há todo o tipo de vício, no sentido sexualmente falando.

Off

Entre os grupos estão os garotos de programa, que muitas vezes acabam na droga pelas facilidades oferecidas no ambiente.///

22:40 Como o ditado diz tudo que vem fácil vai fácil. As pessoas já tão naquela situação meio que humilhante, tendo que se prostituir, fazendo coisas que meio que não querem. Beijar, estar com homem, ter que falar algumas coisas que a gente sabe que não é verdade, mas a gente fala aquilo prá agradar o cliente. Então aquilo vai influenciando o psicológico da pessoa e ela acaba entrando na droga. Ela começa normalmente com a maconha. 23:25 E acabam terminando no craque e o craque ta devastador hoje em dia.

OFF

Na avenida José Bonifácio, em frente a Redenção, existe um tradicional ponto de prostituição masculina./ Segundo este profissional os colegas dele consomem o crack na calçada.//

24:07 Eles usam sentados nas calçadas, geralmente onde eles ficariam esperando os clientes. Eles ficam sentados fumando craque porque aquilo é uma dependência química.

Off

Este catador de lixo circula pelo parque e admite ser viciado na pedra.//

MINI DV 4 PARQUES

23:45 Isso aí é o fim dos séculos. E porque que mesmo assim tu usa crack? Já parei três vezes. Agora me separei da minha mulher e voltei a fumar. É fudido. Tu sonha com a droga.

Off

É só caminhar que encontramos o cheiro do vício./ Moradores das redondezas vão ao lugar para consumir drogas./// Mini dv parque 3

31:59 imagem do consumo de um baseado.

Mini dv parque 3

Depoimento de um maconheiro

32:09 Às vezes à noite eu venho fumar um cigarro de erva e assim que deve durar uns cinco, seis minutos e é o tempo que eu volto prá minha casa prá fazer os meus deveres de cidadão.

Off

Harmonia entre vícios./ Este jovem admite freqüentar durante vários dias da semana o parque para fazer sexo.//

MINI DV 4 PARQUES

Outro homossexual

10:54Minha família não sabe, desconfiar desconfia, mas não sabe. Todos os dias tu faz sexo na Redenção? Todos os dias não, mas uns dois, três dias eu venho prá cá. Como tu aborda o teu parceiro? Geralmente eles chegam em mim. Eu sou meio tímido. E como eles chegam em ti? Sempre chegam conversando. O que tu ta fazendo aqui?... E a gente fica se entendendo. E como é que vocês se entendem? Se tocando, a gente vai se tocando uns nos outros e acaba acontecendo. E em que lugares? Atrás das árvores.

Off

Intimidade dividida com centenas de pessoas que tem o mesmo propósito.//

05:27 – o que tu vem fazer no parque da redenção a noite? Venho procurar sexo e encontrar uns conhecidos. Quanto tempo? Há trinta e quatro anos. Que idade tu tens? 49.

Off

Rotinas e vícios compartilhados com estranhos, novos amigos, possíveis parceiros./// Todos partem quando a luz do dia desponta no horizonte./ Hora de ir embora porque só quando o sol se pôr novamente os seres da noite acordam para a vida.///

Anexo III
Roteiro Matéria do Parque – Segunda Versão

Roteiro Matéria Parque – segunda versão

Parques da capital.

Rep 267

Sonora com a Marcelly

Presidente do Conselho Municipal dos Direitos Humanos

06:14 O meu trabalho é prevenir, a auto estima, a questão dos direitos humanos para travestis e homossexuais.

Mesma fita

Vinicius Schmitz – supridor

05:54 Vocês podem ver aqui um monte de gente trazendo cachorros aqui. É bem comum.

MINI DV 4 PARQUES

23:08 O cara fica alucinado né velho. Tu conhece muita gente viciada em crack? A maioria que anda na rua, se não é álcool, é crack.

Rep 022

Rogerson Miotto – preparador de dados

16:52 São umas 15 pessoas que andam com a gente. Eu moro no Moinhos desde pequeno.

Sempre andei de bike, só que agora sério mesmo. Esporte.

Off

Você deve estar se perguntando o que essas pessoas têm em comum? Elas freqüentam as mesmas áreas de lazer da capital./ Uma metrópole com oito parques e quase seiscentas praças./ Lugares que reservam surpresas aos olhares de quem está acostumado com a luz do dia./ É quando a noite cai, que tudo se transforma.////(aqui temos que usar o efeito do fast nas imagens do anoitecer, a noite caindo com a grande angular)

Sobe som

OFF

Começamos o nosso passeio lá na zona leste, na Praça da Encol./ Esportistas e bichinhos de estimação dividem o espaço///

Rep 022.

Humberto Repetto – engenheiro mecânico

04:04...Trabalho das 8 da manhã até às 7, 7 e meia da noite. É o tempo de eu chegar em casa, ver a minha filha brincar um pouco e por umas 8, 8 e meia ir praticar um pouco de esporte.

Prá pelo menos continuar com a vida saudável.

emenda

Adriane Genz – pedagoga

06:24 Sempre a gente procura trazer esse horário, porque é um horário um pouco mais tranquilo porque a gente trabalha durante o dia. A gente tem um grupo de pessoas que a gente conhece e os cachorros geralmente a gente se conhece através dos cachorros.

Sobe som com imagem do grupo de cachorreiros

Off

Dali vamos para o Parque Moinhos de Vento, o Parcão, também zona leste.///

Parcão

Sem crédito

10:22 Prefere correr à noite? Prefiro

Off

Um dos parques preferidos por quem faz esporte, o parcao (usar imagens do pessoal andando de bicicleta) fica quase deserto depois das dez horas. Os vultos se perdem na sombra da noite./ São homossexuais que usam o lugar para a prática do sexo livre.///

Depoimento de homossexual – distorcer a voz

20:57 – Aqui é um local que a gente se encontra, faz amizades...corta e emenda... se sente mais a vontade pra abordar nosso lado homossexual, que em casa ou com amigos, familiares a gente não tem.

Emenda 22:23 Rola sexo entre homens. É um local que o pessoal procura prá se relacionar. (temos que cobrir e usar imagens de apoio do parque)

Off

Ele também diz que pessoas casadas freqüentam o local, protegidas pela escuridão.//

24:07. Aqui ninguém vê. A gente fica mais a vontade. ...Pessoas casadas também que freqüentam o parque. São heteros que vem ao parque procurar fazer sexo com homossexual.

Emenda 22'43 De repente até pessoas que moram por perto.

Off

No parque Marinha do Brasil a rotina não é diferente./ Mesmo com a falta de luminosidade há quem aceite os riscos.//// sobe som usando a imagem mini dv 1 27:16 boa imagem das árvores na noite

Sonora com Homossexual – temos que distorcer a voz –

31:53 A gente sabe que aqui na noite tem de tudo, travesti, prostituta, traficante, tem enfim, esse convívio com esse tipo de gente que me traz aqui.

32:47 existe sexo de qualquer jeito, de qualquer preço, da forma que alguém escolher tem sexo aqui.

Off

O desafio pelo prazer.//

34:00 Aqui tem que andar olhando para todos os cantos, porque aqui é um local muito perigoso. Por mais que tu conheça o pessoal aqui, sempre pode acontecer alguma coisa.

Off

Em um dos parques mais populares, no centro da cidade, quem nos acompanha é a travesti Marcelly Malta, presidente da ONG Igualdade, a associação de travestis do Rio Grande do Sul./ Ela trabalha com prevenção do vírus HIV neste local, há mais de 10 anos.// (temos imagens dela distribuindo camisinhas, dela entrando no carro, caminhando no parque)

Rep 267

00:25

08:47 Depois que escurece a gente nunca sabe o que acontece atrás das árvores. Se vê muitas coisas quando se faz intervenção. A gente faz distribuição de camisinhas, vamos se prevenir.

A gente vê ainda muitas pessoas a questão do não uso do preservativo. Então é importante alguém fazer esse trabalho. E tem que ter coragem também para entrar no parque à noite. Tem muito a questão da falta de segurança pública, iluminação.

(tudo dá para cobrir – temos muitas imagens)

OFF

Marcelly flagra uma travesti fazendo sexo oral em um cliente sem camisinha./ Ela não se intimida em interromper para entregar preservativos.////

MINI DV 4 PARQUES

ATENÇÃO AOS 01:42 TEMOS O FLAGRANTE DE UM BOQUETE NO MEIO DAS ÁRVORES. ESTÁ MUITO ESCURO, MAS DÁ PARA VER AS SILUETAS. A

MARCELLY INTERROMPE A TRANSA PARA ENTREGAR CAMISINHAS. DÁ PARA VER NA SUTILEZA. PODEMOS CLAREAR UM POUCO A IMAGEM NA FINALIZAÇÃO

Off

Andando pela Redencao encontramos a rainha do parque./ Um título dado pela “corte”, forma como são chamados os freqüentadores mais antigos do local.///

Mini dv parque 3

Entrevista com a rainha da corte – não precisa distorcer a voz.

09:27 Corte seria o sistema. Rainha não se elege. O senhor bem deve saber que não existe eleição para rainha. Existe eleição para presidente da república, governador. Uma rainha é um título nato. Alguém é rainha porque recebeu esse título. Eu recebi esse título não foi por uma votação, recebi esse título por tendência. 02:33 A corte surgiu na metade dos anos 80, em 1987 quando nós começamos a perceber que a violência em cima de nós era muito grande e eu comecei a não entender o porquê que as vezes as pessoas reunidas, às vezes 10 homossexuais juntos, 20 homossexuais juntos acabavam correndo quando 3 ou 4 se aproximavam, então nós começamos a reagir diante disso. Começamos a nos impor.

Off

O prestígio de participar da corte da Redenção ajuda a enfrentar os perigos da noite.///

Foram eles que permitiram a entrada da nossa equipe de reportagem no parque.

09:01 quem nos conhece aqui tende a não sofrer quase nada. Não é uma garantia. Mas não é porque nós vamos fazer alguma coisa. Nós não temos poder de polícia, poder de ação jurídica, nós temos poder limitado de respeitabilidade. Quem nos conhece e gosta de nós não vai fazer nada prá quem se dá conosco.

Off

Além dos travestis, homossexuais também encontram no parque a liberdade para encontrar parceiros secretos.

MINI DV 4 PARQUES

10:54Minha família não sabe, desconfiar desconfia, mas não sabe. Todos os dias tu faz sexo na Redenção? Todos os dias não, mas uns dois, três dias eu venho prá cá. Como tu aborda o teu parceiro? Geralmente eles chegam em mim. Eu sou meio tímido. E como eles chegam em ti? Sempre chegam conversando. O que tu ta fazendo aqui?... E a gente fica se entendendo. E como é que vocês se entendem? Se tocando, a gente vai se tocando uns nos outros e acaba acontecendo. E em que lugares? Atrás das árvores.

Off

Intimidade dividida com centenas de pessoas que vão em busca do mesmo tipo de encontro.//

05:27 – o que tu vem fazer no parque da redenção a noite? Venho procurar sexo e encontrar uns conhecidos. Quanto tempo? Há trinta e quatro anos. Que idade tu tens? 49.

Off

Já os garotos de programa, além da prostituição, também são alvos fáceis para as drogas.

22:40 Como o ditado diz tudo que vem fácil vai fácil. As pessoas já tão naquela situação meio que humilhante, tendo que se prostituir, fazendo coisas que meio que não querem. Beijar, estar com homem, ter que falar algumas coisas que a gente sabe que não é verdade, mas a gente fala aquilo prá agradar o cliente. Então aquilo vai influenciando o psicológico da pessoa e ela acaba entrando na droga. Ela começa normalmente com a maconha.23:25 E acabam terminando no craque e o craque ta devastador hoje em dia.

OFF

Nas ruas próximas ã redenção, onde também há pontos de prostituição masculina, o crack é a droga mais consumida./

24:07 Eles usam sentados nas calçadas, geralmente onde eles ficariam esperando os clientes. Eles ficam sentados fumando craque porque aquilo é uma dependência química.

Off

Este catador de lixo que circula pelo parque admite ser viciado em crack.//

MINI DV 4 PARQUES

23:45 Isso aí é o fim dos séculos. E porque que mesmo assim tu usa crack? Já parei três vezes. Agora me separei da minha mulher e voltei a fumar. É fudido. Tu sonha com a droga.

Off

O cheiro das drogas toma conta do parque ã noite, que também é usado por quem mora perto dali.

31:59 imagem do consumo de um baseado.

Mini dv parque 3

Depoimento de um maconheiro

32:09 Às vezes à noite eu venho fumar um cigarro de erva e assim que deve durar uns cinco, seis minutos e é o tempo que eu volto prá minha casa prá fazer os meus deveres de cidadão.

Off

Rotinas e vícios compartilhados com estranhos, que podem se tornar novos amigos ou possíveis parceiros... Todos partem quando a luz aparece no horizonte./ Hora de ir embora porque só quando o sol se pôr novamente eles irão acordar ... vida.///

Anexo IV
Roteiro Matéria do Parque – Terceira Versão

matéria parque - roteiro - 35 versas

1

RETRANCA	TIPO	ANC	tCAB	tVT	tTOT	TJ:
PARQUES	-CRI		8:04	0:00	8:04	

LOC V

roteiro

35 versas

///// RODA VT /////

(COMEÇA COM TRILHA LEVE QUE VAI FICANDO MAIS PESADA A CADA DEPOIMENTO)

REP 022

ROGERSON MIOTTO - PREPARADOR DE DADOS

16:52 SÃO UMAS 15 PESSOAS QUE ANDAM COM A GENTE. EU MORO NO MOINHOS DESDE PEQUENO. SEMPRE ANDEI DE BIKE, SÓ QUE AGORA SÉRIO MESMO. ESPORTE.

MESMA FITA

VINICIUS SCHMITZ - SUPRIDOR

05:54 VOCÊS PODEM VER AQUI UM MONTE DE GENTE TRAZENDO CACHORROS AQUI. É BEM COMUM.

REP 267

SONORA COM A MARCELLY

PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS HUMANOS

06:14 O MEU TRABALHO É PREVINIR, A AUTO ESTIMA, A QUESTÃO DOS DIREITOS HUMANOS PARA TRAVESTIS E HOMOSSEXUAIS.

MINI DV 4 PARQUES

23:08 O CARA FICA ALUCINADO NÉ VELHO. TU CONHECE MUITA GENTE VICIADA EM CRACK? A MAIORIA QUE ANDA NA RUA, SE NÃO É ÁLCOOL, É CRACK.

OFF

VOCÊ DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO O QUE ESSAS PESSOAS, TÃO DIFERENTES, TÊM EM COMUM?

2

ELAS FREQUENTAM AS MESMAS ÁREAS DE LAZER DA CAPITAL./ UMA CIDADE COM OITO PARQUES E QUASE SEISCENTAS PRAÇAS./ ELES RESERVAM SURPRESAS AOS OLHARES DE QUEM ESTÁ ACOSTUMADO A FREQUENTÁ-LOS, APENAS A LUZ DO DIA./ É QUANDO A NOITE CAI, QUE TUDO SE TRANSFORMA.//// (AQUI TEMOS QUE USAR O EFEITO DO FAST NAS IMAGENS DO ANOITECER, A NOITE CAINDO COM A GRANDE ANGULAR)

SOBE SOM

OFF

COMEÇAMOS O NOSSO PASSEIO PELA ZONA LESTE, NA PRAÇA DA ENCOL./ AQUI ESPORTISTAS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO DIVIDEM O MESMO ESPAÇO///

REP 022.

HUMBERTO REPETTO - ENGENHEIRO MECÂNICO

04:04...

TRABALHO DAS 8 DA MANHÃ ATÉ ÀS 7, 7 E MEIA DA NOITE./ É O TEMPO DE EU CHEGAR EM CASA, VER A MINHA FILHA BRINCAR UM POUCO E POR UMAS 8, 8 E MEIA/ IR PRATICAR UM POUCO DE ESPORTE. PRÁ PELO MENOS CONTINUAR COM A VIDA SAUDÁVEL/

EMENDA

ADRIANE GENZ - PEDAGOGA

06:24 SEMPRE A GENTE PROCURA TRAZER ESSE HORÁRIO, PORQUE É UM HORÁRIO UM POUCO MAIS TRANQUÍLO/PORQUE A GENTE TRABALHA DURANTE O DIA. A GENTE TEM UM GRUPO DE PESSOAS QUE A GENTE CONHECE/E OS CACHORROS GERALMENTE A GENTE SE CONHECE

3

ATRAVÉS DOS CACHORROS.

SOBE SOM COM IMAGEM DO GRUPO DE
CACHORREIROS

OFF

DAQUI VAMOS PARA O PARQUE
MOINHOS DE VENTO, O PARCÃO,
TAMBÉM ZONA LESTE DA
CAPITAL.///

PARCÃO

SEM CRÉDITO

10:22 PREFERE CORRER À NOITE?
PREFIRO (POR QUE?)

3^o OFF

O PARQUE, UM DOS PREFERIDOS DE
QUEM FAZ ESPORTE, (USAR IMAGENS
DO PESSOAL ANDANDO DE
BICICLETA) FICA QUASE DESERTO
DEPOIS DAS DEZ DA NOITE./ OS
POUCOS VULTOS SE PERDEM NA
SOMBRA DA NOITE./ A MAIORIA
HOMOSSEXUAIS, QUE USA O LUGAR
PARA A PRÁTICA DO SEXO
LIVRE.///

DEPOIMENTO DE HOMOSSEXUAL -
DISTORCER A VOZ

20:57 - AQUI É UM LOCAL QUE A
GENTE SE ENCONTRA, FAZ
AMIZADES...CORTA E EMENDA... SE
SENTE MAIS A VONTADE PRA
ABORDAR NOSSO LADO HOMOSSEXUAL,
QUE EM CASA OU COM AMIGOS,
FAMILIARES A GENTE NÃO TEM.

EMENDA 22:23 ROLA SEXO ENTRE
HOMENS. É UM LOCAL QUE O
PESSOAL PROCURA PRÁ SE
RELACIONAR. (TEMOS QUE COBRIR E
USAR IMAGENS DE APOIO DO
PARQUE)

OFF

4

col
PROTEGIDOS PELA ESCURIDÃO,
HOMENS CASADOS TAMBÉM
FREQUENTAM O LUGAR...//

24:07. SÃO HETEROS QUE VEM AO
PARQUE PROCURAR FAZER SEXO COM
HOMOSSEXUAL. (FRASE DO INÍCIO)
AQUI NINGUÉM VÊ. A GENTE FICA
MAIS A VONTADE.

col
OFF

NO PARQUE MARINHA DO BRASIL A
ROTINA NÃO É DIFERENTE. / MESMO
COM A FALTA DE LUMINOSIDADE HÁ
QUEM ACEITE OS RISCOS. PELO
PRAZER.////// *com o som*

SOBE SOM USANDO A IMAGEM MINI DV
1 27:16 BOA IMAGEM DAS ÁRVORES
NA NOITE

SONORA COM HOMOSSEXUAL - TEMOS
QUE DISTORCER A VOZ

32:47 EXISTE SEXO DE QUALQUER
JEITO, DE QUALQUER PREÇO, DA
FORMA QUE ALGUÉM ESCOLHER TEM
SEXO AQUI.

col
31:53 A GENTE SABE QUE AQUI NA
NOITE TEM DE TUDO, TRAVESTI,
PROSTITUTA, TRAFICANTE, TEM
ENFIM, ESSE CONVÍVIO COM ESSE
TIPO DE GENTE QUE ME TRAZ AQUI.

col
OFF *— imagem com o som*

EM UM DOS PARQUES MAIS
TRADICIONAIS DE PORTO ALEGRE,
NO CENTRO DA CIDADE, QUEM NOS
ACOMPANHA É MARCELLY MALTA,
PRESIDENTE DA ONG IGUALDADE, A
ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS DO RIO
GRANDE DO SUL. / ELA TRABALHA
COM PREVENÇÃO DO VÍRUS HIV, HÁ
MAIS DE 10 ANOS.//

(TEMOS IMAGENS DELA
DISTRIBUINDO CAMISINHAS, DELA

5

ENTRANDO NO CARRO, CAMINHANDO NO PARQUE)

REP 267

00:25

08:47 DEPOIS QUE ESCURECE A GENTE NUNCA SABE O QUE ACONTECE ATRÁS DAS ÁRVORES. SE VÊ MUITAS COISAS QUANDO SE FAZ - *Faz*

INTERVENÇÃO. A GENTE FAZ DISTRIBUIÇÃO DE CAMISINHAS,

VAMOS SE PREVENIR. A GENTE VÊ AINDA MUITAS PESSOAS A QUESTÃO DO NÃO USO DO PRESERVATIVO. ENTÃO É IMPORTANTE ALGUÉM FAZER ESSE TRABALHO. E TEM QUE TER CORAGEM TAMBÉM PARA ENTRAR NO PARQUE À NOITE. TEM MUITO A QUESTÃO DA FALTA DE SEGURANÇA PÚBLICA, ILUMINAÇÃO.

(TUDO DÁ PARA COBRIR - TEMOS MUITAS IMAGENS)

1º OFF

MARCELLY FLAGROU UM TRAVESTI FAZENDO SEXO ORAL EM UM CLIENTE SEM, CAMISINHA. / ELA NÃO SE INTIMIDA EM INTERROMPER OS DOIS, PARA ENTREGAR PRESERVATIVOS.////

MINI DV 4 PARQUES

im
im
ATENÇÃO AOS 01:42 TEMOS O FLAGRANTE DE UM BOQUETE NO MEIO DAS ÁRVORES. ESTÁ MUITO ESCURO, MAS DÁ PARA VER AS SILUETAS. A MARCELLY INTERROMPE A TRANSA PARA ENTREGAR CAMISINHAS. DÁ PARA VER NA SUTILEZA. PODEMOS CLAREAR UM POUCO A IMAGEM NA FINALIZAÇÃO

2º OFF

ANDANDO PELA REDENCAO CONHECEMOS A RAINHA DO PARQUE. / UM TÍTULO DADO PELA "CORTE", FORMA COMO

6

SÃO CHAMADOS OS FREQUENTADORES
MAIS ANTIGOS DO LOCAL. ///

MINI DV PARQUE 3

ENTREVISTA COM A RAINHA DA CORTE
- NÃO PRECISA DISTORCER A VOZ.
02:33 A CORTE SURTIU NA METADE
DOS ANOS 80, EM 1987 QUANDO NÓS
COMEÇAMOS A PERCEBER QUE A
VIOLÊNCIA EM CIMA DE NÓS ERA
MUITO GRANDE E EU COMECEI A NÃO
ENTENDER O PORQUÊ QUE AS VEZES
AS PESSOAS REUNIDAS, ÀS VEZES
10 HOMOSEXUAIS JUNTOS, 20
HOMOSEXUAIS JUNTOS ACABAVAM ^{construído}
CORRENDO QUANDO 3 OU 4 SE
APROXIMAVAM, ENTÃO NÓS
COMEÇAMOS A REAGIR DIANTE
DISSO. COMEÇAMOS A NOS IMPOR.

09:27 CORTE SERIA O SISTEMA.
RAINHA NÃO SE ELEGE. O SENHOR
BEM DEVE SABER QUE NÃO EXISTE
ELEIÇÃO PARA RAINHA. EXISTE
ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, GOVERNADOR. UMA
RAINHA É UM TÍTULO NATO. ALGUÉM
É RAINHA PORQUE RECEBEU ESSE
TÍTULO. EU RECEBI ESSE TÍTULO
NÃO FOI POR UMA VOTAÇÃO, RECEBI
ESSE TÍTULO POR TENDÊNCIA.

OFF

O PRESTÍGIO DE PARTICIPAR DA
CORTE DA REDENÇÃO AJUDA A
ENFRENTAR OS PERIGOS DA
NOITE. ///

FORAM ELES QUE PERMITIRAM A
ENTRADA DA NOSSA EQUIPE DE
REPORTAGEM NO PARQUE.

09:01 QUEM NOS CONHECE AQUI
TENDE A NÃO SOFRER QUASE NADA
NÃO É UMA GARANTIA. MAS NÃO É
PORQUE NÓS VAMOS FAZER ALGUMA

7

COISA. NÓS NÃO TEMOS PODER DE
POLÍCIA, PODER DE AÇÃO
JURÍDICA, NÓS TEMOS PODER
LIMITADO DE RESPEITABILIDADE.
QUEM NOS CONHECE E GOSTA DE NÓS
NÃO VAI FAZER NADA PRÁ QUEM SE
DÁ CONOSCO.

OFF
ALÉM DOS TRAVESTIS, HOMOSSEXUAIS
TAMBÉM ENCONTRAM NO PARQUE A
LIBERDADE PARA ENCONTRAR
PARCEIROS SECRETOS.

MINI DV 4 PARQUES
10:54 MINHA FAMÍLIA NÃO SABE,
DESCONFIAR DESCONFIA, MAS NÃO
SABE. TODOS OS DIAS TU FAZ SEXO
NA REDENÇÃO? TODOS OS DIAS NÃO,
MAS UNS DOIS, TRÊS DIAS EU
VENHO PRÁ CÁ. COMO TU ABORDA O
TEU PARCEIRO? GERALMENTE ELES
CHEGAM EM MIM. EU SOU MEIO
TÍMIDO. E COMO ELES CHEGAM EM
TI? SEMPRE CHEGAM CONVERSANDO.
O QUE TU TA FAZENDO AQUI?... E
A GENTE FICA SE ENTENDENDO.
E COMO É QUE VOCÊS SE
ENTENDEM? SE TOCANDO } A GENTE
VAI SE TOCANDO UNS NOS OUTROS E
ACABA ACONTECENDO. } E EM QUE
LUGARES? } ATRÁS DAS ÁRVORES.

OFF
INTIMIDADE DIVIDIDA COM DEZENAS
DE PESSOAS QUE VÃO EM BUSCA DO
MESMO TIPO DE ENCONTRO, ÀS
ESCURAS.//

05:27 - O QUE TU VEM FAZER NO
PARQUE DA REDENÇÃO A NOITE?
VENHO PROCURAR SEXO E ENCONTRAR
UNS CONHECIDOS. QUANTO TEMPO?
HÁ TRINTA E QUATRO ANOS. QUE
IDADE TU TENS? 49.

OFF

8

U O CHEIRO DAS DROGAS TOMA CONTA DO PARQUE À NOITE, QUE TAMBÉM É USADO POR QUEM MORA POR PERTO.

31:59 IMAGEM DO CONSUMO DE UM BASEADO.

MINI DV PARQUE 3

DEPOIMENTO DE UM MACONHEIRO

32:09 ÀS VEZES À NOITE EU VENHO FUMAR UM CIGARRO DE ERVA E ASSIM QUE DEVE DURAR UNS CINCO, SEIS MINUTOS E É O TEMPO QUE EU VOLTO PRÁ MINHA CASA PRÁ FAZER OS MEUS DEVERES DE CIDADÃO.

OFF

NAS RUAS PRÓXIMAS À REDENÇÃO, O CRACK É A DROGA MAIS CONSUMIDA./

24:07 ELES USAM SENTADOS NAS CALÇADAS, GERALMENTE ONDE ELES FICARIAM ESPERANDO OS CLIENTES. ELES FICAM SENTADOS FUMANDO CRAQUE PORQUE AQUILO É UMA DEPENDÊNCIA QUÍMICA.

OFF

QUE TAMBÉM ATINGE OS MICHÊS, OU GAROTOS DE PROGRAMA./ ALÉM DA PROSTITUIÇÃO, ELES SÃO ALVOS FÁCEIS DAS DROGAS.

22:40 COMO O DITADO DIZ TUDO QUE VEM FÁCIL VAI FÁCIL. AS PESSOAS JÁ TÃO NAQUELA SITUAÇÃO MEIO QUE HUMILHANTE, TENDO QUE SE PROSTITUIR, FAZENDO COISAS QUE MEIO QUE NÃO QUEREM. BEIJAR, ESTAR COM HOMEM, TER QUE FALAR ALGUMAS COISAS QUE A GENTE SABE QUE NÃO É VERDADE, MAS A GENTE FALA AQUILO PRÁ AGRADAR O CLIENTE. ENTÃO AQUILO VAI INFLUENCIANDO O PSICOLÓGICO DA PESSOA E ELA ACABA ENTRANDO NA DROGA. ELA COMEÇA

9

NORMALMENTE COM A MACONHA.
23:25 E ACABAM TERMINANDO NO
CRAQUE E O CRAQUE TA DEVASTADOR
HOJE EM DIA.

OFF
ESTE CATADOR DE LIXO QUE CIRCULA
PELO PARQUE ADMITE SER VICIADO
EM CRACK.//

MINI DV 4 PARQUES
23:45 ISSO AÍ É O FIM DOS
SÉCULOS. E PORQUE QUE MESMO
ASSIM TU USA CRACK? JÁ PAREI
TRÊS VEZES. AGORA ME SEPAREI DA
MINHA MULHER E VOLTEI A FUMAR.
É FUDIDO TU SONHA COM A DROGA, ^{de novo e vou ser fumado}

*WJK
depois
8-04-
1/10/10
da história*

OFF
DROGAS, SEXO, PROSTITUIÇÃO./
ROTINAS E VÍCIOS COMPARTILHADOS
COM DESCONHECIDOS, QUE ATÉ
PODEM SE TORNAR AMIGOS OU
POSSÍVEIS PARCEIROS...

O QUE ELES TÊM EM COMUM?

TODOS ^{o homem} PARTEM QUANDO A LUZ
APARECE NO HORIZONTE....//

DEIXA: "..."

Anexo V
Decupagem Matéria do Parque Exibida

Decupagem Matéria Parques exibida

- Imagens com efeito fast do anoitecer do parque
- Caracteres branco “20h30” em fundo preto

1ª Sonora jovem – Preparador de Dados:

“Eu moro no Moinhos desde pequeno. Sempre andei de bike.” (não creditada)

2ª Sonora Mulher loira – não indica profissão

“Quando eu chego do trabalho, é só essa hora que eu posso caminhar.” (não creditada)

3ª Sonora travesti Marcelly Malta

“O meu trabalho é prevenir, a auto-estima.” (não creditado)

4ª Sonora – usuário drogas

“Tu dá um pega e só quer fumar. Se não é álcool, é crack.” (não creditado)

1º Off

“Você deve estar se perguntando o que essas pessoas tão diferentes têm em comum. Elas freqüentam as mesmas áreas de lazer da capital. Uma cidade com oito parques e quase seiscentas praças. Eles reservam surpresas aos olhares de quem está acostumado a freqüentá-los apenas quando a luz do dia brilha. É quando a noite cai que tudo se transforma.”

Imagens que cobrem 1º off:

- imagem noturna, nítida, de jovens andando de bicicleta
 - imagem noturna, nítida, de pessoas com cachorros
 - imagem noturna, nítida, mulher caminhando de costas no parque, próxima a uma árvore
 - imagem noturna, não nítida de vulto masculino caminhando
 - imagem noturna, nítida, homem de costas se alongando numa barra
 - imagem noturna, não nítida, vulto masculino de costas caminhando
 - imagem noturna, não nítida, vulto pessoas de costas, caminhando no parque – escuridão
 - imagem noturna, não nítida, vulto de duas pessoas sentadas num banco, de costas – escuridão
 - imagem noturna, vulto gato caminhando na grama – escuridão
- Sobe som miado de gato

2º Off

“Começamos nosso passeio pela zona leste, na praça da Encol. Aqui, esportistas e animais de estimação dividem o mesmo espaço.”

Imagens que cobrem 2º off:

- imagem Google Eart – caracteres “Praça da Encol”
- imagem noturna, nítida, mulher com cachorros indo em direção a outra que vem correndo de costas
- imagem noturna, nítida, homem fazendo Cooper

Sonora homem, branco (engenheiro mecânico) – idade média

“É o tempo de eu chegar em casa, ver minha filha, brincar um pouco e vir praticar um pouco de esporte.” (não creditada)

Sonora mulher, loira (pedagoga) – idade média. Imagem dela sozinha e depois com cachorros, cobrindo sonora

“Sempre a gente procura trazer nesse horário, porque é um horário um pouco mais tranquilo. E os cachorros, a gente se conhece através dos cachorros.” (não creditada)

3° Off:

“O parque, um dos preferidos de que faz esporte, fica quase deserto depois das dez da noite. Os poucos vultos se perdem na sombra da noite. A maioria, homossexuais que utilizam o lugar para a prática do sexo livre.”

Imagens que cobrem o 3° off:

- Imagem Google Eart com caracteres “Parque Moinhos e Vento (Parcão)”
- Imagem noturna, não nítida, de vultos masculinos caminhando de costas por trás das árvores

Sonora homossexual – imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

“Aqui é um local que a gente se encontra, faz amizades, se sente mais a vontade pra abordar nosso lado homossexual.”

4° Off:

“No parque Marinha do Brasil, a rotina não é diferente. Mesmo com a falta de luminosidade há quem aceite os riscos em nome do prazer.”

Imagens que cobrem o 4° off:

- Imagem Google Eart – caracteres “Parque Marinha do Brasil”
- Imagens noturnas do parque –escuridão
- Imagem noturna, não nítida, vulto de pessoas caminhando de costas no parque

Sonora homossexual – imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

“Existe sexo de qualquer jeito, de qualquer preço, da forma que alguém escolher tem sexo aqui.”

5° Off:

“Em um dos parques mais tradicionais de Porto Alegre, no centro da cidade, quem nos acompanha é Marcely Malta, presidente da ONG Igualdade, Associação de Travestis do Rio Grande do Sul. Ela trabalha com prevenção do vírus HIV há mais de dez anos.”

Imagens que cobrem o 5° off:

- Imagem Google Eart – caracteres “Parque da Redenção”
- Imagens noturnas, não nítidas, vultos caminhando à noite
- Imagem noturna, nítida, Marcely entrando no carro da reportagem
- Imagem noturna, nítida, ruas, captadas de dentro do carro em movimento
- Imagem noturna, nítida, Marcely de costas, entrando no parque à noite

Sonora Marcely – sem distorção de voz, nem de imagem, sem uso de legenda

“Depois que escurece agente nunca sabe o que acontece atrás das árvores. Se vê muitas coisas quando faço intervenção. A gente faz distribuição de camisinhas.”

6° Off:

“Marcely flagrou um travesti fazendo sexo oral em um cliente, sem camisinha. Ela não se intimida em interromper os dois para entregar preservativos.”

Imagens que cobrem o 6º off:

- Imagem noturna, não nítida, escura, silueta de duas pessoas, de costas, sentadas num banco, indicando que uma delas faz sexo oral na outra
- Imagem noturna, não nítida, escura, Marcelly caminhando em direção àquelas pessoas; imagem muito escura
- Imagem noturna, nítida, pés Marcelly caminhando

7º Off:

“Andando pela Redenção conhecemos a rainha do parque. Um título dado pela corte, forma como são chamados os freqüentadores mais antigos do local.”

Imagens que cobrem o 7º off:

- Imagens noturnas bem escuras do parque
- Imagem noturna, bem escura, Marcelly chegando junto a pessoas
- Imagem noturna, pés Marcelly caminhando

Sonora rainha da corte – imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

“A corte surgiu na metade dos anos 80, em 1987, quando nós começamos a perceber que a violência em cima de nós era muito grande e eu comecei a não entender o porquê que as vezes as pessoas reunidas, as vezes dez homossexuais juntos, vinte homossexuais conversando acabavam correndo quando três ou quatro se aproximavam, então nós começamos a reagir diante disso.”

8º Off:

“O prestígio de participar da corte da redenção ajuda a enfrentar os perigos da noite. Foram eles que permitiram a entrada da nossa equipe no parque.”

Imagens que cobrem o 8º off:

- Imagens noturnas, não nítidas, bem escuras, do parque da Redenção
- Imagem noturna, escura, Marcelly caminhando de costas

Sonora rainha da corte - imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

‘Não é porque nós vamos fazer alguma coisa. Nós não temos poder de polícia, poder de ação jurídica. Nós temos poder limitado de respeitabilidade.’

Sonora homem - imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

“Venho procurar sexo e encontrar uns conhecidos.”

Sonora garoto de programa - imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

“A gente vai se tocando, uns nos outros, e acaba acontecendo. Atrás das árvores.”

9º Off:

“Nas ruas próximas à Redenção, o crack é a droga mais consumida.”

Imagens que cobrem o 9º off:

- Imagem noturna do parque
- Imagem noturna do parque, captada de dentro do carro

Sonora usuário de crack - imagem em vulto, voz distorcida, uso de legenda

“Isso aí é o fim dos séculos, o fim do mundo. Tu sonha com a droga, ta dormindo e sonha que ta fumando.”

10° Off:

“Drogas, sexo, prostituição. Rotinas e vícios compartilhados com desconhecidos, que até podem se tornar amigos ou possíveis parceiros.”

Imagens que cobrem o 10° off:

- Imagens noturnas, não nítidas, de vultos de pessoas caminhando no parque à noite

11° Off

“O que eles têm em comum? Todos somem quando a luz aparece no horizonte.”

Imagens que cobrem o 11° off:

Imagem com efeito fast de amanhecer do arco da Redenção.

Sobe som música: Mistérios da meia noite

Anexo VI
Tabela de Pseudônimos

Pseudônimo	Cargo/Função
Alvim	Repórter
Antonio Quintana	Editor-chefe interino do Semanário; Editor-chefe do Palco
Ari	Editor de Textos
Bianca	Editora de Textos do Variedades
Bruna Esteves	Repórter
Bruna Quevedo	Apresentadora e Editora de textos do Variedades
Bruno Zanelato	Apresentador do Pauta; Repórter e Editor de Textos do Variedades
Carlos Rios	Repórter Especial
Carmen Júlia	Ex- editora do Semanário
Cirilo	Sonoplasta
Claudia Rosaldo	Editora-executiva Semanário
Claudio Bello	Ex-repórter do Semanário
Cristina Todeschini	Apresentadora do Primeira Visão
Daniel	Editor de Imagens
Danilo Almeida	Apresentador e Editor-chefe do Realidade
Denis Lopes	Gerente Geral de Telejornalismo
Eduardo Zimerman	Repórter, Editor de textos
Everton Bins	Chefe de Redação
Fabiana Lorenzon	Repórter Especial
Fabio	Cinegrafista
Fábio Fonseca	Repórter Especial
Felícia	Repórter
Grace	Editora-chefe do Primeira Visão
Helen	Produtora de Geral
Helena Damião	Apresentadora do Saudável e Feliz
Hilda Rodem	Repórter
Ilton	Editor de Textos núcleo Globo
Ingo Boss	Editor-chefe do Variedades
Ismael	Cinegrafista
Karl	Repórter
Katarina Luca	Repórter Especial
Kátia Zank	Editora-executiva e editora-chefe interina do Semanário
Kauã Bastos	Editor de Textos e Produtor do Semanário
Larissa	Editora de textos do Variedades
Lauro Louro	Repórter
Leandra Altenburg	Editora de Textos do Variedades
Lucio Rosa	Repórter Especial
Marco Jüngman	Chefe de Produção de Notícias
Odília	Geradora de Caracteres
Olinda Batista	Repórter Especial
Olívia Tobias	Repórter
Otávia Ulmann	Apresentadora e Editora de Textos do Primeira Visão
Patrícia	Operadora de VT
Paulo	Editor de Imagens
Paulo Kinder	Repórter
Pururuca	Sonoplasta

Pseudônimo	Cargo/Função
Queirós Antunes	Editor-chefe do Semanário em licença
Quintana	Ex-diretor de Telejornalismo
Quirina Lampert	Apresentadora e Editora de Textos do Variedades
Quitéria Klauss	Apresentadora, Repórter e Editora de Textos do Semanário
Rafaela Olivetti	Repórter
Raquel Caloni	Editora-chefe interina do Primeira Visão, editora-executiva do Realidade
Rubens	Editor de Textos do Variedades
Samuel Lindermann	Apresentador, Repórter e Editor de Textos do Semanário
Santiago Zaar	Editor de Textos do Variedades e do Realidade
Silvio	Boy
Ulisses Santana	Editor de textos Palco, editor de textos plantonista no Semanário
Xico Aveiro	Editor de Imagens do Semanário
Zacarias	Chefe dos Editores de Imagens
Zane	Editor de Textos núcleo Globo
Zânia Turim	Gerente de Produção
Zuke	Cinegrafista